



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde

**A PRODUÇÃO DE SENTIDOS INTERGERACIONAL DE HOMENS SOBRE O
PLANEJAMENTO FAMILIAR**

Júlio César Santos

Orientadora: Dr^a. Silviane Bonaccorsi Barbato

Brasília, Março de 2015.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA INSTITUTO DE PSICOLOGIA
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde

A PRODUÇÃO DE SENTIDOS INTERGERACIONAL DE HOMENS SOBRE O
PLANEJAMENTO FAMILIAR

Júlio César Santos

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde, do Instituto de Psicologia, da Universidade de Brasília, área de concentração Desenvolvimento Humano e Educação.

Orientadora: Dr^a. Silviane Bonaccorsi Barbato

Esta tese foi financiada pelo programa
Prodoutoral Capes 357/2013 da UFRB – (Pro. no.23038.001435/2013-72)

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S197p SANTOS, JULIO CESAR DOS
A produção de sentidos intergeracional de homens sobre o planejamento familiar / JULIO CESAR DOS SANTOS; orientador Silviane Bonaccorsi Barbato. -- Brasília, 2015.
312 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) -- Universidade de Brasília, 2015.

1. produção de sentidos. 2. planejamento familiar. 3. homens. 4. intergeracionalidade. 5. política pública. I. Barbato, Silviane Bonaccorsi, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Tese de doutorado aprovada pela seguinte banca examinadora:

Dr^a. Silviane Bonaccorsi Barbato - Presidente
Universidade de Brasília

Profa. Dra. Ingrid Lapa de Camillis Gil
Hospital Sarah Kubitschek

Profa. Dra. Claudiene Santos
Departamento de Biologia
Universidade Federal do Sergipe

Profa. Dra. Regina Lucia Sucupira Pedroza
Instituto de Psicologia Universidade de
Brasília

Prof. Dr. Luis Antônio Pasquetti
Faculdade de Planaltina - FUP/UnB

Profa. Dra. Maria do Amparo
Grupo de Pesquisa Educação e Psicologia: Mediações possíveis em temas de inclusão
Faculdade de Planaltina - FUP/UnB

Brasília, Março de 2014

“Ogum é guerreiro
Nos campos de uma ita
Foi onde batalhou
Para defender os seus filhos da terra
E com sua espada, a demanda quebrou

Ogum é guerreiro
Que nos livra de todo o mal
Na Aruanda ele é cavaleiro
Oh, na umbanda ele é general ogunhê”
(Ponto de Ogum)

“Exú atingiu um pássaro ontem, com o tridente que jogou hoje”
(Autor desconhecido)

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus avós (*in memoriam*) por que a vida passou por eles até chegar a mim, pelos meus pais. Em meios à escravidão, abolição e pós-abolição no Quilombo Caminho de Jericó, Braço do Norte da cidade de Gandu na Bahia. Ao meu irmão Tiago Palma, Janúbia e aos sobrinhos nas longas conversas pela noite. Ao Guilherme em Chrónos. Aos participantes do Quilombo Alto do Morro que aceitaram contar um pouco de si.

Nesses anos de doutorado as idiossincrasias foram marcadas por expressões como “Que situação, hein?”; “Um horror!”; “Não dá tempo!”; “Ah, excelente!” Na oralidade foram muitos conflitos e negociações que me constituíram como homem; e quando em Kayrós eu ouvia: “Fique tranquilo, vai dar certo!” Assim, passei a escrever a tese. Colega de profissão, Silviane, como orientadora. Aos amigos do doutorado, como o cearense André, dizendo “Olhe, se posicione!”; a Thaís Lanutti, a Patrícia Campos-Ramos, a Fabíola. Obrigado Patrícia pelos debates teóricos no Facebook. À Cláudia, do corpo administrativo do Programa de Pós-Graduação.

Ao apoio financeiro da Capes-Prodoutoral; aos colegas pesquisadores, professores, corpo administrativo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Aos colegas de trabalho que contribuíram de um modo ou de outro para finalizar o doutorado.

Aos integrantes do grupo de pesquisa Pensamento e Cultura - UnB, como a Mieto, que sempre me auxiliaram teoricamente nesses anos de doutorado. Aos colegas como Viviane e a Carmen do Núcleo de Estudos Linguísticos – Nelis. Ao professor Ileno e outros colegas do grupo de pesquisa Personnas que madrugavam no IP/UnB. Aos professores Wagner e a Selma do Programa de Pós-Graduação em Comunicação.

Agradeço imensamente o Abayomi, Dandara, Edijane, Gil, Gisele e Maryssa do movimento negro que nestes últimos meses proporcionaram degravações com profissionalismo e emoções. Aos que me auxiliaram na caminhada, como o Victor e o Elias.

Aos amigos de quarto, que suportaram bravamente as folhas nas paredes do quarto, os enunciados teóricos, com cantigas e falas que lembravam as marcas do estudo.

Aos amigos da Água Mineral, à Eloísa, o Diniz, a Maria, o Zé. Ao grupo de homens com almoços nas sextas e conversas durante os anos aqui em Brasília.

Agradeço à Elizabeth Carneiro: Aos colegas da Constelação Familiar que proporcionam narrativas de si, do outro e do mundo, produção de sentido intergeracional, observação de questões presente na herança do passado e no horizonte de expectativas.

Agradeço ao Adão do continente africano, pelas discussões sobre narrativas e Linguística; à Natal Kentinus, pela surpreendente narrativa sobre os xamãs africanos, trabalhadores rurais, que se transformaram em Simba, leões na guerra civil da República Democrática do Congo.

Santos, J. C. (2015). *A produção de sentidos intergeracional de homens sobre o planejamento familiar*. (Tese) Doutorado. Universidade de Brasília - DF, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano.

RESUMO

Este estudo teve por objetivo analisar a produção de sentidos individual e intergeracional de homens com relação ao planejamento familiar, relacionado a: compreensão dos sentidos da herança cultural entre gerações; projetos de vida que incluem planos futuros sobre formação familiar, relação amorosa, reprodução; graus de apropriação das práticas culturais familiares. Interessam-nos os sentidos na interpretação e nos posicionamentos dos homens em diferentes gerações de uma mesma família, que norteiam as escolhas relacionadas à constituição de suas famílias; e a identificação das dinâmicas polifônicas em entrevistas intergeracionais. Supomos que focar dinâmicas de construção de explicações de si nas narrativas masculinas possibilitaria identificar mudanças de posicionamentos, relacionando crenças e valores dos antepassados sobre o planejamento familiar às gerações seguintes, e que nas novas gerações haveria marcas das políticas públicas. Optamos por uma metodologia qualitativa, em contexto de comunidade negra rural, com a participação de nove homens, de três gerações, de três famílias da cidade de Santo Antônio de Jesus, Bahia. Realizamos a construção de dados na casa dos participantes, em dois momentos, com os seguintes procedimentos: (a) uma entrevista de história de vida; (b) uma entrevista episódica seguida por uma semiestruturada mediada por fotografias/objetos trazidos pelos participantes que lembrassem filhos, pais e avós. Os documentos da política pública foram submetidos à análise de conteúdo temática, e as entrevistas à análise dialógica e de pragmática discursiva. Os resultados indicaram que os participantes abordaram o planejamento familiar de formas indiretas e basearam a produção de sentidos no cuidado de si e do outro; namoro; paternidade; estrutura familiar e herança cultural e econômica. Embora houvesse alguns indicadores da presença de alguns elementos da política pública nas gerações mais jovens da família, podemos concluir que ter pleno acesso as políticas públicas é parte do processo de democratização da sociedade que inclui a produção de novas formas de comunicar informações para diferentes segmentos e grupos socioculturais de uma população.

Palavras-chaves: produção de sentidos; planejamento familiar; homens; intergeracionalidade; política pública; polifonia.

Santos, J. C. (2015). *The production of men's intergenerational meaning about family planning*. "Doctoral Thesis". University of Brasília, Brasília, DF, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento

ABSTRACT

This study aimed at analyzing men's individual and intergenerational meaning production regarding family planning in relation to: the comprehension of meanings of cultural heritage between generations; life projects as future planning on forming a family, love relationships, reproduction; degrees of appropriation of the families' cultural practices. It is of our interest meaning production in men's interpretation and positioning given in different generations of the same family that bring forth the choices related to the family constitution; and the identification of the polyphonic dynamics on intergenerational interviews. Our supposition is that the focus on the dynamics of production of the *self* in men's narratives about family planning would turn it possible to identify changes in positioning relate beliefs and values of the ancestors on family constitution to the next generations, and that in the younger generation it would be possible to identify influences of public policies . A qualitative methodology was applied. Nine men from three generations of three different families of a country black community, in Santo Antônio de Jesus, Bahia, Brazil, took part. Data were collected in individual interviews as following: (a) a life story interview; (b) an episodic interview followed by a semi-structured interview mediated by photographs and objects related to family brought by the participants. Public policies documents were submitted to a thematic content analysis, and the interviews to a dialogical thematic analysis and pragmatic discursive analysis. Results indicated that the participants addressed family planning in indirect ways and based their meaning production in everyday cultural practices than through elements of the policies. Results indicated x main intergenerational themes imbued by caring for the other and oneself: dating; paternity; family structure and cultural heritage and economical inheritance. Although there were some indicators of the presence of some elements of the family planning public policy in the youngest generations, we conclude that having full access to public policies is part of the process of democratization of a society that includes the production of new ways of communicating information to different segments and cultural groups of a population.

Key-words: Meaning production; family planning; men; intergenerationality; polyphony; public policy.

SUMÁRIO

<u>AGRADECIMENTOS.....</u>	<u>VIII</u>
<u>RESUMO</u>	<u>X</u>
<u>ABSTRACT</u>	<u>XI</u>
<u>APRESENTAÇÃO.....</u>	<u>XIV</u>
<u>INTRODUÇÃO</u>	<u>19</u>
<u>REFERENCIAL TEÓRICO.....</u>	<u>34</u>
1. A PRODUÇÃO DE SENTIDOS	40
1.1A PRODUÇÃO DE SENTIDOS NOS POSICIONAMENTOS DO <i>SELF</i>	40
1.2A PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA SEMIOSE SOCIAL	46
1.3AS MÚLTIPLAS VOZES INTERGERACIONAIS NA FAMÍLIA	49
1.4 O SENTIDO DA PESSOA NA FAMÍLIA E CONSIGO MESMO	51
2. A PRAGMÁTICA CONTEXTUAL DO PLANEJAMENTO FAMILIAR	54
2.1 OS SENTIDOS DA COMPOSIÇÃO FAMILIAR	54
2.2 OS SENTIDOS DAS EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS: O TEMPO	59
2.3 O DIÁLOGO ENTRE A PSICOLOGIA CULTURAL E A ÁREA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO	60
2.4 O ESTUDO METODOLÓGICO SOBRE POSIÇÕES NA CONVERSAÇÃO	67
2.5 A ANÁLISE DA ESTRUTURA TEMÁTICA E DA ESTRUTURA DA INFORMAÇÃO	69
<u>OBJETIVO</u>	<u>72</u>
<u>METODOLOGIA</u>	<u>73</u>
<u>MÉTODO.....</u>	<u>85</u>
1. CONTEXTO DE CONSTRUÇÃO DAS INFORMAÇÕES EMPÍRICAS	85
2. PARTICIPANTES	88
3. INSTRUMENTOS	89
4. PROCEDIMENTOS	89
5. ANÁLISE	96
<u>RESULTADOS.....</u>	<u>102</u>
<u>DISCUSSÃO.....</u>	<u>289</u>
<u>REFERÊNCIAS.....</u>	<u>294</u>

QUADROS

1. A CONSTRUÇÃO DE INFORMAÇÕES DOS MEMBROS DA FAMÍLIA 1	92
2. A CONSTRUÇÃO DE INFORMAÇÕES DOS MEMBROS DA FAMÍLIA 2	93
3. A CONSTRUÇÃO DE INFORMAÇÕES DOS MEMBROS DA FAMÍLIA 3	94
4. CONSTRUÇÃO DE INFORMAÇÕES DO POSTO DE SAÚDE	95
5. POLÍTICA DE PLANEJAMENTO FAMILIAR	104
6. POLÍTICA NACIONAL DE ATENÇÃO À SAÚDE DO HOMEM	105
7. ENTREVISTA COM A ENFERMEIRA DO POSTO DE SAÚDE DO ALTO DO MORRO	110
8. ENTREVISTA COM O AGENTE COMUNITÁRIO DO ALTO DO MORRO	112
9. QUADRO DE POSICIONAMENTO P11 – NAMORO	120
10. QUADRO DE POSICIONAMENTO P11 – PATERNIDADE 1	121
11. QUADRO DE POSICIONAMENTO P11 – PATERNIDADE 2	122
12. QUADRO DE POSICIONAMENTO P12 – NAMORO	128
13. QUADRO DE POSICIONAMENTO P12 – PATERNIDADE 1	129
14. QUADRO DE POSICIONAMENTO P12 – PATERNIDADE 2	130
15. QUADRO DE POSICIONAMENTO P13 – NAMORO	135
16. QUADRO DE POSICIONAMENTO P13 – PATERNIDADE 1	136
17. QUADRO DE POSICIONAMENTO P13 – PATERNIDADE 2	137
18. QUADRO DE POSICIONAMENTO P21 – NAMORO	165
19. QUADRO DE POSICIONAMENTO P21 – PATERNIDADE 1	166
20. QUADRO DE POSICIONAMENTO P21 – PATERNIDADE 2	167
21. QUADRO DE POSICIONAMENTO P22 – NAMORO	173
22. QUADRO DE POSICIONAMENTO P22 – PATERNIDADE 1	174
23. QUADRO DE POSICIONAMENTO P22 – PATERNIDADE 2	175
24. QUADRO DE POSICIONAMENTO P23 – NAMORO	179
25. QUADRO DE POSICIONAMENTO P23 – PATERNIDADE 1	180
26. QUADRO DE POSICIONAMENTO P23 – PATERNIDADE 2	181
27. QUADRO DE POSICIONAMENTO P31 – NAMORO	203
28. QUADRO DE POSICIONAMENTO P31 – PATERNIDADE 1	204
29. QUADRO DE POSICIONAMENTO P31 – PATERNIDADE 2	205
30. QUADRO DE POSICIONAMENTO P32 – NAMORO	209
31. QUADRO DE POSICIONAMENTO P32 – PATERNIDADE 1	210
32. QUADRO DE POSICIONAMENTO P32 – PATERNIDADE 2	211
33. QUADRO DE POSICIONAMENTO P33 – NAMORO	214
34. QUADRO DE POSICIONAMENTO P33 – PATERNIDADE 1	215
35. QUADRO DE POSICIONAMENTO P33 – PATERNIDADE 2	216

APRESENTAÇÃO

Mudanças nos posicionamentos com relação a crenças e valores sobre o planejamento familiar se atualizam de acordo com práticas culturais, em processos interpessoais de produção e compreensão dos sentidos com as gerações ascendentes e descendentes. Os motivos que conduziram a esse estudo sobre a produção dos sentidos relacionados ao planejamento familiar, por homens de diferentes gerações, se constituem: na concretização da interação de vivências profissionais e acadêmicas, incluindo temas que me interessam desde o mestrado como micro-história (Slenes, 1999; Revel, 2010), desenvolvimento sustentável (Dalcomuni & Lube, 2013; Santos, 2002), empoderamento das pessoas, *empowerment* (World Health Organization, 2006; Setti & Bógus, 2010) e, os processos de desenvolvimento humano, com ênfase nos sentidos (Rosa, González & Barbato, 2009), significados (Barbato & Caixeta, 2014; Caixeta & Barbato, 2004) e discursos narrativos (Volosinov, 1976). Nessa experiência acadêmica, identificamos no grupo de pesquisa Pensamento e Cultura – UnB, temas como enunciações e posicionamentos (Rosa, González & Barbato, 2009), concepções culturais de família (Dessen & Campos-Ramos, 2010), como importantes na compreensão sobre como o ser humano, no caso deste estudo, o homem, produz sentidos intergeracional sobre o planejamento familiar.

Em outras experiências, com projetos em parceria entre universidades e empresas em municípios do interior do Espírito Santo, implementamos a metodologia participativa em desenvolvimento local sustentável através de vivências das práticas culturais com vistas a um estruturado desenvolvimento integral humano. Além de focar o objeto de pesquisa, o trabalho possibilitava observar a vida cotidiana entre gerações de famílias rurais, os processos de produção social e de sentido como também coerente empoderamento. O planejamento socioeconômico das cidades foi construído coletivamente, em diversas

reuniões com famílias, representantes institucionais do governo, iniciativa privada e associações de produtores rurais, com vistas ao aumento do IDH. Naquela experiência, tornou-se necessária uma modificação na infraestrutura: a composição do poder nas relações entre famílias, governo, empreendedores e setor externo à cidade.

A análise das relações entre políticas públicas e dificuldades de efetividade no atendimento das famílias destacava-se nas experiências entre instituições de fomento e universidades na Bahia. Encontramos um problema para o qual a subárea do desenvolvimento econômico, ou mesmo as explicações biológicas de parentesco, já não ofereciam respostas. Em uma economia escassa na zona rural daquela cidade, observamos que com os mesmos recursos financeiros dos programas sociais, algumas famílias se desenvolviam economicamente e outras não (Santos, 2011); isto é, de alguma forma não era possível avaliar quais fatores impactavam esse desenvolvimento na estrutura das ações da pessoa/família (Sen, 2000). Os pesquisadores identificavam quantitativamente as mudanças após a intervenção, mas não sabiam como ocorriam as transformações com as pessoas em família, o que levou à necessidade de se buscar abordagens que privilegiassem a produção dos sentidos nas experiências dos participantes.

A partir dessa situação de pesquisa, nos importamos com os sentidos das experiências, pois eles nos auxiliam na compreensão das dinâmicas do funcionamento humano e suas escolhas. Nessas experiências de pesquisa com famílias na Bahia, notamos que as participantes mulheres contavam suas experiências nas temáticas do planejamento familiar com mais desenvoltura para as pesquisadoras. Assim, neste estudo de tese, decidimos escutar os homens sobre os significados e sentidos construídos por eles sobre o planejamento familiar. Algumas questões subjacentes enfatizaram nossa tomada de decisão, como os poucos estudos teóricos sobre a reflexão dos homens sobre o planejamento familiar (Marcondes, 2005); além das contribuições teóricas sobre as

interações entre as pessoas nas condições de socialização situadas, mediadas por narrativas, bem como o desenvolvimento de metodologia qualitativa para análise de narrativas intergeracionais.

Diferentes áreas do conhecimento adotam a pragmática discursiva direcionada à pragmática intercultural – estudos da linguagem como parte da vida -, como articuladora de campos complementares entre si, para a compreensão de sentidos e significados culturais de um tema interdisciplinar (Possenti, 1996; Mey, 2009). A pragmática discursiva é uma resposta crítica à linguística estrutural que reduz a linguagem a um código, cujo objeto é o enunciado. Na pragmática discursiva, o objeto de estudo é a enunciação, que se compõe nos seus contextos extra verbal e verbal (Volosinov, 1976, p. 6), e que compreende: (a) o horizonte sociocultural dos interlocutores; (b) a compreensão por parte dos interlocutores em vários graus sobre o discurso em construção; (c) e a situação do aqui-e-agora no horizonte concreto de alguma outra pessoa.

Nesse horizonte, a cultura transforma seres humanos em grupos, constituindo o lugar onde os significados transitam entre gerações, e se apresentam nos relatos de vida como lembranças pessoais, e também nas instituições, objetos, artefatos e fotografias, marcas da memória coletiva (Fracchia, 2010, Fracchia & Lewontin, 2005; Halbwachs, 2006). Esse processo dinâmico de campos complementares possibilita uma análise nesse estudo que se refere à leitura do contexto, com relação aos posicionamentos da pessoa, as marcas temporais e os sentidos que compõem suas experiências significativas.

A partir do exposto, propomos um trabalho com enfoque nas narrativas masculinas sobre suas práticas de planejamento familiar de pais de família e filhos (Marcondes, 2008), considerando também as narrativas de filhos adolescentes a partir de 16 anos, idade média da fecundidade entre os jovens (Abramovay, 2004; M. Cole & Cole, 2003).

Partimos da pergunta de pesquisa: Quais são os sentidos nos posicionamentos e nas interpretações dos homens em diferentes gerações de uma mesma família, que norteiam as escolhas relacionadas à constituição de suas famílias? Na introdução, trataremos do problema de pesquisa e dos conceitos centrais desse estudo: a produção de sentidos de homens e intergeracionalidade considerando o planejamento familiar. Também nessa seção, apresentamos as principais definições sobre o discurso narrativo, a pragmática do discurso e discussões teóricas sobre o desenvolvimento humano. A partir de então, desenvolvemos o objeto de estudo com base nesses conceitos e situação-problema.

Na primeira seção, abordamos o referencial teórico, ao tratar da configuração dos sentidos nos discursos narrativos, tema composto dos posicionamentos de si e as vozes intergeracionais, da pessoa na família e sobre si mesma. Na segunda seção, abordamos o planejamento familiar, no processo formativo de si, a estrutura familiar, e ainda o tempo como referência das experiências significativas e, assim, base para a Psicologia Cultural, relacionado à Economia do Desenvolvimento. Em seguida, descrevemos a metodologia, que se compõe do contexto das informações empíricas e o delineamento metodológico, considerando os participantes, a escolha das famílias, os instrumentos, materiais e procedimentos. Na seção seguinte descrevemos os resultados com as observações do pesquisador, análises do discurso, pragmática, microgenética e as temáticas. Na seção seguinte, realizamos a discussão sobre a construção de dados e as teorias que possibilitam novos *insights* sobre a pesquisa de campo e contribuições para as conclusões da tese na seção seguinte.

Esperamos que este estudo auxilie na construção de produção de sentido, avanços teóricos da interação em Psicologia, com contribuições para a compreensão das práticas culturais intergeracionais sobre o planejamento familiar. Nesse contexto situado, esperamos que a política pública modifique o ambiente para uma participação maior do

homem, com identificação de aspirações, e do processo de interação dos membros da família, e assim avance no desenvolvimento de ações de saúde pública com relação ao planejamento familiar.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é analisar a produção de sentidos individual e intergeracional de homens em relação ao planejamento familiar. Para alcançar este objetivo, identificaremos significados e posicionamentos individuais e intergeracionais mediados pelas histórias de vida, com o foco em assuntos relacionados à juventude como mudanças nas relações com os pares, início das relações amorosas e, sobretudo, a adultez quanto à constituição familiar. Na produção das narrativas de si nos interessam as dinâmicas de redundância e mudanças dos sentidos que compõem os processos de atualização das práticas culturais em relação ao planejamento familiar.

O sentido, como interpretação subjetiva de si, do outro e do mundo conota vários aspectos do direcionamento da pessoa em interação quanto ao uso e função dos significados nas narrativas sobre o namoro, a paternidade. Essa escolha subentende que os significados que se formam na cultura, dirigem-se aos conceitos das coisas e se constroem pelo uso que se faz deles (Valsiner & Rosa, 2007; 2001), ao serem interpretados. Recorremos ao significado porque proporciona uma estabilidade relativa (Barbato, Mieto & Rosa, no prelo), pois a construção de uma estabilidade dá-se por negação, complementação, mudanças parciais e completas, em ressignificações, na interação entre as pessoas.

O programa do planejamento familiar pode ser visto como um conjunto de diretrizes para as necessidades cotidianas da saúde sexual e reprodutiva da microcultura familiar, na perspectiva da saúde como produção social (Rodrigues & Ribeiro, 2012). Nessas diretrizes, o planejamento familiar se constitui em um conjunto de ações de regulação da fecundidade, garantia dos direitos iguais da constituição da prole pelo homem, pela mulher ou pelo casal. Ações educativas e/ou preventivas de assistência à concepção e contracepção, atendimento pré-natal, parto, puerpério e neonato constituem o

sistema de atividades do planejamento familiar – Lei 9263 de 1996 que regula o artigo 7º da Constituição Federal – (MS/Brasil, 2002). Diferenciamos a reprodução social (Mesquita, 2008) da reprodução humana para marcarmos o planejamento na microcultura familiar e interlocutores dessa política pública.

Na reprodução social, descrevemos o planejamento familiar como regulador da fecundidade; e, na reprodução humana, consideramos a constituição social e afetiva da família, nos formatos diversos na cena contemporânea (Féres-Carneiro, 2010) que inclui ter filhos ou não, como veremos adiante, nesta tese. A constituição social e afetiva da família, a constituição familiar, é o processo que constitui as formas de convivência da comunidade composta por qualquer dos pais e seus descendentes, mesmo que não viva no mesmo domicílio – Lei 9278 de 1996 que regula o artigo 226 da Constituição Federal e o Código Civil no artigo 1.723 (Senado Federal, 1996).

Alguns estudiosos como Mariz & Zornig (2011) e Santos & Fortes (2011) interpretam a constituição familiar como constituição psíquica: a responsividade do outro na formação psíquica de si, isto é, a atividade de cuidado pelo outro compreende a pessoa no trabalho, na família e na comunidade, pois haverá um outro na família a ser cuidado, como uma criança ou um idoso; e/ou sempre haverá momentos de vulnerabilidades pessoais como o momento de sono, processo saúde-doença, gravidez, parto e puerpério. O cuidado contém contradições, dicotomias e transformações motivadoras, constituição do fazer humano, que é o momento indispensável do movimento da própria pessoa na atividade. Para esse estudo, a constituição familiar é a concretização do planejamento familiar nas práticas do cotidiano com as atualizações da circulação de significados apropriados entre os métodos contraceptivos na história de vida da família entre gerações.

Na zona rural, a irregularidade na oferta pública dos métodos contraceptivos industrializados aumenta o planejamento natural dos filhos. Na área urbana, o aumento do

uso de preservativos e cirurgias de vasectomia (Marchi, *et. al.*,2011), em menor número do que a predominância da esterilização feminina e da pílula no programa de planejamento familiar (Mesquita, 2008), nos leva a supor que a reprodução social na função da reprodução humana, está centrada na mulher. Tal desigualdade denota a relação entre os encargos reprodutivos dados aos homens e às mulheres pelas políticas públicas e a necessidade de negociações das experiências entre o casal sobre o planejamento familiar (Wagner, 2005).

Este cenário evidencia uma possível deficiência dos programas de planejamento familiar em se comunicar com os homens, mostra desigualdades nas ações como indiferença nas implicações do atendimento individual em detrimento das necessidades coletivas (Rodrigues & Ribeiro, 2012). Na perspectiva coletiva, o planejamento familiar atua tendo a fisiologia humana como foco incidindo, sobretudo, em como as pessoas escolhem o uso dos métodos contraceptivos que mais se adéqua às suas necessidades como agentes das suas transformações pessoais nas indiferenças sociais. Incorporam a lista destas indiferenças, os baixos investimentos no mobiliário em locais de difícil acesso aos grandes centros urbanos, que promoveriam a educação de saúde aos homens e também aos casais, nas questões reprodutivas.

A diferença entre reprodução social e humana estabelece experiências distintas com alguns dados estatísticos sobre os grupos étnicos sobre seu lugar no planejamento familiar (Passos, 2012; Marcondes, 2008). Ao considerarmos a sociedade dos negros, como na cidade de Santo Antônio de Jesus – BA, as mulheres dos homens negros são as que mais morrem por gravidez, parto e puerpério (MS/Brasil, 2012). A Bahia, que concentra 53% do total de afrodescendentes do Brasil, possui os maiores números de maternidade por adolescente afrodescendente (UNFPA/CEPAL, 2011), diferenças que se tornam mais evidentes em algumas cidades, como Santo Antônio de Jesus (Santos, 2011).

Outros dados apontam que a porcentagem de mães adolescentes da cidade citada foi superior à taxa do país, já que, no Brasil, em 2000, essa taxa foi de 23,5 %, enquanto que em Santo Antônio de Jesus (BA) foi de 25,5% de 10 a 19 anos de idade (MS/Brasil, 2012). No caso das mulheres, ao considerarmos os dados disponíveis sobre fecundidade feminina na América do Sul, encontramos altas taxas entre famílias negras pobres (UNFPA/CEPAL, 2011; Bastos, 2005). O Brasil e Colômbia, por exemplo, têm taxas similares desta diferença, em torno de 30% entre a fecundidade de adolescentes brancas e afrodescendentes; já no Equador esta taxa chega a 44%.

Poucos estudos, no entanto, analisam os filhos como experiência significativa na história de vida dos homens (Marcondes, 2005). Apesar dos poucos estudos empíricos que denotam o que é ser pai adolescente na perspectiva do pai (Ali, Bhatti & Ushuma, 2004), esta faixa etária conflui com o momento de escolarização e a entrada dos adolescentes na fase da fecundidade, com atividades isoladas de alguns dos programas de saúde no espaço escolar (Ferrari, Thomson & Melchior, 2006). Além das diferenças intergeracionais na escolaridade entre afrodescendentes e não-afrodescendentes.

Esses elementos indicam que o programa de planejamento familiar do Governo Federal se concentra, sobretudo, nas adolescentes mulheres e poderia enfatizar mais a comunicação com adolescentes do sexo masculino. Isto demonstra uma diferença na construção de significados sobre os sentidos da responsividade social pela gravidez (Santos & Freitas, 2011), ao serem desconsiderados os dados sobre saúde das famílias, referentes à fecundidade masculina e também a vivência no momento de gravidez por parte do companheiro (Marcondes, 2005).

O planejamento familiar é compreendido, neste texto, no jogo sistêmico, característico de conflitos e negociações entre a pessoa e o grupo familiar, que no discurso se organiza em narrativas e argumentos sobre a reprodução humana (Mesquita, 2008). E

ainda se relaciona a projetos de vida que incluem planos futuros sobre formação familiar, a relação amorosa, reprodução, sobre graus de apropriação das práticas culturais familiares, e, também, a compreensão do sentido da herança cultural familiar (Féres-Carneiro, 2010; Piketty, 2014 pp. 369-414) em famílias que atualizam-se em seu cotidiano no jogo entre permanências e mudanças das práticas culturais entre gerações.

A maioria das teorias sociogenéticas enfatiza a transmissão como a transformação através de internalização, enquanto que os modelos unilineares da socialização as descrevem como uma transmissão direta de valores e regras através de gerações. Estudos de narrativas biográficas sobre o desenvolvimento mostram que a constituição familiar não é de transmissão simples de crenças e valores e nem se organiza em uma trajetória fixa e previsível, mas em cursos de vida que se constituem na história. Mudanças repentinas e, profundas em uma vida pessoal são empiricamente observáveis, embora, muitas vezes esquecidas em teorias e pesquisas do *mainstream* (Valsiner & Rosa, 2007, p. 569). Mensagens conflitantes, ambiguidade e mudanças são encontradas nas sociedades, mesmo nas mais simples e tradicionais, pois os grupos se formam em processos heterogêneos no embate entre sincronia e diacronia (Valsiner & Rosa, 2007, pp. 244-253; Volosinov, 2006, pp. 73-81).

A pessoa realiza a constituição de si ao integrar experiências como biografia e autobiografias nas narrativas de história de vida (v.g. Harré & Langenhove, 1998). Resignificações de si e da cultura, dos outros e instituições em meios que os mantêm como sistemas relacionais, dinâmicos e abertos, ambos criando e em criação, instituindo e instituído, direcionam linhas argumentativas sobre as transmissões dos valores entre as gerações e o desenvolvimento no curso de vida. A compreensão sobre os avanços sociais e culturais da sociedade não se explicam pela herança biológica no planejamento familiar,

pois a seleção natural não procede o suficiente para explicar o rápido desenvolvimento das nossas capacidades cognitivas ao longo dos últimos 250 mil anos (Bakhurst, 2005).

A cultura forma um tecido de significados que as comunidades e sociedades acumulam, atualizam e transmitem sobre o qual se estrutura o mecanismo das interações cotidianas (Velho, 2009). Para entender o ser humano em interações na sociedade, portanto na intersubjetividade, é preciso entender que a comunicação possibilita a convivência entre os humanos. A cultura está nas explicações sobre a formação da mente como do funcionamento do humano, o qual constitui ferramentas para vencer o desafio de desenvolvimento e estas ferramentas constituem o humano (Bruner, 1991). Neste sentido, os membros das famílias são capazes de criar novas soluções para situações-problema, como também de consolidar e transmiti-las para a próxima geração através da circulação de significados com apropriação cultural, mediadas por narrativas das explicações históricas sobre as interações dialéticas entre as gerações e pessoas (Bakhurst, 2005; Fracchia & Lewontin, 2005).

A cultura nos permite moldar a vida, bem como, a mente humana, dar significado à ação, ao situar seus estados intencionais subjacentes em um sistema interpretativo. Este sistema interpretativo se relaciona ao processo de produção de sentidos com padrões inerentes aos sistemas do discurso, as formas de explicação, bem como os padrões de vida comum. Observa-se no planejamento familiar, experiências diferentes entre gerações e entre as pessoas na mesma geração, com distintos discursos, intenções e formas de estar na vida (v.g. Piketty, 2014 pp. 369-414).

Nas diferentes sociedades, existem maneiras de obter a proteção material que conduza ao bem-estar social através da ação pessoal e coletiva em práticas culturais históricas e específicas como o trabalho e a transmissão de herança econômica. As experiências de atuação no sistema de atividades que compõem a microcultura familiar na

comunidade e a participação nas tradições socioculturais se constroem e reconstroem. Nesse sentido, as possibilidades de transmissão da herança têm sido reguladas pela herança intergeracional existente na família, a expectativa de vida e os anos de vida de uma pessoa. A evolução da herança se estrutura pelo valor total da herança, das doações transmitidas vindas do passado, como terras transmissíveis por registros orais e atualmente escritas em declarações públicas. Nesse processo, há também expectativas de transmissão social e histórica de conhecimentos a serem apropriadas, que constituam formas de sobrevivência, incluindo as doações das pessoas feitas em vida como transmissões de patrimônio, às vezes, alguns anos antes ou momentos antes do óbito (Piketty, 2014). No campo rural, de batalha, luta, de jogos de estratégias de sobrevivência, circulam os sentidos atribuídos a herança da terra como espaço de vida, memória, reprodução social, em apropriação pelos interlocutores, como elementos constitutivos de rendas pessoais e coletivas (Landini, et. al, 2015, pp. 77 – 90).

A renda do trabalho sinônimo de salários, aluguéis, lucros e formas de aposentadoria, para o momento em que as forças biológicas da pessoa não lhe permitem o exercício do trabalho. Nesse sentido, considere que a renda do trabalho no grupo familiar se direciona de alguma forma para a formação da herança econômica como estrutura da sociedade. No grupo que forma uma microcultura familiar, o planejamento familiar tem relação com a circulação das práticas culturais conhecidas e novas em condições situadas e narráveis de socialização, de transformações e permanências entre as gerações (v.g. Piketty, 2014).

Entre as tradições da microcultura familiar estão a permanência e, ao mesmo tempo, as mudanças que ocorrem de uma geração para a próxima que, nos estudos teóricos sobre família, são classificadas como intergeracionalidade ou transgeracionalidade (Lisboa, Féres-Carneiro & Jablonski, 2007; Penso & Costa, 2008). Alguns autores relacionam

intergeracionalidade com a transmissão de episódios normativos (Chi, 2013), e outros com modificação do que é transmitido nas gerações (Santos & Gazzini, 2012). Quanto à transgeracionalidade, alguns estudos se direcionam à presença de elementos estressores na família, isto é, às questões opressivas de outras gerações que interferem na família atual (Carter & McGoldrick, 2008; Santos & Freitas, 2011); e, à transmissão de conteúdo tende a não se modificar, atravessa gerações e se impõe à família atual (Wagner, 2005, pp. 93-106).

Ao invés de explicar a transmissão como construção de significados de uma geração a outra, por meio de apropriação de uma cultura, autores como Welzer-Lang (2001), sugerem a transmissão de uma geração para a outra, como artefato de estratégias de dominação que passam a integrar as ações das famílias descendentes. O Welzer-Lang (2001, p. 462) em “a casa dos homens”, descreve a reprodução dos modelos sexuais, legados pelas gerações precedentes como sistema familiar de dominação.

Para explicar o termo legado cita os estudos de Godelier, que trabalhou com Fernand Braudel, em bases teóricas de Durkheim (Hollanda & Ribeiro, 2011), como também com o estruturalismo de Levi-Strauss sobre a parentalidade e a religião (Gil, 2007). Godelier afirma que na América encontrou um sistema de dominação dos homens sobre as mulheres como nos estudos que realizou na tribo afrodescendente Baruya na Oceania, e concluindo que o mesmo tipo de sistema aparece num lugar diferente, em épocas diferentes em um nível de abstração do conhecimento (Hollanda & Ribeiro, 2011, p. 12). Assim, o significado de transmissão de estratégias de dominação, episódios idiossincráticos, não-normativos, estaria nessa definição (v.g. Welzer-Lang, 2001), diferente dos significados das idiossincrasias no processo de formação de si como trabalhamos nesta tese.

Alguns autores discordam dessas formas de transmissão como legados de outras gerações (Marques Júnior, Gomes & Nascimento, 2012; Teixeira Filho, 2010). Utilizando o método de interpretação de sentidos, Marques Júnior & et. al. (2012, p. 512) contrapõe-se à Welzer-Lang (2001) ao apontar que não são todos os homens uma autoridade hegemônica heterossexual. Os significados se constroem na formação das ideias e nas instituições, se direcionam ao símbolo do homem branco, heterossexual, de classe média alta que demonstra seu poder inclusive sobre outros homens. No que diz respeito à autoridade hegemônica, os autores apontam que a concepção de masculinidade se constrói a partir do conceito de modelos culturais de gêneros que estruturam pensamentos, afetos e condutas.

O argumento de Teixeira Filho (2010) contraria a concepção de formas autoritárias hegemônicas de transmissão cultural direta entre gerações. Para o autor trata-se de ir além dos binarismos e analogias pela matriz da heteronormatividade institucional como prerrogativa da procriação na formação de uma nação. A intenção de ser pai e mãe se dirige à experiência de amor, cuidado e prazer no jogo de uma trajetória rumo ao desconhecido, como são as interações humanas nem sempre afirmando as possibilidades institucionais da heterossexualização.

Baseados na crítica de Rubinstein (1979), à escola francesa de sociologia podemos interpretar as teorias que enfocam as formas autoritárias hegemônicas como transmissão de significados semelhantes epistemologicamente aos de Durkheim, Halbwachs, Levy Brühl e Blondel (Rubinstein, 1979). De acordo com o autor, os autores citados traduzem argumentos que desviam a posição do trabalho e do contato com a realidade na gênese do conhecimento. Mas é errado afirmar, como Blondel, que o conhecimento é gerado no indivíduo isolado, sem conexão com o desenvolvimento social, como se o conhecimento viesse sem a mediação da sociedade. Seguindo a crítica, o argumento sobre as raízes

sociais e as premissas do trabalho da memória que restabelecem as recordações sobre o passado foram elaboradas por Halbwachs. Halbwachs (2006) reduz o processo de recordar à reconstrução de nosso passado através dos dados e esquemas sociais, apagando deste modo, todo o limite entre a lembrança do passado das pessoas e a reconstrução do passado histórico de que não fomos testemunhas. Nessa interpretação, o processo de lembrar é resultado do tecido das operações mediadas que restabelece o passado – das quais fala Halbwachs – e as lembranças pessoais que afloram de maneira imediata (Rubinstein, 1979). Seguindo a crítica de Rubinstein, a condicionalidade histórico-social da consciência em Levy-Brühl, resultante dos estudos em Durkheim, reduziu a psicologia à ideologia. Brühl elegeu a ideologia religiosa dos povos primitivos, por haver estudado a mentalidade dos ditos povos na ideologia e não nas operações do seu pensar real, ligado à atividade como trabalho. Brühl chegou à conclusão de que o pensamento do homem primitivo é pré-lógico e místico, impermeável à experiência e insensível às contradições; isto é, chegou à conclusão de que tal homem na realidade carece, em geral, de um autêntico pensamento que reflita de maneira mais ou menos adequada a realidade objetiva (Rubinstein, 1979).

Em M. M. Cole & Cole (2003) encontramos uma crítica semelhante sobre a compreensão da herança genética na reprodução, pois compreendem que o humano é decorrente da mediação cultural entre a genese e o contexto. No processo de reprodução, os humanos herdaram uma combinação de genes que, em contextos específicos, contribuem para variações entre as pessoas, promovendo o desenvolvimento de algumas características. Os genes constituem o desenvolvimento em dois níveis, o genótipo com formas genéticas específicas que o indivíduo herdou e o fenótipo, as características observáveis do indivíduo, seus traços físicos, psicológicos, e comportamentais. O fenótipo desenvolve-se através de interações entre o genótipo e o contexto, a totalidade de condições e circunstâncias que envolvem o organismo.

A Psicologia Cultural considera a gênese e o contexto, na perspectiva de natureza e educação, *nature* e *nurture* no funcionamento do humano durante o curso de história de vida da pessoa, a ontogenia, um processo histórico contínuo e gradual como também, de mudanças idiossincráticas, com padrões qualitativamente novos em momentos do desenvolvimento: Diferem dos outros teóricos posicionando um terceiro elemento, a cultura codificada na linguagem incorporada nos artefatos físicos, símbolos, convencionalizações e as atividades passadas de uma geração a outra através da produção de sentidos e significados (Valsiner & Rosa, 2007, pp. 163-186).

Nossa crítica incide a partir de evidências que as atualizações de práticas culturais se dão no jogo entre pessoas e as interações das histórias de seus ascendentes e descendentes. Nosso argumento é que os estudos sobre a transgeracionalidade enfatizam os elementos estressores de outras gerações para o grupo familiar atual se ligam a perspectiva de autoridade do coletivo da família: Assim, esses pesquisadores tendem a focar as formas autoritárias de transmissão de modo de pensar, não-dialógicas, monofônicas, com instrumentos mediacionais disponibilizados não dinamogênicos, e, portanto, tendem a não contemplar a contribuição das idiossincrasias para outros movimentos de constituição da pessoa na família e entre gerações.

Os significados de ideias e gostos dos avós podem ser construídos nos netos, nos filhos e se concretizar nas narrativas mais em um do que em outro, pela convivência direta ou indireta, por exemplo; mas nas teorias dialógicas considera-se a responsividade de cada interlocutor enfatizando-se a dialética entre mudanças e permanência entre as gerações em movimentos dialógicos e dinamogênicos. Quando histórias são contadas na família, comentários são feitos, etc. O mesmo ocorre com ideologias econômicas e práticas culturais de uma geração de famílias que são construídas em outras (Fracchia, & Lewontin, 2005, p. 19). Sendo assim, mudanças podem ocorrer a partir de diferentes dinâmicas por

reinterpretação ativa dos interlocutores que direcionamos os estudos sobre produção de sentidos intergeracional à análise das falas, objetos, imagens, e da memória coletiva (Halbwachs, 2006), considerando articulada à memória individual (Fracchia, 2010, p. 221).

Nas narrativas, o sentido das experiências significativas (Lubovsky, 2009; Rosa, González & Barbato, 2009) pode mudar no mesmo turno de fala, no enunciado ou até mesmo na mesma fala (Volosinov, 1976). Dessa forma, a análise dos discursos narrativos se refere à interpretação dos sentidos linguísticos e pragmáticos, os translinguísticos. A translinguística considera o contexto extra-verbal de sentidos e significados produzidos na interação mediada semioticamente. (Bakhtin, 2003, p. 15). Nas interações sociais, o artefato na sua forma física, morfológica, se apresenta como uma palavra falada, escrita ou ritual (Jahoda, 2012), um objeto ou imagem cujos significados e sentidos podem permanecer ou se modificar ao longo da história de sua incorporação ao pensamento e à ação humana.

Também avança no encontro do verbal com o não-verbal, do dito com o não-dito, portanto transverbal, a situação, as circunstâncias e o curso histórico (Volosinov, 2006, p. 296); direciona uma alternativa dialógica à linguística estrutural do enunciado, que passa a ser interpretada na produção de sentidos intersubjetivos (v.g. Bakhtin, 2003, p. 12). Adotamos o conceito de narrativa como gênero textual, que se encontra entre a prática narrativa e a fala do cotidiano. Assim, nas narrativas, o participante produz discurso em movimento, em contextualização (Auer, 1995).

Nas narrativas, os participantes podem construir seu sentido sobre a família com base em relações intersubjetivas entre seus membros (Dessen & Campos-Ramos, 2010), que são mediados por discursos, objetos e imagens (Caixeta, 2006), atualizam sentidos personificados em marcas que se presentificam e indicam os posicionamentos entre as gerações, constroem relatos que demonstram seus significados também reprodutores de

microcultura. Os participantes em suas famílias se conjugam em diferentes formatos conversacionais e narrativos sobre diferentes assuntos cotidianos, objetos, com espaço de recordações, concepções de mundo nas negociações de seus sentidos diários de significados: questionando, comparando, discutindo, concordando ou discordando.

As convenções são geradas e marcadas na intersubjetividade e mediadas na subjetividade, o que torna a concepção de mundo cooperativa, em que as pessoas se posicionam com seus motivos para assim construir nos diálogos tu-eu e julgar seu diálogo interno eu-mim, nas possíveis interpretações tu-eu que podem ser dadas pelos outros (Wold, 1992). Assim, as intenções da linguagem, como investimentos de sentidos, são concebidas como um jogo, como meios de ação de uns com e sobre os outros, concretizadas nos textos. As intenções semânticas e expressivas presentes nas biografias, autobiografias e cenários dos participantes da língua integram como constituintes universais do diálogo. As pessoas usam esses constituintes para regular os acordos interpessoais que se dirigem a vozes no diálogo com as linguagens sociais e internas do interlocutor. O encontro entre as pessoas provoca algo no meio que chamamos de intersubjetividade, em que as pessoas se transformam porque o outro está presente no aqui-e- agora, e qualquer mudança do cenário e pessoas presentes naquela intersubjetividade, conduziria a outras transformações, regulações, conflitos, negociações, reciprocidades na construção de si (Bakhurst, 2009; Leonti'ev, 1978).

Na construção de dados através de relatos de vida e mediados por artefatos, serão enfocadas experiências significativas (v.g. Gil, 2010; Lubovsky, 2009; Rosa, González & Barbato, 2009) que se atualizam por elementos linguísticos, semântica e sintaxe, e de constituição translíngua, que diz respeito ao contexto do discurso em que estão presentes objetos, imagens e outros artefatos. A constituição da história de vida dos humanos inclui funções intersubjetivas de significação das cenas diárias sobre a família,

das experiências sistêmicas familiares, dos símbolos e, também, dos sentidos que explicam o exercício do cuidado. Desta forma, podemos identificar, nas narrativas de história de vida (Certeau, 1998) e na reflexividade, a base dos múltiplos aspectos das experiências vividas (Benjamin, 2012) e dos seus significados intergeracionais (Rosa, González & Barbato, 2009; Thompson, 1993).

Nossos participantes se constituem a partir das marcas do conceito de homem no campo textual, as tematizações do masculino que se tece na cadeia de signos na qual as diferenças aparecem entre os elementos expressos por meio dos modos comunicativos, oral, escrita e visual. A partir dessa conceituação, buscamos reconstruir o conceito de homem no cotidiano, por meio de temas e significados (Rodríguez, Pérez & Salguero, 2010) que surgem nos discursos narrativos e avançam em demarcar as posições na situação narrada. Este modo é diferente das classificações demográficas, que se utilizam de categorização das funções de homem definidas a priori por outros estudos, e de algum nível de posicionamento na interação entre o pesquisador e a pessoa da família no momento do censo (IBGE, 2012).

Buscaremos relacionar a teoria de posicionamento (Davies & Harré, 2007, Harré, Moghaddam, Cairnie, Rothbart & Sabat, 2009) e a Teoria da Atividade (Bakhurst, 2009; Engeström, 2006, 2009; Leonti'ev, 1978, 1992; Magnusson & Stattin, 2006). As relações intergeracionais encorajam ou dificultam as transições (VanderVen, 2011), assim atividades, ações, interações, crises e negociações tornam-se centrais para o estudo que relacionam o desenvolvimento humano, cultura e produção de sentidos em narrativas de famílias. Considerando, ainda, que as condições de socialização, provavelmente, canalizam a produção de sentidos do ser homem como irresponsável (Thurler, 2012) sem, contudo, haver um número adequado de estudos que considerem as explicações do próprio homem

sobre como ele representa a si nas mudanças ocorridas na sociedade contemporânea (Marcondes, 2008).

REFERENCIAL TEÓRICO

Entre as gerações, as crises podem marcar o cotidiano das atividades humanas, como momentos de transição na construção de experiências significativas. Os sentidos das transições humanas emergem através das interações dinâmicas entre pessoas (Bruner, 1991).

A psicologia popular, como elemento da cultura (Bruner, 1991), se interessa pelo cotidiano em que estão presentes micro revoluções que ocorrem, por exemplo, mediadas pelas políticas públicas. Essas mudanças de sentidos podem ser identificadas no discurso, pois desencadeiam operações disjuntivas, produtoras de acontecimentos diferenciados, incoerências, jogos específicos de cada sociedade entre táticas de ações pessoais e atividades convencionais em comunidade (Certeau, 1998; Marques, 2009). As pessoas se apropriam dos significados culturais com estratégias pessoais, subjetivas, constituindo por vezes, micro-resistências às operações das atividades no tecido social.

Na análise do significado em uso no discurso, coerências e incoerências requisitam interpretações de si como condição de verificação das marcas no texto, intertexto e no contexto. Os espaços compostos de coerências e incoerências são dinâmicos na constituição de sentido, em profundidade, mediante a elaboração criadora resultante da interação do texto e contexto inacabados, bem como mediados por crenças e valores e intenção do humano. São atos constituintes do fazer humano e, portanto, direcionados por suas crenças, desejos e intenções, escopos intencionais dos participantes nem sempre coerentes, embora para alguns pesquisadores (Bruner, 1991), o conceito de coerência seja confuso.

As pessoas, nas suas interações, são constituídas e se constituem a si, ao outro e ao mundo (v.g. Bruner, 1991; Volosinov, 2006). Nessas interações, há o processo de

compreensão que é dialógico: para cada enunciado da narrativa, no processo de compreender, o interlocutor produz um conjunto de enunciados responsivos. No entanto, como processo dinâmico, observam-se quebras de significados coletivos, incoerências que se dirigem a incompreensões na conversa, contradições nas diferentes lógicas do pensar, desintegração dos conceitos, que podem indicar transições no curso de vida (Vygotsky, 1994; Volosinov, 2006), ou contradições nas lógicas do pensar provenientes por diferentes práticas culturais entre as ações pessoais e as atividades em andamento em torno das normas sociais.

Eventos de incompreensão entre interlocutores são marcados por inconsistências na continuidade de sentido. Apesar das incompreensões serem estudadas por alguns linguistas como incoerências da pessoa no discurso (Mey, 2009; Possenti, 1996), não o são para este estudo, uma vez, que estando relacionadas às formações discursivas em interações, são próprias ao processo de contextualização no contexto situado, pessoal, e intersubjetivo (Auer, 1995). As incoerências no discurso em interações expõem aspectos que podem estar ocultos aos interlocutores (v.g. Bruner, 1991), como relações macro semânticas, por exemplo, transmitidas culturalmente e utilizadas para fins de estruturação da informação textual (Bentes & Leite, 2010, p. 262).

As sequências se caracterizam como unidades textuais compostas de conjuntos de enunciados. Existem resíduos sedimentares de sequências enraizadas nas práticas culturais e históricas de circulações de significados, em eventos narráveis compostos também por incoerências. Quando desencadeadas, as incoerências dão lugar a uma nova condição que requer reflexão ou ação do pesquisador e dos interlocutores para a negociação dos significados. As respostas a essa condição levam às sequências, episódios e conclusão da interação.

Nos diálogos, as quebras comunicativas também podem ocorrer, a partir das idiossincrasias em relação aos significados dos interlocutores no coletivo de sistema de atividades. Uma das explicações plausíveis sobre as dinâmicas dos diálogos em curso disparam formas simples associativas, conceitos coletivos, abstratos e gerais na intersubjetividade, significados de momentos de estabilidade relativa, agrupados como se formassem uma coleção composta por diferentes objetos unidos um ao outro em interações no presente, passado e perspectivas futuras. A estabilidade relativa dos significados se refere ao deslocamento fluido e fugaz da dialogia para a monologia, que evidencia focos de permanência, transição e mudança (Barbato, Mieto & Rosa, prelo).

A quebra no diálogo evidencia monologia pela desintegração dos conceitos coletivos comuns ou sendo convencionalizados no diálogo, mudanças de significados das palavras nos enunciados. Formam-se enunciações em que o interlocutor A produz o enunciado direcionado pelo tema, ao objetivo do encontro, finalidade, gênero textual, níveis de linguagem formal-informal aos interlocutores B1, B2 a Bn em práticas culturais preferenciais na comunidade. A compreensão no diálogo depende que interlocutores operacionalizem a construção de significados coletivos, utilizando convencionalizações na comunicação, visto que o diálogo, como gênero textual, por exemplo, implica necessariamente em jogos de poder.

Nas narrativas sobre a condição humana, entram os escopos intencionais dos participantes nas interações como crenças elementares ou premissas sobre como as pessoas interpretam como o mundo se organiza, a ordem de importância, em que alguns significados importam mais que os outros, e as pessoas produzem significados de modo mais intenso nos enunciados (Bruner, 1991). Esses conceitos passam por transformações sociais e constituem compromissos como, por exemplo, o pai dedicado, o marido fiel e o amigo leal, no tempo e espaço das ações e atividades cotidianas.

As atividades cotidianas das pessoas, imersas na cultura, revolucionam radicalmente as necessidades humanas, possibilitam novas situações e novas vontades, e instauram o problema das transformações das próprias necessidades (Leonti'ev, 1978). Para compreender as interpretações nas atividades cotidianas utilizamos a produção de sentido como processo de entendimento pelos ouvintes da mensagem; destaca-se a importância de estar na corrente da comunicação para a compreensão da palavra determinada pelo seu contexto cultural, situacional e linguístico. Na elaboração da presente tese, enfocamos os signos que se concretizam nas interações, em semioses, em composições multimodais da linguagem entre os interlocutores (v.g. Bakhurst, 2009; v.g. Iedema, 2003). O mecanismo dos processos de compreensão no contexto, na sociedade, se gramaticaliza, associa as estruturas gramaticais da língua, os elementos da apreensão ativa, apreciativa, da enunciação de outrem que são socialmente pertinentes. A atividade mental da pessoa que apreende a enunciação de outrem é mediatizada pelo discurso consigo mesmo, a orientação ativa do falante. A palavra vai à palavra: de um lado a enunciação de outrem é recolocada no contexto do comentário efetivo; na situação, um elo se estabelece com a expressão facial e, ao mesmo tempo prepara-se a réplica.

Entendemos as dinâmicas polifônicas como movimentos nos discursos; unidade dual dos contrários, no arranjo de vozes simultâneas que designam a singularidade dos elementos estruturais da composição do texto, intertexto e contexto (Bakhtin 2003; Roman, 1992). A interação do texto com o intertexto se dá na intersubjetividade, formando as subjetividades em contextos sociais que se concretizam no encontro das vozes dos interlocutores no aqui-e-agora, o espaço-tempo. O espaço intersubjetivo é polifônico, pois é constituído nos encontros entre interlocutores cujas vozes pessoais são também polifônicas por serem resultantes de interações com outras vozes ao longo de suas vidas, havendo, no jogo sistêmico estabilizações momentâneas e em fuga (Barbato, Mieto &

Rosa, prelo). Assim, polifonia pressupõe dinâmicas interacionais em que as vozes pessoais são formadas a partir das dinâmicas de mudança e permanências de significação na experiência ao longo da história de vida. Isso envolve as crenças, a intencionalidade na linguagem em uso, a evolução histórica do tema e das significações e os graus de coerência sobre o que se quer dizer (Bakhtin, 2003, p. 205).

Os discursos se compõem também de pausas e respirações, de exclamações e interrogações, que permitem o momento da reflexão, em que se constrói um diálogo textual e intertextual. A construção da pluralidade de vozes com as pessoas em conflitos e negociações recoloca no jogo sistêmico, outras interações: alternam os posicionamentos através de diálogos consigo mesmo e com o outro, mudança na posição convencional que sinaliza a alternância do poder com interpolações de vozes entre ator, autor e agente, e reencontros em cenários, posições e destinatários em outros momentos (Rosa, González & Barbato, 2009).

O interlocutor é o produto da interação das pessoas, que se alternam entre locutor e ouvinte, no contexto situacional e cultural; as vozes compostas pelo mundo interior e a reflexão da cada pessoa compõe seu auditório social próprio onde se constroem as deduções interiores, as motivações, apreciações (Volosinov, 2006, p. 114). A enunciação entre interlocutores será determinada pelas condições construídas pelos interlocutores; na perspectiva da explicação se considera a intersubjetividade no caminho para o outro nas condições sociais imediatas e no intertexto polifônico. Esses momentos compõem a polifonia, como forma de produção textual e resulta numa independência vocálica que se manifesta, muitas vezes, não somente da diferença de tema, mas também, de sentidos no mesmo discurso narrativo (Bakhtin, 2003; Bloch, 1997).

Essas diferenças podem sinalizar transições e dizem do funcionamento do humano, o que caracteriza objeto de estudo das ciências humanas e da psicologia cultural (Bakhurst,

2009; Bruner, 1991; Davies e Harré, 2007). Consideramos esse campo transdisciplinar pelas contribuições que recebe de muitas áreas e que modifica a própria área de origem, motivos das práticas sociais na vida cotidiana, no campo de circulação das ideias na sociedade (Possenti, 1996; Spink & Gimenes, 1994).

1. A PRODUÇÃO DE SENTIDOS

A produção dos sentidos do planejamento familiar ocorre nas atividades cotidianas entre as crises e negociações no processo de interação, com as pessoas em mudanças e permanências. A dialética da pessoa na família e consigo mesma materializa as contribuições das permanências e mudanças, o jogo sistêmico entre gerações, fonte de renovações da estrutura familiar que, neste estudo, enfocamos como sendo composta de orçamento doméstico, número de filhos como processo formativo de si, numa constituição entre vida e texto semelhante à composição do texto, no intertexto do contexto. Desse modo, na intersubjetividade mediada por discursos narrativos, a pessoa se explica, utilizando estratégias que indicam as dinâmicas dos movimentos conversacionais e a formação das experiências significativas na concretização da ação entre historicidades e as agencialidades. As agencialidades se referem aos processos da pessoa ativa na produção de sentido em interação tu-eu e eu-mim, com roteiros de ações, na construção de metas (Elichirigoity, 2008).

1.1 A produção de sentidos nos posicionamentos do *self*

Na perspectiva cultural, o ser humano não responde apenas ao que é, mas ao que poderia ser; assim, nós podemos identificar possibilidades de ação na vida real. Deste modo, o *self* se constitui nas interações com o outro, tu-eu, como também é o resultado dos diálogos entre o eu-mim. A construção do *self* considera as diferentes posições eu - vis-à-vis - os outros com quem o eu interage; que, juntos, formam o *self* como entidade em movimento continuamente. O *self* muda de posição como um ator passando de uma cena para outra, mudando destinatários e, em seguida, como diferentes personagens em diversos cenários e direcionamentos das ações e atividades (*adressivity*) (Barbato &

Caixeta, 2014; Matusov, 2013). Estudos atuais sobre *self* falam sobre a intensidade das mudanças entre posições, cenários, destinatários (Carlucci, 2013).

O *self* pode estar consciente de si, portanto, constrói explicações e conhecimento do mundo, como parte desse mundo (Bakhurst, 2011; Rosa & Blanco, 2007). Os estudos do *self*, na Psicologia Cultural, privilegiam atividades no espaço público, uns com os outros, bem como consigo mesmo, como resultante dos diálogos sociais, que forma eu-mim em movimento contínuo. Quando pessoas em posições de atores, autores e público não compartilham dos mesmos materiais culturais, a ética e a ambivalência aparecem como dispositivos chaves, ligados aos valores, ideologias e emoções. A ética, como possibilidade de compreensão e respeito ao humano, nas suas diferentes formas ideológicas de ser e estar no curso de vida, como também em situações de ambivalência, as mesmas pessoas, estão entre a valoração das opções disponíveis para a tomada de posições no curso de vida (v.g. Barbato, Mieto e Rosa, prelo; Franklin, 2009). Posicionar-se nessas relações pode ser foco de conflito, bem como de tensões consigo mesmo na situação comunicativa. A pessoa na situação de conflitos culturais iminente não tem roteiro pronto para resolver o problema (Rosa, González, & Barbato 2009); assim, as vozes nas narrativas ao se interpretarem ao outro e as suas experiências compõem temas podendo dar pistas das próprias posições.

A situação de conflito cultural está acessível à própria pessoa como experiência. A pessoa transparece com poucos valores sociais aplicáveis à situação, em que o *self* não consegue ser tão inventivo para o “mim” o quanto determina a necessidade da situação. A pessoa avalia os dilemas tentando solucioná-los, enquanto a situação vai desencadeando a reflexão crítica sobre a produção de sentidos para desenvolver valores pessoais, além de aplicar a posição moral que recebe, o “você” direcionado ao “eu” dos interlocutores à volta, posição moral de processo de imputação de personalidade/individualidade como

referência de permanência de significados, bem como de fixação moral dos narradores (Rosa & Blanco, 2007). Pode-se sentir a vertigem de indeterminação ou a emoção de liberdade e de poder; também sentir o peso da responsabilidade, ou mesmo o medo de culpa. A pessoa tem de ir desenvolvendo novos recursos, em autoria do próprio *self*, e assim tornar-se, remodelar o próprio *self* de acordo com as circunstâncias vividas. Ao refletir fazendo-se agente, ator e autor na formatação do próprio *self*, então estará no caminho de se tornar uma pessoa eticamente responsável (Rosa, González & Barbato 2009; Rosa & Blanco, 2007).

Neste texto os posicionamentos do *self*, a posição é criada no espaço-tempo intersubjetivo da interação, e como possibilidade de o agente estabelecer diferenciados níveis de auto-reflexão em reflexividade na experiência. (Barbato, Mieto e Rosa, 2014; Davies & Harré, 2007). O posicionamento situa o “eu” e o “mim” no si mesmo (Davies & Harré), como substância, posição, configuração de episódios pessoais em uma unidade histórica (Bruner, 1991), incluindo o que fomos bem como as antecipações do que seremos (Leonti'ev, 1992). Autores avançam na teorização do conceito de *self* (Barbato, Mieto & Rosa, prelo; Davies & Harré, 2007) sem isolar em seus estudos a pessoa da comunidade, onde as interações constituem experiências significativas e desencadeiam transições que proporcionam desenvolvimento (K. J Gergen & Gergen, 1988).

Davies & Harré (2007) e Harré & Van Langehove (1998) ofereceram estudos críticos do processo de direcionamentos das vozes das pessoas no discurso, a forma em que interlocutores se posicionam identitariamente aos outros na conversação. Gergen (1994) avança em dizer que a análise dos discursos mais tradicionais fortalece os estudos da fala como consequência direta da ação; e, que a própria ação se dirige diretamente à fala ou escrita. As análises mais tradicionais do discurso com foco no testar hipótese, busca a

verdade, categorizam doenças mentais, desejam estabelecer direitos humanos, princípios morais, condenam a perda de valores éticos.

Pesquisadores mais recentes como Barbato, Mieto e Rosa (2014) demonstraram alternativas nos estudos da fala no contexto cultural, situacional e linguístico de modo que a função da linguagem está na interação, a linguagem adquire seu significado através de seu uso na vida social, nas práticas culturais e na fala das pessoas consigo mesmo. Para utilizar uma palavra com precisão deve-se direcioná-la pelas regras do jogo da linguagem nos contextos, convenções culturais ou formas de vida. Direcionamos a análise mais para o foco no *self* no discurso, pois somente no discurso coloca-se em risco ontológico, o objeto da psicologia, a pessoa em interação consigo mesma e o mundo, e não na ligação direta entre ação e discurso (Gergen, 1994, 2011).

Na narratologia, o *self* como narrativas de si, as histórias são os meios que usamos para tornar-nos inteligíveis ao mundo. As análises não devem estar centradas nos discursos, o objeto de estudo da linguística, mas sim, no *self*, o objeto de estudo da psicologia, quando tratarmos dessa ligação direta entre o que se diz e o mundo (Gergen, 1994; 2011). Para Gergen, é insuficiente a procura da ciência por uma compreensão de aproximações e, ao mesmo tempo, um compromisso com ideais de verdade. Gergen (1994) também comenta que são sem fundamento as percepções nos discursos inteligíveis sobre a memória determinante do passado sobre o presente, nossa fala está sujeita geralmente à visão/observação pública. M. M. Gergen & Gergen (2006) retomam a oposição entre palavra e mundo, na discussão sobre a garantia de validade científica, o que coloca a responsabilidade de questionar a direção da metodologia e os critérios de avaliação dos pesquisadores ao analisar a produção de sentidos intergeracionais dos participantes imersos em práticas culturais, heranças das gerações anteriores e que, enfatizamos, se atualizam na produção de sentidos em sequências de interações situadas no trabalho em campo.

Portanto, focaremos o estudo nos posicionamentos de si, a partir dos discursos narrativos enquanto interpretação de experiências pela pessoa. Ao posicionarem-se, as pessoas se auto-referenciam e referenciam o outro na intersubjetividade, com características de agencialidades na enunciação; quando decide falar sua biografia ou escrever sua autobiografia a pessoa começa a mudar sua vida, com redescrições retóricas sobre o si mesmo, sendo responsável ante a própria vida (K. J. Gergen & Gergen, 1988). Estas enunciações implicam diversos elementos, dentre os quais o contexto e as posições da pessoa na tomada de consciência em permanente conflito (Rosa, Bellelli, Bakhurst, 2008). Entendemos que a negociação é desencadeada quando a relação gera conflitos que provocam quebras de comunicação (Matusov 2013; Valsiner & Rosa, 2007) promovendo renegociações de significados, nas posições dos interlocutores, e suscitam questionamentos da esfera da produção dos sentidos aos participantes (Larrain & Hayé, 2012; Gergen, 2012, p. 110).

No processo de negociações, os objetos, ao fazerem parte da interação humana, se tornam artefatos, extensões corpóreas de significados impressos, que mediam as ações da nossa existência através de operações pessoa-objeto (Caixeta, 2006; Engeström, 2006, 2009). Assim, um sistema de atividades (Bakhurst, 2009) com múltiplas vozes (Volosinov, 2006) cria possibilidades para a concretização de diferentes posições que se distribuem entre os participantes, se materializam nos discursos dos interlocutores entre gerações, através de ações que se mediam por ferramentas e signos. Nesta mediação, as ações (a) se estendem em intervalos de tempo como referência da experiência que se cria pela atividade correspondente (Barbato & Nunes, 2012), (b) se realizam através de redes de ações que se relacionam entre si e, ao mesmo tempo, (c) pelo processo do fazer, indica o seu motivo. As pessoas através da organização da importância de suas crenças constituem algumas dessas ações como experiências significativas que auto-referencia sua história de vida. Devido à

importância dessas referências para a pessoa, essas ações rompem com a continuidade objetiva do tempo, e formam nova organização temporal indeterminada que Kennedy & Kohan (2008) denominam Kayrós.

O fazer das ações caracteriza a atividade como um artefato, marca possível da produção de sentidos na intersubjetividade. Ações marcam a cultura e a cultura conforma a ação em um ciclo de significados micro-discursivos. As marcas sociais, culturais e históricas compõem o sistema de atividade coletiva (Engeström, 2006; 2009), que se desenvolve em cada pessoa pela apropriação do fazer específico de atividade de sua comunidade, através da iniciação em um modo de vida (Bakhurst, 2009).

A história dos seres humanos se constrói nesses sistemas, que sinalizam novas direcionalidades e, assim, as marcas nos discursos narrativos indicam as transições na história de vida de uma pessoa. Nesse sentido, as ações se referem às pessoas conscientes agindo de momento a momento, mediadas por artefatos em interação com o contexto institucional familiar e, que se direciona ao sistema de atividades da comunidade. A atividade é feita pela comunidade com implantação da divisão de trabalho que se guia por motivos (Bakhurst, 2009; Engeström, 2009). Os constituintes da atividade não são fixos, mas podem mudar dinamicamente quando as condições contextuais e intertextuais mudam. Nessas atividades, ações cada vez mais ricas, isto é, mais coerentes do que a própria exigência dos motivos da atividade, superam o círculo de atividade e passam a contradizer os motivos geradores, que formam as crises que se abrem para novos motivos, objetivos, ações e conhecimentos. (Engeström, 2006). Assim, a pessoa estabelece seu sentido de pertença, em que estão postos os movimentos situacionais entre objeto-artefato-pessoa, o jogo sistêmico entre as pessoas, a concretização da ação, que ocorre na historicidade dos discursos narrativos (Engeström, 2009; Sobral, 2008).

As marcas socioculturais nos discursos narrativos (Verón & Ford, 2006) indicam os processos de tomada de decisão e os sentidos das experiências significativas. As escolhas que as pessoas fazem sobre o seu lugar na vida (Lubovsky, 2009), como as ações que descrevemos na interação com o outro, em que cada pessoa, com seus motivos e experiências (v.g. Sousa, 2011), entra e constrói a/na intersubjetividade, um espaço de acordos, conflitos e negociações (Bakhurst, 2009; Leonti'ev, 1978).

1.2 A produção do sentido na semiose social

A análise proposta sobre a compreensão dos homens, com foco no planejamento familiar, busca identificar posicionamentos que relacionem as crenças e os valores anteriores sobre a constituição das famílias, com aquelas do presente e do futuro, sendo possíveis, atualizações polifônicas intergeracionais. Para esse lugar de análise, é importante considerar o princípio cooperativo (Bruner, 1991, p. 57), a competência comunicativa (Keske, 2006; Possenti, 1996), a formação de si (Vygotsky, 2001; 2007), a compreensão (Gil, 2010; Rosa, Gonzalez & Barbato, 2009, p. 236), as reverberações da palavra (Silveira, 2012), enunciação e enunciado como processo e resultado (Volosinov, 1976; Bakhtin, 2003, p.382; Volosinov, 2006, pp. 93- 94).

A competência comunicativa diz respeito à ação entre interlocutores que atuam com efetividade na intersubjetividade para a exploração entre o excepcional e o comum da dinâmica da produção de sentidos que gerem possibilidades comunicativas (Bruner, 1991, pp. 57-59). Assim, os interlocutores negociam convenções (Rosa, Gonzalez & Barbato, 2009), em que o enunciado é um texto cuja forma não assegura o acabamento, que se tece por atos de empatia e simpatia, no intertexto dos falantes (Bakhtin, 2003). A tessitura dos atos produz sentido a si, como também ao outro, e nesse contexto da fala produz-se a compreensão dos posicionamentos do outro, de si e se é

posicionado pelo outro, mas se movimenta em posições e cenas diversas (Bakhtin, 2003, p. 84). Esse processo de comunicação se torna foco dos estudos do *self*, posicionamentos entre pessoas, processo de formação de si, produção de si na interação outro-eu e eu-mim na história de vida, portanto na produção de significados e sentidos.

Estabelecer o sentido de base social é afirmar que esse sentido se forma na interação outro-eu, eu-mim (Sullivan, 2010; Verón, 1987) em que o conhecimento do mundo e de si se originam nas relações sociais (Gergen, 2011). Portanto, a vida social e cultural direciona novos sistemas de produção de sentidos, capazes de gerar experiências significativas de mundo (Rosa & Blanco, 2007; Rosa, Gonzalez & Barbato, 2009). Conhecer é dar sentido ao mundo, engloba a dinâmica de produção de sentidos, como também implica essa dinâmica, sobretudo os posicionamentos de si, do outro e o mundo, em que o discurso narrativo se caracteriza situadamente, produzido para alguém, endereçado a alguém (Bakhtin, 2003).

Nessa dinâmica, a tarefa do narrador envolve o trabalho com a matéria-prima da experiência pessoal e sua lembrança que se tece de ênfases do presente que as ilumina (Benjamin, 2012), como também entre gerações, com os provérbios, ruínas das antigas narrativas, nas quais a moral da história abraça um acontecimento (Certeau, 1998; Thompson, 1992, 1993). As narrativas entre interlocutores se baseiam no princípio cooperativo, na conversação de qualidade e quantidade, em que as respostas de uns aos outros podem ser breves, perspicazes, relevantes e verdadeiras (Bruner, 1991, p. 49). Quando interagimos, sob o princípio da adequação de situação, a enunciação é simplesmente aceita, sem necessitar de explicações adicionais. Para ser efetivo, o discurso narrativo conteria apenas um significado. Porém, outras vezes na linguagem em uso, mudanças de significados podem ocorrer no próprio complexo oracional, e constituir

crises e transições que oportunizam mudanças, com potencialidade para a geração da reflexão sobre as dinâmicas de posicionamento no discurso.

Na superfície deste discurso, se insere a questão do poder de síntese, pois o texto é um tecido de citações, para se explorar a complexidade e heterogeneidade dos materiais discursivos que se interseccionam na produção textual (Bruner, 1991), e nessa violação/cooperação de convenções e conversações se formam significados. Essa formação ocorre também pelas reverberações, em que o discurso permite o momento da reflexão, entre conflitos e negociações entre os interlocutores (Silveira, 2012).

A tensão comunicativa, própria da dialética dos discursos, direciona a microcultura a construir noções de sentido que se formam nesses processos dinâmicos das interações (Volosinov, 1976). Desse modo, a dinamicidade da linguagem, a presença de elementos translinguísticos nos intertextos e os sentidos dos discursos narrativos nem sempre pertencem a esta geração, e assim são geradas mudanças de sentidos numa mesma geração e entre gerações.

Nessa dialética, há uma semioticidade expressa em pequenas mudanças de nomes próprios, denominações e lutas que se ritualizam contra as formas conhecidas (Lótmán & Uspenskii, 1981), em que os símbolos marcam as novas práticas culturais. Isso quer dizer que os seres humanos, no jogo sistêmico, fluem da homogenia da obediência, com base na opacidade da consciência, em direção à negociação que varia da hegemonia do poder à heterogenia, o lugar da Agathotopia (Suplicy, 2007) das pessoas cooperativas, um lugar imperfeito para pessoas (im)perfeitas atingirem o desenvolvimento como liberdade. Esse desenvolvimento se insere no processo de desregulagem e reajustamento, e está presente na dimensão significativa da organização social, enquanto tecido da semiose social (Bakhurst, 2009), e assim, dinamiza a homogenia, a hegemonia e a heterogenia (Merrell, 2003).

Parte-se do pressuposto que a produção dos sentidos (Verón 1987; Verón & Ford, 2006) se constitui da pertinência dos discursos sociais em que a matéria significativa, o texto, constitui-se de conjunto de operações de investimento de sentido que se formam na intersubjetividade (Brait, 2005). Esses movimentos conversacionais situados se produzem nas sequências polifônicas que afetam seus conteúdos semântico e pragmático. Assim, em pesquisas que enfocam a produção de sentidos intergeracional combinamos a análise dialógica temática com a pragmática do discurso que possibilitam a compreensão das dinâmicas de produção de sentidos.

1.3 As múltiplas vozes intergeracionais na família

Nesta tese, estudamos a produção dos sentidos dos discursos narrativos sobre o planejamento familiar nos espaços intersubjetivos. Estes discursos podem, também, crípticos, se produzir em marcas nas lembranças de experiências significativas (Lubovsky, 2009), formando diferentes sentidos de família (Dessen & Campos-Ramos, 2010).

Caracterizamos a família como o conjunto de pessoas a partir das narrativas de suas experiências significativas e memórias familiares de ações e reverberações do discurso que flui. Interpretamos as memórias familiares na rede de significações sociais (Verón & Ford, 2006; Verón, 1987), em que discursos de recordações reverberam (Silveira, 2012) formadas por diferentes discursos, tanto concretizados nas histórias familiares, como também em discursos de outros familiares, pessoas que compõem as memórias coletivas, experiências significativas e práticas culturais (Barbato, Mieto & Rosa, prelo).

Sendo assim, as narrativas produzem em uma variedade de gêneros do discurso que pressupõe a variedade dos escopos intencionais do participante, em que cada enunciado é um elo na cadeia de outros enunciados (Bakhtin, 2003; Volosinov, 2006) sobre as

transições na constituição familiar no aqui-e-agora, ao contar as histórias de vida intergeracional ou ouvir/ler narrativas sobre sucessos e insucessos de famílias na comunidade. Nesses enunciados estão pessoas integrantes dos conflitos e negociações que, em muitos casos, são excluídos das narrativas de história de vida nas gerações posteriores, mas, que estão na memória familiar (Larrain & Haye, 2012). A cada instante na memória pessoal e familiar entre gerações, o planejamento familiar se desdobra em novo planejamento a partir da produção de sentidos intergeracional, do materialismo histórico que concretiza a circularidade dos significados sociais e culturais no tempo.

Compõem também a memória familiar intergeracional (Thompson, 1993), não somente os membros presentes em seu cotidiano e os que se foram que se presentificam sendo mediados por instrumentos materiais e lembranças e, também, os que por alguma razão possam estar escondidos ou se constituem em silêncios como muitas vezes os filhos bastardos, e ainda o espaço subjetivo do abandono do pai, mesmo se a informação que os filhos receberam foi do falecimento paterno (Cannell, 2011). Os motivos destes abandonos se personificam em episódios idiossincráticos (Carter & McGoldrick, 2008, McGoldrick, 2003), que reverberam em processos saúde-doença na família. Nessa racionalização do humano, o pai se objetifica numa foto, no espaço da certidão de nascimento, e também nas narrativas dos que contam as histórias mediadas por crenças e valores sobre o pai, como a mãe (Falicov, 2003; Imber-Black, 1994; Tisseron & Harshav 2002).

Essas crenças e valores intergeracionais nas famílias criam múltiplos horizontes interpretativos do cotidiano e da história, que se relacionam aos diálogos heteroglóticos, pluridiscursivos, nos quais a palavra entre o outro-eu constitui microculturas. Nesses diálogos, palavras e valores provocam quebras e são negociadas, formando as línguas sociais, conjuntos de perspectivas de mundo, em que cada horizonte avaliativo pode se materializar verbalmente (Faraco & Negri, 2010).

Ao participar desses diálogos, os signos dos seus antepassados podem ser disponibilizados na fala de alguém, numa imagem, num objeto que torna-se pivô na comunicação, na rede de significações que se atualizam na interação (Volosinov, 2006). Fazendo uma analogia com o trabalho de Thompson (1992) sobre a transmissão cultural entre gerações nas famílias, podemos afirmar que somos respostas dos discursos do planejamento familiar dos nossos pais, estes dos nossos avôs, estes dos nossos bisavôs e assim sucessivamente, sem desconsiderar que no tempo presente são distribuídos os interesses de diferentes gerações e pessoas na família (Thompson, 1992). Quando tratamos das respostas dos discursos, referimos à rede de semioses que nos interconectam histórica e culturalmente (Bakhurst, 2009) aos nossos ancestrais, para além de nossas gerações. E ao identificarmos em nossa geração, pouco percebemos dessa rede de significados (Cresswell, 2011; Rogoff, 2005), devido aos sentidos de família que percorrem a própria família (Dessen & Campos- Ramos, 2010).

Com esse construto teórico percebemos elementos que não estão no *script* de significações possíveis do planejamento familiar (Magnusson & Stattin, 2006). Porque as hipóteses que orientam nosso fazer científico nos levam a comparar o mundo conhecível com o conhecido, pois os instrumentos que mediam as relações com o mundo exterior são os mesmos que potencializam e limitam nossas respostas a um mundo definível a partir da construção daquele instrumento (Vygotsky, 2001).

1.4 O sentido da pessoa na família e consigo mesmo

Tanto na família quanto na psicologia encontramos o problema da dialética: a socialização dos membros da família, concomitantemente a suas posições pessoais. Essa dualidade está presente na manutenção da intimidade da relação amorosa, que requer o indivíduo consciente de si, em conflito com a fusão de si no outro (Carter & McGoldrick, 2008). A condição de existência humana produz a pessoa como social e individual:

definimos a pessoa na interação outro-eu para conceituar a pessoa em sua socialização, no coletivo; o encontro direto e solitário da pessoa eu-mim para conceituar seus processos de subjetivação.

Ao tratarmos dos avanços teóricos no processo de formar as posições de si, há uma necessidade de separar os sentidos, significados pessoais dos significados culturais nos processos de desenvolvimento dos discursos narrativos e posicionamentos. Os significados formam os conceitos, que se baseiam nas lembranças concretas dos objetos. Essa transformação dos significados culturais para significados pessoais ocorre entre pessoas, como resultado de uma longa série de experiências ao longo do desenvolvimento, dos padrões de apropriação ou domínio de participação em práticas sociais e culturais situadas nas atividades do grupo (Engeström, 2009). É na cultura, um ambiente dinâmico, que os significados podem envolver a reconstrução da atividade psicológica com base nas operações com signos. Os significados se formam e se dirigem ao conceito das coisas, sendo um dos significados, o próprio ser humano. Assim, entende-se que não há o outro sem significados, e assim, não há permanência, há transformação contínua de significados na formação de novos conceitos.

O significado é o tecido que forma o pensamento e o veículo através do qual a comunicação circula (Rodriguez & Moro, 1998). Graças aos significados que vão se entretecendo na intersubjetividade e, assim, modelam-se, se configuram, se transformam. Compreender o signo, é entender como a pessoa compreende o posicionamento do humano no seu contexto sociocultural. Os significados sinalizam também, em como a pessoa interpreta e reinterpreta a si mesma nesta história simbólica, que se autoreferencia e permite definir a si mesmo. As narrativas de si (Caixeta, 2006) contam como as pessoas dão sentido em suas vidas e, de outro modo, quando ouvem histórias aprendem na forma possível de expressar seu ponto de vida. A história de vida é mais utilizada para adultos e

adolescentes (Caixeta), pois envolve processos psicológicos como a memória individual e coletiva, resultantes de fatores individuais e sociais.

O significado se constrói no signo e, sem signos não há pessoas pois, os signos não são em si, mas existem a partir dos usos que se fazem deles, e assim, os signos produzem o mundo (Kontópodis, 2007). Pelos signos, como também pelos significados, se estabelece a permanência pelo uso que se sujeita às mudanças sócio-históricas. Assim, a pessoa se compõe de linguagens, signos, significados e sentidos como soma de si mesma, constituindo as vozes polifônicas que posicionam e se atualizam na experiência (Sousa, 2011) de vivências durante a constituição da família na tomada de decisão quanto ao planejamento familiar, elemento ao mesmo tempo psicológico, sociocultural, linguístico e translinguístico, como veremos adiante.

2. A PRAGMÁTICA CONTEXTUAL DO PLANEJAMENTO FAMILIAR

Consideramos que um discurso narrativo enunciado pode ter destinatários em outro tempo histórico e espaço diferente de onde se narrou, pois o autor presume uma compreensão responsiva em diversos graus entre os destinatários (Bakhtin, 2003, p. 356); a diversidade no discurso se encontra no interior do texto, com várias vozes que se misturam à voz da pessoa explícita na enunciação (Bakhtin, 2003, p. 15). A transmissão dos significados pelas vozes se faz pela cultura, na construção de significado e compreensão responsiva em vários graus das reverberações presentes no texto (Silveira, 2012), mediada por ferramentas como as falas sobre si, artefatos e fotografias, nos quais toda a cultura é tecida pelo contar histórias (Caixeta, 2006).

Os relatos de vida envolvem a relação de construção de significados e sentidos das enunciações entre narrador e ouvinte (Caixeta, 2006) no contexto social. Assim, compreender as enunciações significa orientar-se em relação a elas (Wold, 1992) e encontrar o contexto pragmático correspondente no tempo e no espaço. Algumas dessas enunciações marcam as experiências dos antepassados e da família. Essas marcas na experiência de vida contribuem com a estrutura familiar no processo de formação de si e, assim, permitem outros encontros entre a Psicologia Cultural e o Desenvolvimento Econômico.

2.1 Os sentidos da composição familiar

A estrutura familiar se relaciona às condições materiais da existência humana, que se assentam nas atividades formativas de sentido presentes nas enunciações da microcultura familiar entre gerações e na comunidade. Entendemos as atividades

formativas de sentido como um complexo de estruturas dinâmicas de processos de significação, bem como de alternâncias entre silêncios e expressão, resultado/resultantes dos posicionamentos que permitem a compreensão dos sentidos e direção na vida da pessoa, e nos processos de tomada de decisão (Bakhurst, 2009; Davies & Harré, 2007; K. J. Gergen & Gergen, 1988; Harré, et. al., 2009). Alia-se também à perspectiva das interpretações do dar conta de si, o que direciona o discurso, por exemplo, no caso do planejamento familiar para o orçamento doméstico, esforço de trabalho, a casa, e as relações intergeracionais.

A entrada de novas vozes na tessitura da história familiar indica roteiros de tomada de decisão em contextos de diferenciação e identificação que se relacionam às interpretações de si, do outro e do mundo. A estrutura psicológica do significado é determinada pelo uso das palavras na atividade, no sistema de associação, correlação e contraste (Leonti'ev, 2006).

O contraste entre as palavras, os novos membros e convencionalizações familiares apontam a dialética entre ênfases culturais nas gerações e mudanças das narrativas nos espaços intersubjetivos. É possível observar nas narrativas o deslocamento fluído, fugaz e dialético entre a dialogia para a monologia, que marcam focos das vozes entre gerações, possíveis atualizações com novas dinâmicas de posicionamento e identificação (Barbato, Mieto & Rosa, prelo). A narrativa da inserção das pessoas na microcultura familiar também tecem o ser, o significado coletivo e o estar, desencadeados por negociação para a construção de outras práticas culturais.

O significado coletivo se compõe das posições discursivas das novas pessoas em negociação com as práticas culturais conhecidas. O espaço coletivo para a enunciação das práticas culturais forma intersubjetivamente a força ilocucionária da pessoa ativa no jogo sistêmico entre permanência e mudança (v.g. Harré et. al, 2009). A força

locucionária depende de posicionamentos dos membros familiares como interlocutores que é em si um produto da força social, uma ação da conversação e tomada de decisão, o jogo entre tomar-se, do ser e do estar como ação da conversação, espaço intersubjetivo do processo formativo de si.

A compreensão responsiva destes significados socioculturais constitui entendimento da comunicação orçamentária, nem sempre coerente, e conseqüentemente das necessidades econômicas da família (Capurro, 2008; Sen, 2000). Aprender a planejar a família denota as agencialidades das pessoas na compreensão dos lugares sociais, em que enunciam (Davies & Harré, 2007) as múltiplas interpretações de si sobre temas familiares, com exigências, muitas vezes, contraditórias. Nem todas as necessidades da família têm a ver com questões econômicas, e a possibilidade de escolher uma situação em que há exigências contraditórias oferece às pessoas oportunidades de agir responsivamente e, assim, indícios das atualizações do planejamento familiar intergeracional. A fim de aumentar o nosso campo de observação sobre os saberes do planejamento familiar, consideramos o referente, o contexto (Verón & Ford, 2006), os ditos e não-ditos intergeracionais.

Sobre a composição da estrutura familiar no planejamento, a partir dessas circulações de significados intergeracionais que ocorrem pelos significados e sentidos gerados e geradores de microcultura correspondente (Fracchia, & Lewontin, 2005; Thompson, 1993), as narrativas orais configuram-se em espaço privilegiado das intersubjetividades. Essas composições demonstram a situação dialógica e dramatúrgica do narrador, em termos de sua posição social enquanto agente, ator e autor (Rosa & Blanco, 2007). Identificam-se as dinâmicas de produção de sentido nas narrativas de suas sentenças do texto, singularizam uma configuração geral, pois, o significado e a referência histórica estruturam o discurso. Desse modo os significados e sentidos

constroem a estrutura familiar através dos discursos familiares, e assim, mediam transformações sociais (Volosinov, 2006), nos espaços de convivência, com suas crenças, rituais, valores e, portanto, as ideologias, ubiquidade social no materialismo histórico (Volosinov, 2006, p. 40). Portanto, as narrativas podem apoiar a compreensão da estrutura familiar.

A concepção da estrutura familiar constitui-se no materialismo histórico (Bakhurst, 1991), considera que o conhecimento do mundo, do outro e de si originam-se nas relações sociais, como inclui as tensões do impacto das transformações das ações do ser humano no contexto social do sistema de atividades. Sendo o *self*, uma instituição em movimento (Gergen, 2011), a estrutura familiar pode direcionar o sentido do humano, da tensão de manutenção e mudanças das condições históricas, sociais e culturais para a geração futura e seus ascendentes através das interpretações de si nas narrativas. (Bakhurst, 2009). Estas condições envolvem normas, regras, convencionalizações, bem como reflexões sobre promoção da saúde (Rodrigues & Ribeiro, 2012), orçamento doméstico e variações no número de filhos, entre conflitos e negociações entre as histórias das gerações.

A história sempre esteve ligada ao mundo dos humanos na condição de produtores de suas condições concretas de vida e, portanto, o mundo material, no modo de produção, na qual se organiza todos aqueles que compõem a sociedade. Compreende-se a história como produto da atividade humana, da práxis, da orientação enquanto marco para a construção de uma psicologia concreta do funcionamento do humano. A história tem como questão-chave a atividade prática humana, o modo de produção (infraestrutura) e as formações subjetivas operantes nesse processo como a ideologia (superestrutura), compostas de ícones mais signos (Volosinov, 2006), no qual também atuam as mediações das forças produtivas e das relações sociais.

O planejamento familiar, um programa social no mundo da produção material, se compõe da formação de ideologias no macrosistema; planejar se relaciona a como a realidade (infraestrutura) determina o planejamento familiar e como este reflete e refrata a realidade em transformação (Volosinov, 2006; Valsiner, 2004). Portanto, nesta formação de jogos sistêmicos dos discursos entre as posições do planejamento familiar, dos familiares e da própria família, produzimos acumulações qualitativas das mudanças intergeracionais das ideologias que se transfiguram, se posicionam e transformam o materialismo histórico familiar, a infraestrutura (Volosinov; Cresswell, 2011; Thompson, 1993).

As marcas no discurso da microcultura familiar incluem as composições do orçamento doméstico, que traduzem a compreensão dos sentidos das experiências significativas nas relações intergeracionais. Ao enfocarmos esses discursos, surgem noções e classificações, em termos de uma operação lógica que consiste em hierarquizar os membros da estrutura familiar em papéis de gênero, do masculino ao feminino, podendo inclusive dificultar a compreensão do que é ser homem ou mulher naquela microcultura em transformação por artefatos criados por gerações, como novos utensílios domésticos, que mediam o cotidiano das pessoas nos afazeres domésticos (Fracchia & Lewontin, 2005). Apesar da perspectiva de mundos separados do masculino e do feminino, o cotidiano das práticas narrativas e dos fazeres, denotam inter-relações humanas (Caixeta & Barbato, 2004). Os posicionamentos dos participantes na intersubjetividade tu-eu, eu-mim, sobre os temas familiares traduzem o sentido das experiências intergeracionais, bem como mudanças nos formatos de família que se atualizam no tempo presente das histórias orais e artefatos.

2.2 Os sentidos das experiências significativas: O tempo

O tempo narrativo é uma invenção cultural em que episódios marcam intervalos na vida cotidiana das pessoas, grupos e famílias. Na tentativa de romper com a lógica objetiva, torna-se foco do nosso estudo o sentido da organização temporal dos posicionamentos sobre o planejamento familiar nos discursos narrativos. Isto é, continuidades e descontinuidades ocorrem, tanto nas relações estabelecidas no aqui-e-agora do desenvolvimento da pessoa e da família, quanto através de gerações.

Nesse estudo, o tempo de vida entre gerações pode ser uma forma diferente de estar na existência humana que pertence a Aiôn, o tempo da experiência (Kennedy & Kohan, 2008). O tempo no discurso narrativo marca as intensidades das experiências, descritas na oralidade e nos objetos como formas diferentes da existência. Através da história oral, o participante narra como o tempo marcou sua vida pela intensidade das experiências no momento, e assim, diferencia seu tempo cronológico. Em Chrónos (Kennedy & Kohan), Aiôn estará sempre no começo, o que sugere que não há mais nada a ser realizado do que a experiência do momento. Os filósofos explicam que em seus usos mais antigos, Aiôn designava a ordem das coisas na vida humana. Esta ordem também se apresenta nas narrativas dos participantes, por meio dos conflitos cotidianos, que geram negociações, caracterizam a irreversibilidade do tempo (Carter & McGoldrick, 2008; Engeström, 2009) e podem constituir crises significadas como momentos críticos, diferenças, as quais designam o Kayrós, o tempo da diferença (Kennedy & Kohan, 2008).

As pessoas em seus encontros constroem a intersubjetividade, o espaço-tempo sociocultural da produção de sentidos e significados, agem sobre si e o outro (Barbato, Mieto & Rosa, prelo), e constroem a microcultura. Assim, definiremos a cultura como um ambiente de mudança dinâmica, transformado por artefatos, atualizados nos encontros e disponibilizados por gerações contemporâneas e anteriores. As transformações por

artefatos, que compõem a cultura, passam a organizar as marcas do tempo sobre as metáforas. Enquanto significados interpretativos, sensíveis ao contexto desses horizontes, geram pressupostos e expectativas, configurando crenças, epistemologias cotidianas e de futuro. Sendo assim, as experiências na constituição familiar podem se tornar referências temporais na história de vida das pessoas, assumindo temas e significados nas reverberações que marcam dinâmicas polifônicas, os discursos em movimento.

2.3 O diálogo entre a Psicologia Cultural e a área de Desenvolvimento Econômico

O diálogo entre a Psicologia Cultural e a área de Desenvolvimento Econômico pode construir relações específicas entre os momentos de transições e o das experiências, como Kayrós e Aiôn, se considerarmos as posições e os movimentos dos elementos de produção que definem o curto e o longo prazo. Mas existe um momento em que os novos posicionamentos diferem dos tradicionais em várias dimensões e extensões e, assim, estamos diante da destruição criativa (Schumpeter, 1985): o tempo de Kayrós (Kennedy & Kohan, 2008) na economia, que destrói as velhas convencionalizações de vivência econômica, a partir da invenção de novas posições econômicas, em um tempo irreversível, como ocorreu com a revolução dos costumes, a partir da medicalização da saúde sexual e reprodutiva. Essas revoluções criam oportunidades sociais que auxiliam a autonomia econômica das pessoas.

A destruição criativa expressa duas ideias conflitantes, que se associam à própria dialética do capitalismo composto do materialismo histórico: que ao mesmo tempo cria oportunidades de emprego e salários, empresários e lucros, cria também profundas transformações na ordem social. Na própria concepção do capitalismo nada pode ser considerado estável, uma neutralidade valorativa. Em uma economia de livre mercado, sem

a interferência do governo em que trabalhadores e empresários empregam todos os seus recursos de horas de trabalho, empenho, máquinas e equipamentos e recebem salários e lucros respectivamente, qualquer mudança de valoração econômica vinda de novos processos, novos produtos, novos fármacos, novos materiais, novas formas organizacionais trará solavancos para cima e para baixo na ordem social (Schumpeter, 1985).

Para que haja destruição criativa é necessária que, no primeiro momento, haja inovação radical, aquela que promove um efeito persuasivo no conjunto do sistema e provoca mudanças no modelo técnico-econômico. Já no segundo momento, insere-se a inovação incremental de modificações/aperfeiçoamentos efetuados na tecnologia radical já instaurada. O conceito de destruição criativa se orienta através do materialismo histórico da filosofia soviética, que se baseia nos seguintes princípios (Bakhurst, 1991): (a) a lei da transformação da quantidade em qualidade, em que alguns processos de acumulação gradual, de mudanças quantitativas, eventualmente resultam em mudança qualitativa no fenômeno do desenvolvimento que assumem saltos para outros momentos do desenvolvimento da pessoa; (b) a lei da unidade dos opostos, em que todos os fenômenos dos processos são unidades dos opostos, portanto, contêm contradições internas, conflitos e negociações; (c) a lei da negação da negação, em que o desenvolvimento é um processo de negação de momento a momento, até o próximo, o que implica o formato em espiral no qual, um momento é negado pelo outro mas, reaparece de modo transformado em etapas à frente (Bakhurst 2009). Essa destruição criativa tem implicações na dimensão cronológica entre pessoas no cotidiano da microcultura familiar, com força motriz para formação de novo paradigma socioeconômico mas, ao mesmo tempo, pode destruir/recriar, isto é, atualizar em diferentes graus, as instituições familiares estabelecidas no antigo paradigma (Schumpeter, 1985).

A comunidade significa as mudanças socioeconômicas em ciclos cada vez menores, quando comparados à relativa estabilidade dos anos 40, no que diz respeito aos costumes com os novos fármacos anticoncepcionais. Nos anos 60 no Brasil, já se observava o crescimento da pílula nas farmácias, com alto componente de hormônios e várias contra indicações, ainda pouco comercializada para as camadas mais pobres (Mesquita, 2008; Ventura, 2004). Mesmo com as características farmacêuticas, a pílula era sinônimo de transformações sobre a garantia do estado brasileiro da inviolabilidade do corpo à desobediência civil ao Código Penal Brasileiro em que a esterilização era crime de lesão corporal e definia como ato ilícito o anúncio público de substâncias destinadas à gravidez, de 1940 vigente até 1979.

As inovações incrementais nas variações de dosagens de hormônios na pílula possibilitaram as mudanças sociais de liberação dos costumes, discussões sobre o prazer e se intensificaram com a produção em larga escala do fármaco, com produção de mudanças econômicas importantes: a compra do local da planta da fábrica; os valores de isenção de impostos possíveis com o jogo entre agentes políticos para a instalação da fábrica na cidade A e não-B; a movimentação financeira nos bancos sobre a poupança e investimento dos atores socioeconômicos e as pesquisas sobre planejamento familiar. Boa parte das pessoas que utilizava a pílula pode mudar para os métodos mecânicos, porém dificilmente, volta para os métodos naturais, como o coito interrompido, devido às mudanças de costumes radicais com o novo método (Mesquita, 2008; Ventura, 2004).

E quanto às famílias, as mudanças são: as discussões conjugais provenientes dos custos familiares sobre as falhas dos métodos naturais; o custo social dos anos de estudos para novas oportunidades de emprego na indústria farmacêutica em relação ao emprego estabelecido; a relação custo benefício com o uso do fármaco; a facilidade do manuseio do

fármaco em relação ao empenho pessoal com o método natural; o custo social e econômico da qualificação necessária das pessoas para o trabalho na fábrica.

O novo ciclo de negócios conjuga um estilo de vida diferente, com fármacos mais baratos; e aumentos na renda, proveniente do emprego na fábrica e dos negócios da indústria farmacêutica. A ênfase na destruição criativa incide mais sobre o profundo do que sobre o rápido. Toda a invenção se conjuga de diversas formas em ciclos econômicos desde a invenção da primeira pílula contraceptiva dos anos 40 às mudanças hormonais mais adaptáveis ao cotidiano das pessoas levaram sessenta anos para se desenvolver e mudaram em profundo o costume com os métodos naturais: possibilitou a invenção de produtos substitutos como o DIU, a pílula do dia seguinte, a camisinha, permitindo o contexto de um conjunto de inovações radicais, transformações de convencionalizações, oportunidades sociais que em conjunto foram significados como revolução sexual (Mesquita, 2008; Ventura, 2004).

Na economia, essas oportunidades no curso de vida caracterizam o desenvolvimento como expansão das liberdades individuais (Sen, 2000), em que as oportunidades sociais intensificam o crescimento econômico. As oportunidades também se conjugam com liberdades políticas, poderes sociais e condições,- como boa saúde, educação básica e fomento às iniciativas - que influem no sistema de atividades do agente. Mas este sistema refrata as oportunidades pelo exercício de liberdade dos agentes, mediante a liberdade para participar das escolhas sociais, bem como da tomada de decisões públicas que direcionam a essas oportunidades (Sen, 2000).

Na psicologia, as oportunidades no curso de vida se assemelham ao esforço de mudança coletiva de previsão colaborativa, devido às transformações expansivas nos sistemas de atividades de instituições culturais. Os sistemas de atividades percorrem longos ciclos de transformações qualitativas vindas das contradições, que são historicamente

acumulações de tensões estruturais no/entre esses sistemas e, portanto, fonte de mudança e desenvolvimento. Uma transformação expansiva se realiza quando os agentes sociais reconceitualizam o objeto e o motivo da atividade para abranger horizontes maiores de possibilidades do que no modo anterior da atividade (Engeström, 2009), isto é, possibilitar novas formas de significações da atividade.

No momento da transformação expansiva, a diversidade das palavras se polifoniza, isto é, forma um conjunto por meio da singularidade e da valência de cada uma, pertença pela diferença e, portanto, conseqüente personalidade de cada voz na unidade do conjunto (Bloch, 1997). Nesta polifonia, os lugares dos acordes são espaços cujos discursos se desenvolvem em movimentos sígnicos, através de atualizações prontas a serem dissolvidas, confrontadas e ressignificadas entre os participantes. Caracterizamos os acordes polifônicos, como formas de explicações dos movimentos no discurso que denotem tensões, conflitos nas narrativas textuais e que podem construir negociações entre os envolvidos (Bloch, 1997; Roman, 1992).

Ao relacionarmos a definição de desenvolvimento dada pela Psicologia com a definição da Economia, amplia-se na direção da construção das liberdades dos indivíduos (Capurro, 2008; Sen, 2000) em interação com elementos constitutivos básicos para a expansão das capacidades dos agentes de levar o tipo de vida que valorizam. Nesta valorização do humano, operam as economias de escala (Chandler, 1990), em que, ao variar os recursos disponíveis como elementos constitutivos do fazer humano, a produtividade varia mais que proporcional. Assim, ao se aumentarem as experiências na construção do planejamento familiar, as variações nos produtos da consciência (Vygotsky, 2001) são mais que proporcionais podendo, inclusive, constituir novos processos, deslocando e alterando o estado de equilíbrio familiar previamente existente (Schumpeter, 1985).

As experiências no processo de construção do planejamento familiar para a indústria farmacêutica constituem os processos econômicos de aprendizados cumulativos das interações humanas, codificam a capacidade dinâmica tecnológica, a qual produz inovações radicais (Schumpeter, 1985), com potencial de economias de escala (Chandler, 1990; Vasconcellos, 2002) e indicações de criatividade na esfera humana. As inovações são realizações do humano em interação, que indicam transformações expansivas dos sistemas de atividades nas estruturas socioeconômicas e políticas. As inovações são também resultantes de um arranjo temporário do sistemas de atividades, com espaços para que o agente se posicione e remodele interações de poder atualizadas/contextualizadas. As interações sinalizam um tempo da diferença entre as diferenças (Merrell, 2003), de destruição criativa (Schumpeter, 1985), que promovem o desenvolvimento econômico sustentado por longos ciclos de transformações expansivas.

Na dinâmica das interações do humano em desenvolvimento que envolve a Psicologia e a Economia, alguns estudos apresentam resultados com preconceitos sobre as experiências das famílias negras por se basearem em teorias tradicionais (Landini, et. al., 2015, p. 293; Few, Stephens & Rouse-Arnett, 2003). Few *et. al.* (2003), utilizando a Teoria Fundamentada, conversaram de *irmãs para irmãs*, expressão afrodescendente que significa uma conversa agradável entre mulheres negras, apresentando outros resultados distantes dos estereótipos de alguns estudos. As pesquisadoras concluem que contextualizar a pesquisa e o *self* permite maior objetividade do estudo, o que possibilita identificar elementos que compõem as práticas culturais do grupo e indicadores de relevância a serem utilizados no estudo empírico.

Tendo constatado a dinâmica entre o *self* e o contexto, propomos entrevistas individuais de história de vida, entrevistas episódicas e semiestruturadas mediadas por imagens e artefatos para tratar dos objetos centrais de construção de conhecimento

(Caixeta, 2006) neste estudo, ou seja, a produção dos sentidos dos participantes sobre o planejamento familiar. A pesquisa multimétodos, é um processo social, interacional e um empreendimento colaborativo, em que os discursos são meio de troca (Barbato, Mieto & Rosa, prelo). Nas entrevistas, podemos utilizar as narrativas que permitem o acesso do pesquisador aos posicionamentos do participante nos relatos de vida.

Os padrões de desenvolvimento com pessoas em interação na circulação de significados intergeracionais diferem entre a zona rural e urbana, e exigem diferentes posicionamentos outro-eu e eu-mim para a sobrevivência, como observamos nas atividades agrícolas, financeiras, educativas, e domésticas. As pessoas nessas interações constituem micro revoluções que ocorrem nas mudanças de sentido, desencadeando uma corrente de novas transformações, incoerências entre as ações e atividades diárias da pessoa (Certeau, 1998; Marques 2009). Ainda nessas interações, as crenças dos planejadores de políticas públicas para as diferentes famílias, incluindo as rurais, interferem no tipo de construção do contexto para o atendimento às famílias locais.

Nas pesquisas que realizamos (Santos, 2011; Santos & Freitas 2011), observamos processos de socialização diferenciados do meio urbano, níveis de interações entre as pessoas que, dada a singularidade da experiência humana, circulam significados de modo diferente entre o meio urbano e rural (Landini, 2015, p. 293; Rogoff, 2005). Neste estudo, enfocaremos o planejamento familiar de homens no meio rural a partir das dinâmicas de explicações de si em narrativas.

Estudo de base etnográfica, entrevistas individuais, abertas, episódicas, enquanto instrumentos metodológicos, mediam a observação do pesquisador sobre as marcas no discurso de coerências das ações nas atividades comunitárias na aplicação das políticas públicas para as diferentes pessoas que compõe a zona rural (v.g. Landini, et. al. 2015). A pesquisa com interlocutores do serviço de saúde, desde os enfermeiros do Posto de Saúde

até o agente comunitário, oferecem a perspectiva sobre a prática em contexto situacional, cultural e linguístico.

Outros instrumentos compõem a análise temática dos documentos oficiais da política do planejamento familiar e sobre a constituição das famílias nas narrativas dos participantes e pessoal da saúde da localidade. Os enfermeiros e agentes comunitários de saúde, por exemplo, interpretam, o documento do programa de planejamento familiar e do Plano Nacional de Assistência Integral à Saúde do Homem (MS/Saúde, 2009), como também constroem a realidade de execução nas narrativas, com base em seu próprio instrumental teórico e conceitual. Aquelas pessoas exercem uma função em serviços públicos lidando diretamente com os cidadãos – com autonomia para tomarem decisão cotidianamente -, baseada em seus próprios valores e preferências (Leal, Figueiredo & Nogueira-da-Silva, 2012). É nesse sentido que os agentes encarregados pela execução da política são também *policy makers*, isto é, eles fazem a política.

2.4 O estudo metodológico sobre posições na conversação

O posicionamento situa o pronome “eu” como marca indexical do narrador, com gradações na importância do enunciado, na apropriação da microcultura familiar. O pronome “ele” é uma marca de expressões anteriores, anáfora no esquema gramatical de pronomes para as vozes narrativas, que se estende nas interações eu + ele = nós. Também o narrador do episódio, ao usar os pronomes na forma impessoal, assume a responsabilidade diretiva no contexto sociocultural daquela microcultura, que descreve um episódio de vida do ponto de vista do ator. Na Teoria de Posicionamentos, essas marcas são como direção, referência na configuração de episódios pessoais no cronotopo, a posição no espaço tempo, que inclui o que fomos, mais antecipações do que seremos (Harré & Langenhove, 1998).

O lugar que os participantes ocupam no mundo, o conhecimento do passado e as perspectivas de futuro, a sequência das coisas já ditas, e as dinâmicas na formação dos significados são importantes no processo de compreender o que se diz. Aplicações de algumas dessas ideias, na prática, têm revelado a necessidade de prestar mais atenção à ordem em que os significados são estabelecidos nas comunidades, muitas vezes, constituem normatizações, nas quais, se exercem os atos intencionais, constituintes do fazer humano (Bruner, 1991, Harré & Langenhove, 1998).

Essa tese adota maneiras de descrever atos de posicionamento: (a) dimensão de diferença, em que importa se o posicionamento ocorre entre pessoa-pessoa ou microcultura familiar-microcultura familiar. (b) Se a pessoa se posiciona reflexivamente, ou se é o outro que posiciona e é posicionado.

Há uma diferença do conceito de reflexividade na Linguística com os pronomes reflexivos do conceito para a psicologia russa, Teoria da Atividade (Leonti'ev, 1978). Esta teoria constrói o conceito de reflexividade a partir da discussão marxista em que o corpo do homem reflete o custo da mercadoria, ou mais especificamente de outra mercadoria.

A propriedade da consciência individual é um movimento interno que reflete o movimento da vida real do próprio sujeito, o qual ela media; já vimos que somente nesse movimento o conhecimento encontra sua relevância com respeito ao mundo objetivo, e sua eficácia. A questão é também a mesma quando o objeto da consciência são os traços, características e ações ou condições do próprio sujeito; neste caso, também é necessário distinguir entre conhecer sobre si mesmo e conhecer-se. (Leonti'ev, 1978, p. 36).

(c) A terceira dimensão se a cada posição mover o outro ou o outro é posicionado pelo mesmo ato. Os atos de significação consideram as marcas nas conversações na

conexão entre a Estrutura Temática e Estrutura da Informação assuntos conexos entre a Psicologia e a Linguística (M. M. Gergen & Gergen, 2006; Silva, 2010).

2.5 A análise da estrutura temática e da estrutura da informação

Os estudos dos usos da linguagem que ocorrem nas interações, na Gramática Sistêmico-Funcional, mostram dois sistemas de análise, que envolvem as posições pessoais na organização da mensagem num texto: a Estrutura Temática nas funções tema e rema; e, Estrutura da Informação que envolve os componentes da informação dada, o elemento de conhecimento compartilhado; e informação nova, o que não é recuperável, a partir do discurso precedente (Silva, 2010). As pessoas, ao contarem suas histórias de vida organizam o que têm a dizer num modo de fácil compreensão para o ouvinte, no caso, o pesquisador.

Essa organização, no nível gramatical, é feita pelos elementos de escolha dos significados histórico-culturais, os destaques, que auxiliam a fluência de cada oração nas conversações compondo a estrutura temática (Fuzer & Cabral, 2010). Na parte que corresponde ao tema estão informações como as ligações entre as orações, as constituições dos significados, o contexto da compreensão do que vem a seguir, o Rema (M. M. Gergen & Gergen, 2006). Na parte que corresponde ao Rema desenvolvem-se as ideias que estão sendo veiculadas pelo Tema; o Rema é a parte da oração em que o Tema é desenvolvido. A escolha do tema de uma oração marca as indicações de progressão da informação na dinâmica episódica da narrativa.

Utilizamos a análise do discurso temática para descrever a uma vasta gama de análise de tipo padrão de dados, de formas mais interpretativas que identifica padrões de temas, histórias e teoriza a linguagem como constitutiva de sentido e significado social (Braun & Clarke, 2006). Nessas tradições de análise, desenvolvemos mapas de

posicionamentos e temáticos com a composição do *self* no tema, nas direções da responsividade narrativa nos processos de constituição de si, do outro e do mundo.

Estudamos também os mapas de associação de ideias, como trata Spink (2013, p.98); mapa cognitivo de representação de mundo, possível de relações *meio-fim* como trata Bruner, (1991, p. 92) e O’Keefe e Nadel (1978); o genograma, conhecido como mapa da estrutura familiar, em Carter e McGoldrick (2008) e Santos e Freitas (2011); mapas semânticos, a partir das palavras e suas funções no texto de significados e sentidos em Barbato, Mieto e Rosa (prelo) e Fuzer e Cabral (2010). Em nosso estudo o foco dos mapas está na sistematização do processo de análise de práticas discursivas, busca dos aspectos formais da construção linguística, da dialogia e monologia implícita na produção de sentidos (Barbato, Mieto & Rosa, prelo).

Neste estudo, a análise ocorre na imersão do conjunto de informações das entrevistas, deixando emergir os sentidos, sem encapsulá-los em categorias previamente definidas. Na análise temática dialógica, privilegia-se o confronto entre sentidos produzido nas interações e a interpretação que os entrevistados estão tecendo, exigindo a familiarização com o campo do estudo e a imersão no conjunto de textos e gravações em áudio e vídeo para a identificação dos temas e suas relações.

Os sentidos se produzem em interação e vão sendo contextualizados nas narrativas do presente, futuro e do passado, nos possibilitando identificar as interpretações de si, do outro e do mundo nas situações interacionais em campo. E, ao se posicionar e ao outro na narrativa, a produção de significados do interlocutor narrador em processo de contextualização possibilita a produção de um campo observacional e contribui para a descrição do mapa temático que direciona as narrativas.

Os sentidos se produzem em interação e vão sendo contextualizados nas narrativas do presente, futuro e do passado, nos possibilitando identificar as interpretações de si, do

outro e do mundo nas situações interacionais em campo. E, ao se posicionar e ao outro na narrativa, a produção de significados do interlocutor narrador em processo de contextualização possibilita a produção de um campo observacional e contribui para a descrição do mapa temático que direciona as narrativas.

Questões de pesquisa

Quais são os sentidos nos posicionamentos, na interpretação dos homens em diferentes gerações de uma mesma família, que norteiam as escolhas relacionadas à constituição de suas famílias? Quais dinâmicas polifônicas podem ser identificadas nas entrevistas intergeracionais?

Suposições do estudo

Ao enfocarmos as dinâmicas de construção de explicações de si nas narrativas dos participantes, será possível identificar mudanças de posicionamentos que relacionem as crenças e os valores dos antepassados sobre o planejamento familiar com das gerações seguintes e que nas novas gerações haverá marcas das políticas públicas.

OBJETIVOS

Objetivo geral

O objetivo deste estudo é analisar a produção de sentidos individual e intergeracional dos homens em relação ao planejamento familiar.

Objetivos específicos

Identificar significados e posicionamentos individuais e intergeracionais mediados pelas histórias de vida.

Identificar os significados sobre o início das relações amorosas e, sobretudo, a adultez quanto à constituição familiar.

Identificar as dinâmicas de redundância e mudanças dos sentidos que compõem os processos de atualização das práticas culturais em relação ao planejamento familiar.

METODOLOGIA

O objetivo deste estudo é analisar a produção de sentidos individual e intergeracional dos homens em relação ao planejamento familiar. Nesse sentido, identificaremos significados e posicionamentos individuais e intergeracionais mediados pelas histórias de vida; os significados sobre o início das relações amorosas e, sobretudo, a adultez quanto à constituição familiar, bem como identificaremos as dinâmicas de redundância e mudanças dos sentidos que compõem os processos de atualização das práticas culturais em relação ao planejamento familiar.

Na produção de sentidos intergeracionais do homem sobre o planejamento familiar, a metodologia se direciona ao estudo teórico na construção de dados empíricos através da mediação instrumental e simbólica. Uma teoria sobre a produção de sentidos deve fundar-se na análise de textos concretos e, portanto, deve desenvolver análises textuais dos discursos, descrevendo assim os encadeamentos e operações realizadas sobre os enunciados. Alguns estudos constroem métodos com força explicativa sobre a capacidade da ciência de produzir retratos sobre a circulação de sentidos intergeracionais de práticas culturais sobre as experiências na família (Barbato, Mieto e Rosa, *prelo*). O desafio é a construção de método que considera as dinâmicas da circulação de sentidos intergeracionais como temas de estudo na Psicologia.

A reflexividade sobre as dinâmicas da circulação dos sentidos intergeracionais constitutivos da experiência humana é tema dos estudos contemporâneos sobre metodologia (v.g. Gergen, 2014). Na temática da produção de sentidos sobre as narrativas discursivas verbais ou não-verbais, as pessoas contam histórias sobre sua vida para si mesmas e para os outros (Volosinov, 2006). Tais narrativas inserem-se nos processos de produção de sentidos das comunidades situadas histórica e culturalmente.

O uso de novas ferramentas etnográficas, como entrevistas individuais abertas, semi-estruturadas e episódicas, facilita observar de forma mais específica pessoas em atividades no cotidiano das áreas rurais. (Cunha, 2000; Flick, 2010). A construção/interpretação dos dados sociais e históricos tradicionalmente se concentra nos grandes centros urbanos. Para as interpretações, o pesquisador encontra dificuldade para privilegiar uma determinada história com base em sua correspondência única de mundo (Gergen, 2014). As histórias a respeito do mundo provêm da imersão de uma tradição de práticas culturais de gerações anteriores.

As formas de compreender as ciências humanas são parte das tensões de discursos conflitivos sobre a pesquisa qualitativa. É responsabilidade do pesquisador, questionar em sua pesquisa, os graus de importância dos instrumentos e símbolos no momento da construção de dados sobre a direção que motiva pesquisadores e participantes na conversação (Barbato, Mieto e Rosa, prelo; Bentes & Leite, 2010). Na produção de sentidos, a observação do cotidiano gera novas formas de comunicação e interação em conversas entre o participante e o pesquisador através mediação instrumental e simbólica. É importante o pesquisador valorar como os instrumentos e símbolos revelam a realidade para interlocutores, e não como vindos entre os interlocutores e a realidade (Gergen, 2014). Conceitua-se valorar como a capacidade de engendrar *insight* com estudos teóricos mediados por instrumentos no desenvolvimento da pesquisa, de acordo com a necessidade do momento na construção dos dados de pesquisa (Gergen, 2014).

Nos estudos sobre a produção de sentidos como forma de compreensão do si, na condição de feixe de intenções humanas realizáveis e a serem realizadas, as questões metodológicas avançam e se retraem (Barbato, Mieto e Rosa, prelo). Trabalha-se com mediação instrumental e simbólica com o participante direcionado pela pergunta e os objetivos da pesquisa com o enfoque na produção e significado nas histórias de vida dos participantes.

O pesquisador no *corpus* da pesquisa identifica as posições de si, do outro, na tentativa de não focar cada história e explicação, exercendo *epochê*, a suspensão do juízo e expectativas quanto às narrativas. Em pesquisas sobre a compreensão de si, do outro e do mundo autores como Barbato, Mieto & Rosa (prelo) e Gergen (2014) utilizam ferramentas como a análise temática com a pragmática do discurso no estudo do posicionamento e análise semiótica da produção de sentidos e significados.

O pesquisador ao interagir junto aos participantes pode tender a realizar construções pessoais e anafóricas; pode transformar desta forma sua concepção teórica a respeito da construção de informações no campo da pesquisa.

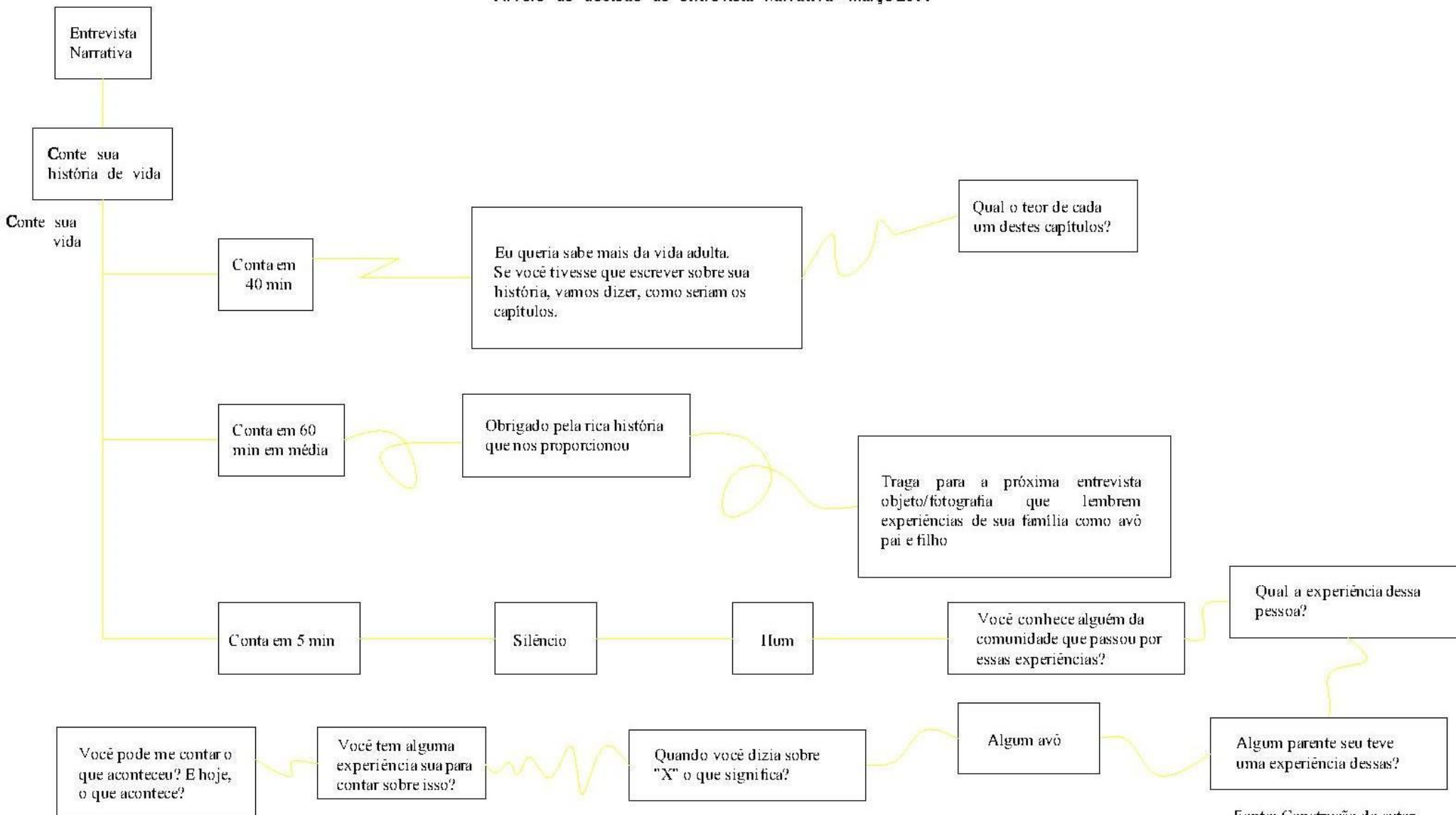
Estudos sobre a produção de sentidos, em eventos de crise e transição são foco de pesquisadores como Rosa, González, & Barbato (2009) os quais versam sobre como as pessoas agem em situação de crise potencial. Quando alguém se vê na situação, trata de entender o que se passa, que tipo de situação enfrenta, e o que fazer. Porém, quando a situação já não é familiar, o processo não pode ser tão automático.

Em busca de um método para a produção de sentidos em comunidades rurais e quilombolas

Na busca por um método qualitativo para a produção de sentidos em comunidades rurais, entende-se que a estrutura narrativa se constitui de reflexão sobre incidentes, e assim se tece episódios, que deixam marcas nas experiências da pessoa (v.g. Landini, et. al., 2015; Barbato, Mieto e Rosa, prelo; Gergen, 2014). A narrativa possibilita as expressões do si mesmo, baseadas em memórias pessoais e imagens presentes e passadas que mobilizam lembranças de experiências pessoais e de outrem produzidas no presente e que tecem futuros possíveis no presente da narrativa. Os processos de negociação surgem na narrativa com resultados em partilhas sociais de conhecimentos no contexto: negociação entre a experiência

e a marca da história no curso de vida, bem como a negociação com interlocutores que se convencem ou não da veracidade da história.

Árvore de decisão de entrevista narrativa - Março 2014



Fonte: Construção do autor

Devido à complexidade do trabalho de campo, nos preparamos de diferentes formas no grupo de pesquisa, destacando a produção de cenários possíveis de interlocução que denominamos árvores de decisão. Para tanto, escrevemos alguns roteiros em que anotamos possíveis trajetórias de resposividade e como poderíamos manter as narrativas fluindo, fazendo perguntas, retomando eventos, se, por exemplo, houvesse enunciação precoce de finalização da narrativa (coda) etc., a fim de manter o foco na produção de significados do narrador. A preparação tem função de gerar possibilidades de um contexto de socialização adequado à troca e à negociação de significados próprios desse tipo de proposta metodológica.

As aplicações mostraram que a entrevista episódica gera diferentes níveis de concretude; episódios repetidos com situações do cotidiano, exemplos abstratos de situações concretas e metafóricas, definições quando perguntadas. Em que os indicadores de qualidade na entrevista são o treinamento, a análise detalhada da primeira entrevista; documentação detalhada e cuidadosa da entrevista e do contexto do dito e narrado; transcrição cuidadosa de toda a entrevista; pode-se devolver ao entrevistado os arquivos com a entrevista episódica e narrativa (Barbato, Mieto e Rosa, prelo).

A entrevista episódica é, em si mesma, uma tentativa de colocar em termos concretos a ideia da triangulação interna do método, através da combinação de diferentes enfoques do tipo narrativo e argumentativo de temas do estudo para aumentar a qualidade dos dados, das interpretações e dos resultados. Os critérios para esta narrativa podem ser definidos como (Barbato, Mieto e Rosa, prelo; Flick, 2010): a) Combine narrativas de acontecimentos concretos com perguntas mais gerais para respostas mais amplas: definições, argumentações de relevância contextual; b) Mencione situações concretas em que se supõe que o participante possui determinadas experiências; c) Permita que o participante selecione episódios que quer contar e a forma de apresentação que quer dar; d) A construção da entrevista guia-se por diferentes fontes: a experiência do pesquisador, dimensões teóricas da área, de resultados de

outros estudos, da análise preparatória com aspectos relevantes com explicações sobre o teor das perguntas ao participante para familiarizá-lo com a prática: “Nesta entrevista eu lhe pedirei várias vezes que conte situações em que você teve experiência como filho, pai e avô”.

Sua mulher sempre quis filhos?	Quem escolheu esse nome? Alguém já contou esse história pra você?	Entrevista Episódica- Adultos e Idosos Maio / 2014	No futuro você vai estar fazendo as mesmas coisas?	Qual a diferença entre filhos e netos?
Como são seus irmãos?	Que atividades você realiza no S. João?	E no S. Cosme?	Conte sua experiência "X"	Quando olha o passado, que experiências vêm à memória sobre a família?
E sua mãe?	Lembra de como a comunidade se envolveu com essa notícia?	Na entrevista anterior, você contou "X", você acha que esta experiência se liga à foto/objeto que você trouxe?	<u>Parâmetros</u> 1- O que aconteceu? 2- Isso é problema para você 3- Conta mais	Como era sua família quando o senhor/você era criança?
O que seu pai fala de você?	Na época da foto acontecia alguma situação política na comunidade, na cidade, no país, que você lembra?	Na entrevista, pedirei a você várias vezes que conte de situações que teve experiência, como filho, pai e avô.	Você conhece alguém que tenha?	De onde você é?
Quando você começou a trabalhar?	O que ocorria na sua família no dia da foto?	Vamos ver as fotos que você me trouxe.	Qual a experiência dessa pessoa?	Como chegou aqui?
O que você procura passar para seu filho e neto que seu pai e seu avô lhe passaram?	Quem está aí?	Explique por que escolheu essas aqui.	Conte uma experiência que marcou sua vida na aquisição da terra e na aquisição da casa.	
Você sempre quis viver em família?	Alguém vai no médico com você?	Quando você vai ao posto de saúde, como é tratado?	Quando não puder trabalhar na terra, quem vai trabalhar por você?	
Conte como os filhos mudaram seu dia-a-dia	Alguém cuida de você?	Você pode me dizer qual mulher mais marcou sua vida?	Quais atividades marcam a sua vida?	
Você cuida de alguém da sua família?	Você se diverte?			

		Entrevista Episódica - Jovens Maio / 2014			
O que você recebe de seu pai e avô?	Sua namorada quer filhos?			No futuro você vai estar fazendo as mesmas coisas?	Quem escolheu esse nome? Alguém já contou esse história pra você?
Como são seus irmãos?	Que atividades você realiza no S. João?	Quando não puder trabalhar na terra, quem vai trabalhar por você?		Quais atividades você realiza na festa de S.João?	E de S. Cosme e S. Damião?
E sua mãe?	Lembra de como a comunidade se envolveu com essa notícia?	Na entrevista anterior, você contou "X", você acha que esta experiência se liga à foto/objeto que você trouxe?		<u>Parâmetros</u> 1- O que aconteceu? 2- Isso é problema para você 3- Conta mais	Quais atividades marcam a sua vida?
O que seu pai fala de você?	Na época da foto acontecia alguma situação política na comunidade, na cidade, no país, que você lembra?	Na entrevista, pedirei a você várias vezes que conte de situações que teve experiência, como filho, pai e avô.		Você conhece alguém que tenha?	Você pode relatar alguma experiência com essa atividade?
Você faz coisas sozinho?	O que ocorria na sua família no dia da foto?	Vamos ver as fotos que você me trouxe.		Qual a experiência dessa pessoa?	Quando você vai ao posto de saúde, como é tratado?
O que esperam de você na sua família?	Quem está aí?	Explique por que escolheu essas aqui.		Alguém vai no médico com você?	O que você sabe sobre a história de lá?
Quando você começou a trabalhar?	Você quer ter filhos?			Alguém cuida de você?	
E os filhos?	Você sempre quis viver em família?	O que acontece quando alguém começa a namorar aqui na sua comunidade?		Alguém foi sua Babá?	Você se diverte?
Quanto custa sustentar uma família?				Você cuida de alguém na sua família?	
				Você pode contar alguma experiência sobre isso?	

Outros avanços estão na constatação de que não existe uma correspondência direta entre o que se diz nas entrevistas e a realidade (Flick, 2010; M. M. Gergen & Gergen, 2006). Na construção do roteiro de entrevista supomos que o participante construirá com o pesquisador conhecimento a partir da apropriação dos significados um do outro. A estratégia da montagem do roteiro de entrevista leva em conta as considerações apontadas e as bases do materialismo histórico marxista da filosofia soviética (Bakhurst, 1991) em que o desenvolvimento implica o formato em que um momento é negado pelo outro, mas reaparece de modo transformado em etapas à frente. Os significados também fazem o mesmo caminho do desenvolvimento em espiral (v.g. Barbato, Mieto e Rosa, prelo; Bentes & Leite, 2010).

Na construção dos dados, o labirinto é uma perspectiva de conversação na qual o participante tem opções para a construção da sua história de vida; e o pesquisador em *epochê*, na aplicação de teorizações sobre a compreensão, nos movimentos da construção da ideia, os silêncios como parte constitutiva dos episódios, a escolha do local; a preparação do local pelo pesquisador e participante; os gestos, as construções fonêmicas e fonéticas nas construções imperfeitas do texto na formação do contexto fugaz intersubjetivo (Barbato, Mieto e Rosa, prelo; Matusov, 2013). O labirinto pode ser só o espaço de alternativas à produção de sentidos, como envolve todos os falantes que se apresentam em algum movimento polifônico, privilegiando a pessoa enquanto agente social de sua própria interpretação.

A conversação permite ao participante decidir que tipo de situação mencionar para explicar uma experiência específica. Por isso, a entrevista episódica se direciona para a obtenção de narrativas de diferentes tipos de situações do que as que já foram de antemão definidas de acordo com critérios estruturados na preparação da pesquisa. Numa entrevista episódica, dá-se especial atenção ao sentido subjetivo e social do tema em estudo. Neste sentido, as polifonias, vozes de outras gerações e das mesmas gerações reverberam no discurso do participante de modo que o participante, por várias vezes constrói e reconstrói a si

mesmo ao contar a sua história de vida e em cada nova construção se diferencia da anterior, se atualiza em novos significados (Barbato, Mieto & Rosa, prelo; Bakhurst, 2009).

No processo de entrada no campo de pesquisa, procura-se observar os contextos situacionais, socioculturais e linguísticos existentes e os que o participante em interação com o pesquisador permite construir com possibilidades de estruturação de significados que constituem a narrativa no presente. Assim, o pesquisador compara incidente à incidente: identifica esses incidentes enquanto acontecimentos, atividades, objetos e ações; compara entre si em busca de similaridades e diferenças com agrupamentos em temas (Barbato, Mieto & Rosa, prelo; Flick 2010).

O comprimento e a frequência de pausas são correlacionados com os processos lexical e semântica das escolhas dos falantes. Analistas de conversação (Bentes & Leite, 2010, p. 268) concentraram-se em silêncio como pausa. As interpretações sobre as pausas variam de acordo com sua colocação na interação, nas continuidades e descontinuidades da conversa. A pausa na enunciação realiza uma função na direção da conversa em que o participante escolhe a ordem de importância, mudança de sentidos, coda, termo técnico que indica que o narrador encerrou a narrativa e a entrevista. O experimento de aumento do tempo das pausas no turno do pesquisador mostrou alterações importantes nas respostas dos alunos em Maroni, Gnisci & Pontecorvo (2008) com mais respostas especulativas, a variedade de movimentos verbais, não verbais e a frequência nas perguntas.

Por vezes, ocorre a sobreposição das falas do pesquisador e do participante. A sobreposição é considerada como ausência de marcas no episódio entre participante e pesquisador. Constitui, também, uma forma explicativa de como a díade, em momento de monologia, toma a decisão pela fala sobreposta (Barbato, Mieto e Rosa, prelo; Maroni, Gnisci, & Pontecorvo; 2008).

As análises de movimentos não verbais podem ser enfocadas com o método de análise microgenética e contribuem para o desafio de observação (Barrios, Barbato & Branco, 2012; Valladares, 2011). As narrativas de experiências do cotidiano de mudanças podem distinguir um episódio com emoções presentes nos gestos e movimentos entre o participante e pesquisador que são relevantes para o resultado da pesquisa.

MÉTODO

Optamos por uma metodologia qualitativa em contexto de comunidade negra rural, com a participação de três gerações de três famílias.

1- Contexto de construção das informações empíricas

A construção de informações empíricas ocorreu em Santo Antônio de Jesus – BA. De acordo com o censo do IBGE (2012), a região é composta por aproximadamente 28 mil domicílios permanentes, a população total do município é de aproximadamente 91 mil habitantes, sendo a população negra composta de pessoas pardas e pretas é de 69.901 pessoas. A presença da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB – tem um significado para comunidade rural em Santo Antônio de Jesus – BA, local de intensificação das políticas públicas devido ao histórico de suscetibilidades sociais.

Utilizamos a observação na feira livre para indicar quais as famílias passíveis de participação na pesquisa, e obtivemos um resultado do contexto da situação. Para isso realizamos a análise a partir do estudo teórico que construímos. A aproximação do campo e a escolha das famílias realizaram-se no município de Santo Antônio de Jesus, no Estado da Bahia, com a apresentação do projeto aos diversos atores sociais implicados, que são: lideranças rurais, gestores educacionais e de saúde, tanto do município, como da comunidade do Alto do Morro. Também participaram desta pesquisa, integrantes da Associação dos Produtores Rurais da Toca do Índio, Produtores Rurais do Alto do Morro, lideranças escolares do Programa de Educação de Jovens e Adultos e a coordenadora do Programa de Atenção Básica do Município. Observou-se o modo como se processava a interação entre os interlocutores, dentre eles destacam-se: feirantes, moradores da cidade, produtores rurais e também os caminhoneiros. A estratégia de observação teve a intenção de identificar possíveis

participantes da pesquisa como caminhoneiros, feirantes, produtores rurais na constituição dos contextos situacionais, culturais e linguísticos.

Para isso, o pesquisador aplicou metodicamente critérios de escolha à participação na pesquisa de acordo com a metodologia qualitativa de entrevista narrativa e episódica: (a) homens nas posições de avô, filho e neto, este com mais de dezesseis anos de idade; (b) de três famílias rurais da cidade de Santo Antônio de Jesus, Bahia, (c) participantes de programas sociais do governo. Líderes de associações de produtores rurais em encontro em uma fazenda na cidade de pesquisa listaram dez famílias que, possivelmente, atenderiam aos critérios. Das família: em uma, o avô apenas conversava sem gravação, o pai aceitou e o neto não foi encontrado; em outra o pai era adotivo; outra falhava na composição do critério de neto, filho e pai homem na família; três não foram encontradas e duas não estavam dispostas à participação na pesquisa por motivos de saúde de um dos homens. As outras famílias nunca receberam benefícios sociais do governo, tal como o Benefício do Salário-Maternidade. Esse episódio mostrou a ausência de famílias compostas de homens negros, nas quais hajam três gerações vivas nas posições de avô, filho e neto, e estes, quando vivos, dispostos à participação na pesquisa.

O pesquisador mudou a apropriação do contexto sociocultural na feira livre, com exposições as quartas, sextas e sábados entre as 04hs da manhã até às 10hs, para ressignificar conceitos sobre as famílias de afrodescendentes. Possibilitamos a constituição do pensamento do participante através da suspensão do juízo de valor – *epochê* com a intenção de preencher os critérios de inclusão na pesquisa.

Na saturação conceitual da amostragem teórica, as atividades científicas eram a construção de zonas de aproximação à microcultura do produtor rural em momentos de negociação do seu produto com sucessivas fases de busca às 4hs da madrugada. Os justes na

concentração da atenção na observação do aqui-e-agora, são restrições às audiências, para não perder de vista os incidentes de onde e com quem os dados seriam construídos.

Dessa forma, os feirantes direcionaram o pesquisador a um grupo de pessoas negras as quais falavam de forma que poucos entendiam. Eles moravam em uma região com apelido de Iraque, o Alto do Morro. As conclusões foram que somente os homens negros com vivências em locais ou comunidades isoladas rurais, atendiam aos critérios de escolha que são: disponibilização de nove homens em famílias rurais, com três gerações vivas. Encontramos significados desses isolamentos no processo de adoecimento provenientes dos insultos, piadas e brincadeiras (individuais/grupos) com aspecto de brincadeiras dos outros moradores da comunidade pelo modo de sobrevivência das famílias que incluíam: variações linguísticas, capoeiras, participação em religiões e culinárias de matrizes afrodescendentes.

Delineamento metodológico

Participantes

Foram convidadas três famílias moradoras no município de Santo Antônio de Jesus, no Estado da Bahia. Estas famílias foram contatadas no ponto de encontro mais comum do município, a Feira Livre. Os critérios de inclusão dos participantes subdividiram-se em: (1) família com composição intergeracional de avô, pai e filhos com mais de 16 anos; (2) moradores da zona rural com registro em órgãos de classe; (3) participantes de mais de um programa social como o Programa do Planejamento Familiar, Programa da Agricultura familiar e o Programa Bolsa Verde.

O pesquisador observou na pesquisa de campo, que entre as vozes dos homens e as reverberações polifônicas das políticas de Planejamento Familiar, do Plano Nacional de Saúde Integral à saúde do homem, havia outras vozes que constituíam o chão. Entre essas vozes entrevistamos os *policy makers*, a enfermeira chefe e o agente comunitário do Posto de Saúde no quilombo Alto do Morro que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido adaptado ao contexto dos profissionais.

A justificativa para a escolha das famílias:

A inclusão de famílias usuárias do Programa do Planejamento Familiar do Governo Federal justifica-se, pois o programa tem sido referência para as famílias na construção de uma trajetória de desenvolvimento através da medicalização da saúde sexual e reprodutiva feminina. Todas as pessoas, independentemente do nível de renda, têm acesso ao programa do Sistema Único de Saúde (SUS). A escolha do participante de 16 anos deveu-se a média de idade da fecundidade, como também as expectativas da comunidade rural que se espera que

um jovem de 16 anos se sustente, cuide de outras pessoas, e seja legalmente responsável. Tem direito ao sufrágio universal, bem como está apto a tirar carteira de trabalho, sendo provável estudante ou desempregado.

Instrumentos e Materiais

Instrumentos: entrevistas abertas e semiestruturadas.

Foram feitas entrevistas abertas, episódicas e semiestruturadas, mediadas por fotografias e objetos trazidos pelos entrevistados, como também anotação em diário de campo.

Materiais: gravador digital, filmadora HD.

Foram utilizados o gravador do computador, gravador e filmadora digitais.

Procedimentos para construção das informações

Este projeto segue aprovado pelo parecer 31.378/2013, CAAE13431813.1.0000.5540 pelo Conselho de Ética em Ciências Humanas da UnB, o que possibilitou a base ética institucional para a construção das informações com seres humanos. Foram feitas duas sessões de entrevistas individuais, sendo a primeira sessão aberta do tipo história de vida, outra episódica seguida por entrevista semi estruturada mediada por objetos e imagens; construímos perguntas que direcionaram a conversa, com flexibilidade para a observação sobre o contexto situacional e da linguagem em uso.

A entrevista aberta partiu da pergunta geral sobre a história de vida do participante e do contexto. A entrevista episódica propiciou um retorno à primeira entrevista para a construção de conhecimentos, enfocando também a produção dos sentidos do planejamento familiar e intergeracional dos participantes e, em seguida, passou a ser mediada por imagens e

objetos em relação à produção de sentidos sobre si, o outro e o mundo. Utilizamos o diário que favoreceu a sistematização das anotações sobre as observações que foram construídas na interface entre o pesquisador e os participantes da família. As fotografias ou objetos como artefatos culturais que desencadeiam novas possibilidades de narração, bem como de negociação de significados, foram solicitadas como mediadores para a continuação da construção discursiva.

No primeiro encontro foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os que tinham idade acima de 18 anos. Os participantes menores de 18 anos assinaram o segundo tipo de termo de consentimento. Após assinatura desses termos, foi entregue uma cópia do documento a cada participante. Em seguida, foi feita a entrevista aberta com sua história de vida, iniciando com a pergunta: conte-me sua história de vida que teve a duração aproximadamente total de 25hs. Após a primeira sessão, foi solicitado que na sessão seguinte o participante trouxesse um objeto que lembre a família. Em seguida, foi feita uma escuta prévia das entrevistas, para constituir a entrevista episódica,

Na segunda sessão foi feita a entrevista do tipo episódica, semi estruturada em que foram explorados elementos da primeira entrevista a fim de que o participante explicasse, ilustrasse ou complementasse informações relevantes para o tema da pesquisa; foi pedido que relacionasse sua história de vida com o tema do planejamento familiar. Ao final, foi pedido que apresentasse uma fotografia/objeto que mais lembrasse a constituição familiar. Com base nessa fotografia/objeto, foi solicitado que falasse sobre a condição de homem, a estrutura familiar, o nascimento dos filhos, o orçamento doméstico entre as mudanças no curso de vida. Cada sessão de entrevista teve duração de ao menos 40 minutos, totalizando 1h30 horas para cada participante, 25 horas no total, considerando-se três participantes em cada uma das três famílias conforme quadros das principais informações das entrevistas por famílias e das regras de transcrição no item seguinte. No quadro, consideramos importantes as orientações da ética

na pesquisa, portanto, omitimos o nome da pessoa e, ao mesmo tempo, constituímos uma nomenclatura substituinte que possibilite sua identificação no texto da tese de acordo com a sua posição na família 1, 2 e 3. Portanto a posição 1 é a de pai; 2, de filho; e 3, de neto. Assim, o participante na família 1, na posição de pai, tem a formação do seu nome como P11, na posição de filho na mesma família, P12 e na de neto, P13 e assim sucessivamente conforme consta na tabela seguinte, e uso nos resultados, discussões e conclusões finais.

As entrevistas têm os seguintes dados epidemiológicos:

- Quadro 1 - A construção de informações dos membros da família 1 - Maio/2014

Membros Família 1: Processos de curso de vida	Posição na Família/idade 1= pai 2= filho 3= neto	Tipo e tempo da entrevista N = Narrativa E = Episódica	Educação	Processo saúde doença	Constituição Familiar	Kayrós/Kayrós Planejamento Familiar	Mediação artefato/ Simbólica	Trabalho	Renda
Avô: Casou aos 16anos com 6 meses de namoro; Brincava de carregar os irmãos em rede	P11 ~ 66anos	N 1h14min E 53min	EJA**	Perna dormente	6 filhos: 1 morto; mulher; Neto M e os netos. Pai fumava - faleceu; mãe apegada mais P11, faleceu problemas de coração; a roça; a bebida.	Encontro com a cobra pico de jaca/ o pai pediu netos	Fotos; perna direita /bebida	Aposentado/ Agricultor	Comércio produtos agrícolas
Pai: casou-se aos 16anos e foi morar na casa dos pais.	P12 – 40 anos	N 51min E 1h01min	5 ^a série – Topa*	Saúde	5 filhos, 2 netos; irmão preso; assassinado; as drogas.	Colocou fogo na casa/ tomava licor para fazer os filhos	Fotos/ Surra	Agricultor /Pedreiro/ Bomboniere	Comércio produtos agrícolas/ lucro/diária
Filho: Trabalha sem carteira assinada; namorou com 15 ^a - 6 meses.	P13 – 16 anos	N 39min E 1h19min	8 série	Consultas médicas; exames de sangue.	2 filhos (planos); avô materna cuida; criado distante do avô paterno.	O tráfico de drogas/namorou sério na mesma idade do pai/avô	Fotos/ Drogas.	Metalúrgico; Estudante	Salário

Obs.: *TOPA: Programa Todos pela Educação, pela redução do analfabetismo – Secretaria do Estado da Bahia; **EJA – Programa Nacional de Educação de Jovens e Adultos.

Quadro 2 - A construção dos informações dos membros da família 2 – Junho/2014

Membros Família 2: Processo de curso de vida	Posição na Família/idade 1= pai 2= filho 3=neto	Tipo e tempo da entrevista N = Narrativa E = Episódica	Educação	Processo saúde doença	Constituição Familiar	Kayrós/ Kayrós Planejamento Familiar	Mediação artefato/ Simbólica.	Trabalho	Renda
Avô: Casou aos 25a; procurava trabalho livre nos outros quilombos	P21 – 77anos	N 2hs17min	Topa	Câncer próstata/ D.Chagas. (curado).	14 filhos, netos, bisneto; epidemia doença de chagas na família morre pai, irmãos, parentes. Filhos desquitam e divorciam; Jesus..	A morte do pai e irmãos no trimestre/três pico de jaca macho em uma pico de jaca fêmea; como as andanças do Quilombo à Gandu, Itabuna Nazaré.	Fotos/ medo da violência; a cobra pico de jaca.	Aposentado/ Agricultor	Benefício/ Comércio agrícola.
		E 1h44min							
Pai: Casou aos 17a depois das andanças para Gandu	P22 – 49anos	N 1h10min	Topa – escreve o nome	Câncer Próstata.	Cuidei do meus irmãos; mulher separou mais “eu”; 4 filhos ficaram comigo.	A separação conjugal/Acabou como homem depois da cirurgia câncer.	Fotos; Exame de PSA/ esforço do trabalho; Dinheiro.	Caseiro/ Agricultor	Comércio agrícolas; Diária; Salário.
		E 2hs10min							
Filho: trabalha sem carteira assinada.	P23 – 25anos	N 1hs02min	4ª série	Alcoolismo e Acidentes.	Filhos da companheira/ 4 filhos (planos). Separação do pai e mãe	Ônibus prensou a bacia/o momento de morar com Cida.	Fotos; Violão; tatuagem; ficha ambulatorial acidente/ Acidentes.	Carregador caminhão/ Borracheiro	Salário/ Diária/ Frete.
		E 1h15min							

Obs.: *TOPA: Programa Todos pela Educação, pela redução do analfabetismo – Secretaria do Estado da Bahia; **EJA – Programa Nacional de Educação de Jovens e Adultos.

Quadro 3 - A construção de informações dos membros da família 3 - Julho/2014

Membros Família 3: Processo de curso de vida	Posição na Família/idade 1= pai 2= filho 3=neto	Tipo e tempo da entrevista N = Narrativa E = Episódica	Educação	Processo saúde doença	Constituição Familiar	Kayrós/ Kayrós Planejamento Familiar	Mediação artefato/ simbólica	Trabalho	Renda
Avô: Casou aos 18a; antes trabalhava na roça; herança paterna e da esposa.	P31 – 75anos	N57min E2hs	Analfabeto	Problemas de Coluna/ Hipertensão arterial	17 filhos - morreram alguns; netos; bisnetos; Cunhado assassinou alguém; e genro assassinado;	Vontade de aprender/ história filho pródigo em Gandu.	Mesa; café/vida velha cansada	Aposentado / Agricultor	Benefício/ Comércio agrícolas
Pai: Casou aos 22 anos; antes trabalhava para si próprio, construiu a casa.	P32 – 43 anos	N1h31min E2hs10min	5ªSérie	Hipertensão Arterial; Exames de PSA.	3 filhos que vivem cada um com um tio materno; 2 esposas; separou da esposa 1; e em seguida descobriu esposa grávida do filho 3; medo que aconteça separação com filhos.	Prisões / Limitações ao planejamento familiar na zona rural; Ñ queria filhos.	Fotos; casa; camisa/ conversa; dinheiro	Caseiro/ Agricultor	Comércio agrícolas; Pensão da morte da esposa.
Filho: Só estuda; pretende construir uma casa aos 20 anos.	P33 – 16 anos	N51min E51min	6ª Série	Exames de sangue; consultas.	3 filhos (planos); Mora próximo aos irmãos com Tio cuidador;	Assistiu a morte da mãe/ conversas com o pai ao sábado e avô ao domingo sobre qualquer coisa	Fotos; cachorros/ Abandono do pai	Estudante	Pensão da morte da mãe

Quadro 4
A construção de informações dos funcionários da
Secretária Municipal da Saúde no Alto do Morro

Funcionário /Sigla	Idade/ano	Tempo de Serviço /ano	Comunidades de Abrangência	Famílias Atendidas
Agente Comunitário "A"	25	5/a	Alto do Morro São Bartolomeu	296 154
Enfermeira "E"	35	10/a	Alto do Morro Baixa do Morro Cruzeiro do Riachão S. Bartolomeu Camaçari Riacho Dantas	142 125 - 154 108 248

Fonte: Elaboração do autor com base no Programa Saúde da Família.

Análise:

Para as entrevistas transcritas, foram definidas as seguintes regras de transcrição; a partir de tentativas e experiências de degravadores do grupo de pesquisa Saúde, Educação e Desenvolvimento – SAED, da Universidade Federal do Recôncavo Baiano – UFRB.

<i>Sinais...</i>	<i>Ocorrências</i>
()	Colocaremos entre parêntesis vazio, a incompreensão das palavras.
(Hipótese)	Para hipótese do que se ouviu alguma fala.
...	Utilizaremos os pontos de reticências para pausa no discurso.
((comentários))	Comentários descritivos do transcritor estarão entre dois parênteses.
<i>MAÍSCULAS</i>	Colocaremos as entonações enfáticas em maiúscula; Toda oração tem palavras com maior ênfase.
/si/la/ba/cão	Marcaremos a silabação com travessão entre as sílabas.
(...)	Retomada com reticências entre parêntesis.
//	Sinalizaremos com dois travessões os comentários que quebram a sequência temática da exposição, e, portanto, indicam o desvio temático.
(“)	Os silêncios, marcaremos com trema entre parêntesis. Delimita os intervalos de silêncios como: (“ 1:30:23 a 1:30:31).
[...]	Indicaremos a interrupção da fala.
<i>Pesquisador: P</i>	Nome do pesquisador e do entrevistador - usa-se só a letra do alfabeto correspondente ao nome do participante.
<i>Linguagem em uso</i>	Transcreva do jeito que estiver, sem correção do português, pois é uma comunidade quilombola, com variações linguísticas. Adéque o uso do sinal “!” e “?” na voz de comando, no imperativo.

Houve problemas na transcrição, devido à variação linguística dos moradores da região Alto do Morro, afrodescendentes, distantes do meio urbano em torno de 40 km em estrada de vicinal, com histórias de vida marcada em interações comerciais com outros quilombos na região, com diferenças de vocabulário, prosódia e fonêmica. Obtivemos as primeiras gravações através de tentativas avulsas, realizadas por gravadores de Santo Antônio de Jesus/Bahia, alguns membros do grupo de pesquisa Saúde, Educação e Desenvolvimento – SAED da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia com aproximadamente 10 horas gravadas.

Apesar do quilombo Alto do Morro estar na cidade, ainda há pouca interação entre a linguagem dos gravadores e os participantes. Foram feitas tentativas com duas empresas, devido a dificuldades na compreensão da variação linguística. Especificaram que o uso das variações linguísticas no quilombo, por exemplo o *athe(h)* ou o *dizoitho*, ao invés de “até” ou “dezoito” eram inatingíveis, segundo os melhores transcritores da mesma empresa. Os gravadores relataram que não chegariam à linguagem em uso do quilombo, mesmo que revisassem durante semanas.

Para avançar na gravação, distribuímos as entrevistas para alguns componentes do movimento negro, os quais possuem experiências de pesquisa em entrevistas em quilombos, no qual o resultado se constitui em objeto de estudo para a Psicologia. Foram realizadas muitas revisões para a linguagem em uso no quilombo, com ligações intergeracionais da culinária afrodescendente, palavras do cotidiano dos jovens na capoeira, a vida agrícola, a religião do candomblé e da umbanda, das parteiras para o nascimento dos filhos; e o tempo contado a partir das festas de São João, ocasião em que termina o plantio anual, as crianças entram de férias nas escolas e auxiliam os pais nas colheitas; as pessoas trocam presentes; pagam dívidas financeiras anuais agrícolas e dançam ao redor das fogueiras com fogos de

artifício. Este processo de gravação durou seis meses. Teve início em Julho/2014, período no qual o pesquisador estava na pesquisa de campo e foi finalizado em Janeiro de 2015.

As gravações das entrevistas e histórias de vida na íntegra foram transcritas, de acordo com o tempo de ocorrência das narrativas dos participantes em interação com o pesquisador. A unidade de análise foi a enunciação com foco na produção de sentidos individuais e intergeracionais, relacionados ao planejamento familiar. Após a transcrição, foi feita uma sumarização ou descrição de cada sessão de entrevista. Utilizamos o conjunto das entrevistas individuais como texto único e também, os grupamentos de entrevistas por núcleo familiar para análise intergeracional. Os textos foram recortados de acordo com os temas e sentidos: a interpretação do participante sobre o tema; a vivência de si e do outro antes, no momento e após o evento ocorrido; a interpretação de si nos posicionamentos em relação a elementos de constituição familiar e política pública: o namoro em relação ao cuidado de si e do outro; paternidade em relação à estrutura familiar, o orçamento doméstico, esforço de trabalho, herança; experiências provenientes de condições de socialização e permanência da família.

No primeiro nível, o pesquisador percorreu os diversos níveis de aproximação das informações concretizadas nas diferentes sessões. Em seguida, os temas foram obtidos a partir de análise da estrutura temática e da informação; das unidades de estruturação textual rítmicas e em torno de conectores; sequências narrativas, considerando-se o jogo sistêmico entre redundâncias, ênfases das significações, os múltiplos significados. Para a construção de dados de pesquisa a partir do significado pelo uso do participante, utilizamos as fotografias e artefatos, buscando ressaltar a coesão, coerência do texto no intertexto ao contexto dos participantes.

Para avançar na compreensão das dinâmicas de posicionamento em relação ao tema estudado, construímos a análise pragmática do discurso. Marcamos os posicionamentos-eu no discurso como indexicais da responsabilidade narrativa do participante. Outras marcações

foram do ele/ela, como pronome anafórico, sem força indexical e a gente; nós = eu + você/ nós= eu+ ele/ nós = eu + eles com força social e anafórico ao mesmo tempo; e pronomes que indicavam quando o processo recaía sobre o próprio sujeito. Indicamos o “você” como direcionamento do interlocutor para um discurso mais informal. Compreendemos o ato de se posicionar, identificando se era de pessoa a pessoa ou na interação com a constituição narrativa da microcultura; se a pessoa se posicionava reflexivamente ou se cada posição o outro é posicionado pelo mesmo ato.

Na narrativa, enfocamos também a construção de um espaço intersubjetivo do silêncio direcionado à espera da responsividade do outro, como também o jogo polifônico das vozes intergeracionais que constituíam a narrativa. Identificamos se os silêncios compunham confrontos com o pesquisador ou eram colaborativos na construção de significados; se o silêncio na condição de liberdade de falar calava o outro ou se posicionava como limite a outros posicionamentos do pesquisador; se havia condições implícitas de produção de sentidos.

Desencadeamos outro procedimento a partir do contexto da pesquisa de campo, o que tornou necessária a análise de documentos da política de planejamento familiar e do Plano Nacional de Saúde Integral do Homem para a composição do chão da produção de posicionamentos e significados. Demos preferência à análise de conteúdo temática para explorar os temas em interação com as entrevistas.

Na mesma constituição do chão da produção de posicionamentos-eu, ao ouvirmos os participantes falarem das atividades do Agente Comunitário de Saúde – ACS e da enfermeira junto aos moradores do quilombo do morro, constituímos uma entrevista semi estruturada com os temas mais expressivos dos participantes na interpretação dos profissionais de saúde em relação aos serviços disponíveis do programa do planejamento familiar; a participação dos

jovens, adultos e idosos, como também os documentos que asseguram a disponibilidade dos serviços para os participantes.

Foi realizada análise do discurso através da identificação de elementos redundantes. Neste processo houve um constante “ir e vir” nos dados brutos, citações e anotações, com a leitura sequencial de cada entrevista com recortes nas diferentes posições em diferentes interações. A partir dos diferentes níveis de análise, foram elaborados os mapas semânticos dos discursos narrativos para destacar o posicionamento e as relações polifônicas e no tempo em processo de interpretação do Kayrós, Aiôn e Chrónos. A análise microgenética, como estudo das características do funcionamento humano em Kayrós, se constituiu na dinâmica das interações linguísticas, translinguística e observações das negociações de si e do outro no momento da narrativa sobre a crise sinalizada pelo ponto de mudança que regula as narrativas. Enfatizamos a produção de sentidos intergeracional em Kayrós, a partir da análise microgenética na qual nos detivemos aos episódios em que os significados se repetiam em outras gerações. Direcionamos a análise microgenética às polifonias entre gerações através do estudo do movimento das emoções, as quais energizam a ação humana, o entendimento dos processos dinâmicos de mudança e permanências das pessoas nas famílias.

Apresentamos o estudo de caso de cada participante que é composto de análises: dialógica, da estrutura temática, da informação e de posicionamentos. Compusemos os estudos de casos, a partir do caráter enunciativo, fato que implicou a produção de sentido na intersubjetividade. A noção das marcas do sentido fundamentou-se na relação construída a partir da unidade de significação em sequências de enunciados articulados que constituem blocos semânticos. A partir da interpretação das narrativas dos participantes, ressaltamos as marcas das oportunidades substantivas bem como as desigualdades socioeconômicas em experiências pessoais de vivência de Aiôn ao Kayrós, presentes no texto.

A construção da análise se realizou a partir de sequências descritivas com enfoque nas possíveis relações temáticas por contiguidade e sua analogia com outros atores sociais. A preparação dos dados coloca a disposição de temas e subtemas em outros textos; além disso, buscamos a relação temporal que associa o tema a outras histórias individuais e coletivas.

RESULTADOS

Os resultados estão compostos a partir da análise de conteúdo temático da política de planejamento familiar e do Plano Nacional de Assistência Integral a Saúde do Homem, das entrevistas dos atores responsáveis pela oferta de serviços, os estudos de caso da história de cada participante e da história de cada família.

A tematização constituiu a principal operação com a denominação dos temas e os significados que as instituições públicas consideram ser sequência descritiva principal. A subtematização foi considerada no texto como extensão desta sequência principal. A análise da política indicou temas sobre o planejamento familiar e os direitos ao planejamento familiar. A análise do Plano Nacional de Assistência Integral à Saúde do Homem indicou os seguintes temas: a política de saúde; os homens afrodescendentes; saúde, sexual e reprodutiva.

Em seguida, apresentamos o quadro da análise temática do conteúdo das entrevistas com os interlocutores da política pública de planejamento familiar com texto explicativo antes dos quadros e tabelas, formadas a partir de: (a) O agente comunitário: planejamento familiar, o homem; o adolescente; (b) A enfermeira do Posto de Saúde do Alto do Morro: o homem na zona rural; o pai, exames, o reprodutor.

Apresentamos os temas e significados identificados nas narrativas de cada participante e a história da sua família, a partir da análise da produção de sentidos intergeracional do planejamento familiar, tais como: o namoro vinculado ao cuidado, a paternidade vinculada ao esforço do trabalho, o orçamento doméstico, a herança e a estrutura familiar. A partir da produção de sentidos dos temas apresentados realizamos diversas releituras que indicam a intersubjetividade na família indicando pontos de mudança (Bruner, 1991) como possibilidades de Kayrós, a partir das redundâncias das experiências narradas. A partir dos pontos de mudança, compomos a construção de Aiôn a Kayrós através de análises

microgenéticas das narrativas dos participantes após a composição textual da história de vida das famílias pesquisadas.

Política de Planejamento familiar

Os resultados indicaram temas como o planejamento familiar e os direitos ao planejamento familiar de acordo com o apresentado a seguir:

Quadro 5 - Análise de Conteúdo Temático da Lei do Planejamento Familiar - número 9263 – 12/Janeiro/1996

Tema: Planejamento Familiar	Tema: Direitos ao planejamento Familiar
Lei; instâncias gestoras do Sistema Único de Saúde; Assistência à concepção e contracepção; o atendimento pré-natal; a assistência ao parto, ao puerpério e ao neonato; controle das doenças sexualmente transmissíveis. Experiências com seres humanos no campo da regulação da fecundidade.	Homens e mulheres com capacidade civil plena e maiores de vinte e cinco anos de idade ou pelo menos, com dois filhos vivos; risco à vida ou a saúde da mulher ou do futuro concepto; esterilização cirúrgica na vigência da sociedade civil conjugal, como também em pessoas absolutamente incapazes.

O tema do planejamento familiar é composto pelos significados que integram o foco nas instituições, como também nos serviços assistenciais disponíveis. A lei do planejamento familiar regula a assistência à concepção e contracepção no âmbito das instâncias gestoras do Sistema Único de Saúde. As ações se referem ao atendimento pré-natal; ao parto, puerpério e ao neonato, como também o controle das doenças sexualmente transmissíveis. Constitui também tema do planejamento familiar, o controle de pesquisa com seres humanos no campo da regulação da fecundidade.

O tema do direito ao planejamento familiar é composto dos significados com o foco em quem de direito e a que tem direito. A lei constitui o tema do planejamento familiar como direito garantido aos homens e mulheres com capacidade civil plena e maiores de vinte e cinco anos ou pelos menos, com dois filhos vivos. O documento regulamenta os riscos à vida ou a saúde da mulher ou do futuro concepto, com ações como a esterilização cirúrgica que deve ser realizada na vigência da sociedade civil conjugal com o consenso do homem e da mulher, como também em pessoas absolutamente incapazes mediante autorização judicial.

Política nacional de atenção integral à saúde do homem

Os resultados indicaram temas como: política de saúde; saúde sexual e reprodutiva; os homens afro descendentes, de acordo com o apresentado a seguir:

Quadro 6
Análise de conteúdo temática
do Plano Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem /2008

Tema	Definição	Subtema	Detalhamento
Políticas de saúde	Estudos sistematizados, programas, diretrizes, ações e serviços que têm como objetivo promover a saúde da população masculina.	Fundamentação	Observação de incidência de patologias. Poucas séries históricas de informações sobre saúde masculina.
		Implementação	Atenção primária como a porta de entrada prioritária no Sistema de saúde à atenção primária. Promoção da saúde como mudanças comportamentais.
		Atores diretos e indiretos	Poder Público, profissionais de saúde, sociedade civil organizada, pesquisadores, população masculina.
		Diretrizes	Linhas de ações a serem seguidas. Trânsito de usuários nos níveis de atenção, disponibilidade de recursos, coerência e possibilidades de execução.
Saúde sexual e reprodutiva	Equilíbrio funcional do estado físico sexual e reprodutivo da população masculina.	Sexualidade e reprodução	Direito à participação no planejamento reprodutivo. Práticas sexuais e suas características. Paternidade: acompanhamento da gravidez, do parto e do pós-parto e da educação da criança.
		Higiene e cuidados básicos	Promoção da saúde através da utilização sistemática de limpeza corporal.
		Prevenção de doenças recorrentes e processos curativos	Metodologia das ações preventivas e intervenções que diminuem agentes patológicos. Vacinas, cirurgias e processos terapêuticos.
O homem afrodescendente	A população de homens negros. Características de identificação e socialização.	Aspectos institucionais, históricos, sociais e culturais.	Preconceitos sobre a adolescência e juventude. Cultura patriarcal. Resistência masculina a atenção primária. Masculinidade, univocidade, estereótipos de gênero.
		Os afrodescendentes adolescentes	Envolvimento de jovens negros em situações crimes, violência, mortes prematuras, tabagismo e abuso de álcool.

Tema: A política de saúde

O texto está direcionado ao contexto sociocultural e institucional, como possibilidades de promoção da saúde, acessível aos homens, nos serviços de atenção primária. O documento descreve o contexto de atenção aos homens, a partir dos sistemas locais de saúde, que possibilita a constituição de diálogos nos diferentes níveis de desenvolvimento da pessoa, com as instituições de saúde.

Estas instituições desencadeiam diálogos em reuniões individuais e coletivas, nas atividades laborais e recreativas, com risco de acidentes e, até morte. Os diálogos enfatizam as ações de promoção da saúde da criança, jovens e idosos, em interação com estratégias de comunicação de saúde, presentes na política pública.

Tema: Saúde sexual e reprodutiva:

As diversas dimensões da construção da política pública de atenção integral à saúde do homem consideram diferenças por idade, condição socioeconômico, étnico-racial, local de moradia urbano-rural, situação carcerária, para preservar as distintas necessidades de saúde dos homens no país, sem discriminação. Os temas da sexualidade na vida subjetiva são apresentados em segundo plano, no primeiro momento são apresentados os direitos sexuais e reprodutivos no planejamento familiar. O documento assegura aos homens o direito à participação no planejamento reprodutivo na duplicidade de fundo e figura ao apresentar, no primeiro plano, a superação da responsabilidade das práticas contraceptivas às mulheres. O planejamento familiar é fundo dos direitos sexuais e reprodutivos da figura da disponibilização das informações. Apresenta a paternidade como uma obrigação legal, direito do homem de participar de todo o processo, desde a decisão de ter filhos, quando tê-los, acompanhamento da gravidez, do parto, do pós-parto e da educação da criança. O documento

apresenta o “jovem pai”, como uma pessoa de direitos sexuais e reprodutores ainda pouco reconhecidos pela sociedade.

O documento complementa as discussões sobre a paternidade na perspectiva integral à saúde na perspectiva de que os homens aprendam a cuidar da sua saúde. Assim, uma consideração importante é que os serviços públicos de saúde devem ser oferecidos de maneira que o homem sinta-se parte integrante deles. A integralidade por meio da atenção à saúde da população masculina constitui linhas de cuidado na política. Na política pública de saúde integral do homem não há marcas das práticas dos homens sobre o “cuidar-se” como atividade masculina, pois não são educados para desenvolverem esta prática [página 5, 6].

Em relação à velhice, reconhece o exercício da sexualidade, mesmo no avanço da idade ao afirmar: “a sexualidade não se reduz à meta reprodutiva, é possível manter a experiência do prazer sem redução ao campo do coito genital” [página 20]; apresenta a sexualidade como importante dimensão da vida afetiva e relacional das pessoas, o que implica compreensão das possibilidades no curso de vida. No documento o homem doente na velhice é custo para o Estado, por pouco investimento na promoção da saúde no curso de vida, evitando enfermidades precoces [página 20]. Concretiza os direitos sexuais e reprodutivos como direitos humanos. Assim, assegura o reconhecimento da pluralidade dos modos de vivenciar a sexualidade no curso de vida; desconstrói a inferioridade moral das práticas sexuais entre pessoas de mesmo sexo e a compulsoriedade da heterossexualidade.

O documento da política enfoca a fragilidade dos homens, enquanto variável cultural em reconhecer a doença inerente à sua própria condição biológica [página 6 nas 10 primeiras linhas]. O documento assegura que na condição cultural de provedor, os homens são mais vulneráveis às enfermidades graves e crônicas e morrem precocemente, pelo fato de não buscarem os serviços de atenção primária; assim, o homem priva-se da proteção necessária à preservação da sua saúde, uma variável cultural masculina [página 6 e 7]. Registros feitos no

documento mostram a resistência masculina em relação à atenção primária, nível de saúde pública responsável pela promoção da saúde que aumenta a sobrecarga financeira da sociedade, da família, de si mesmo, o sofrimento físico e emocional na luta pela qualidade de vida [página 7].

Desta forma, os homens adentram o sistema de saúde pelo atendimento ambulatorial e hospitalar de média e alta complexidade; o retardamento do atendimento gera maior custo para o sistema de saúde e para o próprio homem, proveniente dos aspectos socioculturais.

Entre as questões socioculturais, discute-se a univocidade da masculinidade, da mudança do homem enquanto aquele que não cuida da saúde, para o homem ativo nas reivindicações do direito à saúde. Entende-se como univocidade, a construção de conceito que permite uma só interpretação, uma visão intuitiva e imediata dos cursos possíveis. O documento da política direciona o homem na contemporaneidade para a porta de entrada ao sistema de saúde, a fim de considerar a prevenção e a promoção como cuidado à saúde, bem como a resgatar os homens como sujeitos do direito à saúde [página 5]. Para esta tese, em vez de resgatar os homens, entendemos o momento de crise no curso de vida como momento de transição na hegemonia prevalente.

O documento identifica as barreiras socioculturais como obstáculos institucionais à baixa adesão para a atenção básica de saúde [página 5; item 5]. Ele observa que a política deve considerar as masculinidades pela construção histórica, pois a significação da masculinidade seria um processo em transformação. A política explicita o reconhecimento de determinantes sociais que resultam na vulnerabilidade da população masculina, problemas na saúde, nas representações sociais sobre a masculinidade, que comprometem o acesso à atenção primária bem como repercutem na intensidade da vulnerabilidade às situações de violência e de riscos à saúde. A política pretende sensibilizar os homens a reconhecer suas

condições sociais e de saúde e consolidar o gozo dos direitos da cidadania [página 39] na discussão do estímulo à informação e as parcerias com os movimentos sociais.

Tema: Os homens afrodescendentes

O texto da política apresenta os adolescentes homens afrodescendentes, como principal grupo de risco para mortalidade por homicídio na população brasileira. Classifica os adolescentes afrodescendentes residentes em bairros pobres nas periferias das metrópoles com baixa escolaridade e pouca qualificação profissional

A socialização é responsável pela tendência a envolvimento em episódios violentos; associa a masculinidade à agressividade; apresenta o homem como invulnerável à causa a exposição a riscos; ao uso abusivo de álcool e drogas como acesso a armas de fogo; a violência como estratégia do empoderamento masculino.

O texto sinaliza a violência como indicador de morbimortalidade por causas externas nas dimensões de acidentes de transporte, agressões, lesões auto provocadas e suicídios. Na configuração sociocultural de causa e efeito, o texto constrói a imagem do homem como o responsável pela violência e conseqüente população carcerária no Brasil [página 7, 13 e 39]; o homem agente da morbimortalidade até mesmo nos ambientes prisionais – se vulnerabilizam na adoção de práticas que produzem graves danos à saúde física, psíquica e social para si e para outros homens [página 12].

Na discussão sobre alcoolismo e tabagismo, o documento da política apresenta dados de dependência ou de uso dos mesmos durante a vida. Aponta a pressão das interações sociais e culturais como fatores que influenciam o uso de bebidas alcoólicas e drogas que, em muitos casos, estigmatizam e promovem exclusão social no Brasil.

Entrevistas com profissionais de saúde Alto do Morro/2014

Os resultados das entrevistas com a enfermeira e o agente comunitário de saúde do Alto do Morro e regiões vizinhas, tendo como chão, as informações da lei do planejamento familiar/1996 e do Plano Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem, indicam os seguintes temas:

Quadro 7
Análise de conteúdo temático da entrevista
com a enfermeira Posto de Saúde do Alto do Morro – Julho/2014

<i>Temas</i>	<i>Detalhamento</i>
Homem na zona rural	Pouca procura pela enfermagem em assuntos sobre o planejamento familiar; foco nos serviços médicos; serviço de informação dos Agentes Comunitários de Saúde; atendimento em casa ou onde ele esteja; Ausência de homossexuais na zona rural.
Pai	Pai com a esposa na consulta pré-natal; vergonha de ser examinado; homens parceiros da mulher; companheiro responsável pelo controle do planejamento familiar; participantes das palestras.
Exames periódicos	Exames de próstata; Exame de Hiperdia: hipertensão arterial; diabetes; DST, soro positividade; AIDS; testes espontâneos.

“E” atende em cada dia da semana uma unidade das quatro que compõe as ofertas de saúde do Quilombo Alto do Morro com os serviços de puericultura, pré-natal, preventivo e Programa de Controle da Pressão Arterial - Hiperdia, além dos disponíveis pelo Posto de Saúde como exame de próstata e o controle de diabetes. Apenas o Hiperdia atende as necessidades dos homens no Alto do Morro; além dos da Unidade de Saúde. “E” segue sua posição atual de que o homem é difícil ir até as enfermeiras [enunciado 12 E], ao contar sobre as experiências com os homens no Posto de Saúde.

A orientação de “E” para as esposas participantes no Programa de Planejamento Familiar é que a segunda consulta deverá ser com a presença do parceiro. “E” descreve o marido/companheiro como responsável pelo planejamento familiar e participante nas reuniões de pais no Colégio do Quilombo em que “E” representa o Posto de Saúde. Os homens são responsáveis pela gestação de seus filhos no controle dos horários do medicamento da parceira; do controle da presença no pré-natal e do acompanhamento da gestante.

Em outra descrição, os homens são parceiros de suas esposas e, portanto, responsáveis pela saúde sexual do casal. “E” descreve as inflamações sexuais como possibilidades do exercício do cuidado que o parceiro tem com sua parceira, em especial, nas narrativas de incômodo sexual e dores nas genitálias [enunciado 7 PS]. Conjugado ao atendimento dos homens, “E” narra as conversas com as pacientes, mais frequentes ao atendimento com orientações sobre as interações dos parceiros, obrigatoriedade do uso da medicação pelo casal, exercícios de cuidado sobre as Doenças Sexualmente Transmissíveis - DST.

Na interpretação da enfermeira-chefe “o homem é difícil ir à unidade de saúde” [enunciado 12 E], pois “eles preferem pagar uma consulta na cidade e ter a receita” [enunciado 22 E]. Quase nenhum dos homens se dirige à enfermeira para as conversas sobre a saúde sexual e reprodutiva, assuntos mais presentes nas consultas com os médicos, com menor frequência nas consultas em relação à enfermagem. Alguns procuram as enfermeiras para o controle da pressão arterial no Hiperdia – Programa de Controle da Pressão Arterial.

Entrevista com o Agente Comunitário do Alto do Morro

Segue a entrevista com o agente comunitário da comunidade do Alto do Morro:

Quadro 8 - Análise de conteúdo temático da entrevista com o agente comunitário do Alto do Morro – Julho/2014

<i>Temas</i>	<i>Detalhamento</i>
Planejamento familiar	Consulta pré-natal, mais com a enfermeira; só específico pra mulher; informações da especificidade por médico por todo o mundo.
Homem	Maior frequência do homem ao posto a partir dos quarenta; até por que interior; exame; Triagem de informações sobre violência doméstica. Inexistência de sistema de informações sobre a saúde do homem.
Adolescente	Solicitação por preservativo. A recepção na casa pelos adolescentes; Vacina de campanha específica para aquela pessoa; privacidade para conversas íntimas; brincadeira na distribuição de preservativos aos adolescentes.

“A”, descreve o exame de próstata e relata que os jovens e homens vão poucas vezes ao Posto de Saúde para fazer o exame, o qual, muitas vezes, é realizado às escondidas de outros homens, por temerem as piadas a respeito do toque retal, para que se observem os níveis do Antígeno Prostático Específico - PSA. Muitos homens no horário de atendimento “tão na roça trabalhando, na casa de farinha ou em outro local [enunciado 4]”. “A” afirma haver pouco ou nenhum serviço específico à saúde do homem disponível entre tantos que são oferecidos à população adstrita. O serviço de saúde trata dos casos de hipertensão, diabetes, câncer de próstata, tuberculose e também, dá orientações de como “olhar o açúcar”, ter hábitos saudáveis na alimentação e fazer exercício físico [enunciado 19 e 79]. Quanto ao câncer, “A” diz ser favorável à notificação dos casos de câncer de próstata, prevalente na população masculina com mais de 40 anos. “A” descreve o que observa em sua prática sobre os homens na situação como o “homem raramente vai ao posto” [enunciado 9]; são sempre

mais resistentes [enunciado 43]; “tem preconceito pelo dedo”, o exame de toque retal ((sorrisos de A)) [enunciado 43]; “só faz mesmo o exame no último caso; mesmo assim, escondido” [enunciado 53]. A descrição do cotidiano dos serviços disponíveis ao homem e das resistências dos homens em relação ao serviço de saúde são intervaladas com pausas na fala do participante; se encontram, sobretudo, na restrição aos serviços à saúde masculina, assim como em “não tem muita coisa específica para o homens” [enunciado 35].

Sobre as restrições, “A” relata a dificuldade de encontrar o pessoal em casa [enunciado 29/95, especificamente a mulher pois, os serviços disponíveis mais importantes para o Posto de Saúde estão no programa de planejamento familiar e no subprograma de Atenção à Saúde da Mulher, no município. “A” encontra dificuldades em encontrar todos os moradores em casa. Nas ocasiões que os adolescentes estão em casa eles encaminham o agente para as mulheres. E quando os adolescentes atendem ao agente comunitário geralmente chamam: “Mãe, o “A” tá aqui!” [Enunciado 97]. E o “homem volta para casa, sai, ou está trabalhando” [enunciado 107].

“A” tece enunciados sobre a presença de adolescentes no Posto de Saúde entre silêncios e brincadeiras na conversa de A com o pesquisador: “adolescente, hum!? Vai não, é difícil” [enunciado 69]. Interpreta que os adolescentes se acham muito saudáveis; mesmo assim, realiza orientações de saúde e distribuição de preservativos para o público masculino. “A” conta que a distribuição de camisinhas é realizada com descontração entre os adolescentes de sua área adstrita na conversa com os moradores: “brincano, dizem” [enunciado 145]; “É porque eles têm receio de vim pegar aqui”, conta “A” sobre a situação dos adolescentes na visita ao Posto de Saúde para pegarem camisinha, o que interpreta como eles tendo “uma imensa vergonha” [enunciado 125]. “A”, cadê o preservativo? Traz lá para gente” [enunciado 133]. Na produção de sentidos as brincadeiras constroem jogos e piadas em conversas sobre a reprodução sexual da comunidade do Alto do Morro.

A formação das famílias no quilombo

Nas entrevistas, buscamos identificar as situações preferenciais do participante, ao enfatizar, em cada geração, polifonias na família e monofonias nas narrações; à ordem que o participante quer dar aos episódios nas narrativas, e sua produção de sentidos de: (a) a importância dos filhos na história do pai. b) o namoro como cuidado de si e do outro, na mediação do planejamento familiar e a constituição da família. Realizamos uma sumarização das situações preferenciais da família nas quais as narrativas dos participantes e, em seguida da família, foram analisadas como texto único. Nos quadros demonstrativos, os significados similares são colocados na horizontalidade e os diferentes, na verticalidade.

Família 1 – Quilombo do Alto do Morro

Caso P11

Sumário das entrevistas

O participante P11, pai de P12 e avô de P13, narra que foi criado na roça [enunciado 8 P11 N]. Ele declara que *venceu a batalha do dia a dia entre o bom e o ruim: o bom é que a roça distrai* [enunciado 28 P11 N], *se cria uma galinha, um porquinho e faz uma rocinha;* [enunciado 36 P11 N], *o ruim é a queda do preço da farinha; aí a batalha aumenta e a roça piora um pouco* [enunciado 38 P11 N]. O dia a dia na roça está *em esperar a vontade de Deus para amadurecer, para poder comer e matar a fome* [enunciado 52 P11 N]. Amadurecer significa: o tempo para o namoro, o casamento e a velhice. P11 diferencia o namoro de sua

juventude – arrumar a vida – com o namoro da juventude de hoje, que é sinônimo de pegar e colocar em sua casa [enunciado 176 P11 N]. Dessa forma, P11 tece o jogo entre passado e presente.

O significado de amadurecer também aparece quando P11 compara o curso de vida da sua infância até a velhice a vida de seus cinco filhos homens e uma filha mulher. Um desses filhos faleceu - “chegou o dia, faleceu” [enunciado 66 P11 N]. Este enunciado traz “silêncios” e a voz em tom baixo. Ao falar sobre o filho que faleceu, P11 constrói enunciados a respeito do perigo da vida na roça, com gente que “padecem das coisas” [enunciado 100 P11 N], desocupado [enunciado 86 P11 N], malandro e atrapalhado [enunciado 90 P11 N]. Para o participante, pessoa atrapalhada significa pessoa que quer mexer com outras pessoas [enunciado 90 P11 N] e que geralmente vive na cidade como seus filhos.

Uma das experiências significativas de P11 está no encontro com a *cobra pico de jaca* no almoço na colheita de cacau. “O coração chega a batê” [enunciado 223 P11 E], na condição de observador sobre si na situação, ao pisar numa arrudia de pico de jaca e direcionar o episódio passado para o presente. O participante constrói um enunciado sobre a observação de si na situação “eu tomei um choque” [enunciado 128 P11 N], pois “quando vi, saiu uma arrudia de pico de jaca” [enunciado 128 P11 N].

A renúncia do participante à caça com o pai se encontrava em sair *de madrugada para caçar e pisar em uma rudia de pico de jaca* [enunciado 229 P11 E], cobra venenosa [enunciado 122 P11 N], bote certo [enunciado 122 P11 N], valente [enunciado 126 P11 N]; o monstro [enunciado 128 P11 N]; ronca igual uma pessoa dormindo [enunciado 128 P11 N]; uma coisa séria [enunciado 128 P11 N]; No episódio, P11 conta que: “Eu pisei ele durmindo” [enunciado 223 P11 E]; “quando eu óio pu chão” [enunciado 223 P11 E]; caí [enunciado 223 P11 E]; tinha//tem um rapaz mais eu [enunciado 223 P11 E]; “a gente tava colheno cacau” [enunciado 223 P11 E]. Encontra-se em intervalos, o jogo entre presente, passado e futuro “to

vendo aquilo suspender [enunciado 128 P11 N]; “eu já pisei por riba de um pico de jaca” [enunciado 128 P11 N]; o caso de pisar numa arrudia de pico de jaca [enunciado 229 P11 E]; “Ai pisei na moita do capim gordura”; “quando pisei, to vendo, aí vi aquilo suspender assim”, a cobra como reflexo do espaço do pisar, o espaço do mato, no movimento do seu discurso sobre si.

Ao contar com o colega Martins, ativo em matar a cobra, P11 diz que “aí fui na frente, ele de junto de mim” [enunciado 128 P11 N], apresentado “junto” como estar no mesmo espaço geográfico: como no acompanhamento do cachorro para a roça [enunciado 304 P11 N]; a casinha de P11, construída de junto do pai [enunciado 249 P11 E]; “pur pai fica de junto do neto e do fio cuidá do pai” [enunciado 215 P11 E]; P11 é porteiro “da igreja de junto da casa” [enunciado 366 P11 N]; os filhos de P11 distantes porque, na família, onde tá a galinha tá os pinto [enunciado 97 P11 N]. P11 descreve também um movimento no discurso de polifonia com o episódio do cuidado do pai.

A cobra é encontrada em polifonias no texto: a cobrinha atingiu o peito na festa de São João, na rajada de fogo de artifício [enunciado 133 P11 E]; o patrão e P11 encontraram a pico de jaca em uma cidade próxima à Laje [enunciado 235 P11 N]; embaixo do pé de jaca, o neto M aprendeu a dirigir trator ao construir uma réplica com ferros velhos [enunciado 273 P11 N]; a jaca “futucada” caiu fulminante na cabeça do irmão [enunciado 141 P11 N]; as cobras caem fora com os “remédios que barrufa” e seca o mato [enunciado 136 P11 N].

Nesse momento da narrativa, o pesquisador mudou de cadeira com o participante por dois motivos: (a) através da parede que separava o local da entrevista da casa do participante, ouviu uma pessoa a cantarolar, fato que possibilitava que outras pessoas escutassem a conversa e quebrasse o compromisso de privacidade da pesquisa; (b) a claridade incidente desviava a atenção do participante ao conteúdo da conversa. Por isso, o pesquisador argumentou que a troca de posições de cadeira era a mesma coisa que trocar de time de

futebol: “Eu sento aqui e o senhor aí. Agora, eu sou Bahia e você, Vitória [enunciado 188 P11 N]. O participante declarou que também era torcedor do Bahia, porque o Vitória “não dá!” pois, o jogo da semana ficou 4 x 0, a favor do Bahia [enunciado 191 P11 N]. O participante lembrou do jogador do Bahia que foi escalado para os jogos da seleção brasileira, uma vez que, no mês da entrevista, ocorria a Copa do Mundo no Brasil. Essa mudança gerou novas informações, pois P11 comparou o trabalho do jogador do futebol ao da roça: as pessoas nos estádios, os torcedores querem logo o gol, como um resultado futebolístico [enunciado 207 P11 N]; na roça tem que ter paciência, paz e tranquilidade no plantio da mandioca: roçar um pezinho de mato e, quando o sol esquenta, descansar um pouco [enunciado 213 P11 N] e com a aposentadoria só se faz rebuliço no corpo para a saúde [enunciado 213 P11 N].

Dezoito fileiras de pilhas de açúcar com a queda batem em P11 na perna direita, quando este trabalhava de carregador, na fazenda. P11 inicia o episódio, com descrições de si na situação de saúde: “Eu tenho saúde!” [enunciado 205 P11 N]; “meu problema” [enunciado 205 P11 N]; “eu tive um acidente” [enunciado 205 P11 N]; “mas o que eu sinto” [enunciado 207 P11 N]; “aí eu compro tudo e toma” [enunciado 207 P11 N]; “eu num sinto outras coisas” [enunciado 207 P11 N]; “aí depois fiquei lá esperando” [enunciado 207 P11 N]; “quando eu acordei” [enunciado 207 P11 N]; “aí não careceu eu ir prá Salvador” [enunciado 207 P11 N]; “aí eu compro um remédio” [enunciado 209 P11 N]; “sempre eu tomo” [enunciado 209 P11 N]; “vou até que ir no médico” [enunciado 207 P11 N]; “porque eu toma um comprimido” [enunciado 207 P11 N]; “quando terminasse eu ia lá travéis” [enunciado 207 P11 N]; “eu vou lá de novo” [enunciado 207 P11 N]. Estes são apenas alguns exemplos, sem acrescentar as posições de N na entrevista, e também as reverberações que aparecem em toda entrevista. E na riqueza de detalhes, o narrador tece micro episódios. Entre eles:

Fui cavando, cavando, a pia de açúcar, invés de tirar e ir descendo certo a carreira de açúcar. Não, fui cavando, cavando, fazendo aquela escada, escada; quando tava

com dezoito fiada eu aí desci; fui cavando, pulando a pia de açúcar, aquela sacaria ali, aí eles abriu, quando eles abriu, despencou todo na minha perna. [Enunciado 227 P 11 N] [Ênfase adicionada]

A saúde como descanso da aposentadoria inicia o episódio de crise e transição na vida de P11; mostra a saúde como antônimo do problema na perna, a partir da crise como mudança no seu funcionamento como humano. As reverberações da crise em relação ao passado encontram-se na saúde como um dos primeiros agradecimentos à Deus. “Tarvéis da saúde a pessoa adquire tudo” [enunciado 28 P11 N]; “botá roça trabaiando” [enunciado 8 P11 N]. Não pode adquirir *mais tudo*, sem que a perna fique dormente com trabalho na roça por menos de duas horas [enunciado 237 P11 N].

O neto “P11n” e seu pai são pessoas identificadas por seus nomes, sem auxílio de recurso fotográfico, assim como R, a filha caçula. Enquanto os irmãos do participante são identificados com poucas enunciações, os outros familiares são identificados pela posição social: o cara que bebe é o irmão da mulher; o filho que mora em Laje é o que vem toda semana, e o neto P11n. Conta que o neto fora deixado pela nora, que “num queria criar menino macho” [enunciado 281 P11 N], “fio homem” [enunciado 281 P11 N], “o menino” [enunciado 281 P11 N]. Chegou doentinho, cheio de caroço [enunciado 281 P11 N] para o participante e a mulher tomar conta.

São vários os episódios relatados sobre o neto que são distribuídos nos subtemas de: “o neto” que conta o episódio da obediência dos netos, entre os quais o P11n; “o trator” que conta o episódio sobre o trabalho que conseguiu como tratorista; “menino macho” que conta sobre como a nora explicou porque largou P11n com o avô; “filho homem” que conta sobre o cuidado do avô com o tratamento das feridas a partir do descaso da nora pela masculinidade de P11n; lá no pé de jaca, conta o episódio do aprendizado de P11n com as brincadeiras de trator construído a partir de uma bicicleta, vassoura e o volante no pé de jaca. O pesquisador

observou, nas releituras dos episódios das narrativas de P11, que alguns significados apontavam para o neto no início da narrativa. Ao falar sobre os filhos, P11 não nomeia, não abre as histórias, como faz com os episódios que enfocam P11n.

Mapa Temático de P11

Em seguida aos quadros construímos o mapa temático correspondente as principais linhas narrativas do participante na posição eu e ao posicionar o outro na narrativa. No posicionamento eu direcionamos os temas do cuidado de si, namoro e estrutura familiar na perspectiva do materialismo histórico. No posicionamento outro direcionamos os temas de paternidade do pai de P11; a herança familiar com os conteúdos emocionais dos episódios.

Namoro

Na posição eu, P11 construiu os significados do passado ao presente sob o tema namoro com namoradinhas, pedidos de namoros, casamentos, vida estruturada; o esforço do homem com o pedido de namoro. Em Kayrós, constitui o tratar os outros bem, como diferenças dos tratar bem aos outros, que se liga ao momento tenso de assassinato do seu filho na roça. No tema cuidado de si e do outro, P11 construiu as funções do homem na família como o cuidado pela casa, alimento e manutenção da união familiar. No mesmo tema constituiu o neto sob sua responsabilidade que chegou doentinho, cheio de caroços, mas no presente passa bem, está obediente, e segue as tradições da benção para o cumprimento aos avós.

Quadro 9 - Posicionamento P11 - Namoro Junho 2014

P11		Posicionamento	Significados	
Passado - Presente - Futuro	C H R Ó N O S	Eu - Namorado	Namoro, casamentos, vida estruturada; companheiro; a calma da vida no casamento; o intenção do homem com o pedido de namoro; mudanças no namoro; o juntar; o morar nos pais; impaciência para a atividade sexual.	Cuidado de si e do outro
		Outro-neto	Doentinho; cheio de caroços, obediente; simpático; cumprimento com a benção; meninos; aprendiz ligeiro.	
		Outro-cachorro	Cachorro obediente; companheiro atencioso.	
~ Aiôn- ~Kayrós ~ Aiôn- ~Kayrós				

Paternidade (1):

Na posição eu, P11 construiu os significados do tema paternidade como conselheiro; levar os filhos na calma, sem estupidez; segurança com pais mais para o lado dos filhos, netos; de junto; bom filho, bom neto, bom marido. Na posição outro-filho P11 construiu os significados de delegacia; prisão; impossibilidade de criação do neto pelo filho, neto P22; vivência neto-avô; conjugados aos significados do tema de estrutura familiar como carregador; entregador; aposentado; rebuliço no corpo para a saúde; fim do trabalho duro; chegada da idade; o dia da feira.

Quadro 10 - Posicionamento P11 – Paternidade Junho 2014

P11		Posicionamento	Significados	
Passado - Presente - Futuro	C H R Ô N O S	Eu - Pai	Conselheiro; levar os filhos na calma; sem estupidez; segurança com pais mais para o lado dos filhos, netos; de junto: bom filho, bom neto, bom marido.	Carregador; entregador; primogênito; Aposentado; rebuliço no corpo para a saúde; chegada da idade; trabalho pouco; produtor rural; comerciante na feira livre; aquisição do pão de cada dia; disponibilidade sazonal de recursos com o comércio agrícola; trabalho duro/disfardado, Uso do Bolsa Família pelos netos.
		Outro-filho	Impossibilidades de criação do filho pelo filho, neto de P22.	
		Outro-neto	Rejeição da mãe, menino macho; Vivencia neto-avô.	Montador; tratadorista; trabalhador- zinho.
~ Aiôn – ~Kayrós ~ Aiôn – ~Kayrós				

Estrutura familiar

Paternidade (2):

Neste quadro, cruzamos os significados da paternidade em relação a herança familiar que se constitui de doação da terra em vida; roça de amendoim; aprendizado entre geração do trabalho na roça; mudança na direção do trabalho familiar com o filho pedreiro. Uma inversão da herança a procriação de “um neto ao avô”.

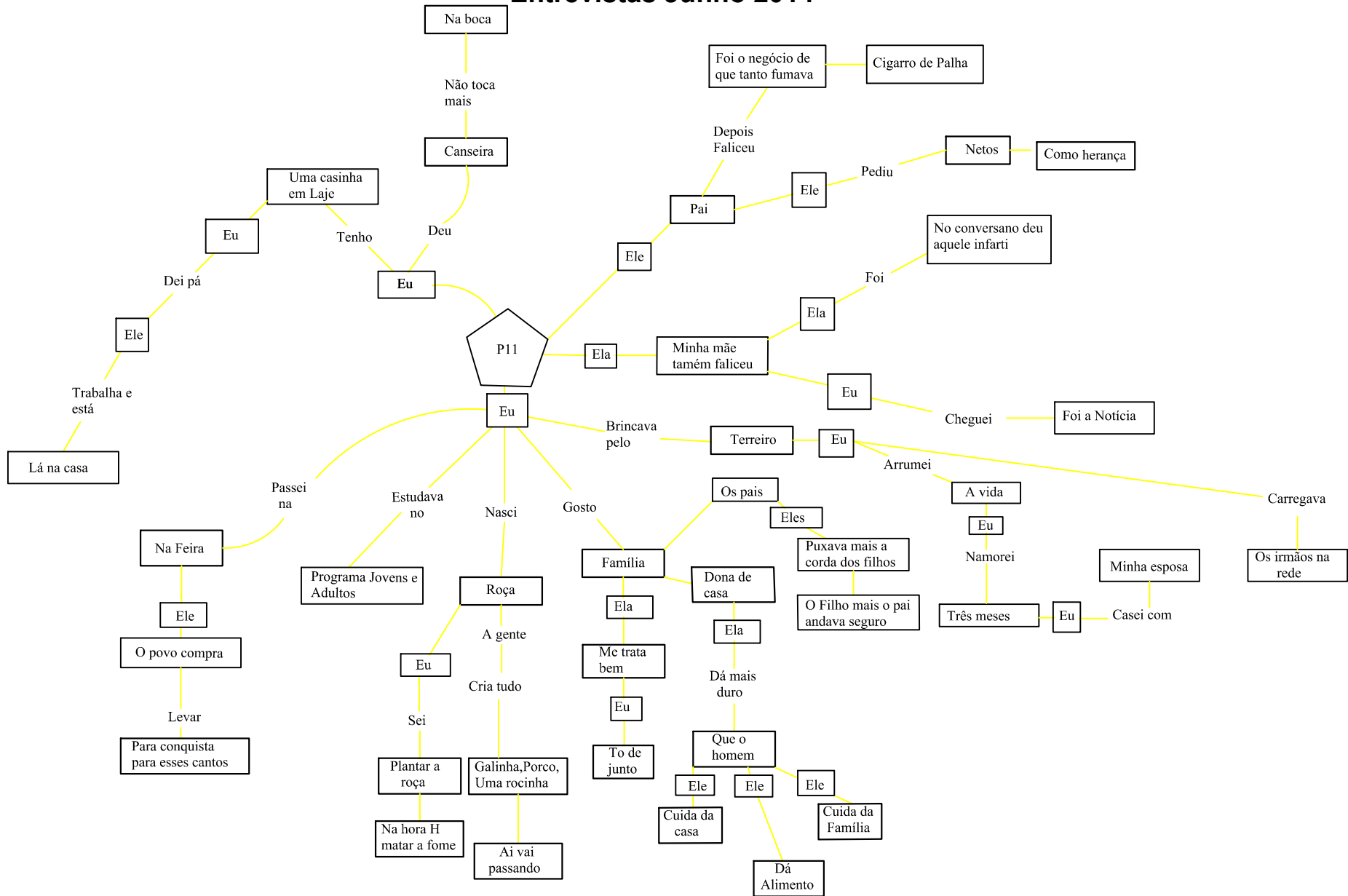
Quadro 11 - Posicionamento P11 – Paternidade Junho 2014

P11		Posicionamento	Significados		Herança
Passado - Presente - Futuro	C H R Ó N O S	Eu - Pai	Conselheiro; levar os filhos na calma; sem estupidez; segurança com pais mais para o lado dos filhos, netos; de junto: bom filho, bom neto, bom marido. Intenção dos filhos de junto, como P22-pai.	Doação em vida; roça de amendoim; aprendizado entre gerações de botar roça e gerência de trabalhadores no campo; mudança de direção do trabalho familiar: filho pedreiro, netos estudantes; pedido de herança do avô: “um neto ao seu pai”.	
		Outro -filho	Delegacia; prisão; Impossibilidades de criação do filho pelo filho, neto de P22; Vivência neto-avô.		

~ Aiôn– ~Kayrós ~ Aiôn– ~Kayrós

Mapa temático P11 - Quilombo Alto do Morro

Entrevistas Junho 2014



Caso P12

Sumário das entrevistas

O participante P12 conta que ele e a esposa sempre quiseram ter os filhos e, até hoje, eles vivem juntos, felizes, o que significou como sem brigas [enunciado 291 P12 E]. Na época, conheceu a esposa ainda menina, agora é avô de duas netas e, assim, a vida vai continuando [enunciado 59 P12 E]. Começou o namoro com sua atual esposa, do qual se referiu como “a figura” [enunciado 92 P12 N], na cidade de Laje, utilizando a estratégia de bebida de licor no São João para vencer sua dificuldade no início do relacionamento.

Namoraram três meses, “a figura” engravidou e, assim, foram morar na casa dos pais de P12, mudando-se, em seguida, para a casa cedida pela sogra na cidade de Laje. Antes, conheceu outra menina e apaixonou-se por ela na juventude, mas ela não o queria [enunciado 127 P12 E]. Namorava na casa de farinha, onde os jovens interagem enquanto raspam a mandioca. As interações não constituíram condições para o casamento, e o participante deixou o namoro na casa de farinha. Aí ele ficou interessado por outra, a sua esposa, e foi aí que aconteceu o que ele sinalizou como a vinda dos primeiros filhos. Da casa de farinha na comunidade para as festas de São João em família, uma mudança na diversão com o dominó, futebol, bar com entrada para a igreja dos evangélicos.

Há 24 anos, com a estratégia de tomar licor, nasceram três filhos. E sem licor, nasceram outros dois filhos, os quais P12 sustentou com o seu trabalho na roça como carregador de produtos agrícolas em viagens ao sertão baiano. Para os filhos, ele quer uma herança diferente. Dessa forma, durante a semana, só estudam [enunciado 69 P12 E]. Para ensinar coisas certas, ele educa tanto os filhos como os netos. Hoje, ele não estuda, mas os

filhos sim. E enquanto isso, sua mãe lhe dá conselhos para que P12 não despreze os terrenos [enunciado 207 P12 E].

Para o sustento dos filhos, P12 contou com a ajuda de seus pais, as próprias economias e os benefícios do Programa Bolsa-Escola [enunciado 141 P12 E] que a mulher recebia, pois no começo do casamento, significado de morar na casa dos pais, não tinha trabalho fixo [enunciado 39 P12 E]. Para manter a família, ele seguiu o caminho do seu pai com atividades da roça e viagens de carga de produtos agrícolas pelos sertões. Dentre esses trabalhos, havia o de servente de pedreiro, no qual ele passou a observar a atividade de construção. Suas observações lhe renderam o aprendizado sobre a construção civil e economias. Com a experiência adquirida na construção, P12 fez reformas na casa dos seus pais e da sua sogra. A “arte de pedreiro” [enunciado 138 P12 E] foi uma experiência significativa na execução na zona rural do Programa Minha Casa, Minha Vida [enunciado 142 P12 N]. Com o trabalho “*de enxada na roça para manter a família* [ênfase adicionada]”, P12 aprendeu a fazer economias: na hora que estava na roça, o pessoal chamava “pra dar um dia de culhê” [enunciado 390 P12 N] e, assim, 50% ele não gastava. Com uma parte do dinheiro, ele comprava balas na *bomboniere* [enunciado 213 P12 E] da cidade e vendia no bar, em sua casa em Laje, fato que o auxiliava na compra do pão de cada dia. Nas palavras de P12: “Economizava, não era muito, mas serviu” [enunciado 217 P12 E] para deixar para os filhos.

“Aí, eu apanhei” [enunciado 216 P12 N], constitui o episódio que o autor da narrativa está em várias posições sociais no presente e passado – na constituição de si “eu apanhei”; “Aí, no outro dia eu saí” [enunciado 206 P12 N]; na passividade do passado “aí me dero uma surra” [enunciado 22 P12 E]; na ação ativa no passado com reflexividade sobre o futuro “eu atrás da bananeira, escondido com medo de apanhar” [enunciado 206 P12 N]; na ação do fogo, enquanto objeto impresso de significados, o autor estava ativo: “Agora nesse dia eu escondi!” [Enunciado 214 P12 N]. Quando narra o dia em que se escondeu, aponta

episódios de outras surras, em que foi passivo na ação de apanhar, permitindo-se ser pego. Demonstra uma diferença entre esta situação e as outras; direciona a ênfase oral ao descrever a vida como clandestina, sem ter direitos a nada, dormia debaixo do caminhão, trabalhava de graça para os outros, até mesmo para os pais.

Os episódios de surras e seus sentidos recorrentes foram: a surra pelo fogo na casa [enunciado 22, 205 P12 E], a imposição que ele batesse em outros irmãos [enunciado 220-226 P12 N], as surras de cipó vermelho porque nadava no rio [enunciado 34-40 P12 E]; na consideração de que a surra do fogo foi a única [N 205 P12 E]; “não receber reclamações hoje, sempre tô por perto ajudando eles ...” [enunciado 205 P12 E]; na correção dos filhos [enunciado 274 P12 N]; bateu nas costas da cobra com pau da chácara de lima [enunciado 286 P12 N]; batia chuva em P12 quando dormia debaixo do caminhão [enunciado 18-20 P12 E]; “ao bater chuva no adobre, ele derrete” [enunciado 29-35; P12 E]; bate o milho no liquidificador para fazer canjica [enunciado 157 P12 E].

Mapa Temático de P12

Na sequência da exposição de quadros de P12, construímos o mapa temático correspondente que se constituiu nas discussões realizadas pelo pesquisador com a orientadora, do refinamento contínuo decorrente das etapas analíticas. Decidimos por não representar a posicionamentos outros, pois P12 na nossa compreensão está no presente, como o adulto da família responsável pela estrutura familiar. A responsividade narrativa nas entrevistas foca no trabalho da roça, fonte alternativa de renda sazonal, sem desconsiderar a aposentadoria do pai e o salário semanal do filho no trabalho sem carteira assinada. As seqüências de produção de sentido descrevem as posições das pessoas na família, os artefatos pertinentes, bem como os

processos psicossociais de sustentação. Incluímos no mapa a sequência narrativa da produção de sentido do assassinato do irmão, em Kayrós.

Namoro

P12 construiu no tema namoro os significados do passado, presente e futuro como festeiro, farrista, fora de si na bebida; namoro aos dezesseis, morar com os pais, dia feliz, o casamento. Compõe o tema, o cuidado de si e do outro, com significados sobre o esconderijo, o medo da surra; os significados construídos sobre a que o pai pensa sobre P12, como boa pessoa; sem reclamações, sempre por perto. No posicionamento outro-ela P12 descreve o namoro da filha, sem possibilidade de morar na casa dos pais, a revelação da paternidade oculta do neto P12; pouca solução no fórum. Descreve ainda cenas de Kayrós sobre a raiva pelo assassinato do irmão, devedor, vítima das drogas, preso, e a descrição do irmão desaparecido.

Quadro 12 - Posicionamento P12 – Namoro Junho/2014

P12		Posicionamento	Significados		Cuidado de si e com o outro
Passado	C	Eu - Namorado	Festeiro; farrista, fora de si na bebida. Namoro aos dezesseis; morar com os pais, dia feliz, o dia de casamento; Viver bem: sem discussões e sem brigas.	Eu pequeno, fogo na casa; medo de surra; atrás da bananeira: esconderijo, espião da situação. Boa pessoa, sem reclamações dos pais, sempre perto dos seus pais; Raiva pelo assassinato do irmão: devedor, vítima das drogas, preso. Descrição do irmão desaparecido. Descrições do planejamento familiar pelo Bolsa Escola, com responsabilidade da mulher de participação no pré-natal e nas reuniões do planejamento familiar.	
-					
Presente	H				
-	R				
Futuro	Ó				
	N				
	O				
	S				
~ Aiôn ~ Kayrós ~ Aiôn ~ Kayrós					

Paternidade (1)

P12, no tema paternidade, construiu os seguintes significados interesses por filhos; insucessos no namoro; com licor “aconteceu”; pai aos fins de semana; atenção semanal à roça; orientações aos filhos quanto ao patrimônio da família. Conjugamos na paternidade o tema da estrutura familiar que se compõe em P12 de sustento por plantações na roça, vida clandestina, sem direitos, sem carteira assinada, sem futuro, arte de pedreiro, trabalhador para si mesmo, para o pai e para a família.

Quadro 13 - Posicionamento P12 – Paternidade Junho/2014

P12		Posicionamento	Significados		Estrutura Familiar
Passado - Presente - Futuro	C H R Ó N O S	Eu – Pai	Interesses em filhos. Insucessos no namoro; “aconteceu” – vieram os filhos; “encerrou”. Pai presente nos fins de semana; educação de coisas certas aos filhos e netos: sem palavrões e uso da televisão; simulação de choro dos irmãos: solicitação da mãe.	Sustento por plantações na roça; Vida clandestina: sem direitos, sem carteira assinada, sem futuro. Pedreiro do Programa Minha Casa, Minha Vida. Trabalhador para si mesmo, para o pai e família; Limitações dos recursos para a feira semanal. Diarista na roça; filho participante do Bolsa Escola; Expectativa por uma vida estruturada.	
~ Aiôn– ~Kayrós ~ Aiôn– ~Kayrós					

Paternidade (2):

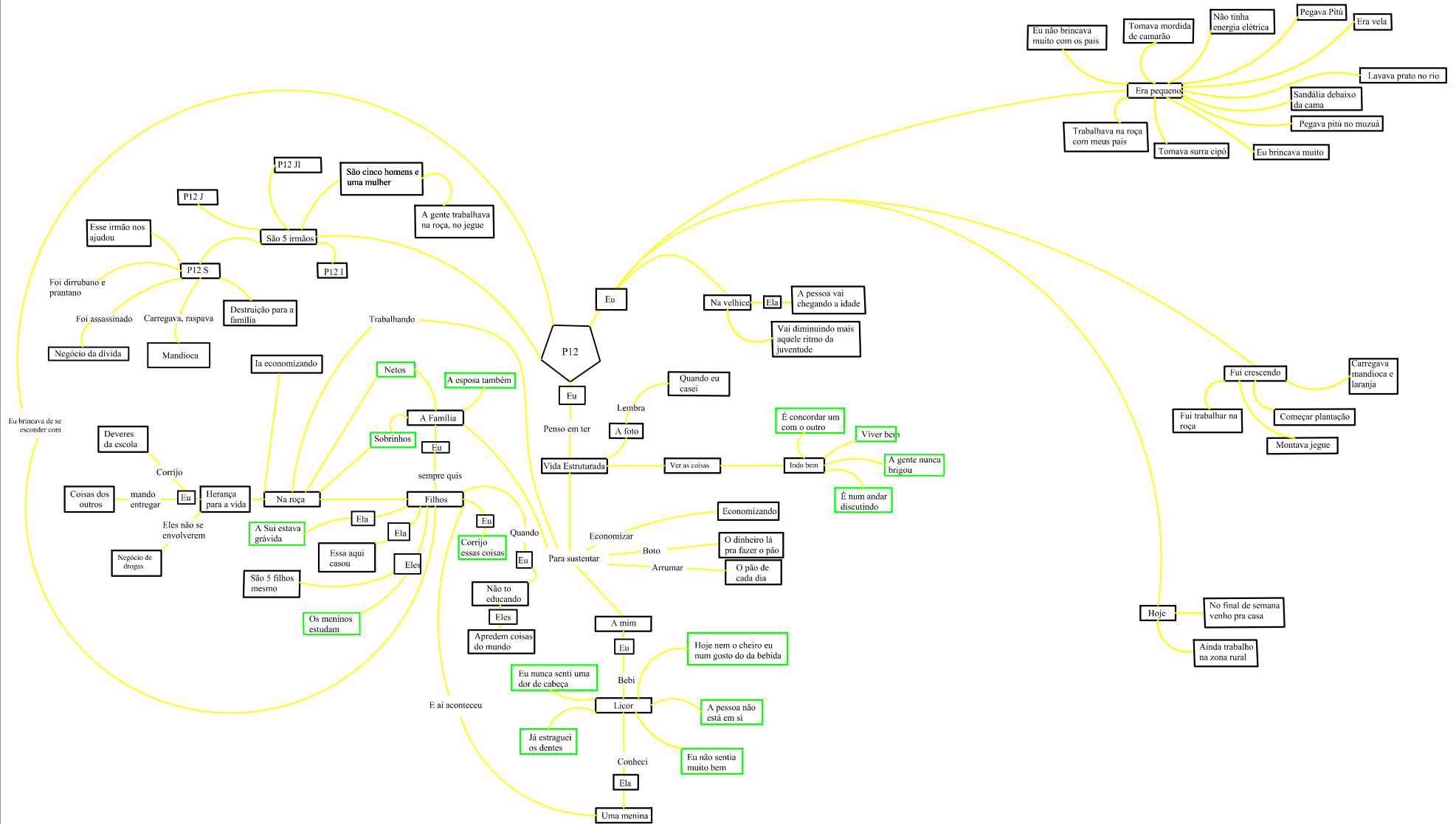
Conjugamos o tema paternidade, com a herança nos seguintes significados sobre a doação da herança em vida; mudança da herança familiar do trabalho rural: de carregador para emprego com carteira assinada, com foco nos estudos; herança do nome; construiu os seguintes significados interesses por filhos; insucessos no namoro; com licor “aconteceu”; pai aos fins de semana; atenção semanal à roça; orientações aos filhos quanto ao patrimônio da família. Conjugamos na paternidade o tema da estrutura familiar que se compõe em P12 de sustento por plantações na roça, vida clandestina, sem direitos, sem carteira assinada, sem futuro, arte de pedreiro, trabalhador para si mesmo, para o pai e para a família.

Quadro 14 - Posicionamento P12 – Paternidade Junho/2014

P12		Posicionamento	Significados	Herança	
Passado - Presente - Futuro	C H R Ô N O S	Eu - Pai	Interesses em filhos. Insucessos no namoro; “aconteceu” – vieram os filhos; “encerrou”. Pai presentes nos fins de semana; educação de coisas certas aos filhos e netos: sem palavrões e uso da televisão; simulação de choro dos irmãos: solicitação da mãe.		Recebimento de herança em vida; Mudança da herança familiar do trabalho: de carregador para emprego com carteira assinada, com foco nos estudos. Aprendizado com o pai: Esperança de perpetuação da roça entre gerações. Herança do nome Orientações aos filhos quanto ao patrimônio da família.
		Outro-esposa	-		Mudança da herança da mulher: da roça para a cidade
~ Aiôn– ~Kayrós ~ Aiôn– ~Kayrós					

Mapa temático P12 - Quilombo Alto do Morro

Entrevistas Junho 2014



Caso P13

Sumário das entrevistas

P13 planeja casar e ter, no futuro, apenas um casal de filhos. Tal fato está implícito no turno da fala com o pesquisador na resposta de P13 “pretendo” [enunciado 294 P13 N]. Ele se posiciona na pretensão de casar e já iniciou os preparativos: namorou por seis meses uma menina que conheceu a primeira vez; evitava “tomar boca com outra menina” [enunciado 327 P13 N]. O que significou como assoviar para outras meninas [enunciado 337 P13 N]; antes do namoro, P13 chegava em casa e assistia TV; depois do namoro, às vezes, joga bola à noite; mudou sua perspectiva porque agora assovia quando as meninas passam. Na posição de P13 sobre o namoro, ninguém lhe ensinou nem mesmo o pai.

O episódio que envolve as drogas marca a narrativa do participante: o que o pai faz é dar “conselhos para não se envolver com o negócio de drogas”, além de estudar, tomar conta do que ficou. P13 diz que na rua debaixo os jovens ficam até de madrugada com os traficantes como o melhor amigo de P13 [enunciado 213 P13 N]. Neste ponto, o pesquisador voltou à entrevista várias vezes, o discurso cria vários caminhos para um amigo de P13: como o traficante; como participante do tráfico; como apenas o que fica na rua até de madrugada sem obedecer às ordens da mãe. Em todos os caminhos estão os traficantes, a rua e a desobediência aos pais do amigo; o episódio enche-se de pausas, calando o outro; a conversa mais morosa e, ao mesmo tempo, enfática; e P13 manteve seus segredos intactos.

Um respeito ao participante o que facilita a conversa na entrevista E. P13 posicionou os traficantes e os meninos no mesmo ato, para dizer como as drogas criam novas direções do cuidado com a família. Esta situação se constrói no interesse de alguns meninos em passar a noite na rua com os traficantes; “as drogas são pessoa que não têm bem saúde e ficam inventando todo o tipo de drogas” [enunciado 243 P12 E]. P13 continua na descrição do

mundo das drogas composto dos elementos; a polícia [enunciado 160-162 P13 N]; os meninos na rua debaixo [enunciado 213 P13 N]; a desobediência aos pais [enunciado 213-215 P13 E], o negócio das drogas [enunciado 176 P13 N]; os crimes [enunciado 11 E 176 P13 E]; as mortes [enunciado 11 P13 E].

Quando o pai trabalha, P13 não ajuda financeiramente em casa, o que está na produção dos sentidos de acordar cedo, ir para o trabalho, comprar coisas pessoais e estudar à tarde. Os amigos de P13 trabalham para sustentar a mulher e filhos de outros relacionamentos. O participante relata que pessoas que não têm condições de ter uma família, arrumam mulher/filho e agora, tem que sustentar três; e entendeu que sempre têm pessoas que ajudam [enunciado 283 P13 N]. P13 relata o episódio sobre o motivo de ser magro, pois não dará muito trabalho no futuro. Na posição de usuário das estruturas de saúde da comunidade, conversamos sobre instituições, objetos e crenças sobre a saúde: “Não gosto de ir para lá não” [enunciado 58 P13 E], uma interação distante entre P13 e o Posto de Saúde.

Ao narrar sobre o Posto de Saúde, acha que é medo, introduzindo uma coda¹, à finalização do episódio. O pesquisador retoma a conversa, desta vez, sobre a opinião dos colegas, na situação de P13. Os amigos também não vão ao Posto de Saúde com medo de injeção e acrescenta outra mediação, o hospital, para contar o episódio do amigo que correu do hospital, pois não quis tomar injeção [enunciado 83 P13 E].

Na situação de P13, ele se interpreta com intenção de ir ao Posto de Saúde. Antes da narrativa sobre o medo de Posto de Saúde, o participante conta que nunca ficou internado, que nas consultas médicas ele é bem tratado quando está acompanhado pela mãe ou irmã; “eles pegam a pessoa e pergunta o nome” [enunciado 73 P13 E]. Os colegas, mesmo com medo de injeção, vão ao Posto de Saúde pegar camisinha e, ouvem a música *Camisinha de sabor* [Anexo 4], - um sucesso de *rap* na comunidade -, no celular. Os amigos disseram a P13 que é

¹Coda é o termo técnico que indica que o narrador encerrou a narrativa e a entrevista.

necessária a identidade para pegar camisinha. Falaram que foi só a camisinha mesmo, sem as reuniões de saúde sexual e reprodutiva.

Antes do turno da narrativa sobre camisinhas, P13 fala da festa de São João, com músicas boas, muitas meninas na rua, horário de chegar em casa; conta da festa junina na escola com meninas chamando para dançar, boate boa, música de *rap e reggae*. Boate boa, na visão de P13, é aquele que não passa música esculhambada, como *Camisinha de sabor*, que é a curtição dos colegas. Mesmo no dia de São João, não se pode namorar na escola e na rua é melhor. Porém, P13 não tem namorada no momento da entrevista.

Mapa Temático de P13

A seguir aos quadros de namoro e paternidade de P13 construímos o mapa temático correspondente que iniciou com a sistematização das entrevistas narrativa e episódicas. As análises de posicionamento foram juntadas nos temas de namoro e casamento nas posições eu, e ao posicionar o outro na narrativa. Os conteúdos da posição eu no futuro: a expectativa de casamento e emprego com carteira assinada. Há mais sequências temáticas ao posicionar o outro, os colegas na narrativa em que relata o uso de camisinhas do sabor. Nessa posição ainda incluímos os significados do cuidado do outro por P13 e o tema da herança familiar.

Namoro

Na condição eu, P13 construiu os significados sob o tema namoro como experiência de namoros, separações amigáveis e pretensões ao casamento. O tema cuidado de si e do outro na posição eu construiu os significados da infância com 70 Kg; da existência de melhores amigos; ciclista, ouvinte da música Rap “Camisinha de sabor”. O Cuidado de si e do outro na posição outro-pai diz que o pai elogioso, simpático, cuidador, protetor, líder lhe diz bem de si como pessoa idônea. No cuidado de si e do outro na posição avô diz que o avô é uma pessoa legal, protetor e prestativo.

Quadro 15 -Posicionamento P13 – Namoro Junho 2014

P13		Posicionamento	Significados	Cuidado de si e do outro
Passado - Presente - Futuro	C H R Ô N O S	Eu - Namorado	Experiência de namoros; separações amigáveis; “o ficar”; pretensões ao casamento; Olhos só para a menina; coração para a menina; assovios; elogios à beleza; traições; desgostos.	
		Outro-Pai	Dizer bem; pessoa idônea, caseiro; Elogioso; simpático; cuidador; protetor; liderança paterna; limite do horário de televisão, do lazer;	
		Outro-Avô	Pessoa legal; protetor; prestativo.	
~ Aiôn– ~Kayrós ~ Aiôn– ~Kayrós				

Paternidade (1):

Na situação eu, P13 construiu os significados sob o tema paternidade com expectativas de dois filhos; de diferentes números de filhos por colegas; com apoio de pessoas na criação de filhos; amigos jovens padrastos, alguns colegas com relacionamento com mulher com filhos. Nas posições “outro-pai” descreve significados da presença do pai aos fins de semana; trabalhos semanais na roça do avô paterno. Na posição outro-avô construiu os significados de visitas anuais. Conjugamos o tema paternidade com estrutura familiar com significados sobre a intensidade do trabalho/escola; o trabalho sem carteira assinada; conquista do trabalho com recebimentos salariais semanais divisão do salário com os pais; ajuda na feira semanal financeiramente; informações sobre carestia; Na posição outro-avô construiu o significado da estrutura familiar com pai trabalhador.

Quadro 16 - Posicionamento P13 – Paternidade Junho 2014

P13		Posicionamento	Significados	Estrutura familiar	
Passado - Presente - Futuro	C H R Ó N O S	Eu – Pai	Expectativas de dois filhos, sapeca, danado, mexedor em tudo, brincalhão, com divisão de brinquedos, sem brigas; expectativa de diferentes números de filhos pelos amigos. Apoio de pessoas na criação de filhos; amigos jovens padrastos.		Intensidade do trabalho/escola; trabalho sem carteira assinada, com recebimentos semanais; ajuda financeira na feira semanal; informações sobre carestia.
		Outro-Pai	Presenças nos fins de semana; trabalhos semanais na roça com o avô.		Trabalhador.
		Outro-Avô	Distância do avô; visitas anuais.		
~ Aiôn- ~Kayrós ~ Aiôn- ~Kayrós					

Paternidade (1):

Neste quadro relacionamos os significados da paternidade em relação a herança familiar que se constitui de ensinamentos dos povos idosos de histórias antigas; receptor de conselhos dos antecessores paternos e maternos; possibilidades de doações da terra em vida. Expectativas de trabalhos com carteira assinada, uma ensinamento do seu pai na transição do trabalho na família.

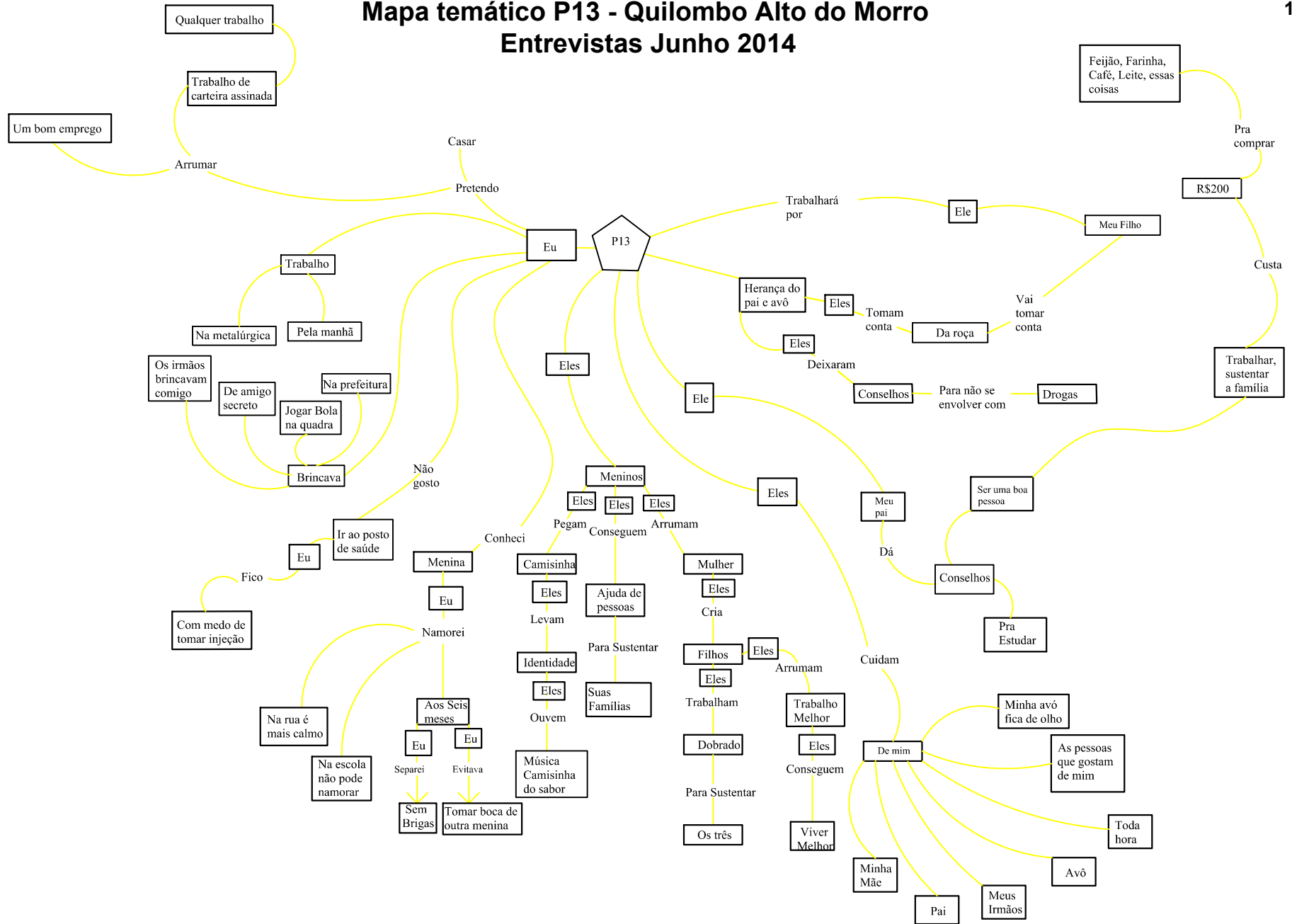
Quadro 17 - Posicionamento P13 – Paternidade Junho 2014

P13		Posicionamento	Significados	
Passado - Presente - Futuro	C H R Ó N O S	Eu - Pai	Expectativas de dois filhos; sapeca, danado, mexedor em tudo, brincalhão, divisão de brinquedos, sem brigas; pequeno, mudanças, espertezas; expectativas de diferentes números de filhos pelos amigos. Apoio de pessoas na criação de filhos; amigos jovens padrastos.	Ensinamentos dos povos idosos de histórias antigas; Aconselhado dos antecessores familiares; possibilidades de recebimento de doações da terra em vida; expectativa de sustento dos pais na velhice, com o trabalho de carteira assinada. Lembranças de São João. Recedor do bom nome da família.
		Outro-Pai	Presenças aos fins de semana; trabalhos semanais na roça com o avô.	
		Outro-Avô	Distância do avô; visitas anuais;	
~ Aiôn~ ~Kayrós ~ Aiôn~ ~Kayrós				

Herança

Mapa temático P13 - Quilombo Alto do Morro

Entrevistas Junho 2014



A família P1

Sumário de entrevistas

A produção de sentidos intergeracional dos homens P11, P12 e P13, da família P1, nas entrevistas sobre o planejamento familiar, é mediada por significados de atividade do trabalho da roça e ações dos participantes com a sua força de trabalho. Os pais nas ações de cuidado [P11]; a saúde, que em alguns casos significa não ter dor de cabeça; o estar sempre na “bêra”, pois as ações como a caça exigem estar junto; os irmãos “dirrubano e plantano”; os filhos [P12]; os netos P13; os que se foram [P12]; sustentar significa trabalhar na roça, dar o melhor para eles, arrumar o pão deles de cada dia, ver as coisas indo bem na mudança do dia-a-dia. Sustentar a si mesmo é fazer dinheiro do pão; é manter-se em atividade, um conceito que se origina em P11 “no lugar mais perigoso, passamos com medo, com atividade,” [enunciado 231 P11 E] conota a produção psíquica e as ações humanas; o mesmo conceito que une a construção de estar em atividade com a discussão sobre estar fora de si, [enunciado 201 P11, 81 P12 E]; no licô para P11 e [enunciado 263 P11 E, 127 P12 E], no medo da cobra pico de jaca para P11 e da injeção, para P13.

Na divisão das atividades, os mais velhos ajudam com conselhos sobre o jogo, o disfarce entre a tranquilidade e o “dar duro da roça”. A paciência de esperar; o fruto amadurecer, as chuvas e a colheita dos frutos. A aquisição do pão de cada dia, o trabalho duro, a batalha diária que se disfarça com o “sobe-desce dos preços da farinha de mandioca e da laranja, no comércio na feira livre. O comércio do pai de P11 era com: cacau, açúcar e carvão. A batalha do dia seguinte está identificada nos serviços que hoje são: a arte de pedreiro e os estudos na zona rural. Para os mais velhos, o tempo de “dá duro” acabou, pois o governo aposentou os homens.

Para os adultos, a atividade inclui: uma vida estruturada para sustentar a si mesmo e a família. Esta família inclui a própria roça, e esta não pode ser desprezada, pois, caso contrário,

o mato toma conta. Neste espaço ainda participam: o cachorro, o companheiro de caça e o pai. E é o pai, o responsável em oferecer os conselhos adquiridos através dos ensinamentos dos mais antigos e facilitar as atualizações para chegar ao futuro.

O futuro, presente e passado da família foram marcados pela situação do assassinato do irmão de P12, tio de P13, na narrativa da história de vida cercada de silêncios, ênfases na discussão distribuída entre os integrantes da família P1. O assassinato do irmão de P12, cometido por “pessoa atrapalhada com o negócio das drogas” levou a família para novos caminhos da produção de sentidos intergeracional, inclusive ao de atuar no sentido da herança educacional sobre a terra para as gerações subsequentes.

Conforme indicado no estudo de caso de P13, “as drogas são as pessoas que não têm bem saúde e ficam inventando todo tipo de drogas” [Enunciado 334-350 P12 E]. A concretização das drogas, a materialização da droga, que passa da reflexividade sobre o artefato à pessoa humana, o tio de P11 e irmão de P12. Na condição de pai de P13, P12 narra que teve um irmão que se envolveu com as drogas nos caminhos entre a cadeia e o caixão; entre processos materiais e emocionais, P12 reconstruiu o momento da morte do irmão: mataram o irmão por causa de dívidas relacionadas às drogas. Entre as experiências, P12 disse que não gosta de falar do irmão assassinado [enunciado 179 – 187 P12 E]. Seu irmão o ajudava com as atividades na roça. Assim, o pesquisador convidou P12 a mudar de assunto [enunciado 188 P12 E] durante a entrevista, uma vez que, no local de entrevista tinha-se pouca privacidade. P12 conta sobre o trabalho dele e dos irmãos na roça. Eles carregavam, raspavam, prensavam a mandioca e levavam para casa de farinha. No outro dia, iam cessar a farinha e torravam-na.

P11 não diz diretamente da morte do filho, mas constrói a narrativa sobre “gente atrapalhada que roubam, vivem bestando, não trabalham!” “Que antigamente, no tempo do pai, não se ouvia falar!” [Enunciado 86-94 P11 N]. Para tanto, posicionou o pai e o tempo no

mesmo ato: “No tempo de meu pai, a gente andava e era difícil a gente dizer de gente atrapalhada”. Neste momento da narrativa, P11 mostra o que fazer: “tratar os outros bem” [enunciado 86-94 P11 N]. Esta ordem de construção de primeiro “tratar os outros” e depois “bem” se encontra no início da narrativa entre os primeiros cinco enunciados do participante; em outros momentos a expressão é tratar “bem os outros”. A frase “tratar os outros bem” retoma no enunciado 87 P11 N, no qual o mesmo participante dá mais explicações. Elas trazem marcas do contexto situacional, sociocultural e linguístico do momento o qual as pessoas atrapalhadas estiveram à procura do seu filho. “Tratar os outros bem” nessa ordem “com amor, sempre levando a vida, que nem como Deus quer, não desejar o mau ao próximo, né? Ter amizades” [enunciado 20 P11 N].

No enunciado 87, quando marca o texto com “tratar os outros bem”, reaparecem marcas textuais do início do texto. Ênfase que P11 caracteriza as pessoas atrapalhadas como ladrões; construção polifônica que se encontra na narrativa de P13 ao caracterizar um tiroteio:

“Quando... a pessoa... pedi respeito a outa, aí só porque ela é... tem mais... tem mais coisa do que a outa, a outa não aceita, aí parte pra briga. Aí pega a arma e começa o tiroteio. Aí chega a poliça... Aí começa a... atirar. Um contra os outo. A parte que for mais fraca, vai e para. A poliça prende. Ou quando a poliça num prende, o ladrão foge, a poliça não pega o ladrão.” [Enunciados 162 P13 N] [ênfase adicionada].

P13 continua a descrição do mundo das drogas. Nela, inclui mais elementos que P12 e P11: ora como tecnologias dos remédios, ora como pessoas; aponta uma apropriação sociocultural, linguística e situacional sobre as drogas. P13 não posiciona diretamente o usuário de drogas nos temas que se concretiza nas pessoas. Dentre as quais, o traficante, como a pessoa que usa droga; e que também vende [enunciado 248-251 P11 N; enunciado 176 P13 N]; a polícia [enunciado 160 P13 N]; os meninos na rua de baixo [enunciado 213 P13 N]; os filhos na rua [enunciado 213 P13 N]; a desobediência aos pais [enunciado 213-215 P13 N], a

intenção de matar a mãe [enunciado 208 P13 N]; o negócio das drogas [enunciado 278 P12 N; 176 P13 N]; os crimes [enunciado 11 E 176 P13 E]; as mortes [enunciado 11 P13 E] e a construção de raros silêncios que ele empreende.

A produção de sentidos intergeracional para a família P1 do tempo do namoro

Na produção do sentido intergeracional do tempo do namoro, P13 conta que -, “Ninguém” (declarou P13) ensinou o namoro. Atividade que realizou antes dos 16 anos, durante seis meses. Tempo suficiente para P13 cumprir o ritual de não “tomar boca” com outra menina e ter olhos e coração só para ela, apesar de ser a primeira vez que via aquela menina. P12, pai de P13, tem hoje cinco filhos. Todos eles tiveram com uma menina que conheceram quando elas tinham 14 anos e eles dezesseis, a exemplo de P12 e esposa que tomavam licor de Jenipapo numa festa de São João. Morou com o pai dele muito tempo, onde teve os primeiros filhos.

A produção de sentidos intergeracional do namoro para a família P1

A produção de sentidos de namorar para os participantes da família P1, “o certo é você ter sua companheira em casa” [enunciado 205 P11 E], conta sobre o namoro de antigamente. Para tanto, posicionou as mulheres como ativas no namoro, enquanto ele posiciona-se reflexivamente: dar uma namoradinha [enunciado 205 P11 E]: “elas encostavam ni mim pá gente... dar uma namoradinha. Mai é... era de cadinho, em cadinho”. Mudança de tempo nos processos existenciais entre presente e passado com enunciado entre cortado de silêncios na construção cooperativa da conversa sobre o ato de namorar, com mudanças de sentido do tempo e do espaço, como também em P12. E episódio do modo de namoro em P12 surge na entrevista E, após a mudança do local da entrevista, a roça, distante do contexto doméstico da casa. No quarto escuro com luz, parede meia, no qual, pesquisador e participante faziam

mudanças na conversa com base no que ouvíamos do outro lado da parede. Assim, acordamos em construir um lugar privativo do diálogo, o que se deu no espaço da roça do pai. P12 conta sobre os namoros que construíram o sentido de “homem” e de pai.

A produção de sentidos, de “quando se interessa por outra pessoa”, perpassa o episódio de conhecer outra menina também, e narra sobre a paixão por ela; na ordem da fala e na forma de namoro. E mesmo antes dos dezesseis anos, davam-se, no contexto de trabalho, enunciados em que primeiro fala de si e, depois, da microcultura de namoro “me convidava para raspar mandioca”, e aí, se convida a pessoa para “ajudar a raspar mandioca”, “um fica olhando o outro, aí raspô” [enunciado 121 P12 E]. P12 saiu do namoro, pois sua intenção estava em fazer os filhos [enunciado 127 P12 E]. Então, utilizou outra ação. Na festa de São João, bebeu licor e saiu de si [enunciado 81 P12 E]. Depois, “foi que aconteceu” [enunciado 129 P12 E]. Também em P12 encontramos o silêncio nos processos materiais compreendidos no tempo e no espaço que compõem o ato de namorar; “foi aqui, é” [enunciado 121 P12 E]. A mudança do tempo do “bebo” para o “não bebo” aponta para significados diferentes do enunciado “conheceu outra menina”. Uma do passado e outra do presente. Nesta construção textual, o passado é a outra menina e o presente, é o interesse por outra menina. Menina esta que veio a ser sua mulher, a figura [enunciado 127 P12 E].

P13, narra que “para namorar a pessoa tem que gostar da outra” [enunciado 422 P13 E] e complementa “se a menina gostar de mim, fico” [enunciado 347 P13 N]. Entre pausas e falas, P13 narra o namoro: “a minina chamava eu para dançar, a gente ia” [enunciado 355 P11 N]. Para P11, o avô, a ação ativa e central é da “minina”. Não obstante, P11, passivo, é posicionado ao ato de dançar músicas de reggae, forró e gospel. Músicas complementares às quais os colegas escutam, como é o caso do Rap, “Camisinha de Sabor” (Anexo 4) e outras.

A produção de sentidos intergeracional na paternidade para os participantes da família P1

O cuidado permeia o posicionar-se, e ao outro com boa saúde, educação, estar atento às condições de preparação da família, nas temáticas do planejamento familiar. Ao ser pai, filho e neto, os integrantes da família P1 constroem o cuidado paterno. O cuidado está na escolha do lugar da construção da casa: “Faziam a casinha de junto mermo”; os irmãos e P11 geograficamente estavam “de junto” do pai. Na situação de junto do pai, diz que o pai seguro, andava “mais para o filho” [enunciado 186 P11 N]. O significado de seguro se une a outros enunciados nos quais são citados direta e indiretamente como “vai ser jogo seguro, o Brasil vai ganhar” [enunciado 197 P11 N]; a roça é mais segura, no comércio é mais arriscado um “pegar uma briga”, tomar uma bala perdida [enunciado 88 P11 N]; mais tranquilidade para se viver [enunciado 88 P11 N].

Em sua atitude, P11 relaciona a segurança que os filhos dão ao pai e a que o pai dá ao filho. O significado muda na geração dos filhos de P11 a qual um silêncio faz P11 agir para o sentido da mudança. Os filhos já não fazem as casinhas “de junto” do pai, “uns trabaíam na roça e outros no comércio” [enunciado 104 P11 N]. Nesta situação, P11 tem a seguinte postura: “queria que todos tivessem aqui trabaíando junto com eu mai a mãe.”

Entretanto, os filhos estão com suas famílias nas casinhas distantes “das do pai mai da mãe”. Distante geograficamente, o filho e o pai não se asseguram. O pai na roça, fica “a mercê” de pessoas atrapalhadas. P11 foi convencido pelo pai para que desse um neto a ele. E assim, vivem juntos: pai, filho e neto. Diferentemente do tempo em que os filhos e os netos estavam distantes, cada um em suas famílias. Muitas vezes, o filho estava na cidade, enquanto P11 estava na roça, junto à sua esposa.

P11 chama os filhos em festas comemorativas como no São João “para assar uma carninha, fazê um churrasquin” [enunciado 217 P11 E]. Os netos não aprendem com seus

pais e avós; estão com a família da mãe, com os cunhados. E enquanto P11 aprende algumas habilidades profissionais com o cunhado, o pai fica a maior parte do tempo a cuidar da roça. E esta atividade é muito importante, na compreensão de P11 e P12. Na observação de P11, ele pouco vê o avô pois, isso ocorre somente quando P11 visita o seu avô, de ano em ano.

A produção de sentidos é a condição de observação de si, ao passar por várias situações, uma das quais se têm medo. No entendimento de P12, as farras no São João mostravam que a pessoa “num tá em si” [enunciado 79 P12 E] quando “andava bêbado”. Os processos mostram um jogo de presente e passado “num tá em si” e “andava bêbado” [enunciado 79-81 P12 E]. P13 explica que tem um pé de Jenipapo em tempo de fruto para dizer que a pessoa “bebo de licô, dá uma agonia pá pessoa se vê” [enunciado 261 P11 E]; a pessoa fica fadigada [enunciado 261 P11 E], “um medo da pessoa se vê” [enunciado 267 P11 E]. Posicionou o licor e o povo, no mesmo ato, ao explicar sobre o uso do “licô” no São João. “É um licô que o povo bebe” [enunciado 261 P11 E]. P11, em outro episódio, compreende que o “coração chega a batê” [enunciado 223 P11 E], na condição de observação sobre “ao pisar numa arrudia de pico de jaca”, uma cobra que é a responsável pelo equilíbrio ecológico entre a cadeia produtiva do cacau e a caça aos ratos.

Nos dois últimos enunciados, o episódio do passado vem ao presente. O respondente P11 constrói um enunciado com tema marcado, no qual o sujeito não está no tema da oração “caçar, não” [enunciado 116 P11N]. Mas ele vê a si mesmo na situação “eu tomei um choque”, pois, “quando vi saiu uma arrudia de pico de jaca” [enunciado 128 P11 N].

O “medo de injeção”, e “pessoas chorando no hospital” leva o neto de P11, a não frequentar o Posto de Saúde; enquanto os colegas frequentam, e, até mesmo, pegam camisinha. É dialético o sentido do medo, “as pessoas ficam sentadas, num fica do lado de fora, mas eles num gosta de ir pá lá muito não” [enunciado 58 P11 E]. O sentido de ter

morado com os pais, experiências como as surras foram significativas. P12 apanhou depois de passar o dia e a noite atrás da bananeira escondido com medo de apanhar.

As mudanças de sentido no mesmo enunciado estavam nas mudanças de situações das brincadeiras de estar na “roça trabalhando” até as brincadeiras com os irmãos. Com os irmãos, era pegar um pedaço de pau, fazer uma rede, amarrar a corda e sair brincando pelo terreiro [enunciado 94 P11 E].

As brincadeiras mudam quando P11 também muda de contexto, como: cuidar de uma casa na vida casada, a fumaça de cigarro, o licor de Jenipapo e o negócio de apostar palitim em cerveja. Assim como nas diversas mudanças de sentido no enunciado: “As brincadeiras sempre//agente//usava//pegar um//...//” “dois paus e fazer uma rede para os irmãos carregarem uns aos outros” [enunciado 94 P11 E].

Para P12, o sentido de ser criança era: brincar muito e descer cachoeira quando o rio está baixo [enunciado 16 P12 N]. E quando ele cresceu, acabaram as brincadeiras e parou “de ir po rio” [enunciado 40 P12 N]. Por causa dessas brincadeiras, P11 surrava P12 com cipó vermelho, aqueles utilizados para fazer cesta de panacum. Mesmo assim, ainda “tomava mordida de camarão que tem dente” [enunciado 54 P12 N]. Gostava de brincar com os filhos quando estes eram pequeninos, porém, os filhos não tinham a intenção de brincar com seus pais. P12, por exemplo, gostava de assistir aos jogos do Brasil na Copa do Mundo e, no São João, comer amendoim cozido, plantar milho e fazer canjica.

Hoje, P12 ainda está trabalhando como P11. P13 quer brincar mais antes de começar a trabalhar. Na infância, havia ocasiões em que P13 ia para a quadra jogar bola com o avô, que gosta muito de bola. P12, como o seu avô, gostava de caçar. O avô acordava de madrugada, chamava P11 para caçar, mas quem gostava mesmo era o neto, P12. P13 hoje brinca de bicicleta entre a rua de casa e a praça da prefeitura. Seu pai, P12, lembra que andar de bicicleta é ter saúde. P11 não fala que o pai o surrava, “mas que não era bom caçar”

[enunciado 116 P11 N]. Porém, mesmo contra a vontade de seu pai, ele ia caçar e, tão logo o seu pai morreu ele disse que “acabou a influência do pai sobre o negócio de caça” [enunciado 118 P11 N].

A produção de sentidos intergeracional para a família P1 sobre a paternidade

A produção de sentidos dos filhos para a família P1 na história de vida de P11, P12 e P13. Ao iniciar a entrevista E com P11, o pesquisador explicou que, na conversa, ele seria colocado na condição de pai, filho e neto; nas condições, P13 explicou que alguns colegas “num quer casar” enquanto outros dizem de quatro filhos ou nenhum. P13 posiciona-se com um casal ao usar, de maneira colaborativa, o silêncio em vários momentos do episódio. Ele explica que os bebês, ao crescerem, mudam o modo de ser, ficam espertos, da maneira que, quando ainda são pequeninas, duas crianças podem compartilhar os brinquedos. O Pai de P13, P12 diz que “a vida vai continuando” com os filhos, que são no total de cinco. “A experie/que eu tenho é/é brincava com eles tomém né, brincava com eles: de se escondê, quando eles eram piquinininho uns dois ano” [enunciado 59 P12 E].

Em contrapartida, P12 não brincava com seu pai. Uma mudança significativa nas experiências paternas caracterizam os processos materiais. Mudança como a habilidade do trabalho com o cunhado, e P13 posiciona P11 com distância; posiciona-se como responsável pelas visitas em datas festivas. P11 posiciona o cachorro, como aquele que está sempre pela “bêra”. Quando vai para a roça, tá na roça, fica deitado [enunciado 317 P11 N]; só vem quando P11 vem. “Mas se vortar pá roça traveis, ele tá junto” [enunciado 317 P11 N].

Os filhos, dois homens e duas mulheres, são do tempo que ainda namorava. Agora, está na condição de avô de duas netas. O pai de P12, P11 tem cinco irmãos e, destes, apenas três estão vivos. P11 teve seis filhos porém, um faleceu. Nesta situação, P11 lembra que pela morte de entes queridos “todos temos que passar” e com o falecimento de um dos seus filhos,

hoje, são quatro homens e uma menina. O P11, avô de P13 com o sentido de que “o certo é você ter ... sua família”, casou-se quando havia seis meses de namoro e ele tinha 16 anos de idade. O relato deste episódio é acompanhado de silêncios na conversa colaborativa na construção de sentidos, assim como as questões nas quais eles (P11, P12 e P13) não estão dispostos ou interessados em falar em virtude da complexidade da situação e do contexto sociocultural.

A produção de sentidos intergeracional para a constituição da família P1 foi elaborada a partir dos significados da palavra *disfarce*. O significado da palavra *disfarce* mostra a atividade implícita, que não aparece [enunciado 217 P12 E; enunciado 22 P11 E; enunciado 203 P11 E]. Na construção dos sentidos, identifica-se que P12 “fez acontecer”, como sentido da gravidez e nascimento dos filhos - quando P12 ainda namorava a sua futura mulher – no desafio de iniciar a família com três filhos e antes da cerimônia de casamento. E foi, sob os efeitos do licor de Jenipapo que os filhos aconteceram, pois, na primeira namorada-menina que arrumou, raspavam mandioca juntos, e “não aconteceu”. “Hoje mudou tudo [enunciado 165 P11 E], é namorar, pegar a namorada e botá em casa!”. Reclama P11 sobre as permissões de casamento nos dias correspondentes à juventude de P12, distante dos dias de sua época. P12 ao engravidar a menina, morou, na condição de namorado, na casa de seu pai, por um longo período [enunciado P12 E].

Já P11, conta o episódio sobre a preparação do casamento em triangulação entre o participante, a mulher e o patrão, em circunstâncias que unem a ele e a mulher, à época com a mesma idade que ele, na ocasião, com dezesseis anos. O patrão morava próximo à casa da família da menina, que era de família carente. O patrão ajudou com a festa. Além de dar emprego e uniforme de casamento, “lhe arrumou todo” [enunciado 195 P11 E]. P11 botava rocinha e casou aos dezesseis anos com uma menina ainda mais nova do que ele. P12 também namorou e casou aos dezesseis anos, como seu pai; ao passo que P13 namorou aos dezesseis

anos com uma menina que conhecera seis meses antes. P13 tinha como regras: não tomar boca com outra menina e só ter olhos/coração para ela [enunciado 327 P13 E].

Já para os filhos de P12 as coisas não deram certo, pois nos dias de hoje, os significados mudaram. Tome-se como exemplo a filha de P12 que não ficou junto ao pai do seu filho. Ele, P12 exigiu a filha que “descobriu quem era, aí, fez tirar o documento e assumir a criança também” [enunciado 419 P12 E] e, por anos de disputa judicial “ainda hoje está resolvendo” [enunciado 433 P12 E] a situação do neto de P12 e bisneto de P11.

A produção de sentidos intergeracional para a família P1 na constituição da estrutura familiar

Os mais jovens ficam em casa assistindo televisão, brincando, ou acompanham o pai nas atividades da roça. Eles - os jovens - aprendem a ajudar aqueles que sustentam a estrutura familiar. E na ação social, a ajuda dos filhos vem quando o pai também trabalha, pois, nesta situação, o filho não tem a necessidade de trabalhar o dia todo. Assim, os mais jovens se subdividem entre acordar cedo para o trabalho, a escola e os momentos de brincadeiras. O futebol, a Copa do Mundo no Brasil, o São João são episódios do cotidiano dos participantes; o jogo de dominó e a aposta de palitinhos seguem os homens no curso de vida; o jogo do namoro, as pedaladas de bicicleta acompanham a juventude e fase adulta. Acompanhar o pai nas caçadas e depois trabalhar com ele caracteriza o curso de vida da entre a infância e a juventude.

A família P1 construiu o sentido do trabalho com carteira assinada entre gerações, que caracteriza os ideais de P11, P12 e P13, pois se acidentou. Foi por pouco tempo, “depois cabô” [enunciado 162 P11 N], carregador na usina de açúcar, tempo suficiente para se acidentar. Trabalhou no serviço de entrega de mercadoria para as cidadezinhas pelas regiões do Brasil. O tempo foi pouco, porém suficiente para que P12 e P13 se esforçassem em

procurar um emprego de carteira assinada, no qual eles não precisassem carregar nada na cabeça.

Para P11 e P12, o trabalho de carregador *num* era muito bom, não. P11 trabalhou de carregador, sem carteira assinada. Acidentou-se no engenho de cana de açúcar, onde a sacaria despencou em cima de sua perna. Os primeiros cuidados foram dados pelos colegas de trabalho que, ao ser colocado de pé, teve machucado o nervo [enunciado 227 P11 N]. O patrão levava diretamente o dinheiro do sustento. P12, na juventude, aprende a arte de carregar, e assim como o pai, executa a mesma atividade que realizava – quando jovem - na roça do pai [enunciados 149-158 P12 E]. P12 conta que a sua vida foi - e é - clandestina [enunciado 178 P12 N]. Clandestina, pois não se tem o direito a coisa alguma, sem trabalho fixo, carteira assinada, não tem futuro. E assim, quando o seu filho P13 começa o trabalho (também sem carteira assinada), o pai lhe aconselha para que estude, “porque, sair carregando não era bom não” [enunciado 174 P12 E]. E nesta situação, o filho fala sobre a intenção de arrumar qualquer trabalho desde que este seja de carteira assinada. E na produção de sentidos, para P11, pode ser qualquer trabalho desde seja de carteira assinada. Logo, ele discute o modo como o dinheiro contribui no orçamento doméstico e no processo de constituição da estrutura familiar.

A produção de sentidos intergeracional para a família P1 sobre a herança

Observamos o caminho do sentido para P13, P12 e P11 sobre a herança. Em P13 há uma mudança de gênero linguístico para dizer o que os familiares esperam que ele faça da herança que recebeu e “tomá conta do que ficou”. E complementa sobre como deixará para os seus descendentes com utilizações de proeminência textual, em um tema não marcado: “Sê uma boa pessoa: trabaiá, sustentá a família, se precisá de mim um dia pra ajudá [Enunciado 215 P13 E]. O complexo oracional que P13 é posicionado por um tema não-marcado; e que

encontra polifonias nas explicações sobre herança de P11 e P12. A produção de sentido da herança percorre P12 no sentido de “uma herança de um para o outro.” Ele explica que o que significa: “sempre cuidá da terra, num disprezá, num vendê, qui vai passano de um pro otro”, nos quais estão presentes temas não-marcados. P11 já não escolhe temas não-marcados, mas um pronome anafórico, não-indexical, em que P11 posiciona o pai, e portanto foi posicionado no mesmo ato, uma promessa de neto.

P11 cumpriu, e descreve no episódio da satisfação na ação da atividade o sentido de pertencimento ao grupo familiar. “Ele pediu que eu desse um neto a ele”. Com silêncio no episódio P11 explica como estão os netos solicitados pelo pai: “os cinco filhos tá todos se ajeitando”. Já que antigamente todos moravam *de junto* do avô, e atualmente cada um tem sua casinha entre a zona urbana e rural. Portanto, P11 cumpriu a ação da herança entre as atividades familiares e mudou esta herança de filhos para a terra; o que pode ser visto pelo sentido, quando P11 posiciona os cinco filhos vivos e implicitamente se coloca como pai no processo interacional entre a ação cumprida pelo pedido do avô “inté hoje por aqui” e o silêncio da terra a partir da geração de P12. Nessa situação P12 está em polifonia com P13 “tomar conta do que ficou”.

Na mudança, P12 se posicionou perante a atividade de trabalho na ação de tempo “desde pequeno”, no mesmo ato que a nova herança impôs: “Comecei a trabalhar desde pequeno” e complementa as negociações necessárias entre ações e atividades da família P1 com a família da esposa na produção de sentidos sobre “Aí só ficou o de lá de Santo Antônio de Jesus”: “A ‘C’ tinha um terreiro antigamente; aí meus avós venderam”.

Antes destes eventos no curso de vida, a família conta sobre namoros, diárias em fazendas em que tomavam “muitcha carreira de marimbondo” e as coisas do tempo de São João. Depois da mudança para a nova herança familiar, a terra, os familiares seguiram com

“bichos na beira da casa, não poder sair pá fica sem quem tomar conta” e a pisada na cobra pico de jaca ainda em diárias na fazenda.

Desenvolvemos a produção de sentidos da festa de São Cosme e Damião para a família P1 na construção da microcultura tradicional a qual perpassa alguns episódios, como o ato da benção entre as condições do pai e as do filho. A compreensão de P13 sobre a festa de São Cosme constrói o sentido de “nunca fui” [enunciado 335 P13 E] até “acho que é assim, nunca vi não”. Ele posiciona o presente: “na região não vejo falar” [enunciado 338 P13 E]. Explica: “tem um santo que o povo carrega no meio da rua” [enunciado 342 P13 E], o que tece um sentido da microcultura familiar de quem tem o direito de falar de certos assuntos. Enquanto há poucos significados e produção de sentidos em P13, as opiniões de P11, na conversa, limitaram o tema de São Cosme. P12 produz sentidos no diálogo colaborativo de São Cosme na família P1.

O sentido de P12 sobre o gosto pela festa de São Cosme estava no “aí eu também num procurava saber” [enunciado 116 P12 E]. Na atitude, ele marca as experiências com as histórias de São Cosme com significações paternas, da tia na ação social que relaciona festa de São Cosme ao negócio do candomblé: matar carneiro e distribuir a carne [enunciado 100 P12 E]; pagar promessa de alguma coisa [enunciado 104 P12 E]; pessoas devotas de São Cosme e Damião [enunciado 113 P12 E]; a presença de gêmeos na família; os participantes da festa chegam “tudo bêbado”. Assim, posiciona-se P12, para dizer que pouco sabe sobre esses assuntos. O participante não ia à festa e, inclusive, constrói alguns silêncios cooperativos para contribuir com a produção de sentidos sobre a festa, para, em seguida retomar o turno da fala, apresentando novas informações.

Análise microgenética da família 1:

Realizamos análise microgenética para a observação dos participantes em Kayrós, a diferença entre as diferenças na entrevista narrativa e episódica.

Na análise microgenética, observamos os seguintes Kayrós: em P11 na mudança da ordem da frase de “tratar bem aos outros” e tratar aos outros bem” enunciados que aparecem com significados do momento em que a família assistiu a morte do filho de P11, irmão de P12 e tio de P13. Buscamos observar quais os processos translinguísticos interativos aos linguísticos, do pesquisador e participante.

Em P12, analisamos o momento em que ele, em apenas alguns segundos, descreve com detalhes o momento da morte do irmão, além das dificuldades que ele tem para a mudança de assunto no diálogo com o pesquisador. Já em P13 analisamos o momento em que ele diz que as drogas são as pessoas que não tem saúde e ficam inventando vários tipos de drogas [enunciados 237-245 P13 E].

Análise microgenética P11 sobre Kayrós da família

[Enunciado 94 P11 N] 25'50''

NÃO, antigamente não era assim não.

ANTIGAMENTE era, era... NO tempo de meu

pai era assim, A gente andava e era difícil a gente

ouvir dizer que tinha negócio de gente atrapaçada e

tudo, MAI hoje com a/com a, COM A

humanidade que ta hoje, NUM tá, CORRE perigo

se andá até na cidade, NÉ só na cidade,

QUALQUER todo canto corre perigo... HOJE...

O participante e o pesquisador se sentam em cadeiras de plástico, uma vermelha e uma azul, enquanto uma outra cadeira vermelha é usada como mesa colocada entre eles para ser usada como suporte para o gravador. Ao lado há a parede de uma casa com parte sem chapisco. Na esquina da casa há um relógio de eletricidade. Há área de plantação de pés frutíferos e animais como galinhas, cachorros e patos andando ao fundo. O participante usa camiseta e bermuda cinzas e calça sandálias, enquanto que o pesquisador usa camiseta vermelha, calça branca e tênis pretos. P11 vem do movimento de mãos batendo palmas umas nas outras, entre as pernas, com o antebraço apoiado no encontro das virilhas com as coxas; Pesquisador se encontra com as pernas entreabertas, as mãos espalmadas entre as pernas, rosto um pouco virado para a esquerda, buscando contato visual com P11. Na fala “antigamente era assim”, até ao final desta repetição, ele segura os dedos indicador, médio e anelar esquerdos com a mão direita e ao finalizar a fala ele apóia a cabeça na mão direita e o braço direito, no punho esquerdo, que está apoiado na virilha. Na palavra “Não”, P11 meneia a cabeça, e ao final de toda a oração, busca o contato com câmera. Na fala “no tempo do meu pai” P11 se mexe na cadeira, olha para o canto esquerdo acima da câmera e termina o movimento segurando o queixo com a mão direita e a mão esquerda com o punho fechado apoiando e meneia os joelhos 3 vezes, até a fala “dizer que tinha”. Quando fala “andava” P11 faz o movimento com a cabeça, para o lado esquerdo e finaliza a frase de “gente trapaiada” descendo a mão direita sobre a perna esquerda, num movimento para coçar a perna, sendo movimento da mão e, em movimento brusco com a cabeça, busca contato visual com o pesquisador e vai voltando a cabeça P11 suspira e continua na repetição finalizando em “humanidade ta hoje” na mão direita coçando a perna esquerda. Na fala “um pouco” P11 suspira, pega o ar e solta com vontade na palavra “perigoso”. Ao final da fala “todo canto corre perigo”, P11 suspira profundamente. Na 1ª fala “Na cidade” até a fala “corre perigo” P11 meneia os joelhos e olha em direção superior esquerda à câmera. Na fala “Não ta fácil não” P11 volta a coçar a coxa esquerda com a mão direita, sendo acompanhada pelo movimento dos olhos, movimento que finaliza na 1ª fala “um pouco” acompanhado de suspiro que aumenta o volume da repetição da fala “um pouco”. P11 muda todo movimento na fala de interrogação “tem que fazer o que?”, busca contato visual com a câmera, abre os braços, escorrega pela cadeira, respira profundamente e lânguido, entregue na cadeira, com a mão direita acompanhada pelo olhar; P11 tomba a cabeça para o lado direito. Na fala “Mai hoje com” até a fala “Corre perigo” P11 retira o olhar de P11 para o lado contrário para dizer que “na cidade, todo canto corre perigo”. Na palavra

NÃO tá fácil não, A vida, a vida é tá um pocu,

UM pocu perigoso, MAS de qualquer forma isso

vai venceno. TEM que fazer o que viver, tratar os

outros bem, ENTOM de qualquer forma, ENTOM

Deus livra do perigo, né? DEUS livra do perigo que

vai se passando. (“ 26:06” a 26:20”)

“Hoje”, busca contato com a câmera, movimento que finaliza protegendo o pênis com a mão e põe o polegar esquerdo dentro do bolso, apoiando a mão. No movimento, responde à falar sobre a vida, em que o olhar está voltado para própria pergunta “tratar os outros bem” e mexe o quadril. A bainha do facão fica mais visível quando ele coloca o polegar esquerdo no bolso; nesse momento, P faz um leve movimento da cabeça para frente, buscando contato visual com P11. P11 finaliza o movimento fazendo contato visual com P e dizendo que Deus livra do perigo, volta ao movimento inicial de deslizar as mãos, batendo as palmas, com a mão esquerda por baixo. Na fala “Deus livra do perigo” com a mão direita fechada, as unhas da mão esquerda batem sobre os ossos dos dedos da mão direita e o movimento finaliza com P11 estalando os dedos da mão direita. Finaliza com silêncio de 26’06” a 26’20”. Entre “Deus livra do perigo” e a repetição, P11 movimentava os músculos da face, abrindo forçosamente os músculos da boca, como se falasse a letra “A”.

Análises Microgenética P12 Kayrós família em 25:20

[Enunciados 170-190 P12 E]

A – Conheço. Tem muita gente que já entrou

No mundo das drogas. Essa vida num presta não,

só vem destruição. O mundo das drogas só va [...]

só tem dois caminho, cadeia e caixão. Isso ai num,

num presta não.

P – Você pode contar a experiência de uma pessoa

que você conheceu que foi ou pra cadeia ou pro

caixão?

P12 e P estão sentados em cadeiras de plástico vermelhas, com uma cadeira de madeira marrom verniz clássica ao lado deles servindo de mesa para o gravador, pasta, TCLE e folha A4 da entrevista episódica. A entrevista se deu debaixo do pé de manga a frente da casa a 10 metros de distância, pois o padrão de construção com paredes que não encostam no teto não permite privacidade em quaisquer cômodo. P12 usa uma camiseta vermelha e calça jeans azul, bota preta sete léguas e usa um boné verde, P usa uma camiseta branca, calças jeans e tênis pretos. Encontra-se área verde com laranjeiras, um pequeno muro ao lado ao fundo e tijolos e folhas espalhados pelo chão de terra.

O movimento das mãos inicia com apertos de uma mão na outra dos dedos entrelaçados sobre os outros; a mão direita por baixo, com o polegar recolhido e a mão esquerda por cima, quase aberta, com polegar levantado. Antes do pesquisador terminar a pergunta, se P12 conhece alguém que já entrou no mundo das drogas, todo o corpo de P12 se movimenta com intenção, peito se abre ligeiramente, mãos ainda entrelaçadas, com antebraço no encontro da virilha com a coxa, batendo-os no local em que estão apoiados. Na fala “Conheço” P12 faz movimentos de afirmativa com a cabeça enfaticamente, num movimento que leva P12 a repetição da pergunta do pesquisador. Ao final da repetição faz contato visual com o pesquisador. Faz indicação à frente, com as mãos entrelaçadas nas palavras “tem muita gente que entrou no mundo das drogas.” Batendo os antebraços no encontro da virilha com a coxa, continuando com esse movimento até o fim da oração. Nas palavras “tem muita gente que... já em” gagueja/engasga no meio da oração, para finalizar com ênfase a oração “Entrou no mundo das drogas”. Na fala “essa vida num presta não” P12 toma ar, suspira, para iniciar a oração. O movimento anterior vai até a fala “só vem destruição” em que P12 faz leves batidas do antebraço no encontro da coxa com a virilha, com contato visual com P. Nas palavras “o mundo das drogas só tem dois caminhos” P12 inicia o movimento de desvio do olhar de P para a frente do seu corpo, da mão esquerda começa o movimento de polegar pra cima e indicador para frente, os três dedos continuam fechados; e nas palavras “Cadeia e caixão”, Cadeia aponta o dedo indicador e médio para frente, um pouco cima do ângulo de 90 graus do braço e “Caixão” apontando à frente com ângulo maior de 90 graus com o braço, indicando a direção de terra, entrelaçando novamente as mãos em seguida; e na

“a gente soube a notícia já tinha, já tinha já uns oito fala “não presta não” meneia a cabeça e busca o contato visual com P. Ao final desta oração, toda sua musculatura, em especial dos braços, enrijece, o olhar fixa no pesquisador. P repete a frase de P12 sobre cadeia e caixão, com os mesmos gestos, mas com sentido contrário, com cadeia pra baixo e caixão pra cima,

A –25'54" a 25'59" (Aqui no Rio Verde) mermo

tinha um Irmão meu que se envolveu com as

droga, aí os colega veio e mataro ele, por causa de

negócio de dívida de droga... e perdi um irmão

meu. É mundo das droga num presta não. 26'18"

a 26'26" Só isso mesmo.

P – Nesse dia que as pessoas vieram é, mataram

seu irmão você tava aqui pra proteger seu irmão?

A – Não, não foi aqui não, foi em São (), quando

perguntando se P12 conhece alguém que foi para cadeia ou pro caixão, e busca novamente o contato com P12. Na resposta de P12 “Aqui mesmo tinha um irmão meu” o olhar distante, ereto à frente desfaz o entrelaçamento das mãos, mexe todo o corpo, remexe na cadeira, voz entrecortada pelas palavras e com antebraço sobre as pernas, em pequenas batidas, leva o punho direito na mão esquerda aberta, espalmada. Antes do final da pergunta do pesquisador, P12, entrelaça a mão com mais força e estala alguns dedos, tira a mão da posição anterior e segura as costas da mão direita com a esquerda com força, vai segurando, de dois em dois dedos, depois, segura os quatro dedos, a mão direita solta da mão esquerda; a mão direita gira sobre a mão esquerda na fala “os colegas veio”, movimento que termina com a mão esquerda, com os dedos indicador e médio eretos, em movimento à frente sobre as mãos, até retomar as mãos entrelaçadas uma sobre a outra, musculatura rígida. Na fala “apagou ele” os dedos indicador e médio eretos da mão esquerda e polegar para cima, fazem um movimento, indicando uma direção a frente, sem dedos entrelaçados, que voltam ao final da frase a estarem entrelaçados uns aos outros com os da outra mão; P estava com a mão direita espalmada sobre a perna direita, mão esquerda segurando o braço direito, corpo curvado, no encosto da cadeira, e ambos buscam contato visual. Na fala “negócio de dívida de droga”, os dedos estão entrelaçados e ao final da oração, faz contato visual com P e a musculatura permanece rígida, toma o ar e solta a seguinte frase, languidamente: “aqui tinha um irmão meu” e cerra a boca com força, puxando os lábios para dentro; desta oração, até as duas posteriores P12, vai enrijecendo a musculatura do braço, apertando uma mão sobre a outra, entrelaçada e fazendo pequenas batidas no encontro da coxa com a virilha com os antebraços. Na fala “É mundo das droga num presta não”, meneia a cabeça, estala os dedos entrelaçados com a musculatura rígida. Na pergunta de P, se P12 estava presente na hora do assassinato, P faz um leve movimento à frente, próximo à P12, com dedo indicador esquerdo apontando para baixo e à frente, em seguida, fazendo o mesmo movimento com todos os dedos eretos; P12 leva o corpo levemente para trás. Na resposta de P12, suas mãos entrecruzadas a frente, antebraços sobre o encontro da coxa com a virilha, pequenas batidas na coxa com o antebraço, até a fala “já ia já pra enterrar como é indigente”, em que a mão esquerda se desprende da mão direita faz movimentos horizontais de ida e volta, para os lados, com dedos indicador médio e polegar curvados, continuando com a mão esquerda. Na fala “O corpo tava lá no IML em salvador” a mão e o pulso direito levanta com o antebraço encostado, dedos indicador, médio e polegar, em direção para indicar a fala “em salvador”, enquanto a mão esquerda se abriu;

dias que o corpo tava lá no IML de Salvador. E

ele num, o corpo já ia já pra enterrar como é

indigente, aí a gente soube essa notícia, 27'02" a

27'09" (aí eu perdi esse irmão). Ele morava em

São Antônio.

P – Ele foi é..., as drogas então levou ele pro

caixão?

A - Foi!

P – Mas levou ele também pra cadeia?

A – Levou! 27'29" a 27'36"

P – Esse é um assunto que você gosta de comentar?

A – Não. 27'39" a 27'53"

P – Você quer falar de uma outra pessoa então?

A – Não só foi esse mermo. (pausa min 27'58 ao

28'17) Só foi isso mesmo. Esse irmão ajudou é, trabalhava muito [...]

continuando com o movimento na mão esquerda, abrindo e fechando levemente a mão; e na fala “Aí a gente soube essa notícia” volta a entrelaçar os dedos e buscar o contato visual com o pesquisador. No silêncio, ele inspira e expira. Na fala “ele mora em salvador” P12 faz movimentos com os dedos entrelaçados e busca contato visual com o pesquisador. P pergunta se as drogas levou ele para o caixão com um movimento da mão em abertura até indicar o chão na fala sobre o caixão, corpo levemente tombado em direção a P12, que desta vez não faz o movimento do corpo para trás; P12 responde afirmativamente com a cabeça antes de terminar a frase. P pergunta se P12 gosta de conversar sobre esse assunto, movimentando o corpo mais para próximo de P12 e diminui o volume da voz. P12 meneia a cabeça e responde que não, movimentando as mãos entrelaçadas. Na fala “só foi isso mesmo” P12 faz um movimento de levar as mãos para frente e voltar à posição inicial, entrelaçados, respirando profundamente várias vezes no silêncio e após o silêncio, inicia a fala “esse irmão ajudou muito”.

Análise microgenética P13 Kayrós família em 30'00

[Enunciados 237-245 P13 E]

Armamos os equipamentos de gravação, cadeiras vermelhas para sentar debaixo do pé de Jaca, próximo ao local de experiência das aulas de direções do primo M., que montou um trator de brinquedo até aprender a dirigir, história comentada por alguns membros familiares. Iniciamos a entrevista revendo de onde paramos e explicando porque mudamos de local. A avó de P13 auxiliou na arrumação do local, com samambaias dependuradas e alguns arbustos de jardins ao chão ao lado das cadeiras. Montamos o local do gravador com um tijolo em pé como base e outro deitado para formar uma espécie de mesa de centro. O gravador ficava assim mais próximo do que a filmadora, que pegava todo o corpo do participante e do pesquisador. P13 usa camisa bege, calça jeans branca, descalço. P está com calça jeans, tênis preto, camisa branca, cotovelo direito se apoiando na mão esquerdo sobre a perna direita, cabeça se apoiando na mão fechada direita, corpo curvado com as costas na cadeira, os pés se encontram um pouco atrás da cadeira. P pergunta se no tempo do pai e avô, o cenário das drogas era como hoje. O movimento de P13 para esta resposta se inicia com um esboço de um sorriso e com o pé esquerdo de p13 um pouco a frente, pé direito um pouco abaixo da cadeira na parte central, pernas entreabertas, antebraços nas virilhas, mão esquerda pegando a parte interna do joelho direito e a mão direita encosta no pulso da mão esquerda, e o pé esquerdo bate no chão, mantendo o calcanhar fixo ao chão. P13 responde que não, meneando a cabeça e o movimento dos pés é de bater o pé esquerdo no chão, mantendo o calcanhar encostado nele até menear o pé de um lado pro outro fazendo um buraco com o dedão e colocando-o dentro do buraco. As mãos estão entrelaçadas umas nas outras. Conforme a resposta dele vai se desenrolando, P13 parte da posição inicial até ao final da segunda oração com mãos entrelaçadas e contato visual com o pesquisador, que está com a cabeça meneada para o lado esquerdo e mão fechada sobre o rosto. Na resposta sobre tecnologia “É as pessoas que não tem bem saúde” P13 muda as posições em que estava antes na cadeira e ao final da próxima frase, movimentando o pé abaixo da parte central da cadeira. Quando P pergunta tecnologia é tudo, ele está com o dedo indicador abaixo dos lábios inferiores, cabeça meneada para a direita, pasta transparente com folha de orientação da entrevista na perna esquerda. Na resposta de P13, acompanha o movimento da cabeça afirmativamente, corpo ereto sobre a cadeira, em contato visual com o pesquisador. Quando ele vai falar da tecnologia ele recolhe os movimentos para dentro de si, puxando a perna esquerda, formando um “X” com a perna direita que se mexem embaixo da cadeira, a mão esquerda protege o pênis, enquanto que o movimento da mão direita inicialmente fica sobre a coxa, um pouco a frente da mão esquerda, entre as pernas; As mãos se mexem entre as pernas até que, ao final da oração, a mão esquerda se eleva na fala “E é assim” até a altura

-Eu acho que não, não tem muito tempo essas coisas ai, ai agora a tecnologia tá avançano

vai apareceno umas coisa ((chuva ao fundo))

né? 30'02” a 30'06” E é assim. 30'07” a 30'12”

- é 30'15” a 30'21”;

-((sons de animais ao fundo)) Tecnologia

que tem agora, mais aparelho de celular mais

avançado, notebook, tablete, as pessoa fica mais

esperta, é assim. 30'40" a 30'45" 30'46"

– As drogas é as pessoas que num tem bem a

saúde, fica inventano vários tipo de droga é 31'04"

a 31'26" só isso só;

do rosto, encostando dedo indicador e médio e então volta a posição de mãos entrelaçadas entre as pernas inicial, mas os pés continuam entrecruzados embaixo da cadeira. O movimento continua no esfregar de mãos entre as pernas, com os antebraços encostando entre a virilha e a coxa para dizer que “as drogas é a pessoa”. Enquanto o pesquisador está perguntando “E as drogas?” e passando a mão direita na testa e mão esquerda aberta com a palma voltada para cima na perna direita, P13 olha para todos os lados sem mover a cabeça, sem realizar o contato visual com o pesquisador e quando finaliza a pergunta, o início da 1ª resposta, P13, ao invés de afirmar, faz uma volta polifônica de pergunta e faz uma concha com os dedos abertos com a mão esquerda e passa mão direita 3 vezes rapidamente por essa concha, para dizer que as drogas são as pessoas, e em seguida a concha da mão pega os dedos da mão direita.

Família 2 – Quilombo Alto do Morro

Caso P21

Sumário de entrevistas

A história da família P21 enfoca o curso de vida nos significados de um trabalho brabo, vida dura, lutar pra sobreviver. Na juventude ia pras matas com o pai, roçando, trazendo lenha pra poder vender; trabalhou com a farinha desde que nasceu, até depois de casado. Colocava a carga de farinha nos burros e ia para Nazaré vender pois, na Feira Livre da cidade do quilombo não havia comprador: Dos dez sacos que levava para a Feira Livre da cidade do quilombo vendia três ou quatro. Entre a juventude e a adultez descobriu que ia para a região sul da Bahia, em direção à Gandu, Itabuna nas fazendas de cacau que remuneravam o trabalho livre, pois “os fazendeirozinhos da região em Santo Antônio de Jesus não pagavam a diária”.

Nas narrativas sobre esse episódio, P21 inicia o tema com perguntas sobre a origem, nome e a família do pesquisador na Bahia. P21 relaciona a história de vida do pesquisador à sua história pessoal e de sua família ascendente e descendente. Traz o almanaque como objeto que dá o nome de cada pessoa naquela época; bastasse o pai abrir o almanaque no dia da data de nascimento do filho. O próprio almanaque tinha um nome: Brito. Responsável pelo nome do bocado de irmãos.

O momento Kayrós, de estar sempre juntos, se deu com a morte de “um bucado de irmãos”, um reflexo do número de seus 14 filhos mediados entre o trabalho brabo e a sobrevivência que “foram morrendo, assim ò, tudo de barbeiro” [enunciado 798 P21 N]. P21 aconselha os filhos para a manutenção da união familiar como viveram unidos os irmãos e pai de P21. Nesta perspectiva de possibilidades concretas da união, P21 narra que, às vezes, haviam alguns desentendimentos negociados a partir da intervenção dos pais nas relações dos

14 filhos obedientes às ordens paternas. Conta que no início do casamento, aos dezoito anos de idade, não foi moleza criar os 14 filhos concomitantemente às viagens ao sul da Bahia, em busca de trabalho livre, trabalho na subsistência ao plantar mandioca, lutar com farinha, colher laranja para aguentar o sustento da família [enunciados 742 – 751 P21 N; enunciados 13-26 P21 N].

P21 narra que aos dezoito anos ou menos o namoro vergonhoso dos namorados de antigamente era mediado presencialmente pelo pai, mãe e família na sala [enunciado 64 P21 E]. Diferencia do namoro atual em que os filhos se sentem livres para beijos e abraços em frente aos pais. A paquera naquele tempo era com sorrisos e intenções na troca de olhares [enunciados 330-332 P21 E].

Na posição que coloca a vida como sofrida, P21 perdeu pai e irmãos numa rapidez enorme, o que lhe produziu o sentido de estar sempre juntos, mesmo na morte. Ele estava para morrer também, várias vezes: de prósta [enunciado 798 P21 N], da mordida de barbeiro [enunciado 798 P21 N], da cobra verde nas fazendas do sul da Bahia [enunciado 798 P21 N], pelo marido da amante, que morava na Rua Cobra Verde, próximo à rodoviária [enunciado 798 P21 N], na sua própria casa, quando viu um ato sexual de três cobras machos Surucucu, a Cobra Verde, em uma Cobra Verde assanhada [enunciado 798 P21 N].

Sobre a saúde, P21 teve câncer de próstata e relata que foi curado por Jesus, uma solicitação da filha dele para ir à igreja se quisesse ser curado. Fala de seu filho mais velho, P22, da separação dele com a mulher, de como ficaram os filhos e do desgaste da família. Sobre as histórias de separação, P21 fala também dos outros filhos e diz que hoje em dia as pessoas não vivem bem, existe homem safado e mulher safada, e ambos não vivem bem, separam-se com muita facilidade. Ele se aposentou, com vencimentos equivalentes a um trabalhador rural sindicalizado. Também tocou violão, até se tornar crente e hoje, está

cuidando de uma neta que estuda na escola do Alto do Morro, enquanto os filhos estudam em uma escola perto da comunidade.

Mapa Temático de P21

Na sequência aos quadros de namoro e paternidade de P21, construímos o mapa temático correspondente a episódios preferenciais em sequências narrativas nas entrevistas. Nas entrevista posiciona os outros e a si nos temas de paternidade com conteúdos de conselhos e ajuda aos filhos, bem como na posição eu constitui a temática da obediência. A posicionar o outro constituiu o tema de namoro com os conteúdos de construção da casa, casamento e separação.

Namoro

Na condição eu, P21 construiu os significados do passado ao presente sob o tema namoro como um tocador de violão, namorador, festeiro; construtor em Salvador após o casamento; negócio sério; lembranças das revistas “putaria”, pornográficas. Conjugado ao namoro descrevemos o tema cuidado em Chrónos nos significados da luta dura com a morte dos irmãos por barbeiro; alegria pela cura da próstata e doença de Chagas. Apreensivo pela violência contra os idosos com aposentadoria.

Na condição outro-filho, P21 conta sobre o tema de namoro conta das várias separações dos filhos, da rapidez do casamento e separação de P22; e em Kayrós conta como ficou chocado, sem palavras com as seguidas separações de um filho, seguida de morte da futura nora, dias antes do casamento.

Na situação de cuidado de si e do outro, P22 apresenta o significado barbeiro como bicho pestado, chupão, desgraçado direcionado ao tema dos meninos picados no pênis por barbeiro durante o sono; Significados semelhantes foram utilizados para o tema da picada da cobra “Pico de Jaca” no pênis do homem que após cirurgia está bem. Em Kayrós, apresenta a luta, a reconfiguração familiar no cuidado de si e do outro, com a morte do pai, e irmãos durante três meses pela praga da doença de chagas.

Quadro 18

Posicionamento P21 – Namoro Junho 2014

P21		Posic.	Significados
Passado - Presente - Futuro	C H R O N O S	Eu - Namorado	<p>Tocador de violão; Namorador, festeiro; Construtor em Salvador, após o casamento. Negócio sério; Lembranças sobre revistas de “putaria”, pornográficas no sul ao ver três cobras macho em uma cobra “Pico de Jaca” na roça da família. Triangulação amorosa na rua da Cobra Verde.</p> <p>Luta dura com a morte dos irmãos por barbeiro. Alegria pela cura da próstata e doença de Chagas. Apreensivo pela violência contra os idosos e com aposentadoria. Caçadas com o pai, escolha do menor risco pela sobrevivência. Proximidade geográfica entre a casa dos filhos e do pai; acunhego filho-pai; acompanhamento das filhas/esposa ao médico. Explica o planejamento familiar pelos conselhos da parteira ao pai e aos familiares.</p>
		Outro-Filho	<p>Rapaz sério; Rapidez com que os filhos casam e separam; Chocado com as traições nos casamentos dos filhos, morte da futura nora. Negócio feio; sem palavras com o insucesso conjugal dos filhos.</p> <p>Estudante na comunidade ao lado, no primário e no colégio na rua. Jogo duro; dor de cabeça; degrafa; assombros na distância entre a escola na rua à da casa no quilombo, desistências, ataques.</p>
		Outro-Neta	Sabidinha, caprichosa; miudinha.

~ Aiôn ~ Kayrós ~ Añn ~ Kayrós

Cuidado de si e do outro

Paternidade (1):

Na posição eu de P21, foram construídos os significados do tema paternidade como a responsabilidade no sustento da família; segurança com os filhos homens com as casas ao redor da dos pais; os tempos difíceis com 14 filhos. Na posição outro-pai, P22 conta sobre o pai como lutador para poder criar os filhos; e ao mesmo tempo, distante da família nas matas por semanas, apegado ao machado. Na posição outro-filho, P22 expõe a obediência à liderança do pai, a prontidão para ajuda mesmo quando ocupado. Tudo isso se contrapõe quanto ao sustento familiar de que naquela região os fazendeiros não pagavam o dia, portanto, P22 e outros homens viajavam para o sul da Bahia a procura por trabalho livre, remunerado, que se constituía transições de rota de trabalho para a família P2. Neste momento não se falava ainda em carteira assinada na roça, como em P23.

Quadro 19

Posicionamento P21 – Paternidade e Junho 2014

P21		Posicionamento	Significados
Passado - Presente - Futuro	C H R O N O S	Eu - Pai	Responsabilidade no sustento da família. Segurança com os filhos homens com as casas ao redor dos pais; conselheiro e ajudador dos filhos; Tempo difícil com 14 filhos.
		Outro-pai	Lutador para poder criar os filhos; Distante da família nas matas por semanas; apegado ao machado.
		Outro-filho	Obediente à liderança do pai. Prontidão para a ajuda; ocupados.
			Trabalho escravo; pestado; por diária; brabo; barato; ruim de trabalho; Trabalho nas minas de Mangâns; Risco de morte iminente; perigoso, arriscado; desvalorizado; Escolha do melhor enfrentamento do risco pela sobrevivência; Busca por trabalhos no sul, Gandu, Itabuna. Luta pesada; carga na costa dos animais para o comércio de farinhas na cidade de Nazaré. Trabalho na enxada mesmo aposentado; dificuldades de manutenção na casa de farinha. Divisão de trabalho com os 14 filhos.
~ Aiôn- ~Kayrós ~ Aiôn- ~Kayrós			

Estrutura familiar

Paternidade (2):

Neste quadro, cruzamos os significados da paternidade em relação à herança familiar que se constitui de mudanças nas práticas culturais dos povos afrodescendentes da festa de São Cosme e São Damião, São João para a religião cristã; doações de terras aos filhos em vida; tanto quanto do nome herdado do pai, com muitos irmãos.

Quadro 20

Posicionamento P21 – Paternidade e Junho 2014

P21		Posicionamento	Significados	Herança
Passado - Presente - Futuro	C H R O N O S	Eu - Pai	Responsabilidade no sustento da família. Segurança com os filhos homens com as casas ao redor dos pais; conselheiro e ajudador dos filhos; Tempo difícil com 14 filhos; batalha na criação dos filhos; luta pela família.	
		Outro -filho	Obediente à liderança do pai. Prontidão para a ajuda; ocupados. Convivência co entendimento/desentendimentos entre irmãos.	
		Outro-pai	Lutador para poder criar os filhos; Distante da família nas matas por semanas; apegado ao machado.	
			Doação de terras aos filhos em vida; nome herdado do pai junto com vários irmãos. Construção da casa de família no terreno da sogra; aprendizado de modo de criação dos filhos ao lado do pai; herança musical como tocador de violão, ritmo samba; mudança cultural da religião de matriz africana.	
~ Aiôn- ~Kavrós ~ Aiôn- ~Kavrós				

Caso P22

Sumário das entrevistas

P22 relata que brincou de capoeira no Mercado Modelo aos doze anos de idade, na juventude, moço com o mestre “S”, em Salvador. A capoeira, uma cultura descendente dos africanos, dizia ele, consistia de aprendizado pessoal e coletivo: puxar a ginástica em pé, pessoas dispostas em roda, fazer figa, passar a perna por cima do outro colega, realizar salto mortal. P22 declara que virou craque na capoeira com apresentações em Salvador, cidades do Recôncavo, Gandu e sul da Bahia. A capoeira, segundo o participante, “era uma dança para ver o chão”, ficar com mulheres. Ao participar de uma briga, um negócio de briga, decidiu sair da capoeira. P22, irmão mais velho da família P2, conta que “em fazendas no sul da Bahia, Gandu e nas terras do pai trabalhou para si e para criar os irmãos [enunciado 68 P22 N]. Narra episódios da constituição familiar; com a inexistência de medicamentos contraceptivos adequados a evitar filhos segundo os comentários de sua mulher [enunciados 367-493 P22 E]. Na perspectiva de P22 as mulheres do quilombo quase não usavam a pílula como medicamento contraceptivo, até falavam do adoecimento com câncer no útero e falecimento de mulheres da comunidade no uso da pílula [enunciados 398-416 P22 E].

P22 descreve a situação ao cantar parte da música “Pare de tomar a pílula” (Anexo 4), que fazia sucessos nas rádios locais na época, com debates sobre as doenças nos filhos nascidos, dor no útero das mulheres que tomavam a pílula. P22 conta que proibiram a música “Pare de tomar a pílula, porque ela não vai deixar nosso filho nascer” pois, falava de se evitar filhos com uso da pílula. Nas conversas com a sua mulher, P22 conta que com as notícias dos medicamentos inadequados, o casal retornou às tentativas de evitar filhos com métodos naturais, e “aconteceu” o que significou como o nascimento de 4 filhos. Ele se declara orgulhoso por nenhum deles ter se envolvido com drogas, e nem por saber o que é cigarro de

maconha. P22 relata que tem um dos filhos que gosta de trabalhar e tocar violão nas festas, o que significou para ele como o gosto pela “ vaidade”.

Nestas narrativas sobre a constituição familiar, P22 nos ensina as soluções caseiras de evitar filhos e os nomes populares das doenças sexualmente transmissíveis, a pouca divulgação da camisinha na comunidade, no enunciado “ não se ouvia falar sobre a camisinha”, vide o quadro de cuidados de si e do outro (P22). Para ele, na sua juventude não existia camisinha, que para ele, tem a função de evitar filho; AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis. Relata que em suas andanças em Salvador, por ocasião da cirurgia de próstata, o médico lhe orientou que apenas com o contato sexual pegava-se AIDS; e namorar e beijar estavam liberados. Nos tempos de criança e juventude aos 12 anos, conta P22, ninguém ouvia falar da doença de AIDS, a *doença do mundo*; só negócio de formigueiro. O formigueiro fura toda a bexiga, passa para a hemorróida, com pus e mijo de sangue e possibilidades de transformar em câncer, seguido de morte. Geralmente, se pegava em namoro com mulher do brega, de rua, prostitutas em lugar tal qual a Praça da Sé em Salvador. Relata que hoje, só engravida a mulher e o homem que quiserem porque, nem precisa tomar a pílula. Basta o uso da camisinha, o controle da vida [enunciado 418-447 P22 E].

P22 narra que o filho é uma garantia para o seu cuidado na velhice. Aos dezessete anos casou-se e foi morar mais “R”; casamento que durou menos de dezessete anos. Cuidava dos filhos desde a gravidez da mulher: conversavam a respeito do enxoval do bebê, bem como faziam compras com cores diferentes de acordo com a expectativa do sexo do bebê. Relata que não havia exames para ver o sexo do bebê antes do nascimento. Na separação os filhos escolheram ficar com o pai, que se tornou responsável pelo cuidado e sustento dos quatro filhos [enunciado 68 P22 N]. Após a sentença judicial, P22 relata que dividiu com a mulher o cuidado dos filhos. Quando a mulher adoeceu P22 solicitou aos filhos que fossem morar com ela. Quando lhe faltou dinheiro, P22 lhe amparou com recursos financeiros adquiridos no

comércio sazonal de produtos agrícolas na feira. De vez em quando, a esposa tenta voltar para ele porém, ele *num volta mais*. Num quer botar nenhuma mulher em casa, “num ia ficar bom” nem para os filhos e nem para a madrasta.

P22 conta como descobriu a “doença de prósta”: exames de PSA, ardor na urina e dificuldade de defecar [enunciado 72 – 113 P22 N]. A cirurgia ocorreu com a ajuda financeira dos irmãos. Depois da cirurgia, P22 diz que não é mais homem porque, “num reage mais”. Fala da relação, brigas, desentendimentos com a mulher - a ex-esposa -, dos eventos que ocorreram antes do câncer e mesmo antes da descoberta da doença, nunca conseguiu “colocar nenhuma mulher na mente” e nem na casa pois, sempre que tentava trazer alguém para casa, dava *problemas* com os filhos [enunciado 113-122 P22 N].

P22 declara que o tempo foi difícil para os estudos na época de escola porque, “num tinha esse negócio do Bolsa Família”. Hoje, os filhos recebem o Bolsa Família e estudam. Ele também quer voltar a estudar, pois só sabe *fazer* o nome. P22 termina a sua fala, criticando o governo. Ele diz que: tá “tudo ruim; dinheiro num chega, se chega, está desviado; a casa está cadastrada no Programa Minha Casa e Minha Vida para a zona rural, porém o governo num faz nada” e, “depois das eleições eles esqueceram”.

Mapa Temático de P22

Em seguida aos quadros de namoro e paternidade de P22 construímos o mapa temático correspondente. Os posicionamentos foram de outro eu para explicar a diferença do governo Lula ao da presidente Dilma Rouseff nas desigualdades sociais do Alto do Morro. No posicionamento eu-mim P22 narra o tema namoro, com o conteúdo de respeito ao tempo de namoro, separação; no tema de paternidade o conteúdo foi de número de filhos e identificações pessoais. Em Kayrós pessoal na posição eu-mim, P12 conta a respeito de sua

doença de câncer de próstata; no tema cuidado do outro e de si P22 conta como auxiliou o pai a criar os irmãos.

Namoro

Na posição eu, P22 construiu os significados do passado ao presente sob o tema namoro como honesto; não-fumante; capoeirista, “o ficar” no tempo da capoeira; sofrimento intenso com as separações amorosas, triste com a sua baixa potência masculina. Em Kayrós, a separação amorosa constituiu enunciados no presente, passado e futuro nas experiências de namoro. No tema namoro na posição outro-filho P22 construiu os significados de festeiro; bebedor; vaidoso. Contrapomos ao namoro o cuidado de si e do outro P22 construiu o significado de sem tempo para os estudos; medo de morte com o câncer maligno, brabo; insegurança com os assaltos na roça.

Quadro 21 - Posicionamento P22 - Namoro Junho 2014

P22		Posic.	Significados		Cuidado de si e do outro
Passado - Presente - Futuro	C H R Ó N O S	Eu - Namorado	Honestidade; capoeirista; não-fumante; “o ficar” na época da capoeira; namoro aos dezessete anos com R. Gosto pela mulher R. Sofrimento intenso com as separações amorosas, saudades, desistência, ausências; Triste com a sua baixa potência masculina; homem de valor, homem de trabalho: encostado, sem valor, vagabundagem, prostituição, drogado; Indiferença, medos, inseguranças à outros namoros, possibilidades de homicídio passional; instabilidade. Esperança de potência sexual.	Sem tempo para os estudos; analfabetismo funcional; sofrimento com o câncer de próstata. Medo da morte com o câncer maligno: negócio brabo; picada de cobra: alucinações, padecimento; sofrimento; formicagem; tremedeira, suor. Insegurança com os assaltos na roça; intenção em uma moradia na cidade e trabalho na roça; necessidades financeiras; planejamento familiar como sinônimo da música “tomar a pílula”; nomes populares de doenças sexualmente transmissíveis; prostituta. Tentativa de retorno ao TOPA.	
		Outro-filho	Festeiro; bebedor; vaidoso.	Pouco interesse dos meninos pelos estudos.	

~ Aiôn~ ~Kayrós ~ Aiôn~ ~Kayrós

Paternidade (2):

Na posição eu P22, construiu os significados do tema paternidade como defesa aos filhos quanto às surras da mãe alcoólatra; cuidado aos filhos na separação; criação dos filhos e liderança paterna. Na posição outro-filho P22 conta do cuidado da filha com o pai no momento do câncer; constrói também o significado de maldizer, como “praga que pega aqui para nós” e transforma a criança em rebelde, revoltada, miserável, assassina, ladrão e drogada.

Quadro 22 - Posicionamento P22 – Paternidade Junho 2014

P22		Posicionamento	Significados
Passado - Presente - Futuro	C H R Ô N O S	Eu – Pai	Trabalho intenso na juventude; carregador rural; convívio com a escassez; dificuldades das vendas na feira livre; pouca valorização do produto na cidade de Santo Antônio de Jesus; valorização da diária na cidade de Gandu; melado de cacau; seringueiro no sul da Bahia; muriçoca como morcego; constituição das condições de sobrevivência da família com os filhos pequenos. Sentido de pai quanto às necessidades dos filhos; aumento da intensidade do trabalho na gravidez dos filhos; apoio no sustento aos irmãos e ao pai; desempregado ao adoecer; prática cultural da compra de artigos para bebês. Maior esforço com a desvalorização da moeda brasileira; apoio da comunidade no sustento dos filhos; tempo de São João, de dinheiro e do lucro. Despoupança pelo câncer. Recursos extras da Presidente Dilma não chegam ao campo.
		Outro-filho	
		Outro-pai	
~ Aiôn– ~Kayrós ~ Aiôn– ~Kayrós			
Estrutura familiar			

Paternidade (2):

Neste quadro, relacionamos os significados: da paternidade em relação a herança familiar que se constitui de intenção de não vender a terra, herança do pai; educação à caminho da roça, aprendizado com o pai e ensino aos irmãos. [Quadro 23]

Posicionamento P22 – Paternidade e Junho 2014

P22		Posicionamento	Significados
Passado - Presente - Futuro	C H R O N O S	Eu - Pai Defesa aos filhos contra as surras da mãe alcoólatra; cuidado com os filhos na separação; criação dos filhos; liderança paterna; filhos gêmeos menina e menino; sacrifício na criação dos filhos; atividade e ações paternas na hora do parto; “aconteceram”; divisão dos filhos na separação.	Intenção de não vender a terra, herança do pai. Aprendizado de capoeira com os mais experientes mestres na comunidade; herança recebida sobre o caminho da roça; aprendizado com o pai e ensino aos irmãos e filhos; cumprimento respeitoso e honroso aos mais velhos.
		Outro -filho Filha em casa no cuidado do pai; fraternidade; obediência; maior interação com o pai; determinação ao lado do pai; Maldizer: malquerer; criança rebelde, mágoa, revolta, miserável, assassina, ladrão, drogado. Defesa judicial da filha a favor do pai.	
		O outro-pai Criação de quatorze filhos: 8 machos e 7 fêmeas; obedientes, pouco trabalho ao pai.	
		~ Aiôn- ~Kayrós ~ Aiôn- ~Kayrós	Herança

Caso P23

Sumário de entrevistas

P23 nasceu na roça no Alto do Morro e, na condição de “menino traquina”, brincava muito nas árvores [enunciado 107 P23 E]. Na sua infância, os pais se separaram. Ele durante um tempo ficou em Santo Antônio, com o pai e um tempo com a mãe, em Amargosa e Iguaçu. Ele relata que a mãe também cuidou dele, assim como o pai, porém, ele morou com o pai.

No decorrer da entrevista, P23 contou que teve três namoradas “A” “B”. “C”. Ele fez a tatuagem de “C” no braço. Identificou “C”, como aquela com a qual ele resolveu morar junto e tem saudades, além do cuidado na condição de pai dos filhos de “C” que ela teve com outro homem. No momento da entrevista, P23 cantou uma música para cada namorada. Entre as namoradas aconteceram situações de “ficar” no tempo de trabalho entre as várias cidades de negócios da empresa. P23 conta que não sabe quantos filhos quer ter, pois afirma que concretamente a responsabilidade por ter ou não filhos é da mulher; dialeticamente apresenta sua intenção de ter três ou quatro filhos [enunciados 455-470 P23 E].

P23 cuida dos irmãos e ensinou a profissão de borracheiro para o irmão mais novo, “E”. P23 ajuda financeiramente para o sustento da casa do pai, onde mora. Sabe capinar, além da profissão de borracheiro. Vivia nas estradas com a moto; a trabalhar no caminhão; de vender frutas em cidades do sertão baiano tais como: Iaçú, “Fêra”, Jaquaquara, Truncamento de Laje e Amargosa.

As interações com a família P2 se concretizam ao P23 contar sobre a existência das terras antes do seu nascimento, e que ao nascerem os netos - como P23 -, ganhavam a sua parcela correspondente no terreno da roça da família [enunciados 125 – 132 P23 E]. Assim, tece a narrativa de que nesta interação, subentendia-se que estar todos morando juntos era um formato comum entre as casas dos tios, e outros netos de junto à casa do avô. Assim, narra

entre silêncios e suspiros que a família P22 e P23 se mudou para mais próximo do avô, situação com conflitos entre mãe e pai de P23 [enunciados 133 – 145 P23 E].

Conflitos que produziram a separação dos pais, cada qual em uma cidade e para P23 experiências nas estradas, que se constituiu como borracheiro e; nas esperas de ônibus, tocava violão,- arte que aprendeu com um professor do comunidade da Toca do Índio -, próximo à casa do avô, P21. Toca na casa dos primos, nas festas e nos finais de semana. Passou a maior parte do tempo em Salvador a tocar violão nos bares e na cidade baixa e, outra boa parte de sua vida foi, o “trabalho de borracheiro” nas estradas no Posto Flecha em Feira de Santana. Do “antes” ao “depois”, o tempo de trabalho contou com vários acidentes das correrias de “ir e vir”. De Santo Antônio à Amargosa e também nas correrias da infância, nas quais quebrou o braço ao cair de árvore em Alto do Morro. Os familiares lhe consideraram o menino traquina, que quebrou o braço ao cair da moto, quebrou o fêmur.

Dentre as experiências significativas de sua vida está o acidente da época em que era borracheiro. No acidente, P23, ao estar trocando o pneu, foi prensado entre ônibus e o chão. O participante sentiu mais que uma dor tremenda, no momento o qual o macaco saiu prensado em outra direção e o ônibus caiu em cima de seu corpo. Especificamente em sua bacia. Os passageiros levantaram o ônibus com as mãos, antes da Unidade Móvel de Pronto Atendimento – Samu levá-lo ao hospital. P23 ficou internado durante três meses; tempo que ficou sem poder andar, sem ter movimento nas pernas. Durante esse tempo, ele não falou com seu pai, nem com sua mãe.

Mapa temático de P23:

Em seguida ao quadro de namoro e paternidade, segue o mapa temático no tema da paternidade no futuro do presente se compôs de expectativa de número de filhos na posição outro; os significados de P23 como padrasto dos filhos da namorada, além dos temas de herança, e cuidado de si.

Namoro:

Na condição eu, P23 construiu os significados do passado ao presente sob o tema namoro como bom demais, tempo de São João, de criança, de forró, de estudos; em que P23 se constituiu como pequenininho, perturbado, nu, traquino e segue como: violonista, aventureiro e juntado com C. No contraposto do tema, o cuidado de si e do outro, em Aiôn, P23 narra diversos acidentes que lhe ocorrem desde a infância até Kayrós, dentre eles: o acidente com o ônibus, com cegueira momentânea e o fêmur prensado ao chão.

No tema namoro na posição outro-pai P23, constitui significados do sofrimento pela separação dos pais, como também, a intenção da união familiar.

Quadro 24 - Posicionamento P23 – Namoro Junho 2014

P23		Posic.	Significados	Cuidado de si e do outro
Passado - Presente - Futuro	C H R Ô N O S	Eu - Namorado	Bom demais o tempo de namoro com M, tempo de São João, tempo de criança, tempo de forró, tempo de estudos; pequenininho, perturbado, nu, cabrunco, traquino; depois, tempo de retorno à Santo Antônio de Jesus; bondoso, honesto; construtor; violinista nos bares em Salvador; namoros; aventureiro, as cantadas, o ficar; separações sem sofrimentos; lembranças; saudades do grande amor e do violãozinho.	
		Outro-pai	Intenção da união da família; separação, sofrimento intenso.	
~ Aiôn– ~Kayrós ~ Aiôn– ~Kayrós				

Sem palavras no acidente com o ônibus; cegueira momentânea, gritos, endurecimento dos membros; meio doido, dores intensas, “comendo dor”; sem andar, acidente brabo, internado. Recuperação sem ninguém, sozinho na casa do tio, escondido, sem preocupações aos pais; acidente com perda parcial dos dedos; recuperação com platina; atenção à família; proteção ao custo do trabalho com o sindicato; auxílio médico, jurídico e previdenciário. Ensino da profissão de borracheiro ao irmão; recebimento de apreço paterno.

Paternidade (1):

Na condição eu, P23 construiu os significados do tema paternidade na expectativa de um filho com a primeira namorada, no qual se constitui como desafinado, boas convivências familiares como padrasto, e com a intenção no futuro por quatro filhos.

Na condição outro-pai, P23 narra a separação da mãe, um para um lado e outro para o outro, lá e cá, pai e mãe; e o significado do apreço e atenção do pai com P23. Na constituição do tema da estrutura familiar foram construídos os significados de dos primeiros empregados aos atuais como trabalhos intensos e sem carteira assinada.

Quadro 25 - Posicionamento P23 – Paternidade Junho 2014

P23		Posicionamento	Significados	Estrutura familiar
Passado - Presente - Futuro	C H R Ô N O S	Eu - Pai	Expectativas de um filho com a primeira namorada; desafinado; intenção por quatro filhos; responsabilidade da mulher; experiências como padrasto dos filhos de C. com boas convivências familiares. Símbolo da casa na constituição familiar.	
		Outro-pai	Separação da mãe, um para o lado e outro para o outro, lá e cá, pai e mãe.	
~ Aiôn~ ~Kayrós ~ Aiôn~ ~Kayrós				

Paternidade (2):

Neste quadro, cruzamos os significados da paternidade em relação à herança familiar que se constitui de recebedor de doação da terra em vida pelo familiares paternos; e da sua formação profissional como filho da roça, com vivências em galopes à cavalo, trabalhos com bois.

Quadro 26 - Posicionamento P23 – Paternidade Junho 2014

P23		Posicionamento	Significados		Herança
Passado - Presente - Futuro	C H R Ó N O S	Eu - Pai	Expectativas de um filho com a primeira namorada; desafinado; intenção por quatro filhos; responsabilidade da mulher; experiências como padrasto dos filhos de C. com boas convivências familiares. Símbolo da casa na constituição familiar.	Recebimento de doação da terra em vida; filho da roça como o pai e avô; ensino do pai e avô sobre o tempo de correria, galopes a cavalo, trabalhos com boi. Expectativa de continuidade do trabalho da roça t com diaristas, auto pagamento da roça, trabalho para si. Entendimento sobre a herança pai; :transições religiosas da herança cultural da festa de São Cosme e Damião: samba e caruru. Responsabilidade sobre a quantidade dos filhos é da mulher.	
		O outro-pai	Separação da mãe, um para o lado e outro para o outro, lá e cá, pai e mãe.		
~ Aiôn~ ~Kayrós ~ Aiôn~ ~Kayrós					

A Família P2

A produção de sentidos intergeracional dos homens P21, P22 e P23, da família P2, nas entrevistas sobre o planejamento familiar, é mediada por significados preferenciais no enunciado “não dá para todo o mundo morar sozinho não” [enunciado 769 P21 N] refere-se ao acontecimento “morreu papai em outubro, morreu ‘Z’ em Dezembro, morreu ‘L’ em Fevereiro” irmãos de P21 que ao final de todas as mortes ficou apenas com cinco irmãos dos quinze que existiam [enunciado 798 P21 N]. A dinâmica das mortes de mais rápido a devagar; as casas dos filhos todos juntos como os irmãos e pai que morreu são significados que perpassam as gerações da família P2. P21 posicionou as casas e seus filhos “tudo junto de eu” [enunciado 57 P21 N], em que os filhos, meninos machos moram todos geograficamente juntos à casa de P21. O pai posiciona o filho, no desejo de fazer a “casa lá em cima”, no terreno que comprou distante das terras do pai. P21, na posição de pai, utiliza orações no imperativo de explicações para o filho, e que na posição de filho espera que todos fiquem juntos.

Outras afirmações constroem a posição de P21 de “sozinho não” como: “tem que morar todo o mundo junto” [enunciado 769 P21 N]; “Hoje não pode ficar mais um aposentado sozinho” [enunciado 769 P21 N]; “Só tá ruim por conta da violência, que a gente não pode mais sair pra canto nenhum sozinho” [enunciado 759 P21 N]; Tá difícil para uma pessoa aposentada ficar sozinha [enunciado 775 P21 N]; se nego der o dinheiro, eles não matam não! [Enunciado 761 P21 N]. Os significados da transição da morte são constitutivos da maioria dos episódios de P21: “mataram o finado J e sua mulher, no momento que fechavam a casa de farinha” [enunciado 765 P21 N]; “nós tava ali na igreja, poca hora o cara chegou doido, assombrado: que o cara meteu o revolver encima dele, tomaram a moto” [enunciado 217 P21 N]; “um boi a gente se matava aqui pela roça também” [enunciado 44 P21 E]; “a minha mãe mermo tinha um *negoço* brabo com Cosme e Damião... E ele é diabólico... Ele atacava ela

duma forma que ela *quiria puque quiria* matá gente em casa, mata papai...” [Enunciado 236 P21 E] [Ênfase adicionada].

O filho de P21 explica como criou todos os filhos e os irmãos mais novos na posição de homem mais velho e a de casado. Na produção de sentidos de que “a gente mora tudo aqui dentro do terreiro do pai” [enunciado 68 P22 N], o significado de “sozinho não” de P21 media a interação na família P2. Na posição de filho de P21, obediente às ordens do pai, o significado do casamento não diminuiu as atividades e ações na sua direção que ora ajuda a criar os irmãos mais novos e ora na posição de esposo, no sustento da nova família.

No tema sobre sua família, P22 explica as circunstâncias e posições possíveis na criação dos filhos [enunciado 68 P22 N], em que posicionou a família, e foi posicionado pela mulher: “A minha família, num deu certo; a muié separou mar eu” [enunciado 68 P22 N]. A posição de P22 explica que chegou a construir uma casa de junto do pai e outra na cidade vizinha, onde moravam os familiares da esposa. Na construção física e familiar P22 se saiu “de morar mar cum família” a família dos pais. Morar cumpria duas funções: No Morro, cumpria a posição do irmão mais velho, mas a mulher largou dele. Em Amargosa as posições familiares descumpriam as posições de irmão mais velho no Morro.

O irmão mais velho foi posicionado pelo pai, com explicações sobre o pouco tempo de casamento. Para o pai, a posição da mulher de P22, como aquela que apareceu grávida, explica como P22 aos dezessete anos, “rumou muié ligero” e antes de um ano se separaram [enunciado 228 P22]. Outras explicações de P21 sobre como consegue que os filhos machos permaneçam no Morro, e as filhas mulheres com seus maridos na cidade. “Ele mora naquela casa ali, morava lá na ponta; o outro mora aqui, e o outro mora lá que é o que tú vai conversar com ele amanhã” [enunciado 737 P21 N].

A “conversa de amanhã” com o outro, P22, e em seguida com P23 ocorreu na casa construída no terreno de P21 na produção de sentidos de “sozinho não”: P23 posicionou a

família “Rapai, a família era... Nós morava junto” [enunciado 53 P23 E]. Entre as explicações sobre o “morava junto” diga respeito do tempo de infância, aos sete anos, “no tempo que a mãe se separou” [enunciado 66P23 E]. O episódio da separação da mãe possibilitou viagens entre o Alto do Morro e a cidade da mãe, Amargosa, “ficava lá e cá, pai e mãe, tú sabe como é, né?” [Enunciado 76 P23 E].

Na posição de filho de P22, P23 narra o tempo da separação, o tempo de Amargosa, o tempo de Mariana, a namorada da infância, o tempo de São João. O tempo para P22 se constrói nas experiências entre as duas localidades como nas cidades de Iaçu, Milagres de Brotas, Jaquaquara, Feira de Santana, Tartaruga e Salvador. Ao localizar o “lá”, a cidade de Amargosa, a casa da mãe; o “cá”, a casa do pai, na roça constrói a produção de sentidos de que “Aí, tô por aqui, agora”. Aqui, agora é na roça, o local que media as relações de P22 “filho da roça, gosto da roça mesmo, aí não tem jeitho” [enunciado 92 P23 E]. Pela roça, P22 conta que largou Mariana, a mulher que gostava. O neto, P23 nestas narrativas, constrói significados da orientação do avô, de “sozinho não” para que todos fiquem juntos.

A produção de sentidos intergeracional do namoro da família P2

P21, P22 e P23 contam sobre os namoros, o ficar, casamento, o juntar, as separações amorosas. Nos enunciados sobre namoro P21 construiu os significados de namoro com festeiro, tocador de violão, seguido pelo neto, que também toca violão desde pequeno e tem o gosto por festas [enunciado 28 P23 E; enunciado 86 P22 N]. P21 conta que o namoro com sua esposa, foi conjugado com o casamento, e neste curso de vida, se declarou responsável, como pai e chefe de família [enunciado 494 P21 N]. As explicações sobre o namoro partem sobre a insegurança na velhice, pois quando jovem, destemido, aventureiro, corajoso passava por caminhos cercado de matas para ficar [enunciado 34 P21] com uma mulher. Nesta época como violeiro era convidado para festas como a de São João.

As aventuras e coragem, tanto estão presentes no relato de P23, como também, na solicitação ao médico que lhe recupere os dedos após um acidente na máquina de moer mandioca, na casa de farinha da família. P23 justificou ao médico que era tocador de violão, fato que lhe rendeu uma platina nos dedos da mão esquerda. O violão divide com a mulher A as boas recordações de P23 [enunciado 541 P23 N], tatuadas no braço esquerdo. P23 declara que conhece A desde a infância e que sempre “fica” com ela, como no último São João [enunciado 176 P23 N].

P23 afirma que a residência de A é distante geograficamente, semelhante à mulher do avô, e assim ficava lá e cá, Santo Antônio à Amargosa, entre o violão e A. A diferença de P22 para P21 e P23 é que o significado do namoro para P22 descreve uma mulher bonita, encontrada no caminho quando ia para a casa da namorada [enunciado 272 P22 E], quando ele tinha dezesseis anos. Afirma que no curso do namoro, iniciou conversas até juntar-se com R, a mãe de seus quatro filhos [enunciados 271 a 280 P22 E]. Nos enunciados P22 acrescenta como: de corpo esguio, magra, alta, quatorze anos, a beleza de R, mesmo após a separação. R separou-se de P22, P23 separou-se em menos tempo de A., enquanto que P21 separou-se em

outros tempos, em que os significados do ficar eram a pessoa doida, sem juízo; e, no casamento a pessoa tem que tomar juízo, responsabilidade.

O significado de “doido”, [enunciados 379-382 P23 E] está nas explicações tanto de P21 quanto de P23 sobre o samba, o sambão, samba na doida: o pandeiro come no centro e o timbal acompanha a festa do ritmo musical presente nas explicações sobre o cotidiano de festas e “o ficar” na juventude de neto e avô [enunciados 82 – 100 P21 E]. Os participantes explicam a separação não por completo, com reencontros em tempos em tempos em outras posições sociais [enunciado 44 P21 E; enunciados 217-220 P23 E; enunciado 124 P22 N]. P22 também ficou doido fora de si, com alucinações, com resultado da picada de uma cobra nas fazendas do Sul da Bahia, como Gandu.

A produção de sentidos intergeracional sobre o cuidado na família P2

A produção de sentidos intergeracional para P23, P22, P21 sobre o cuidado constitui significados como atenção na saúde, na educação, amparo financeiro à família e não dar preocupações aos pais. Nos discursos sobre o cuidado aos filhos e netos, P22 tem a intenção de morar na “cidade” como o local seguro [enunciado 38 P22 E]. A diferença entre a roça e a cidade está presente em outras afirmações da família P2: “já meus filhos, (...) foram acabar de estudar na rua” [enunciados 192 – 197 P21 N]; a rua como a possibilidade de complementação dos estudos da escola na roça. “E você vê lá na rua o pinto cum dois meis e já tá dano tês/quato quilo... Em cima do remédio, da injeção...” [enunciado 44 P21 E]; A rua como o espaço da tecnologia, da indústria e comércio. “A gente saía daqui pá rua (...) A gente chega no açôgue pra compá uma carne, NUM chega cum o chêro da carne de boi mais” [enunciado 44 P21 E]; A rua como o disfarce do gosto, o cheiro diferente da roça. “Se for daqui pra rua é um preço, (...), entendeu? Depende do lugar” [enunciado 117 P23 N]; A rua como significado dos preços diferenciados da comunidade do Alto do Morro.

Na perspectiva da diferença entre roça, o trabalho e a cidade, o estudo, P22 afirma que só faz assinar documentos, pois na escola, estava preocupado que a casa de farinha, triturar mandioca a braço, o que significa trabalho manual depois das aulas [enunciado 74 P22 N]. O mesmo aconteceu com P23 com o foco no trabalho nas afirmativas de P22 [enunciado 86 P22 N]; P23 afirma que estudou na infância em Amargosa, e que trabalha desde os doze anos, diferente de P21 que descreve uma oportunidade de estudo no Programa Todos Pela Alfabetização – TOPA, do governo da Bahia. Os enunciados sobre educação se interconectam a socialização, a convivência, discussões mais presentes no cotidiano da família P2. P21 declara a obediência dos filhos mesmo em situações como colocar em funcionamento a bomba d'água que fica na parte inferior do terreno, mesmo à noite. Conta como filho, ele também obedecia ao pai, assim vêm da criação dos pais [enunciado 37 – 117 P21 N], uma herança um para o outro.

As descrições do trabalho intenso no sul da Bahia, nas mineradoras no Recôncavo como também na comunidade com a casa de farinha, segue os relatos de P21, P22 e P23; Em P22 segue a separação amorosa com os temas da queimação do câncer brabo, maligno, nas falas sobre o medo da morte, ardor na urina; e as práticas de saúde com os exames [enunciados 68 – 74 P22 N], o cuidado dos filhos [enunciado 72 P22 N], irmãos [enunciado 76 P22 N], da ex-esposa R, a recuperação [enunciados 111 – 113 P22 N] e a reintegração ao trabalho [enunciado 161 P22 E].

O câncer de próstata esteve nos relatos de P21 como em P22, como uma dor na virilha; a diferença nos relatos está que P21 descreve a cura pela religião cristã a partir de um convite que sua filha fez “papai quiser ir, papai vai”. Nas narrativas, P21 antes de falar do câncer e das curas, relata o trabalho pesteadado, brabo, intenso nas matas, na casa de farinha, nas roças do Sul da Bahia, para poder aguentar a família com 14 filhos, nos significados coletivos da época de bom homem, responsável, supridor dos alimentos, mantenedor da família.

Acompanha a cura, os relatos da luta, o cuidado da família contra a doença de Chagas que assolou sua família com a morte dos irmãos e pai.

P23 fala do cuidado do tio durante meses, do acidente de trabalho como borracheiro, quando o macaco se movimentou e o ônibus prensou P23 no chão. Afirma que deu um grito, desmaiou em seguida, e ficou meses sem andar, com injeções para o alívio da dor. P23 conta que solicitou ao tio que não preocupasse o pai e a mãe sobre o acidente, uma forma de cuidado familiar com o padecimento de P22 e da mãe com a separação amorosa.

A produção de sentidos intergeracional sobre a paternidade da família P2

Desenvolvemos a paternidade entre as gerações da família P2 no tema da criação. Para explicar que criou os filhos e os irmãos, P22 narra a idade de dezessete anos como a idade da mudança do cuidado dos irmãos para o cuidado dos filhos. Na condição de irmão mais velho, P22 auxiliou o pai no cuidado dos quatorze irmãos. Ficou com os quatro filhos, após casar e separar. E assim, retorna para o Morro, no terreno do pai, onde além de cuidar dos quatro filhos, ainda cuida dos irmãos, na posição de filho do pai. A condição de P23, aos 22 anos, foi também de cuidado de filhos e irmãos, como o pai. Na condição de pai, P23 cuidou dos filhos que “C” tinha com outro homem [enunciados 7-17 P23 E]. Na situação de filho da roça, ensinou o irmão “E” a profissão de borracheiro [enunciado 430 P23 E]; E não larga, nem despreza os irmãos, em especial “T” com quem mora junto mais o pai [enunciado 328 P23 E]. O avô, P21 também cuidou dos 14 filhos e 14 irmãos; os irmãos morreram entre os meses de outubro a fevereiro ligeiro e os outros morreram mais compassado [enunciados 784-844 P21 N]. Os filhos ele “dá consei a um e dá um consei a outro né; de veiz ajuda arguém, ajuda argum” [enunciado 75 P21 N].

Na produção de sentidos intergeracional sobre a procriação de que “eles moram tudo junto de eu” é que P21 entende “eles” como os quatorze filhos que tem [enunciados 20-57

P21 N]. Posiciona que a quantidade de filhos media o trabalho duro na roça com a mandioca e a farinha; e quem não tem uma quantidade de filhos tá fechando a casa de farinha, pois está velho e não aguenta o trabalho duro da casa de farinha. A luta pela sobrevivência também ocorreu com o seu pai com quinze filhos, entre os quais P21. Entre os filhos de P21, está P22, que teve quatro filhos. Na explicação sobre “criei tudo”, “o tudo” eram os filhos adicionado aos 13 irmãos que ajudou a criar, o que ultrapassa a quantidade de cuidados paterno do próprio pai. O filho, P23, na explicação de “quer conseguir fazer uns quatro filhos, posiciona em confronto com o pesquisador “rapaz, é a mulher, né?” [Enunciado 457 P23 E]. Na construção do episódio tece os significados sobre os quatro filhos na sua vida, como o pai, com quatro também, sendo um dos quais P23. A sobrevivência da família e de si mesmo está na posição da luta com “esses negócios”: a laranja, a mandioca, a farinha.

A produção de sentidos intergeracional da Estrutura Familiar da família P2

A produção de sentidos intergeracional da estrutura familiar de P21, P22 e P23 construíram sentidos nas narrativas a respeito da feira semanal; alternativas ao trabalho escravo; as parcerias com outros homens quilombolas de outras regiões em busca por trabalho livre; a responsabilidade no sustento da família. P21 declara que seu pai era um homem que passava semanas em matas distantes, muito apegado no machado para poder criar os filhos e sustentar a família. Como o pai, P21 também declara que desde pequeno o acompanha pelas matas e, ao casar, a vida foi de plantar mandioca, lutar na produção de farinha e plantar laranja para aguentar a família com quatorze filhos [enunciados 18-20 P21 E; enunciado 497 P21 E]. P23 disse que para o sustento de si e da família sem carteira assinada trabalhou na enxada, carregador de produtos agrícolas, violonista, nos bares e borracheiro [enunciado 17 P23 N].

P21 e P22 narram que os trabalhadores baianos do Recôncavo se quisessem trabalhar a dia tinham que ir para as fazendas no Sul da Bahia, pois no Recôncavo os fazendeiros não pagavam a diária. P21 e P22 atrás de informações de quais as fazendas que pagavam diárias, encontraram trabalhadores em outros Quilombos com as mesmas preocupações, tais como os trabalhadores de Gandu [enunciado 500-553 P21 N; enunciados 86-121 P22 N]. As informações constituíram experiências pessoais de P21 e P22 a respeito dos locais de trabalho e do grupo de trabalhadores livres no sul da Bahia nas fazendas de cacau e seringais.

Os recursos possibilitaram a sobrevivência, aliada aos trabalhos da roça, com a produção de farinha de mandioca, a plantação de laranja, melhorias na fazenda e recursos para a feira semanal. P22 conta que no governo de Fernando Henrique os preços da feira variavam de manhã a tarde e que por vezes o preço da carne, era o valor de um dia de trabalho na zona rural. Sobre o assunto da feira semanal, P23 relata que por duzentos reais dá para fazer uma boa feira semanal. A divisão que P23 faz do dinheiro, contempla uma poupança para a saúde, uma sobra para a cerveja aos fins de semana e uma porcentagem para a compra quando a botinha no uso do trabalho na roça se estraga.

A produção de sentidos intergeracional sobre a herança da família P2

A produção de sentidos intergeracional sobre a herança de P21, P22 e P23 estão presentes nas entrevistas narrativas e episódicas. P21 conta sobre a herança indireta ao casar com sua esposa com doações de terras por sua família. A descrição da herança segue o complemento financeiro que realizou ao comprar 27 hectares de terras dos cunhados o que possibilitou maiores áreas para plantações de cacau, mandioca e amendoim, além da produção para a família. Na geração dos filhos com a herança em relação às separações amorosas e por morte dos filhos. Afirma que “O juntar” o novo formato de casamento dos filhos e netos não

constituem heranças do casal e atravessam crises de rápidos recomeços e separações [enunciados P21 277; 399-420 P22 N; enunciado 68 P22 N; enunciados 189-205 P23 E].

A respeito às festas de São João, São Cosme e São Damião; o samba, a caçada, foram algumas das heranças que recebeu do pai no curso de vida. O respeito na narrativa de P21, é ensinado a P22 e P23 como uma significado de obediência, união da família, ajudas familiares e concordâncias [enunciados 65 – 75 P21 N]. Ele conta que ensinou aos filhos e netos, o que aprendeu com seu pai, como filho obediente às ordens e concordâncias [enunciados 100 – 110 P21 N]. Relata que a festa de São Cosme e São João foram extintas do cotidiano da família, devido às experiências como filho na casa do pai. Conta que não obedeceu às ordens da família referentes à tradição de colocar o nome dos Santos Cosme e Damião em filhos gêmeos [enunciados P21 220-240 E].

Relata que os nomes: Cosme e Damião são atrapalhados; com os sentidos cheios de tragédias, tentativas de assassinatos e suicídios. As experiências com a festa são da mãe que pegava “caboclo”, significado como negócio brabo, estar fora de si, negócio de samba, de dança africana que proporcionavam mudanças nos cabelos, forças maiores que a dos homens ou mulheres da família e vizinhas, além de vozes que pediam objetos para “matar papai”. Os sambas só terminavam quando outras pessoas acendiam incenso de alfazema para acalmar as danças africanas e as intenções das pessoas. P22 não relata sobre esses ensinamentos.

Contudo, encontramos na narrativa do filho, P23. P23 relata participar das danças, com o sentido de samba de doido, de terreiro, sambão, meio mundo de festas, acompanhadas de comidas afrodescendentes como o caruru, significado como caruru brabo, que seria uma mistura de vatapá com quiabo.

Análise microgenética da família 2

Na análise microgenética observamos os seguintes Kayrós: Em P21 a constituição das lutas no presente, passado e futuro sobre a morte do pai e dos 14 irmãos, sendo as quatro primeiras mortes mais rápido que as últimas, constituindo a produção de estar junto nos temas de lutas e mortes tecidos nas narrativas sobre o presente, passado e futuro em polifonia com P22 e P23. Observamos os processos translinguísticos dispostos no momento da fala. Avaliamos o Kayrós que perpassa experiências significativas em P22 e P23, pois a filmadora desligou no tempo da narrativa de P21 o que nos possibilitou a alternativa de análise com elementos de intensidade, tonalidade e expressão da voz na gravação do áudio.

Em P22 analisamos elementos translinguísticos na narrativa sobre os retornos à casa paterna depois dos trabalhos nas cidades do sul da Bahia na produção de sentidos de estar junto ao pai. Em P23 analisamos os elementos translinguísticos na narrativa que a família deveria ficar toda junta e então descreve a separação da mãe e do pai, dialeticamente misturada com os episódios de separação de P23 e a namorada de infância.

Análise microgenética P21 do Kayrós da família

[Enunciado 799 P21 N]

[...] Sim uns 14 á 15 que eu tinha, aí foi morrendo,
 morrendo, morrendo hoje só tenho parece que são 5. Só
 tem 5 sou eu, P21t, P21l, P21a, P21q, P21L é 5, P21d;
 tem 6 uma mulher também. Mas o resto morreu tudo.
 Negócio de doença de barbeiro aí foram morrendo,
 morrendo tudo: Morreu papai em outubro, morreu P21z
 em dezembro, e morreu P21Lu em fevereiro um atrás do
 outro assim ó tudo de barbeiro. E os outros levou mais
 tempo pra morrer que nem P2i, P21z, esse P21j tudo
 mordido; morreram de barbeiro, tudo de barbeiro.
 Por isso que eu digo que Jesus deu uma alivrança melhor
 a eu[...]

A entrevista acontece na varanda de uma casa, com uma mesa de madeira com estampa florida, com painéis e algumas sacolas plásticas em cima dela, corda e algo escuro, envolto por plástico mais próximos à câmera. Ao fundo há uma área verde, algo pendurado balançando com o vento e alguns pilares. P21 e estão sentados em cadeiras marrons de madeira. P21 usa uma camisa branca, parcialmente manchada, calça marrom e sandálias azuis, e senta-se afastado do encosto da cadeira, com o cotovelo esquerdo apoiado na mesa, enquanto que P11 usa camisa azul, bermuda branca com listras marrons que formam uma malha quadriculada irregular, sandálias marrons e está com o cotovelo direito apoiado, sorrindo. Sorrisos para falar do nome P21 que “os pais botô”. “No tempo de papai olhava no “almanaque de Brito!” “Mas também eu tinha um “mucado de gente, mas também tinha um mucado de irmão, agora metade já morreu tudo...” a intensidade da voz aumenta nos enunciados sobre a morte dos irmãos ao atingir o nível de voz vigorosa na fala sobre o “barbeiro”. A gravação do áudio de 2:17 não foi acompanhada pela gravação do vídeo que durou 1: 57; No minuto de 1:57 a 1: 58 é a produção de sentidos sobre as mortes do pai e irmãos juntos; primeira fala de barbeiro; e a explicação que foi curado por Jesus!

15 minutos dos 19 é explicação sobre o bicho do barbeiro!

A produção de sentidos sobre o episódio das mortes dos irmãos inicia com a discussão sobre o nome e finaliza com Jesus me curou de barbeiro.

Análise microgenética P22 sobre Kayrós da família

[Enunciados 40-44 P22 N]

RAPAZ, minha história de vida é por que: ... Eu né/ EU NASCI

aqui me criei aqui mermo. EU JÁ SAI pra trabalhá fora assim

mai... RETUMEI fiquei aqui mermo, no mermo local.

TRABAIEI muitcho mar meus PAI, ajudei criar meus irmão

como mais vei é eu, dos home é eu. Mexia comé, SAIA pero

mundo! Trabalhano por FAZENDA, ajudava meu pai a criá

meus irmão... 7:45

A entrevista se dá próximo à uma parede sem chapisco, P22 e P estão sentados em um sofá de dois lugares com um forro amarelo estampado de flores vermelhas e folhas verdes, com o gravador entre eles. Por baixo do braço de P22 há uma sacola plástica transparente, usado para guardar a câmera. P22 está usando um boné com estampa camuflada, camisa branca com uma faixa laranja da altura do peito até os ombros, shorts laranja com detalhes amarelados, apoiado no encosto do sofá, os braços de P22 estão apoiados nas coxas; P está usando camisa branca com uma calça jeans desbotada, a pasta transparente com a folha A4 com as orientações da entrevista em seu colo. P23 passou a entrevista com sua via do TCLE em mãos. P pergunta a história de vida de P22 com o braço esquerdo aberto apoiado no encosto do sofá, o direito na parte interna da coxa direita. P22, na fala “minha história de vida” está com o olhar entre as pernas e na fala “eu nasci e me criei aqui mesmo, faz contato visual com a câmera. Na palavra “criei” P22 levanta o braço direito, virando a palma aberta em forma de concha para cima e desce subitamente; P recolhe o braço atrás de P22 no encosto, em movimento enquanto P22 fala as duas primeiras frases, encosta o cotovelo esquerdo sobre o encosto do sofá e o braço direito perpassando as duas virilhas, quase encostando uma mão na outra e busca contato visual com P22. Na fala “Já saí pra trabalhar fora assim” P22 faz um movimento brusco com as mãos, que está sobre a coxa, virando ela para cima, aberta em forma de concha e desce subitamente, fazendo contato visual com a câmera. Na fala “retornei, fiquei aqui mesmo” P22 faz uma movimentação do braço em forma circular, acima da coxa, quase oval, com o dedo polegar para cima, contato inicial com a câmera e final entre ele e P. Na fala “ajudava meu pai a criá meus irmão” P22 faz um movimento com o dedo indicador direito, do lado de fora para dentro, para “irmãos” e um movimento com o dedo polegar direito, do lado de dentro para fora, para “pai”. Na fala “retornei, fique aqui mesmo. TRABAIEI muitcho mar meus PAI, ajudei criar meus irmão como mais vei”, P22 está cabisbaixo, com o olhar voltado em direção a frente a seu corpo, para o chão, movimento esse que continua até, a fala anterior “saía pero mundo”, em que P22 olha em direção contrária ao pesquisador, movimento que continua com a mão direita que acompanha a direção das falas. P busca contato visual com P22, que ocorreu apenas uma única vez.

Na fala “saia pelo mundo trabaiano” P22 faz um movimento circular do braço direito de dentro para fora com as costas da mão à frente, indicando uma direção do círculo, e espalma as mãos sobre a perna, fazendo barulho. Na fala “por fazenda” faz um movimento. Na fala “Já sai pra trabalhar fora assim” faz um movimento circular de fora para dentro com a mão, parando em forma de concha e finaliza sobre a perna. A fala “como mais vei é eu, dos home é eu” P22 cabisbaixo, especificamente na fala “eu” levanta o dedo indicador em direção P e volta rapidamente para a perna. Até a primeira coda, P22 não faz contato visual com P.

Análise microgenética P23 de Kayrós na família

[Enunciados 44-70 P23 E]

<p>-Rapai, a família era pa morarra junto, era tudo de boa né. - É ela vinha por aqui, mai depois se separaram né, um foi prum lado outro pra outro, ai né... -Deus quis assim. - Não. M tá em Amargosa, a gente se entendeu mais, sabe, nunca mais fui lá, nao. E ai...- Rapai eu que mim saí, eu indo e vindo de lá pá cá, pa passar em Amargosa e uns tempos em Salvador também, depois retornei, não</p>	<p>A entrevista ocorre dentro de uma casa, próximo á uma parede sem chapisco com uma porta e uma geladeira ao fundo. P23 e P estão sentado em cadeiras de metal brancas, com um violão à frente deles. P23 possui barba, usa uma camisa pólo vermelha, boné preto, relógio no pulso esquerdo e bermuda com partes azuis, pretas, verdes e brancas e está com o cotovelo esquerdo apoiado no antebraço direito que está apoiado na barriga, enquanto toca a lateral da boca com o punho esquerdo e olha para a folha A4 que P carrega; P está com camisa pólo branca oficial do grupo SAED e calça jeans, enquanto segura a folha com as orientações da entrevista. P23 ao repetir e questionar a pergunta sobre “M” faz movimentos com a mão esquerda aberta coçando o nariz com o dedo indicador, a mão direita segura o joelho esquerdo e vai curvando o corpo repetindo a palavra “M” até as palavras que contam um pouco da sua família “Rapai, a família era pa morarra junto, era tudo de boa né. - É ela vinha por aqui, mai depois se separaram né, um foi prum lado outro pra outro, ai né...” e a mão esquerda, que estava coçando, vai para a cintura, a mão esquerda segue o movimento em direção à canela direita, sendo acompanhada pelo olhar, quase encostando o peito no joelho. Retorna do movimento de curvatura, deslizando a mão da canela até a coxa. Na fala “um foi prum lado outro pra outro” P23 busca o contato visual com P faz o movimento com as mãos friccionando as mãos nas virilhas ao ponto de levar os braços esticados, mãos presas entre as pernas e a coluna ereta e na fala “Deus quis assim” movimentada o corpo com as mãos presas entre as pernas, braços esticados, como uma cadeira de balanço. P, em contato visual com P23, perna aberta, mão esquerda espalmada sobre a perna direita, antebraço direita apoiado na coxa, um pouco curvado a frente, pasta da entrevista episódica na mão, gravador em cima da perna esquerda. P fala junto com P23 perguntando se era sobre “M” que ele estava falando, busca contato visual com P23. P23, olhando à frente de si mesmo, em movimentos de balanços, como descritos anteriormente, meneia a cabeça nas seguintes palavras “Não. M tá em Amargosa, a gente se entendeu mais sabe, nunca mais fui lá, não”, nas palavras “eai” P23 faz contato visual com a câmera e passa a mão esquerda aberta coçando o nariz, o bigode, a barba e o pescoço até a fala “eu que mim saí, eu indo e vindo de lá pá cá, pa passar em Amargosa e uns tempos em Salvador”. Na fala “depois retornei” P23 está com as mãos entrelaçadas presas entre as pernas, olhar voltado para as mão, corpo encurvado, cabeça um pouco tombada para o lado esquerdo e P se encontra na busca de contato visual com P23, mão esquerda prendendo o braço direito cujo antebraço está sobre as coxa, segurando as folhas da entrevista episódica, corpo encurvado, levantando os dedos indicadores na palavra “retornei” e na fala “Não quis mais nada com ela não”</p>
---	---

gente ... já nunca se entendeu, assim. - Ó, sabe...

Quem se separou? - Por um tempo que a mãe se separou.- Sim, mai meu pai... Foi nesse tempo, ai fui morar em Amargosa, minha mãe morava em Amargosa...- Rapai isso foi ni... (...) em dois mil... (...)foi em 2002, foi em 2002. Tem quantos ano?

Tem...? Doze ano né? Doze ano. Doze ano separado já.

((risos)) Tem graça não! Fui, fui morar... [...]

- (...)É, fui morar mais minha mãe, sabe, ai fiquei por lá, cresci um pouco, sai fora, vim morar aqui.

meneia a cabeça, levanta a mão acima do ombro e joga a mão à frente do rosto, ligeiramente acima, num movimento da mão para fora do corpo para falar “Num quis mais nada com ela não! Morei com ela mermo.”. Ao final da fala “num quis mais nada com ela não!” P23 aperta a mão uma na outra. A fala “Mas morei com ela mesmo... mas nunca entrevi nisso também não.” é acompanhado de movimentos de afirmações com a cabeça, corpo balançando encurvado, contato visual com pesquisador. P pergunta se nessa época de sete anos de idade, quem se separou com a mão esquerda sobre a perna esquerda, dedo indicador em movimentos de apontar à frente, pergunta repetida por P23 meneando a cabeça afirmativamente, levanta um pouco a cabeça, buscando contato visual com P balançando o corpo e dizendo que a mãe se separou. Na fala “Mai meu pai”, P23 vira a cabeça bruscamente à direita, para indicar a presença do pai na roça, no aqui e agora, a mãos entrelaçadas a frente, corpo volta a balançar e encurvar, olhar em direção às mãos, fala em baixo volume “foi nesse tempo”. Na fala “ai fui morar em Amargosa” levanta o braço direito à altura do ombro, mostrando a costa da mão, o ante braço, acima do pescoço, indicando a frente a cidade e retornando com a mão uma sobre a outra, próxima ao joelho, corpo levemente inclinado à frente. Na fala “Por um tempo que a mãe se separou”, “mar meu pai” P23, em contato visual com P, vai retornando para a posição de olhar para as mãos entre os joelhos, corpo curvado, as mãos abertas vão se fechando até entrelaçarem entre as pernas. Na fala “foi nesse tempo” balança a cabeça afirmativamente, voz lânguida, menor volume e tonalidade do que o próximo turno da fala. Na pergunta sobre que ano isso ocorreu, P23 abaixa mais a cabeça quase encostando o queixo no peito, cruza os braços na altura do peito, balança as pernas que estão estendidas à frente, olha para o chão, no lado esquerdo e entre os anos dois mil e dois mil e dois há um silêncio de 4 seg, termina a fala com o olhar voltado para a coxa, cabisbaixo, mãos fechadas um pouco abaixo do peito. Ao afirmar “foi dois mil e dois!”, leva a mão esquerda aberta sobre o rosto, dedo polegar apoiando o queixo, a esquerda, mão esquerda apoiada no pulso direito, a frente do braço esquerdo, movimenta as pernas horizontalmente que estão estendidas a frente. P está com a mão esquerda entre a virilha e a coxa, o gravador à frente e busca contato visual com P23, movimento que termina por coçar o rosto e o nariz. Ele mesmo pergunta quantos anos tem e ele mesmo responde, continuando com o movimento da mão fechada sobre o nariz. A fala “Doze anos!” finaliza o movimento da mão sobre o rosto. Na repetição da fala “doze anos separados” P23 faz contato visual com o pesquisador, estica as mãos presas entre os joelhos, até o calcanhar, sorri e volta ao corpo ereto, contato visual com P, faz esse movimento três vezes até parar na posição, mãos presas nos joelhos,

braços esticados, olhos voltados para as mãos, em movimento, em contato visual com P falando “Tem graça não”. Na fala “Fui” repetida 3 vezes, e na terceira, “fui morar mai minha mãe” P23 movimenta a cabeça afirmativamente, ao fundo, movimenta o corpo levemente ao balançar a cabeça afirmativamente e dizer “fui morar mai minha mãe” Na fala “aí eu fiquei por lá” P23, está com o corpo encurvado a frente, mãos presas no joelho, braços não esticado, as mão que estão presas entre os joelhos se abrem e fecham para dizer “aí eu fiquei por lá”, para dizer “quando cresci um pouco, saí fora, vim morar aqui de novo” [voz grave crescente no desenvolvimento da frase]. A fala anterior termina com volume menor que a posterior, pouco sem vigor na voz, P23 sempre na mesma posição fixa na cadeira, com movimentação apenas das mãos. A fala “ficava lá e cá” é acompanhada do movimento de indicadores num ângulo de 90 graus com os braços, em movimentos pendulares, e contatos visuais com o pesquisador. “.mãe e pai, você sabe como é, né?” sorriso nos lábios, movimento pendular do corpo na cadeira. Na fala “eu gosto dos dois” finaliza o movimento em pêndulo com o corpo para frente e para trás, mão direita levemente resa entre os joelhos, e a esquerda na virilha, acompanhado de silêncio de 4seg. Na fala “E aí to aí agora, com voz grave, olhar distante à frente das pernas esticadas.

Família 3 – Quilombo Alto do Morro

Caso P31

Sumário de entrevistas

A produção de sentidos de P31 constrói o significado de: trabalho brabo, vida velha cansada; homem respeitoso e honrado. Ele conta que no mesmo município em que nasceu, Jaguaripe, casou-se com E, e tiveram filhos. P31 narra que a vida era de trabalho brabo, duro e pesado, tais como: arrancar pé de jaca no centro da cidade, minerações, fazendas no sul da Bahia. Quanto ao serviço de arrancar jaca no centro da cidade, alguns colegas não retornavam no dia seguinte. Narra vários episódios de trabalho que realizou muitos deles em troca de dívidas pelos produtos de subsistência. As condições de sobrevivência levaram a morte de 9 filhos.

Na batalha por uma vida melhor, P31 e sua família mudaram-se para o quilombo Alto do Morro, onde havia escola e Posto de Saúde. Ao narrar a respeito de sua luta para manter os filhos na escola, ele conta que quando tinha a idade dos filhos também participou do programa Movimento Brasileiro de Alfabetização – Mobral pela batalha no aprendizado de assinar o nome, um Kayrós da família [enunciados 81-113 P31; enunciado 58 P31 N].

P31 descreve o episódio entre silêncios e orações compreensíveis pela sequência de enunciados e translinguísticos. Neste cenário encontravam-se P31, os irmão e primos - meninos de 15 a 17 anos, tudo novo - com uma *força arriada no diabo*; a professora - mulher da zona urbana, senhora e casada - e assim prossegue: *Mai ((risos)), oxi ((risos))*. Neste momento da narrativa, P31 não falou mais sobre os acontecimentos históricos que se sucederam na cena narrada. O pai de P31, outro personagem que entra em cena, recusou quando soube da história: “Num fica um!” P31 declarou que saíram todos da escola, pela ordem do pai e finaliza o episódio dizendo: *O pobre do P31, ficou burro, sem saber de nada!*

P31 explica porque a família considera importante a conquista da escolaridade no curso de vida, apreço pela busca por colégio, como uma lembrança. Sua fala é seguida por elementos contidos em outros episódios relacionados à herança cultural e à honra ao nome da família: *Ele ensinou a gente a viver; Agora não pega um centavo de ninguém* [enunciados 58-62 P31 N].

As narrativas são compostas por situações em Kayrós do planejamento familiar nos temas de paternidade e cuidado. Uma das situações está relacionada ao filho de um amigo desaparecido em Gandu, que é descrito por pessoas que lhe reconheceram como filho de O. O amigo encontrou o filho desaparecido, lhe beijou, fez a barba e trocou-lhe as roupas [enunciados 550-570 P31 E].

Aos 77 anos, P31 declara que é bem atendido pela enfermeira do Posto de Saúde com os seguintes serviços: afere a pressão arterial; pergunta de sua saúde, sobre a medicação; e indica as consultas. P31 gostaria de não precisar desses serviços [enunciados 400 a 412 P31 E].

Mapa Temático de P31

Em seguida aos quadros de namoro e paternidade de P31, construímos os mapas temáticos compostos da história de vida de P31, utilizando a entrevista narrativa e episódica. Em Kayrós construímos um pentágono para simbolizar como a busca por educação auto regula alguns significados. Ao posicionar o outro construímos o tema de cuidado do outro e de si nas experiências educacionais dos filhos na escola e na tradição do quilombo; No tema de paternidade P31 enfocamos a história do filho pródigo vivenciado por amigos na mesma posição do cuidado do outro e de si.

Namoro

Na posição eu, P31 construiu os significados sob o tema namoro na posição eu-filho com poucas lembranças sobre o casamento aos dezoito anos; na posição eu-pai o significado do namoro foi como respeitador das moças e ao mesmo tempo, desrespeitado por uma delas. Contraposto a posição eu filho no cuidado de si, P31 se considera pobre, fraquinho, menino novo entre os 14 a 16 anos; com uma força de “arriado no diabo”. O cuidado de si, na composição do namoro, na posição eu-pai P31 foram construídos os significados como cuidador da esposa e filhos; dificuldades dos filhos na mudança da cultura oral para escrita; satisfeito com a demonstração da copeira do filho na escola; Apreensivo quanto ao desafio dos filhos na escola; medo da violência na região com roubos, assaltos e assassinatos. No presente se diz satisfeito com o atendimento domiciliar dos serviços de saúde, tais como: aferição da pressão arterial e pedidos de exames.

Quadro 27 - Posicionamento P31 – Namoro Junho 2014

P31		Posic.	Significados
Passado - Presente - Futuro	C H R Õ N O S	Eu - Namorado	<p>Vergonha; capricho; minha noiva: relacionamento desde infância e juventude; parado na relação da infância com a noiva; amizades de rocha, abraços; Poucas lembranças do casamento aos 18 anos, na cidade de Laje; Respeitador das moças: sentar com respeito, conversar direito; tratar as meninas pelo rumo certo. Brigas com o pai para sair do meio de uma mulher. Silêncios.</p>
		Outro-pai	<p>Arranjo conjugal pai viúvo e casado pela terceira vez com 54 filhos;</p> <p>Nascido em família fraquinha: na pobreza, fracotizinho, bem novinho; Menino novo de 14 a 16 anos: forte, “arriado no diabo”; Lembranças do pouco acesso à escola; caçadas com o pai; Honesto; honroso; desconfianças; Medo da violência com roubos e assaltos na região; observador de corrupção no INSS; Jogador de dominó; bebedor de cerveja. Preocupação com os filhos. Satisfação com a demonstração da capoeira do filho na escola. Cuidador da esposa E. e dos filhos: Temor quanto ao aprendizado do filho na escola; Dificuldades dos filhos na mudança da cultura oral para a escrita. Época da parteira com orientações ao parto ao pai e aos familiares e início do Posto de Saúde a 10 anos atrás.</p>
~ Aiôn- ~Kayrós ~ Aiôn- ~Kayrós			
Cuidado de si e do outro			

Paternidade (1)

Na posição eu, P31 construiu os significados sob o tema paternidade na posição eu-filho como observador do conselho de família; na posição eu-pai, como respeitoso à autonomia do outro em doar coisas; conselheiro; choro pelo sucesso no encontro em Gandu com o filho desaparecido; amor aos filhos indiferente do gênero sexual; na posição outro-filho, P31 relata os filhos como fracos, vergonhosos. Compõe os significados: raivoso; macho; queixo duro, que implica em Kayrós da família o qual reforçou na posição ela-médica INSS.

Quadro 28 - Posicionamento P31 – Paternidade Junho 2014

P31		Posic.	Significados	Estrutura familiar
Passado - Presente - Futuro	C H R Ó N O S	Eu-Filho	Observador do conselho de família; honroso com o casamento no sustento e manutenção da família.	
		Eu-pai	Respeitoso da autonomia do outro para doar alguma coisa; participante do conselho de família; Choro pela sucesso no encontro em Gandu do filho desaparecido; Amor aos filhos indiferente de ser, menino ou menina. Dor pela morte de nove filhos como rato.	
		Eu-avô	Pouca reclamação com os netos e bisnetos; Orientações aos filhos e aos netos; Honrado, respeitado pelos filhos com obediência apesar da idade; triste pelo homicídio do genro comerciante;	
		Outro- filho	Filhos fracos; vergonhosos; Batalhadores.	
		Outro-pai	Arranjo conjugal com três mulheres para a criação de 53 filhos; pouco em casa; mais na roça e saída para caçar.	
			. Burro; coitado, pobre das letras; Tentativas sem sucesso de mudança social; Prontidão para o trabalho. Diarista para sustento da família. Coragem ao trabalho. Trabalhador na roça por horas poucas na velhice. Confiança no trabalho como possibilidades de conquista de bens materiais. Prontidão, coragem para o trabalho; Diferenças das horas todas que passava na roça na juventude e adulez.	
~ Aiôn~ ~Kayrós ~ Aiôn~ ~Kayrós				

Paternidade (2):

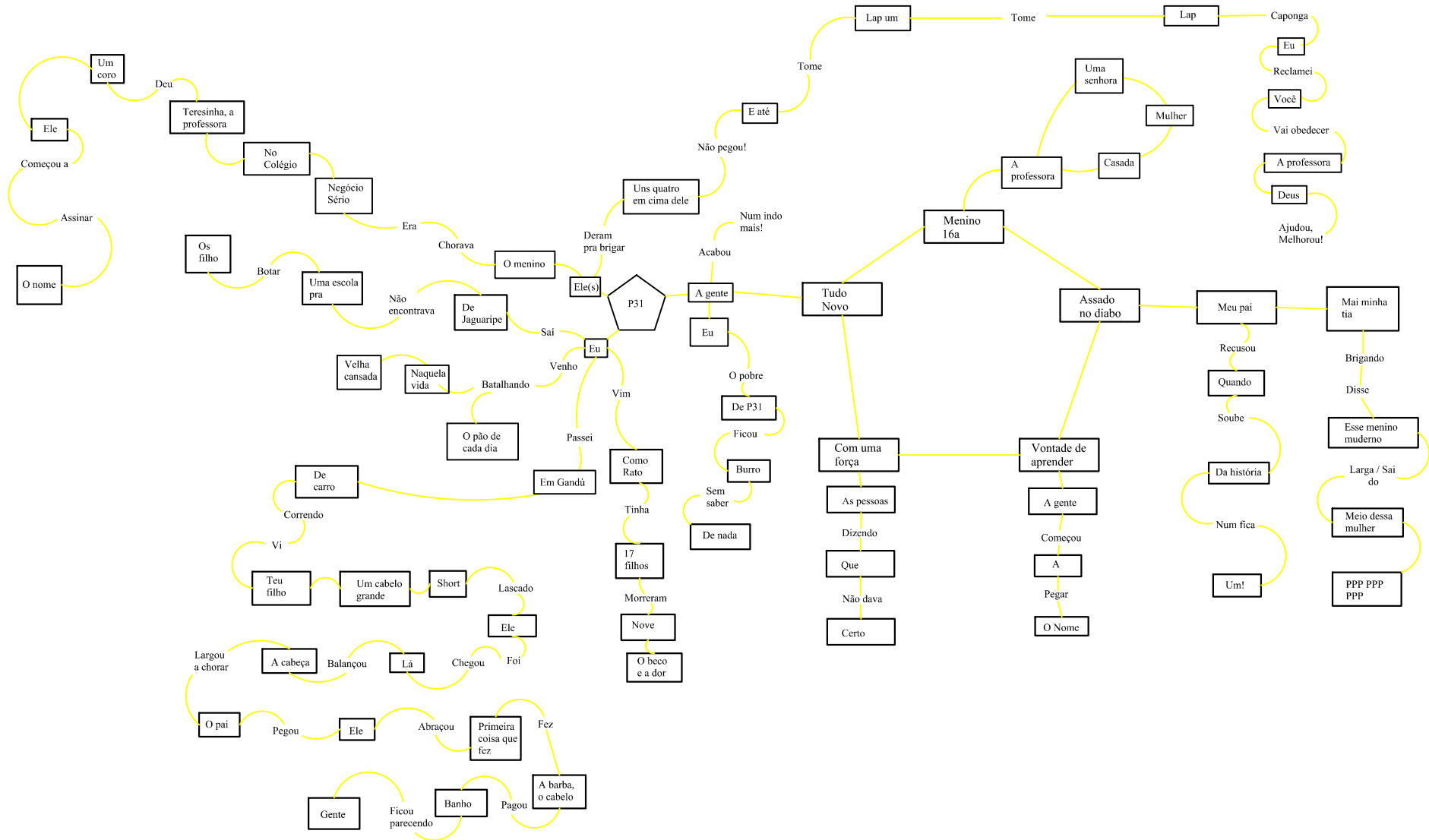
Neste quadro, cruzamos os significados do tema da paternidade com a herança familiar que se constitui de receptor de doações de terras em vida; educado no tratamento aos mais velhos, respeito às gestantes, o nome recebido da família, procedimentos medicinais da comunidade.

Quadro 29 - Posicionamento P31 – Paternidade Junho 2014

P31		Posic.	Significados		Herança
Passado - Presente - Futuro	C H R Ô N O S	Eu-Filho	Observador do conselho de família; honroso com o casamento no sustento e manutenção da família.	Herança do Nome paterno.	
		Eu-pai	Respeitoso da autonomia do outro para doar alguma coisa; participante do conselho de família; Choro pela sucesso no encontro em Gandu do filho desaparecido; Amor aos filhos indiferente de ser, menino ou menina. Dor pela morte de nove filhos como rato.	Comprador da mesa herança da família; atualizador da herança da família comprada e ganhada. Raivoso pelo desrespeito dos cristãos com as religiões de matizes africanas. Herdeiro de terreno do pai após sua morte; excluído dos bens da família pelo irmão; medo/possibilidade de paralisação da roça após a morte.	
		Eu-avô	Pouca reclamação com os netos e bisnetos; Orientações aos filhos e aos netos; Honrado, respeitado pelos filhos com obediência apesar da idade; triste pelo homicídio do genro comerciante.		
		Outro- filho	Filhos fracos; vergonhosos; batalhadores.	Lembranças do sobre objetos ganhos dos outros. Ensino do pai sobre honradez; não pegar nada dos outros sem autorização.	
		Outro- Pai	Arranjo conjugal com três mulheres para a criação de 53 filhos; pouco em casa; mais na roça e saída para caçar.		
~ Aiôn~ ~Kayrós ~ Aiôn~ ~Kayrós					

Mapa temático P31 - Quilombo Alto do Morro

Entrevistas Junho 2014



Caso P32

Sumário de entrevistas

P32 descreve as condições de planejamento, o sustento dos filhos à distância, o acesso às pessoas negras à universidade e a profissões liberais. Outras descrições são a respeito de: trabalho cansado, intenso, sem correria, as doações de terras pelo pai para que ele plante e construa sua casa. P32 narra que trabalha e descansa como cuidado à saúde, com vacinas contra tétano e alimentação adequada. Além deste cuidado, ele divide os cuidados dos filhos com os cunhados, tios do filho, irmão de sua mulher falecida. A parte do cuidado com os filhos de P32 são: preocupações com a alimentação, pensão de alimentos, recursos financeiros extras, divisão do benefício por falecimento da sua mulher, estratégias de convivência com os filhos, as interações com os tios e com a esposa atual [enunciados 20-22 P32 N; enunciado 50 P32 E].

Em Kayrós pessoal P32 conta que esteve na delegacia devido ao atraso na pensão de alimentos pagos com a diária do trabalho rural sazonal. Conta que sua prisão levou os familiares a se reunirem para juntar dinheiro necessário para fazer o pagamento. Relata que já esteve preso por outras situações que lhe proporcionaram reflexões a respeito do abandono dos homens presos pelos filhos e as atividades desenvolvidas no contexto prisional. Constrói soluções para o sistema prisional com o trabalho, atividade como forma de promoção social aos presos e diminuição da pena [enunciado 50 P32 E; enunciados 124-130 P32 N].

A participação de P32, no Kayrós da família, está na luta para estudar e fazer novamente a última série possível, na expectativa de que no ano seguinte, tivesse nova seriação. P32 declarou que seu pai tinha poucas condições para o transporte diário da zona rural à cidade para continuar os estudos. P32 fala das atividades da política pública do planejamento familiar que têm as finalidades de satisfazer as necessidades de controle de natalidade das famílias do homem do campo [Enunciados 75-76 P32 N].

Mapa temático de P32

Em seguida aos quadros de namoro e paternidade de P32 desenhamos o mapa temático de P32 nas linhas narrativas sobre a história da discriminação dos negros na educação, um campo de cuidado de si e do outro. Na posição eu descrevemos a experiência preferencial com o planejamento familiar de P32 composto por significados dos usos de métodos naturais, artificiais e mecânicos.

Namoro

Na posição eu, P32 construiu os significados sob o tema namoro na posição eu-filho como namorado na juventude; o que implica em descrições das namoradas na juventude; na posição eu-pai o namoro tem as seguintes características solidão, insônia, sem fome, negócio bravo; necessidades de companheirismo, conselheiro, e a esperança que sua esposa tome iniciativa de convite para passeios. Contraposto à posição eu filho no cuidado de si e do outro, constitui-se de significados como: vergonhoso, poucas conversas com o pai e a mãe, menino “deste” tamanho, educador e trabalhador. Construímos significados sobre as dificuldades com: o namoro da filha, assim como, no contexto situado após a separação amorosa e a morte da sua primeira esposa.

Quadro 30 - Posicionamento P32 – Namoro Junho 2014

P32		Posic.	Significados	Cuidado de si e do outro
Passado - Presente - Futuro	C H R Ó N O S	Eu - Namorado	Vergonhoso; Menino deste tamanho; Fraquinho, educado, trabalhador; Cooperativo; Respeitoso; pouco ofensivo; Usuário de roupas dos irmãos; Pouco conversas com o pai e mãe; observador das diferenças de acessos à escola aos negros; atenção às drogas e a violência; participante do programa para construção dos banheiros rurais. Construtor do sonho do Brasil; Atencioso às vacinas, exames, alimentação; Investimento na educação dos filhos, vestibulando do ENEM; conselheiro; platéia/torcedor do “Babas dos coroa”; participante da caminhada da paz; jogador de dominó; passeios na cidade de Mutuípe; padecimento como prisioneiro; sofrimento na prisão pelo limitação no pagamento a pensão de alimentos certinha. Exame de PSA; medo de ficar sozinho; avaliador da honestidade do filho. Frustrado com os acessos da política de planejamento familiar há 20 anos com DIU e medicamentos. Arrependido pela expectativa de perda do filho; incerteza sobre a efetividade do planejamento familiar. Sem motivações aos estudos após a construção da casa; Estudante até a 4ª série, a última na zona rural.	
		Outro/filho		Aconselhamento; Limite ao namoro;

~ Aiôn~ ~Kayrós ~ Aiôn~ ~Kayrós

Paternidade (1):

Na posição eu, P32 construiu os significados sob o tema paternidade na perspectiva de significados sobre a vontade de ter dois ou três filhos; a dificuldade de planejar, ter dois ou três filhos e sem ter preocupações. Na posição “outro”, P32 descreve a experiência com o pai ao lhe tratar como menino, no São João. O tema está conjugado ao tema da estrutura familiar como oportunidade substantiva em que se constitui os significados de sozinho, organizado; com noções de escassez/preços, bem como a avaliação do bem estar do cachorro através dos parâmetros de magreza, doença e comida. O acesso a escola atravessa o curso de vida de P32 que implica no Kayrós da família.

Quadro 31 - Posicionamento P32 – Paternidade Junho 2014

P32		Posic.	Significados	
Passado - Presente - Futuro	C H R Õ N O S	Eu-Filho	Menino pequeno; sem ajuda. Vergonhoso de conversas e proximidades com o pai. Casa: suor derramado, solteiro. Casamento: casa, o cantinho, a injúria.	Trabalho pesado na infância em idade escolar; intenso, cansado, na roça; residência com a segunda esposa; comerciante na feira livre; produtor rural para o consumo; manuseio eficiente de ferramentas agrícolas. Dificuldades com as limitações do planejamento familiar na zona rural com tratamento na zona urbana. Produtor para o consumo; diminuição da distância com a moto e celular; sustento dos filhos com a pensão de alimentos; reivindicador dos direitos; propriedade sem posse temporária pelo separação conjugal.
		Eu-pai	Nascimento de três filhos, intenção de apenas um; Preocupações com os filhos; tentativas de diálogos com os filhos; pai por momentos; diminuidor das atribulações. “Aconteceu”, vieram os filhos; Sentido de pai pelo registro do filho; pouco reconhecimento de si como criador do filho; revolta do pai pelo menor escuta do filho aos conselhos paterno; sentimento de diminuição em relação; declarações de menor amor ao pai pelos filhos em relação aos tios maternos. Convivência com os filhos mediada pela justiça; surpreso pela tristeza aparente vista pela enfermeira e taxista pelo nascimento do filho.	
		Outro- filho	Indiferente; Pouca convivência;	
~ Aiôn– ~Kayrós ~ Aiôn– ~Kayrós				

Estrutura familiar

Paternidade (2):

Neste quadro, cruzamos os significados do tema da paternidade com a herança familiar que se constitui de receptor de doações de terras em vida; educado no tratamento aos mais velhos, o nome recebido da família, procedimentos medicinais da comunidade.

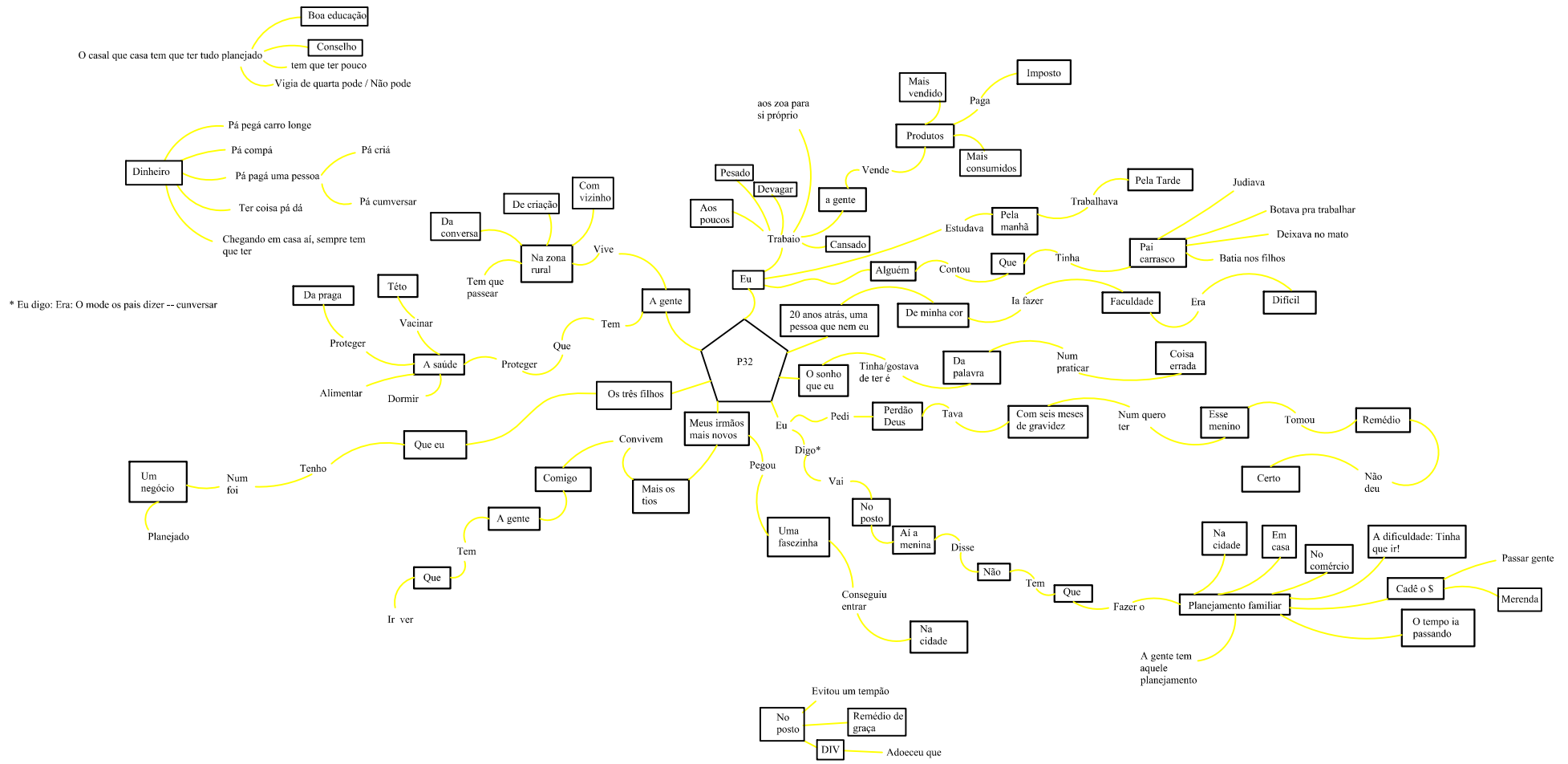
Quadro 32 - Posicionamento P32 – Paternidade Junho 2014

P32		Posic.	Significados		Herança
Passado - Presente - Futuro	C H R Ó N O S	Eu-Filho	Menino pequeno; sem ajuda. Vergonhoso de conversas e proximidades com o pai. Casa: suor derramado, solteiro. Casamento; o cantinho e a injúria.	Recebimento doações de terras em vida; educado do tratamento aos mais velhos, às gestantes, honestidade; Praticante dos procedimentos medicinais da comunidade recebimentos da família.	
		Eu-pai	Nascimento de três filhos, intenção de apenas um; Preocupações com os filhos; tentativas de diálogos com os filhos; pai por momentos; diminuidor das atribulações. “Aconteceu”, vieram os filhos; Sentido de pai pelo registro do filho; pouco reconhecimento de si como criador do filho; revolta do pai menor escuta do filho aos conselhos paterno; sentimento de diminuição em relação; declarações de menor amor ao pai pelos filhos em relação aos tios maternos. Convivência com os filhos mediada pela justiça; surpreso pela tristeza aparente vista pela enfermeira e taxista pelo nascimento do filho.	Estratégias de transmissões em vida das terras a partir de orientações sobre a roça com o filho; Incentivo aos filhos em cursar a escola/universidade, um compromisso entre gerações. Conversas sobre a educação intergeracional; Educação de nome; Avaliador da honestidade do filho.	
		Outro- filho	Indiferente; Pouca convivência;		

~ Aiôn~ ~Kayrós ~ Aiôn~ ~Kayrós

Mapa temático P32 - Quilombo Alto do Morro

Entrevistas Junho 2014



Caso P33

Sumário de entrevistas

P33 relata o momento triste da separação dos pais, o falecimento da mãe, e sua luta para continuar os estudos. Na narrativa, P33 constrói os significados pessoais como honrado, mantenedor do bom nome da família, organizado, bondoso e dedicado às lutas do cotidiano. O P33 narra que mora com os tios maternos que lhe tratam bem, nunca falta nada na vida, sem violências, maus tratos, com apoio dos tios nas reuniões da escola e nos presentes de roupas nas festas de São João.

Ele também relata que P32 foi morar em outro lugar ao separar-se de sua mãe que estava grávida. P33 era cuidado à distância pelo pai durante a semana, aos sábados presencialmente e aos domingos, P33 passeava na casa do avô paterno. Narra a tristeza ao ver sua mãe morta, seus irmãos vivos e nenhum adulto no momento, Kayrós pessoal que se repete na narrativa, acompanhado dos significados: abandono, sem atenção do pai e ajudas do tio N.

O Kayrós da família está nas lutas para continuar os estudos, uma transição para novos patamares de sobrevivência. Ele diz que os seus colegas da escola não são bagunceiros e nunca foi necessário chamar seu tio na escola, para desonrar o bom nome, que recebeu da família. E reafirma que não pode acontecer reclamações e nem envolvimento com esses alunos.

Mapa Temático de P33

Em seguida aos quadros de namoro e paternidade de P33 construímos o mapa temático correspondente. Nos posicionamentos eu construímos os temas do cuidado de si e do outro; em Kayrós, descrevemos as expectativas de sucessos nos estudos escolares.

Namoro

Na condição eu, P33 construiu os significados sob o tema namoro como sério, bondoso, direito. Em Chrónos, portanto na constituição do passado, presente e futuro na narrativa construiu o significado mantenedor do bom nome, que implica em experiências significativas em relação à honra, honestidade e escola, um significado das práticas culturais de sua família. O significado abandonado, no tema cuidado pai, se constitui no contexto situacional de estar sozinho nas terras do avô paterno após à separação dos pais e falecimento da mãe.

Quadro 33 - Posicionamento P33 – Namoro Junho 2014

P33		Posicionamento	Significados	Cuidado de si e do outro	
Passado - Presente - Futuro	C H R Ó N O S	Eu– Namorado	Sério; Bondoso; Direito; Organizado; Mantenedor do bom nome [honrado]. Expectativa de namoro/esposa conjugado ao tempo de término do estudo, início de trabalho e construção de casa.		Sozinho; Triste; Jogador de bola; Comportado. Crente; Obediente aos mais velhos; Bondoso. Respeitoso, Estudioso, Atencioso. Explicações sobre o cuidado do tio ao levar a mãe para o hospital e ter o irmãozinho.
		Outro-pai	Povo Fofoqueiro; Desanimadores.		Sem atenção; Pouco cuidador; Abandonador.
		Outro-Ela	Rapaz sério		-
~ Aiôn– ~Kayrós ~ Aiôn– ~Kayrós					

Paternidade (1):

Na condição eu, P33 construiu os significados sob o tema paternidade na perspectiva de significados sobre a intenção por dois ou três filhos; a dificuldade de planejar, bem como, mais de um filho para a pessoa não “se esquentar”.

Nas posições “outro”, descreve a experiência com o pai ao lhe tratar como menino e tolher as vontades de ter roupas novas, no São João. O tema está conjugado ao tema da estrutura familiar como oportunidade substantiva em que se constitui os significados de sozinho, organizado, planejador das feiras como compras de produtos alimentícios semanais da família; com noções de escassez/preços, bem como da manutenção do cachorro que envolve magreza versus doença versus comida.

Quadro 34 - Posicionamento P33 – Paternidade Junho 2014

P33		Posicionamento	Significados		Estrutura familiar
Passado - Presente - Futuro	C H R Ô N O S	Eu – Pai	Intenção de ter dois ou três filhos; Realizador, Tranquilizador, Facilitador	Sozinho; organizado; planejamento da feira semanal da família; Noção de escassez/preços; Manutenção do cachorro; sem trabalho formal. Entendimento sobre recursos para o sustento familiar. Práticas sobre o trabalho na roça com enxada. Auxílio ao tio na colheita do amendoim.	
		Outro-pai (O cuidador)	Trata P33 como menino; Limitador de vontades.	Atencioso; Não deixa faltar nada.	
~ Aiôn~ ~Kayrós ~ Aiôn~ ~Kayrós					

Paternidade (2)

Neste quadro, cruzamos os significados da paternidade em relação a herança familiar que se constitui de práticas culturais dos povos afrodescendentes sobre a festa de São Cosme, os significados que implicam em Kayrós sobre escola e honestidade.

Quadro 35 - Posicionamento P33 – Paternidade Junho 2014

P33		Posicionamento		Herança
Passado - Presente - Futuro	C H R Ó N O S	Eu – Pai	Intenção de ter dois ou três filhos; Realizador, Tranquilizador, Facilitador.	
		O outro-pai	Trata P33 como menino; Limitador de vontades.	
		Outro-pai – c	Bem tratado. Respeitado.	
Aiôn–Kayrós				

Bons almoços e merendas aos domingos com o avô paterno. Na beira do avô materno semanalmente.
Conversas/orientações do avô materno e paterno;
Aprendizados do trabalho na roça dos avós;
Aprendizados sobre a festa de São Cosme.
Transições dos aprendizados das práticas culturais das religiões africanas. História de Bem 10: combate entre inimigos na terra, crença de que o mal nunca vence; herança do bom nome.

Obs.: Outro-pai-c = tio materno cuidador; o outro-pai = pai sanguíneo.

A Família P3

Sumário das entrevistas

A produção de sentidos intergeracional dos homens sobre o planejamento familiar da família P3 se escreve nas palavras sobre “o culégio”; “a mão” e “a roça”. P31, P32 e P33 contam que são da roça da cidade de Laje, Jaquaripe e Santo Antonio de Jesus, respectivamente. O curso de vida nestas cidades reflete a trajetória da família atrás de “culégio” para os filhos do qual significou para o pai de P31 “não botá a mão no que é dosotrôs”; “Agora, não pegá um centavo”; “Intendeu?”. Para P31 significa “a professora”; “silêncios”; “Mobral”; “assinar o nome” “o estudo”; “o saber”. Para P32 significou “repeti a 4ª série duas vezes”; “não se pode calar a voz”; “a 20 anos atrás uma pessoa que nem eu assim, de minha cor assim não ia fazer uma faculdade”. Para P33 significou “nunca baguncei para chamarem meu tio na escola”; “não pode acontecer!”; “nunca bixin assim da escola”.

As experiências vividas pela família com o significado de mãos são para P33 “meter a mão no que é dos outros” [enunciado 74 P33 E]; “aí quando foi pegar a bola, quando viu a bola veio lançando” [enunciado 371 P33N]; P32: “foi coisa que eu acho que nós, não fomos na mão brigar porque eu não sou de briga” [enunciado 50 P32 E]; “foi a mesma coisa de pegar e dar um tiro, quando eu falei assim”; “quando foi de manhazinha eu fui na rua... para ir na farmácia pegar o remédio. Mandeí o remédio e fiquei lá”.

“Se num pode num toque a mão não, largue lá!” Como eu falei nesses instantes para num pô a mão nos outros, pá num tê autorização! “Larga aí, quem mandou você peg”! O cara num pode fazer nada (tosse); Ele tá errado mermo, que ele não pediu, né? [Enunciado 50 P31 E].

As experiências significativas da família, se localizam numa época de proibições a qual foi indicada pelo “Mar vai, tú tá gravando e a gente num pode!” [Enunciado 103 P31 N]. O episódio inicia entre a relação entre o episódio de seus meninos na escola, com palmatórias [enunciado 70 P31 N], filho caponga [enunciado 74 P31 N]; filho que num quê ficá na escola [enunciados 72,76 P31 N] com a explicação de “pois é, ... ((risos))”. Na produção de sentido na narrativa, os silêncios e risos estão nas ações, alternâncias de temas entre marcas textuais e posições anafóricas que finalizam o episódio com outros silêncios, raspadas de garganta, risos.

A história que teceu foi: P31 relatou o “nós”, os irmãos e primos, tudo novo “com uma força, arriado no diabo” o que identificou como “a vontade de aprender” [enunciado 81 P31 N]; “de tomar aula” [enunciado 113 P31 N]; “de assinar o nome” [enunciado 58 P31 N]. Posicionou o surgimento de “uma// um Mobral lá” com a professora “uma mulé, uma senhora, inté casada” [enunciado 81 P31 N]. Posicionou ele e os primos que começaram a “pegar o...” E deu o seguinte enredo à história “Mai! ((risos)) Ôxi! ((risos))” [enunciado 81 P31 N]. Posicionou uma nova personagem na história, a tia em briga com o pai, reposiciona os sobrinhos e filhos: “Esse menino muderno, larga do/sai do meio dessa mulher!!! P-p-p p-p-p Tira esses meninos de lá! [Enunciado 113 P31 N]. E aqui e agora posicionou o pai que se “quando soube da história, recolheu logo a gente! Num fica um!” Os meninos na nova posição tiveram que sair do Mobral, não puderam pegar o ...; “O pobre do ‘P31’, ficou burro sem saber de nada! [Enunciado 81 P31 N].

A situação que não se completou o “pegar o...” se repete em P32 com atualizações. O pai em nova situação, a partir da história, dizia: “Mar como, meu Deus, é que vou ficar com esse minino tudo... burro, sem saber de nada, pior do que eu?” Portanto, mudou-se para outro lugar e nos relatos de P32, a família estava em outra cidade com um “culégio” disponível até a 4ª série [enunciado 30 P32 N]. No culégio o P32 “pegou o...” com a ajuda do pai que

acordava os filhos às sete horas, mandava tomar banho para ir para a escola [enunciado 30 P32 N]. P32 repetiu a 4ª série, na possibilidade que trouxessem para a escola outras séries.

Na explicação sobre “eu não cheguei a ver e nem presenciar” surras, ele teceu a história na escola em que havia “palmatória” nas crianças que num aprendiam [enunciados 30-40 P32 N]. Quando as séries do 1º grau e o primeiro ano do 2º grau chegaram no “culégio”, P32 foi posicionado pelos seus 20 anos, com a casa pronta [enunciado 66 P32 N], posição que interditou os estudos.

P32 narra as condições possíveis caso não tivesse tomado a atitude de construir a casa, que produziu o sentido de passos ao “casamento” [enunciado 66 P32 N], com mulher e filhos [enunciado 30 P32 N]. Na época de sua infância, os homens casados não estudavam.

Para concluir os estudos, P32 conta que havia outras situações possíveis: ir para longe ou não construir a casa [enunciado 66 P32 E]. Ele narrou que a vida cansada, com o trabalho pesado na olaria do pai, prensava as possibilidades de aprendizado na escola. E observa a respeito de nunca ter visto, naquela época, histórias de homens negros na universidade.

P33 recebeu orientações de P31 e P32 sobre “pegar o...” que ocorriam sempre aos sábados com o pai e aos domingos, na casa do avô [enunciado 115 P33 E]; merendavam e conversavam de tudo. Foi difícil para P33 o “pegar o...” porque as exigências nem sempre casavam com o cotidiano: reuniões com os pais na escola em horários de colheita [enunciados 59, 87 P33 N]; o cansaço do dia pesado dos pais para participar das reuniões escolares [enunciado 87 P33 N]; levar o almoço para os mais velhos na roça [enunciado 113 P33 E]; brigas familiares [enunciado 55 P33 N]; separação dos pais [enunciados 11-13 P33 E]; estar sozinho com os irmãos menores, no momento da morte da mãe [enunciado 83 P33 N].

Aos dezesseis anos ultrapassou a escolarização do avô e do pai, está na 6ª série [enunciado 99 P33 N]. P33 narra também as posições que toma para continuar o “pegar o...” ao explicar o “nunca fui reclamado assim na escola”, com significados de “nunca aconteceu

isso! Num pode acontecer!”. Na posição do “pegar o...”, P31 posiciona a bagunça que envolve alguns alunos e lhe afastam do foco da escola: “nunca baguncei para chamarem meu tio na escola”.

O “pegar o...” é o Kayrós para a família P3, como na narrativa de P32, é a dificuldade de observar homens da sua cor “fazer uma faculdade”. Na época do avô, pai de P31, era proibido pegar qualquer coisa com a mão que fosse do outro, e o “culégio” [enunciado 62 P31 E], num tinha para todo o mundo. Na época de P32, o 1º grau e fazer o 2º grau completos era para quem tinha condições econômicas favoráveis [enunciado 30 P32 N]: vinha uma F-4000 e pagava os alunos, filhos dos pais que tinham melhores condições financeiras.

Para P32, outro empecilho era o planejamento familiar, que representou para ele ter, a quantidade de filhos que num queria; o que pensou o processo educacional que queria para si. Enquanto a mulher queria mais filhos, ele queria menos, mas também num tinha o planejamento familiar na região; o local mais próximo era o centro da cidade, “e cadê o dinheiro para ir?” regularmente na cidade fazer o planejamento familiar [enunciado 75 P32 N].

A produção de sentidos intergeracional do namoro da família P3

A produção de sentidos intergeracional do namoro de P31, P32 e P33 construiu significados sobre respeito, coragem, o ficar, e o momento entre namoro, casamento e a casa [enunciados 66-75 P32 E; enunciados 318 – 325 P31 N; enunciados 485 – 495 P33 N; enunciados 485-495 P31 E]. O namoro é uma condição de casamento no relato de P33 que se constitui dos significados do empenho na construção da casa em detrimento do tempo aos estudos; ter esposa, namorada na noção de ser dono do próprio nariz. P33 conta que ainda não iniciaram o namoro, como seus colegas da mesma idade. Os significados da construção da casa, como símbolo de namoro e casamento, estão concretizados nos relatos de P32, nas

explicações sobre como a casa marcou sua vida, com significados da mudança de estar solteiro a casado. Quando inicia a construção da casa, termina os estudos na comunidade, [enunciado 66 P32 E]; intensifica os preparativos para o casamento. P32 explica a transição entre a doação do terreno, a construção da casa, o término das obras intercaladas com expectativas da convivência familiar, entre namoro e casamento: Com a ocorrência de brigas e separações, intensificadas com prisões, P32 comenta que deveria ter caçado mais estudos e ido para longe [enunciados 66-77 P32 E].

Em P31, identificamos episódios sobre namoro e casamento que naquela situação significava rapaz sério, doações de herança em vida. Assim, ao casar trabalhou como gerente em numa pequena indústria agrícola de azeite de dendê na qual meninas eram responsáveis por catarem coco, lavar o dendê e P31 ainda era responsável pelo roldão manual, o sistema de prensagem.

P31 se declarou respeitoso com as meninas, honroso ao bom nome, além das normas da indústria como bom funcionário: sentar com respeito, conversar direito, sem ousadia, como condição para receber o sustento da família [enunciado 488 P31 E]. Conta que era alvo de cantadas de algumas mulheres e que ainda não era possível dar queixas naquela época. Assim, com a idade de dezoito anos, novo, seu casamento foi de batalha, coragem para o trabalho intenso e sem garantias [enunciados 136-147 P31 N] que proporcionasse o sustento da família.

A produção de sentidos intergeracional do cuidado na família P3

A produção de sentidos intergeracional de P31, P32 e P33 do cuidado constituem significados sobre a saúde, a educação. P31 e P32 são integrantes do Programa Hiperdia, que afere a pressão arterial dos participantes [enunciado 90 P32 E; enunciado 402 P31 E]. P31

relata que a enfermeira aferiu a pressão arterial, com visitas a casa do participante, pergunta se está tudo bem, e, em seguida, mede a pressão [enunciado 402 P31 E]. P32 também relata os serviços disponíveis do controle da pressão arterial, como também orientações a respeito de drogas, vacinas, e exames, tais como o PSA [enunciado 90 P32 E]. O significado da saúde relacionado aos serviços de exames também consta nas narrativas de P33 [enunciados 33 - 43 P33 E].

P33 relata que os exames são realizados de acordo com às orientações do médico, o qual verifica os resultados. P31, P32 e P33 também constroem significados de resultados na educação. P32 diz que ao se tivesse investido em sua educação, teria ido mais longe, o que significou como melhores resultados ao bem estar com mais anos de estudos, adiamento do casamento, do namoro e construção da casa [enunciado 66 P32 E].

A produção de sentidos intergeracional da paternidade da família P3

A produção de sentidos intergeracional da paternidade para P31, P32 e P33 constitui como significados sobre os filhos na vida dos pais, conselho de família, vergonhas. O conselho de família se constitui na narrativa de P31, P33 e P32 nas cerimônias fúnebres, no momento de mortes e nascimentos [enunciado 83 P33 N; enunciados 49-65 P31 E; enunciados 318 – 333 P31 E; enunciado 50 P32 E] em que as pessoas mais velhas aconselham um ou mais sobre heranças familiares, culturais e de terras.

P31 descreve que seus familiares estavam presentes para as práticas fúnebres de construir o caixão, com divisões de tarefas entre os familiares, vizinhos e compadres. P33 descreve a presença de familiares nos conselhos para ele e os irmãos sobre onde morar, com quem, e como prosseguir a vida com honestidade e manutenção do bom nome da família.

Encontramos o significado de vergonha, presente na explicação sobre a pouca conversa com os pais, como respeito e honestidade, que abrange a manutenção do bom nome

da família, avesso à roubos, não difamação, respeito a privacidade e confidencialidade das pessoas [enunciado 87 P31 N; enunciados 39, 77 P32 N; enunciados 67, 93 P33 E]. A produção de sentidos de P32 da vergonha está nas descrições de si e dos filhos sobre a pouca conversa com os pais, nas de P33 e os irmãos, filhos de P32; nas dificuldades de diálogos entre a professora e os filhos de P31 que construíam desentendimentos com palmatórias, surras, e uso da capoeira. P33 já descreve indiretamente a vergonha nas narrativas nos seus significados da manutenção do bom nome da família, uma mudança em relação à narrativa de P31 e P32. P31 constrói a prática da vergonha, como honra da família como prática cultural, um aprendizado do seu pai.

O respeito, um das produções de sentido que compõe a vergonha, aparece nas descrições de P31 como obediência à professora, prima da mãe e responsável pela escola [enunciado 74 P31 N]. A obediência não aparece diretamente na entrevista de P32, e reaparece nas de P31, como: não falar mal e não responder aos pais.

Os significados intergeracionais da paternidade, como procriação, mostram que existe uma diferença de P31, P32 e P33 no contexto sociocultural e situacional. P31 nascido em 1938, relata que seu pai teve 53 filhos com três mulheres falecidas por doenças da época. Já P31, teve “apenas” 16 filhos, a mesma mulher ainda viva e, sob os cuidados do participante. P32 queria ter apenas um filho, teve três filhos com a primeira esposa falecida e não terá filhos com a segunda. P33, ainda sem filhos, tem vontade de ter dois ou três filhos.

A produção de sentidos intergeracional da estrutura familiar da família P3

A produção de sentidos intergeracional da estrutura familiar de P31, P32 e P33 constitui os significados de trabalho cansado; brabo, pesado, intenso, o dinheiro para a feira semanal, experiências com preços da feira. A feira é a pedra, o local do comércio dos produtos agrícolas [enunciado 22 P32 N; enunciado 40 P31 N; enunciado 20 P31 N]. Também

significam o orçamento doméstico e compras semanais para o sustento da família [enunciados 20-22 P32 N; enunciados 129-135 P33 E].

Os participantes relatam os momentos de ir à feira: “(...) dia de sexta-feira, sábado os pais ia para rua” [enunciado 40 P32 N]. A feira está relacionada as atividades da roça, como também as ações de ganhar o pão de cada dia, com a venda dos produtos rurais à zona urbana. P31 conta que um dos filhos tem uma barraca na feira, com transporte de tração animal feito por jegue na roça ao preparar os produtos como também outros familiares, filhos para levar a feira. P32 narra o convívio do dia a dia composto de ir a feira, fazer a feira, vender seus produtos pela manhã e retornar à tarde [enunciado 40 P32 N; enunciado 22 P32 N].

P31 aprendeu diferenciar os preços da feira, a classificar dos caros aos baratos, por exemplo, os preços para a manutenção do cachorro, se relacionam à magreza, doença e comida, para o consumo animal. Para a compra dos produtos, P33 relata que seu trabalho é mais leve, como “destalar” e vender amendoim, recursos que não garantem a sobrevivência do animal. a sobrevivência do cachorro é complementada pelos recursos dados pelo pai trabalhando sem preguiça para o plantio e produção agrícola [enunciado 217 P33 N; enunciado 502 P31 E; enunciado 387 P31 E; enunciado 20 P32 N].

A produção de sentidos intergeracional da herança na família P3

A produção de sentidos intergeracional da herança na família P31, P32 e P33 constroem significados de acesso às pessoas negras, receptor direto e indireto da herança da família e do cônjuge; P31, por exemplo, declara que o pai lhe ensinou uma regra: se após sua morte, um dos filhos ficar com toda a herança da família: “se um aparecer aqui um querendo ser dono de tudo, pode deixar, vai viver sozinho” [enunciado 270 P31 N]. Nos enunciados,

P31 assegura a validade da regra para a família P3, pois um dos irmãos ao realizar a divisão da herança deixou dois terços dos irmãos de fora. P32 declara que recebeu de P31 doações em vida que lhe proporcionou o terreno da roça e da construção da casa.

P31 e seus irmãos receberam a herança ao colocar a regra em prática. Esta ação entrou como um costume da família P3 que constituiu outros modos de ensino e aprendizado em família. Desse modo, P31 comprou as terras dos primos da esposa, na comunidade do Alto do Morro que consistia em contexto para a herança educacional, uma condição de vida possível, bem-estar e melhorias para sua família, a partir do seu casamento, pois a educação escolar não foi possível em sua vida de solteiro. Relata que neste local matriculou os filhos na escola e, com muita dificuldade, iniciou a mudança dos filhos capoeiristas, honestos para a cultura das letras [enunciado 60 – 80 P31 N]. P32, enquanto filho declara que estudou na escola do Alto do Morro, até a época do casamento.

Nesta época, recebeu terrenos como doação de P31 e construiu a casa, a qual significa na comunidade do Alto do Morro, possibilidades de vida conjugal e finalização dos estudos. Dessa forma, P32 estudou como indicou seu pai, mas observava que, apesar de suas intenções pessoais de continuar os estudos, a intenção do bem estar na família não foi alcançada. Na opinião de P32, pessoas negras, de cor não tinham fácil acesso à educação superior, o que tornou difícil alcançar a pretensão da família.

Apesar disso, é intenção de P32 doar em vida as terras e oferecer possibilidades de boa educação aos filhos. Separado da esposa, P32 inicia o processo de preparação de doação das terras em vida, como o avô fez com seu pai: conselhos sobre as condições de manutenção da herança; P33 iniciou o processo de receber os bens da família aos dezesseis anos, ao cursar a sexta série da escola, uma série não alcançada pelos seus familiares antecessores.

Ele relata as dificuldades pessoais de se manter na escola, enquanto outros colegas zombeteiam e abandonam os estudos. A doação das terras de P32 a P33 com empenho de

aprendizados na roça confronta com o tempo de dedicação aos estudos, de preparação para a prova do ENEM e também da complementação de seus estudos na área urbana. Ainda não complementou as atividades do cotidiano com a roça; a separação amorosa de P32 e a esposa dificultou a construção de ensinamentos conjuntos a respeito das ações da família por P32 e P31.

P33 relata que as conversas aos domingos com o avô eram sobre todas as coisas e aos sábados com o pai. Declara a vontade de três filhos e construir uma casa aos 20 anos, fez P32 e P31. A família P3 mantém as tradições de festas, tais como: São Cosme e São Damião e São João. P31 declara o desrespeito de um colega cristão com as crenças das religiões de matrizes africanas. P33, P32 e P31 dizem que tanto a família materna quanto a paterna realizam as festas com a roda de samba com caruru, de responsabilidade de P31 e E. [enunciado 250-260 P33 E].

Análise microgenética da família 3

Na análise microgenética, observamos os seguintes Kayrós: Em P31, a constituição histórica do episódio sobre a evasão escolar do participante composta de silêncios, dêiticos, movimentos bruscos, raspar de gargantas e reverberações em outros episódios do curso de vida compostos de presentes, passados e futuros. Em P32, analisamos as emoções no momento da narrativa sobre as dificuldades de mudanças das convencionalizações das práticas culturais da família que possibilitaria avanços nos estudos de forma a constituir mudanças sociais profundas na família. Analisamos em P33 as emoções no momento da narrativa a respeito da atenção redobrada que empreende para a conquista do sonho de educação atualizada para nível superior que lhe garanta transições de socialização e mercado de trabalho, como profissional liberal de sucesso.

Análise microgenética P31 sobre Kayrós da família

[Enunciados 81-115 P31 N]

P31: Os menino? É! ((15:54 a 15:59)). Oxente ((risos)) AGORA LÁ ((Raspa a garganta)) no município de Laje, na época a gente tava tudo novo, ((risos)), surgiu uma ((Raspa a garganta))//surgiu um Mobrau lá a gente foi; mai, os menino tudo novo, com uma força. Arriado no diabo... E a PROFESSORA era-era uma mulé, uma sinhora, intê casada, mai ((risos)). Ôxe ((risos)), o meu pai recusou quando soube a história (((risos))) recolheu logo a gente. “Num fica um!” Num ficou não. Saiu tudinho de lá! E aí... COITADO, O POBRE DO P31 ficou burro sem saber de nada. ((Risos, Risos, Risos))... Rum ((16:50 a 16:54)) Mas é assim mermo. ((16:55 a 16:59)) rum ((17:00 a 17:15))

A entrevista se dá em uma sala com paredes brancas e um sofá vermelho, no qual P31 e P estão sentados. P31 usa camisa azul escura e short quadriculado cinza, enquanto que P está usando calças pretas e camisa branca. P31 está ereto, pouco afastado do encosto do sofá, com as mãos entrelaçadas entre suas pernas. P está com as pernas entreabertas e com as folhas de orientação da entrevista e do TCLE dentro da pasta transparente no colo. Quando fala “os meninos” diz a palavra “É!” faz movimento com as mãos entrelaçadas, desliza os antebraços à frente das coxas, leva a cabeça entre os braços e esfrega as mãos e olha em direção à câmera e muda de assunto a partir da palavra “oxente!”. Na oração “AGORA LÁ” P31 está olhando em direção contrária à do pesquisador, um pouco abaixo à direção da câmera, com os olhos fechados. Nas palavras “Na época, a gente tava tudo novo” P31 volta a olhar para baixo, as mãos entrecruzada nas coxas, a frente e corpo curvado. No raspar da garganta, volta o olhar um pouco abaixo, no centro do corpo, em direção à P, que se encontra com o corpo curvado, mãos encostando umas nas outras, entre as coxas, olhando em direção à P31. Na segunda raspada da garganta, mão direita de P31 alisa o braço esquerdo, levantando sorrateiramente a manga da camisa, que forma um triângulo fechado no joelho esquerdo. Olhar em direção à mão. Na palavra “Mai”, meneia a cabeça, mais curvada à frente, estando anteriormente colada no peito. Até as palavras com uma força. Na palavra “força” desliza com força a mão direita sobre o braço esquerdo. Nas palavras “E a professora”, P31 volta à cabeça para o pesquisador, mas sem olhar diretamente para ele. Na palavra “Professora”, faz movimentos pendulares com o tronco, abrindo o peito e colocando a cabeça um pouco a frente e para baixo. Entre as expressões, “mulé” e “sinhora” vai retornando a cabeça para frente, descolada do peito. Nas palavras “intê casada”. No segundo mai, meneia a cabeça e termina o movimento olhando um pouco abaixo do foco da câmera, em direção contrária a do pesquisador. Nas palavras “o meu pai recusou”, faz um movimento repentino de abertura do peito, se arruma no sofá e vai virando o corpo totalmente para P, fazendo contato visual com P, que se encontra com a cabeça enterrada nos ombros, na expressão “num fica um”, em seguida, P faz movimento com o ombro esquerdo, re-apoiando as mãos mais próximas à virilha e olha focalmente para P31, que nesse instante vai retirando o olhar e a mão do sofá, nas posições anteriores de mão cruzada à frente, agora, corpo ereto, não encosta no

rum ((17:16 a 17:22)) (Tosse).

encosto do sofá e cabeça curvada, virada para o chão, à frente da mão.// A mão direita de P31 vai deslizando sobre a poltrona do sofá em direção à P e o cotovelo esquerdo apóia, com o peito aberto, o movimento de P31.// O contato visual que P faz com P31 vai até “num ficou não”// P movimenta uma vez, com força, os ombros // A expressão “Saiu tudinho de lá” termina por rearranjar P31 no sofá // Das palavras “oxente” a “Meu pai”, P31 rearranja o pênis e P se re-arruma no sofá, colocando o braço direito no encosto do sofá e as mãos mais próximas à virilha.// Na expressão “coitado do pobre do P31” P31 leva as duas mãos sobre o pênis e vai faz movimentos de apoio das costas no encosto do sofá// No primeiro sorriso, após a expressão “O pobre do P31, ficou sem saber de nada” ele aperta a base do nariz com a mão esquerda, passa a mão no bigode, esfrega a barba e então passa a parte externa da mão esquerda com o indicador apontado para cima na parte direita da barba e fala a expressão “É assim mesmo”, enquanto isso, seu rosto está virado em direção contrária a do pesquisador.// Quando P31 fala “saiu tudinho de lá”, ele abaixa a cabeça na expressão “Saiu”, em seguida jogando para cima e direita na expressão “tudinho”, voltando o contato visual com P, terminando com o corpo ereto com a expressão “de lá” voltado para frente.// Desliza a mão da base do nariz até o cavanhaque e diz “Rum” que sai com um som sufocado.// Na expressão “É assim mesmo” ele está coçando o lóbulo, a base da orelha. // Os movimentos de P31 são interrompidos ao olhar pra porta em direção a cozinha e ver sua mulher ouvindo a história.

Há um fundo musical cantado fora da casa por uma menina na tonalidade de Lá a Si musical, de um arrocha que faz sucesso na Bahia, da banda Encantos, “Eu te esperarei”. Enquanto P31 vai discorrendo o episódio, o volume da música vai diminuindo até sumir.

Análise microgenética P32 em Kayrós da família

[Enunciado 66 P32 E]

o que marcou? 4'' é o que marcou, na construção dessa

casa porque, quando eu// quando eu fiz essa// cas//, o que

marcou foi assim, quer dizer que eu trabalhei e derramei,

assim// o suor pa construir ela. QUE O CARA ASSIM PÁ

construir ela nem tava assim, solteiro, eu nem tava no

casamento, fiz essa casa. Demorou pra fazer ela, eu sei, ela

num é uma casa boa, mas demorou pra fazer!

Trabalhamo pa fazer essa casa, aí eu fiz! Aí quer dizer

que... Eu... Pensava assim: depois que eu fiz//, meu deus//,

P e P32 sentam em cadeiras marrons próximos um ao outro, numa cozinha ao lado do fogão de lenha. À frente, um pouco afastado dos dois, tem uma mesa com um cuscuzeiro e um copo metálico em cima, forro bege. P32 está de bermuda branca, perna esquerda cruzada com o tornozelo sobre a direita, mãos sobre o joelho esquerdo, blusa de frio jeans desbotada, com a cabeça inclinada, com o olhar em direção ao chão; enquanto que P se encontra de blusa branca do grupo de pesquisa SAED – UFRB, calça preta, coxas cruzadas, contrárias a P32. Na explicação “O que marcou?” P32 busca contato visual com P, desliza a mão esquerda até a base do tornozelo esquerdo que está cruzado sobre a perna direita; enquanto que o pesquisador se mexe na cadeira e busca contato visual com P32. Em um movimento de abertura do peito, retirando o olhar do pesquisador, em direção do foco do olhar acima da câmera, colocando um pouco acima da mesa, descruzando as pernas, e abrindo a blusa de frio jeans, mostrando a camisa esporte verde de listras brancas na altura do tórax. E ao final d’o que marcou foi assim” ele já está totalmente virado em direção à câmera e apenas o lado direito das costas está no encosto da cadeira, as pernas agora já estão juntas na mesma direção do olhar, enquanto que o pesquisador tenta o contato visual e permanece na mesma posição. Na fala “na construção dessa casa porque” próximo à palavra “casa” P32 pega a borda da camisa de frio, fechando sobre a mão e bate na coxa, próximo à bacia. Na fala “quando eu fiz essa// cas//” P32 leva a mão direita um pouco a frente do nariz e aponta o dedo indicador em direção diagonal, movimento acompanhado pelo olhar, ao teto, o movimento termina na expressão “quer dizer assim” com a mão esquerda aberta e os dedos indicador e médio sobre o nariz; movimento de mão que continua em duas orações posteriores com a mão pegando pele abaixo do queixo; P coça, com a mão direita, o olho esquerdo. Na próxima explicação, sobre “Demorou pra fazer ela”, a mão esquerda vai abaixando em direção ao pulso direito e dentro desse movimento, faz gestos de indicação com a mesma mão com o dedo em diagonal em direção à casa, em direção ao encontro teto-parede da casa, acompanhando com o olho; O P coça o olho esquerdo com a mão esquerda. A mão direita continua fechada fortemente na borda direita da blusa de frio. Na fala “estava solteiro quando fiz essa casa” P32 coça com

eu fiz essa casa, mas eu era pa assim//, ter cassado mais

um estudo; ter ido pra longe assim.tzu! Se eu estudasse

assim e estivesse ido pra longe assim, se eu tivesse cassado

um emprego, as veizera até melhor! Que eufazer essa casa

aqui! Que eufiz essa casa aqui! Demorou pa fazer essa

casa aqui fazer eu fiz. Aí... Depois de feita aí já sabe né,

vem casamento, casei, e fiquei aqui.

as unhas dos dedos esquerdos a barba abaixo do queixo. Na expressão “trabalhamo pra fazê” a mão esquerda está em movimento em direção à axila e o olhar está em movimento em direção ao teto. Na palavra “Trabalhamo” P32 fecha o punho esquerdo e faz força com os músculos. A fala “eu passava assim” é feita com voz quase lânguida. Na mudança de sentido do que estava dizendo até a fala “era pra ter cassado mais um estudo”, que leva P32 a segurar a cadeira e se ajeitar nela com movimentos de abertura da perna, peito e braço em direção à fala “ter ido pra longe assim”; P segura a cadeira com a mão direita e se ajeita na cadeira, buscando uma posição mais confortável. de peito aberto. Na fala “Cassado um emprego” franze a testa, as costas da mão direito movimentada em cima da sobrancelha direita, com a testa franzida olhando pro chão. Na fala “Se eu estudasse assim” P32 marca o estudo com o indicador apontado para frente e o polegar pra cima fazendo movimentos horizontais de ida e volta à frente com a mão direita nesta posição; movimento que vai terminar descendo com a mão direita dos olhos até encontrar o antebraço direito com a coxa direita, encontrando com a mão esquerda sobre a coxa esquerda nas mãos encostando uma na outra na frente e os olhos entrecerrados. Na fala “depois de feita” Mão esquerda faz um movimento circular, a frente dele, de busca até encostar atrás da nuca, descendo sobre o peito.

Análise microgenética P33 em Kayrós da família
[Enunciado 141 P33 N]

J: Lá na escola? 4 seg Rapai, meus colegas, que eu
tenho lá, são é de classe, assim, de estudo. Os
colegas que eu ando num é de bagunça, assim, o
colega mermo que eu ando num é de bagunça.
Num apronta assim na escola. São desses que
estudam mesmo, nunca assim, aprontou nada,
nunca bixin assim da escola, baguncei, nunca.

A entrevista acontece em uma sala com paredes verdes, ao fundo há uma janela coberta por uma cortina branca e uma planta na quina do cômodo. P33 e P estão sentados lado a lado em um sofá de dois lugares branco. Ao lado há uma almofada, um ventilador preto, uma planta e um aparelho de televisão, enquanto que à frente há um vaso com um buquê de flores em cima de uma mesa de centro preta e reflexiva. P33 está com as pernas entreabertas, com as mãos entrelaçadas, corpo ligeiramente curvado para frente, olhando para o papel que P carrega com as orientações da entrevista. Quando o pesquisador está perguntando sobre a escola, P33 olha para a vidraça da porta da sala e movimenta os olhos de forma circular até retornar a posição de olhar entre as pernas. Na expressão “Lá na escola?” P33 está com as mãos sobre o joelho, olhando em direção a P, sem contato visual, ligeiramente pra baixo, usando uma camisa Pólo azul escura com uma lista branca horizontal na altura do peito, bermuda cinza, espalma as duas mãos sobre os joelhos 3 vezes e em todos os movimentos do episódio se encontra com a perna entreaberta. No tempo de silêncio, coça a cabeça com a mão esquerda. Na expressão “Rapai”, tira a mão da cabeça e bate com força sobre a perna, fazendo barulho. P está com a perna entreaberta, calça preta, camisa branca, buscando contato visual com P33. Após a batida na perna, faz movimento de caminhada com as pernas, depois estica, ainda sentado. Na fala “O meu colega que eu tenho lá”, P33 alisa a perna esquerda com a mão esquerda até encontrar o meio da canela, abre os dedos e passa as unhas, a cabeça inclinada à frente, olhando diretamente para o chão, com o corpo encurvado. Na fala “Num é de bagunça” meneia a cabeça ainda olhando em direção ao chão. Toda vez que usa a palavra “num”, P33 meneia a cabeça. Na repetição das palavras “do colega que eu ando” P33 coloca a mão esquerda sobre a parte interna da perna direita, subindo em direção à batata da perna e a mão direita continua sobre o joelho direito, P33 levanta um pouco a cabeça a partir das 1^{as} palavras “colega não é de bagunça”, na repetição, firma a cabeça na direção. Na fala “não apronta na escola” a mão esquerda, já na batata da perna, dá um leve chute. Na fala “nunca baguncei”, bate a mão direita sobre a perna direita. Na fala “nunca aprontou nada” até a fala “nunca baguncei” vai tirando e colocando a mão direita sobre o joelho direito, até ao final da fala bater a mão sobre o joelho fazer barulho, enquanto a mão esquerda encontra a parte interna da perna direita acima do calcanhar até a fala “para falar a verdade”. Nas palavras “para falar a verdade”, P33 fecha a mão direita e bate 3 vezes sobre o joelho direito, enquanto que a mão esquerda vai se movimentando até a borda direita da bermuda e olha

Nunca, para falar a verdade eu nunca baguncei

na escola para chamarem meu tio na escola,

para falarem mal de eu, nunca aconteceu isso.

Não pode acontecer. 3 seg De me envolver assim

com os outros alunos... Nunca fui reclamado

assim na escola não. 7 seg

diretamente para esse movimento até as palavras “não pode acontecer”; Nas palavras “Não pode acontecer” o dedo indicador esquerdo movimenta-se e bate várias vezes sobre a borda da bermuda até o joelho, acompanhado pelo olhar de P33. Na fala “de eu me envolver assim com outros alunos” P33 desliza a mão até a parte de trás do tornozelo, com o olhar voltado para o chão a frente. Na fala “Nunca fui reclamado assim na escola não” bate a mão direita sobre o joelho direito, com o olhar ainda v

DISCUSSÃO

A produção de sentidos intergeracional dos homens sobre o planejamento familiar se constitui de marcas nas narrativas do texto, do intertexto e do contexto. Após a descrição do resultado, foi possível notar que as pessoas conhecem o planejamento familiar de formas indiretas, mais relacionadas à produção de sentidos em conversas de seus progenitores e amigos na comunidade em relação ao que a legislação possibilitou conhecerem, questionando as formas como a política pode ser comunicada nas diferentes áreas do país, a fim de que as populações possam entender como se organizar e o cuidado de si.

As polifonias sobre o planejamento familiar marcam transições entre gerações, constituem outros tempos no fazer dos participantes construídos nas narrativas sobre a produção de sentidos intergeracional. A análise das interações entre os discursos dos homens sobre o planejamento familiar, a política pública e os funcionários do Posto de Saúde indica marcas nos discursos dos participantes compostos sobre enunciados do “ficar” no namoro; produção de sentido em enunciações sobre o cuidado de si e do outro; sequências temáticas como os enunciados sobre o “acontecer” – vieram os filhos; dinâmicas polifônicas sobre frustração e desistência de pais de visitas aos filhos em situações de quebras de comunicação, o que para o filho significava abandono; como também processos de atualizações das práticas culturais do contexto da narrativa como situações de herança cultural, educacional, e econômica.

Há também indícios que os funcionários do Posto de Saúde conversam com os participantes sobre as normas, composições dos direitos e serviços disponíveis, descrições de como a política de planejamento familiar atuará com as famílias da Comunidade do Alto do Morro; as atividades do planejamento familiar compostas de assistência à concepção e

contracepção, atendimento pré-natal, assistência ao parto, ao puerpério e ao neonato; controle das doenças sexualmente transmissíveis.

Apesar de não termos efetuado microanálises, parece-nos haver indicadores de intertextualidade com a política pública, que podem ser explorados em outros estudos, pois as narrativas mediadas pela música de Odair José “Uma vida só” (Pare de Tomar a Pílula) – P22, como também o Rap “Camisinha do sabor” – P13; conversas sobre os nomes populares das doenças sexualmente transmissíveis; a reprodução social mediada por tentativas e erros de uso dos métodos naturais, farmacológicos e mecânicos como a tabelinha, a pílula e a camisinha P22, P32, P12; menções às contribuições de incentivo à participação do pré-natal através da participação no Programa Bolsa Escola até as transformações no Programa Bolsa Família – P12 e P11; o planejamento familiar como uma das trajetórias de constituição da família no período antes da Lei do Planejamento Familiar na zona rural com a presença de parteiras, comadres que orientavam tradicionalmente o nascimento dos filhos desde a concepção e contracepção, atendimento pré-natal, assistência ao parto, ao puerpério e ao neonato – P31 e P21.

Na formação de conceitos em interação tu-eu, o passado idiossincrático ressoa em eventos que são relevantes no presente do contar histórias e explicar a si como no enunciado 389-432 nos quais P12 narra lembranças mediadas pela foto de seu casamento, em que os filhos estavam ainda pequenos. As emoções constituem as memórias como regulação dos afetos, como modo de organização da experiência através das narrativas (Bruner, 1991).

No enunciado de P12, interessa para o pesquisador, a construção da realidade que se concretiza no presente da narrativa, como atravessa e explora uma variedade de realização e práticas culturais. Como a construção desenrola afirmações originais, reintegra à interação social, e em cada etapa do processo reconfigura a situação original: pessoas se envolvem; relevantes significados são comprometidos por minutos, relatos e lembranças.

Nesse trecho do episódio, aparecem simbolicamente vários objetos mediacionais que reconfiguram, ou atualizam, o casamento. As reconfigurações do significado do casamento e lembranças em sequências narrativas de episódios vividos autorizam significados em correspondência a lembranças da conversão do candomblé ao batismo na igreja protestante na mesma data; em correspondência ao casamento de pessoas que eram meninos, como seus filhos presentes na cerimônia; ao não casamento da filha menina na época da foto, e no dia da entrevista estava em audiência de paternidade do seu filho e neto de P12 no fórum da cidade. Cada atualização dos significados adiciona a importância à lembrança, novas marcas de emoção e ideologia (Barbato, Mieto e Rosa, *prelo*; Volosinov, 2006), como observado com espanto, medo e “negócio brabo”. Compreendemos significados–ressignificando, como a produção de sentidos que muda de contexto a contexto, de prática cultural a prática cultural, de um evento de uma prática cultural para a próxima, em relações dialéticas de espirais de significados em atualizações constantes do sentido de si (v.g. Bakhurst, 1991; Barbato, Mieto & Rosa *prelo*; v.g. Iedema, 2003).

Ainda utilizando o exemplo de P12, o si mesmo é construído na relação semiótica e dialética entre aspectos coletivos e individuais no momento do diálogo. P12 narra como uma pessoa particular, e também como voz da família de progenitores que na comunidade podem ser adeptos do candomblé e da instituição religiosa protestante, como também da família, amigos, instituições em que participa; e é nesse embate e na negociação entre as vozes individuais, históricas e coletivas que ele atualiza as vozes e seus sistemas de significados como parte de si mesmo (Barbato & Caixeta, 2014; M. M. Gergen & Gergen, 2006).

Os resultados indicam que as narrativas percorrem práticas culturais como ritos e momentos do desenvolvimento. Entre as práticas culturais está a constituição da família, conforme a Lei nº 9278/1996, que regula o artigo 226 da Constituição Federal e o planejamento familiar, conforme a Lei nº 9263/1996 que regula o artigo 7 da Constituição,

nesta tese são mediadas pelo namoro, que pode ser compreendido como um processo de constituição social e afetiva da família. Observamos o namoro como episódio no curso de vida, narrado pelos participantes como aprendizado integrado do cuidado de si e do outro, no jogo entre as pessoas e suas histórias intergeracionais. Neste sentido, o namoro constitui narrativas de si e do outro, formativas de sentidos intergeracionais regulado pelo tema das unidades de significações nas narrativas.

Nas narrativas dos participantes, as experiências com o namoro tecem episódios de processos de constituição afetiva da família para os pais de P11, P21 e P31, entremeadas por histórias da cultura local sobre as cobras, as caças, o samba, as festas, o “ir de lá para cá” até arranjar uma pretendente e, casar. Para P11, P21 e P31, o namoro se constitui nos diálogos a respeito de “arrumar” uma mulher; a experiência do momento de preparação ao casamento, bem como, a respeito das estratégias do homem para fazer o pedido de namoro; a calma da vida de casado, o namoro como preparação da vida adulta para receber a herança dos pais como a mesa de P31 que pertenceu aos avós no período pós-abolição da escravatura, pedaços de terras, a roça, para os descendentes.

Para P12, P22 e P32, que viveram suas experiências de vida na nova lei que permite maior rapidez de união e separações amorosas, os significados do namoro, constituem as diferentes intenções por ter filhos; a construção-desconstrução e reforma da casa, como símbolo da constituição afetiva da família; novos arranjos conjugais como “morar com os pais” depois de casado; sofrimentos com as separações amorosas; a vergonha da conversa com os pais. Nos estudos de Assis e Magalhães (2006, p. 206), o significado da vergonha se relaciona a honra dos pobres e dos humildes, de afirmação de si e da observação coletiva dos outros.

Nesta tese, entendemos o significado da vergonha, como contrário à infâmia, na defesa de um conjunto de parentes, amigos e vizinhos com reverberações da micro-sociedade,

como do Quilombo Alto do Morro, em posicionamentos eu-namoro e outros, a respeito deste significado. As experiências de namoro de P13, P23 e P33, tecem significados das separações amigáveis; “o ficar”; tempo de namoro, de estudos, de São João; dos colegas jovens com enteado.

Esses resultados corroboram com os do estudo de Lisboa, Féres-Carneiro e Jablonski (2007), em que relatam a história de uma família que discute o namoro, exatamente no curso de vida na qual o bisavô, avô, pai e filho discutiram o namoro e, com as variações culturais da época. Os autores definem namoro, como tempo de preparação, a partir das narrativas dos participantes sobre episódios da inexistência do namoro, até a lei de constituição das famílias, nº 9278/1996. Aqueles participantes definiram o tempo da existência da lei, como desobediência dos filhos. No tempo de preparação, significa o tempo de ter passado uma etapa da vida juntos, de conhecer um ao outro, e de ter curtido um ao outro, inclusive no casamento.

Em outro estudo, Féres-Carneiro (2010) discute “o ficar”, como modo de constituição afetiva cada vez mais tênue, portanto, com poucos compromissos sociais; com “vida sexual mais livre”; com ameaças de Aids, com uma necessidade de desvinculação das constituições afetivas desvinculadas da necessidade de um casamento, assim como os significados apontados pelos pais de P11, P21 e P31. O ficar no estudo citado, nas constituições afetivas, está direcionado ao significado da insegurança com a flexibilidade das relações conjugais amorosas. A insegurança torna “o ficar” mais intenso, com o medo de estar sozinho, consigo mesmo e, sem uma companheira com a facilidade das separações amorosas.

Nos resultados, os participantes narraram situações de insegurança, idiossincrasias na vigência da flexibilidade das relações conjugais, o que pode indicar que não tinham instrumentos mediacionais para lidar com a situação, como conceito de convivência, e também lidar com a insegurança na constituição familiar. P33 explica o sentimento de solidão

com a separação dos pais, e em seguida, a morte da mãe, que em Chrónos estavam entre minutos e horas de espera, pela chegada de um adulto familiar. A quebra de comunicação na separação dificultava as conversas entre pai-filho, P32-P33, em algumas visitas, o que foi interpretado por P32 como frustração, desistência de visitas aos filhos na situação de quebras de comunicação com a esposa: o que nos permite pensar, em quebras dos significados coletivos na separação conjugal, como também os desafios de negociar a convivência da constituição familiar mediados por outros instrumentos simbólicos, semelhantes aos sugeridos na Lei13058/2014, que prevê que ambos, o casal, podem deter, no poder familiar, a guarda compartilhada, portanto, uma responsabilidade mútua dos pais, após a separação amorosa (Senado Federal, 2014).

Como na separação amorosa, observamos, também, quebras de significados intergeracionais entre os diálogos de avô-neto, P31-P33 (vide quadros de significados), com presenças de monologias, que identificamos nas entrevistas como enunciados cristalizados, autoritários, de mando. P33 produziu a narrativa, em sequências temáticas do significado do abandono do pai, no momento da morte da mãe e, com poucas referências às interações posteriores, entre pai e filho. O pesquisador utilizou o processo metodológico de ir-e-vir nas narrativas em busca dos sentidos e significados. Com este procedimento encontramos significados intergeracionais de avô, pai e filho, nos temas da perspectiva futura de casamento de P33, nas explicações a respeito das condições de namoro/esposa, conclusão dos estudos, construção da casa e a busca por emprego, que significa uma possível polifonia entre P33 e P31.

P32 descreve a produção de sentidos, na unidade de significação de “pessoa só”, em sequências sobre os significados do filho, na vida do pai e, por mais que P32 se posicione responsabilmente a favor dos filhos, “nem tem nenhum em sua vida” [enunciado 100 P32 E]. Ele usou o provérbio “uma andorinha só não faz verão” para explicar a superação do

sentimento de solidão na separação amorosa através do recasamento. Os relatos são do medo de ficar só, conjugalmente; sem vizinhos e companheiros; e de viver sozinho em outra cidade, após a separação. Sozinho para comer, vestir e se medicar, quando a saúde não estiver bem.

Ele afirma que uma pessoa só, não constrói. Não faz, e não produz coisa alguma. Estes significados ainda constroem temas da necessidade de namoro; presença da companheira; pessoa de confiança para apoio afetivo, social e econômico; como momentos de incidentes de saúde e doenças crônicas. P32 também narra as mudanças na vida, com os filhos e, com a separação, sem os filhos. Da narrativa, legendamos o tema “pessoa só”, nesta unidade de significação. E nesta unidade, P32 indaga se o namoro e novo casamento trarão os mesmos resultados que trouxeram a primeira experiência de namoro, casamento e a negociação do número de filhos.

“O ficar” como experiência de namoro, está presente nas narrativas intergeracionais de P21 e P23 sobre este assunto, com alguns significados de permanência e mudanças de interações no contexto situacional, social e cultural:

(07'47'' a 07'50'' = uma experiência 07'52 a 07:56 com uma mulher que eu arrumei... Lá de junto da rodoviária. (...) Ia para lá. Mulher complicada; mas a pessoa quando está jovem, está doido, né. Num se importa de nada. (...) Eu levei uma no assim nesse trotá.

[Enunciado 34-36 P21 E] [ênfase adicionada]

Rapaz, Luana foi o seguinte: Fui para Jaquara de boa vender, né? E essa apareceu na minha frente também ((risos)). Ficou de boa, eu cantei e pegou, né? ((risos)).

[Enunciado 163 P23 E] [ênfase adicionada]

E, para entender-se a diferença de significados entre avô e neto, é necessário analisar a estrutura da atividade e os roteiros encontrados nos vários tipos de contexto sobre os quais, os adolescentes e idosos são solicitados a focar (Engeström, 2006).

Sendo assim, ao enfocarmos a produção de posicionamentos, utilizando a análise pragmática, notamos que no jogo de posicionar-se e ao outro, o posicionamento-eu, de P21, ocorre no final da oração, o que explica o índice de valor na organização dos significados, *uma experiência com uma mulher que eu arrumei* [enunciado 34-36 P21E] [ênfase adicionada]. Esta ordem pode estar marcando a responsividade narrativa, pois o que é mais importante para o participante, vem primeiro na oração e, por último, vem o menos importante. Esta situação também pode indicar que, para P23, a mulher é a pessoa passiva na oração, na qual a ação do verbo processo existencial, recai sobre o participante e o posicionamento-eu ocorre com pronome reflexivo ao fim da oração, conforme: *E essa apareceu na minha frente, também ((risos))* [enunciado 163 P23 E] [ênfase adicionada]. Percebe-se que, no início do complexo oracional citado, a mulher tem nome, L, um substituto do pronome ela, com baixa força de enunciação, um dual em relação à expressão do nome próprio da mulher, o que indica a pouca força narrativa no episódio.

Ao considerarmos a pragmática do contexto descrito - avô e neto, violonista e sambista -, P23 e P21 concretizam significados de permanência e mudança em Aiôn sobre “o ficar”, em épocas distintas. A respeito de “o ficar” entre jovens e idosos, o documento da política pública - Plano Nacional de Saúde Integral do Homem -, garante o exercício da sexualidade em qualquer idade, o que significa assegurar as condições de escolha por ter ou não filhos (MS/Saúde, 2009). Em relação à velhice, como ocorre com P21, observamos que as práticas culturais de constituir sexualidade são dimensões do curso de vida intergeracional, subjetiva, afetiva e relacional, assim como são as experiências amorosas narradas por P21 e P23, nas quais, nestas experiências não aconteceram a gravidez. O “ficar” é mencionado no Plano

Nacional de Saúde Integral do Homem, o que pode evidenciar experiências amorosas/sexuais eventuais (MS/Saúde, 2009). Visto isso, a produção de sentidos intergeracional de P21 a P23 das ações narradas em “arrumar mulher” e, em épocas subsequentes, “ficar com mulher”, indicam possíveis reverberações polifônicas das experiências sexuais do avô e seu neto.

A negociação do número de filhos, presente na Lei de Planejamento Familiar [artigo 1º], e também no Plano Nacional de Saúde Integral do Homem [item 5.6; página 20], não foram mencionadas em suas narrativas dos pais de P32, e nem nas práticas culturais do agente comunitário de saúde [enunciado 9-19 E].

Nos estudos que realizamos, os significados do planejamento familiar para o agente comunitário, tem o foco na mulher, no uso de medicamentos contraceptivos, consultas pré-natal com o médico e com a enfermeira [enunciado 9 E]. Em sua entrevista, o agente comunitário descreve as suas funções: de realizar visitas domiciliares e dar orientações às famílias a respeito do planejamento familiar; de promover a saúde; de enfatizar a importância da realização de exercícios físicos; de estimular a ida das pessoas ao Posto de Saúde para o uso de medicamentos; de realizar os encaminhamentos de informações à enfermeira/médico sobre gestantes e violência familiar. O agente comunitário de saúde, também avisa a população sobre campanhas de vacinação [enunciado 19 E]. Além disso, ele orienta as pessoas sobre namoro, na perspectiva do uso de preservativos.

Nestas ações, o agente faz mediações lúdicas, através do uso de brincadeiras e piadas sutis [enunciado 117 - 145 E], como permite a Lei de Planejamento Familiar no artigo 4º. Nas narrativas de produção de sentidos dos dois jovens P23 e P33, sobre o planejamento familiar, não encontramos enunciações sobre os serviços do agente comunitário com os jovens. Relacionado à temática descrita, observamos em P13, enunciações a respeito da distribuição de camisinhas (vide quadros de resultados), a respeito dos cuidados consigo e com os outros.

A diferenciação entre P13 e os outros dois jovens indica que mudanças podem ocorrer por diferentes dinâmicas de produção de sentidos na análise das falas, objetos, imagens e da memória coletiva. No entanto, o estudo da produção de sentidos requer um empenho metodológico que nos lembram escritos de Benjamin (2012) e Certeau (1998) nos quais os autores nos lembram sobre a capacidade do historiador de se maravilhar perante as ações dos seres humanos. Certeau (1998) tem a atenção focada na liberdade dos não-conformistas, mesmo reduzidos ao silêncio, que modificam verdade imposta na responsividade do historiador com respeito à observação por toda a resistência ainda que mínima, e por toda a forma de mobilidade aberta por essa resistência – o que traduz ou denuncia a liberdade gazeteira das práticas culturais.

Assim, percebe-se microdiferenças onde tantos outros veem obediência e uniformização. Para Benjamin (2012), um observador, que se localiza em uma distância apropriada e ângulo favorável, consegue observar marcas na realidade, as quais lhe constituirão na arte de narrar. Nas histórias orais, o observador participa da autoconstrução historiográfica em termos de posicionamentos mais aprofundados, intergeracionais com registros do sentido da identidade do participante, ao mesmo tempo em que ele - o observador - relata a multiplicidade de eventos e posições, através da qual alguém vive uma única vida (Harré & Langehove 1998).

Exemplificamos com as dinâmicas de produção de sentidos dos homens sobre o cuidado que perpassa as discussões sobre o namoro, paternidade, estrutura familiar e herança. E, ao identificarmos as transformações do texto ao contexto nas narrativas, consideramos as dinâmicas de atualização que promovem estabilidades relativas nas tessituras de si, e ao longo de toda a vida de cada pessoa (Barbato, Mieto e Rosa, prelo). Nessas estabilizações das dinâmicas dialógicas, tornou-se possível identificarmos, por exemplo, o cuidado em namoro

como significado de proteção ao princípio da vida, dos afetos, das emoções dos encontros, desencontros, “do ficar”, do partir; portanto, da própria reprodução humana.

Os resultados indicam que a temática do cuidado de si e do outro, estão relacionadas às condições concretas de sobrevivência; as orientações a si e ao outro de significados de sua própria experiência, com formações intersubjetivas nos enunciados direcionam a história, como produto da atividade humana como nos escritos de Bakhurst (2009), Volosinov (2006) e Engeström (2006). A atividade de cuidado está composta por temas de: saúde; educação; lazer; regulação dos afetos e emoções. As práticas culturais de cuidado de si e do outro na juventude de P13, P23 e P33 são compostas por sentidos do jovem como: jogador de bola, sozinho; obediente, meninos entre a 4ª e 8ª série. Na adultez, os participantes P12, P22 e P32 constituíram sentidos de poucas conversas com o pai e a mãe; atenção aos filhos quanto às drogas; alunos na 4ª série; presença de doenças crônicas; cuidado com a escola e saúde dos filhos; observador do conselho de família; “acontecer”, o processo do nascimento dos filhos; dificuldades com o planejamento na zona rural. Na velhice, os participantes P11, P21 e P31 constituíram os sentidos do cuidado de si e do outro, como apreensivos, inseguros pela violência contra idosos com aposentadoria; de acidentes de trabalho; exames de pressão arterial; histórias de coragem e medo pela cobra Pico de Jaca; pouco acesso à escola; preocupação com a escola dos filhos; participantes do conselho de família.

A produção de sentidos sobre as dificuldades do planejamento familiar na zona rural, os acidentes de trabalho, os exames de pressão arterial e PSA, constituem os cuidados pela saúde. Esses cuidados se compõem na regulação de si e do outro, presentes nas narrativas que nos permite entender polifonias nos interlocutores, nas novas normas de constituição social e afetiva da família conforme a Lei nº 9278/1996, que regula o artigo 226 da Constituição Federal e o planejamento familiar conforme Lei nº 9263/1996, que regulamenta o artigo 7º da Constituição de 1988.

A Lei de Planejamento Familiar é de 1996, época em que os participantes mais velhos tiveram filhos e que eles estavam com a idade entre a juventude e adultez. Nesta época, se casaram e esperavam receber os primeiros serviços da política de planejamento familiar independente de residência na região rural ou urbana. São estes participantes - P22, P32 e P12-, que enfatizam nas enunciações a política. As descrições de como os fatos se desenrolaram, são de regulações de si e do outro (Leonti'ev, 1978), na institucionalização da política do planejamento familiar. P22 e P32 ressaltam que algumas das primeiras mulheres da região que tomavam a medicação e usavam o DIU, tiveram problemas de saúde. Tal fato pode constituir uma ausência de direções iniciais, como também, retornos para os métodos naturais anteriores como abstinência [enunciado 386 P22 E; enunciado 75 P32 N]. P32 e esposa se orientaram a respeito dos métodos contraceptivos com a assistência médica do Posto de Saúde. Em seus relatos, a profissional de saúde ressaltou que os desentendimentos do casal dificultavam a mulher de tomar a medicação e os lembretes do companheiro da ação cotidiana com o contraceptivo. P32 se orientou, também, com a assistência advocatícia, o qual propôs que o casal retornasse à estabilidade conjugal, com diálogos regulares dele com a família de sua esposa.

Os estudos sobre a experiência da prática profissional conjunta de advogados, assistentes sociais, psicólogos e funcionários do fórum são raros, conforme constatam Robles e Castro (2005). Estes autores relacionam que muitos profissionais sustentam seus escritórios com as dificuldades familiares de encontrar respostas adequadas às necessidades pessoais e coletivas. No caso dos advogados: ações de separações litigiosas, partilha de bens no divórcio, ações de pensão de alimentos, inventários de família e pactos nupciais sustentam mais de 80% das despesas do escritório, que move Robles e Castro (2005) a indicar este fenômeno como campo de estudo. Em nosso estudo, as dificuldades da família dos participantes foram parte de debates no Conselho de Famílias, uma instituição informal, na qual as pessoas honrosas da

família, parentes e amigos próximos se reúnem para aconselhamentos mútuos, na proposta de construção de soluções para as novas e atuais situações de família. Outro instrumento de construção de soluções é estar atento às notícias veiculadas no rádio e os debates sobre as soluções que outras pessoas estão dando.

P22 disse que, através das notícias do rádio, tomou conhecimento da proibição da música “Pare de tomar a pílula” [em anexo], com orientações sobre o planejamento familiar, pois na comunidade do Quilombo, as estações de rádio são mais antigas que os canais de TV. P32 narra a sua busca pelo Conselho de Família, reunidos em um almoço de domingo, os familiares mais honrados da família da esposa. Pediu orientações sobre os desentendimentos do casal quanto ao número de filhos. E por último, P32 dirimiu as dúvidas sobre o número adequado de filhos com o seu pai, o qual teceu um diálogo com o casal, como interlocutor da família de P32. Estas explicações constituem o enunciado de P32 "em uma noite, aconteceu". P32 conta que tentaram – ele e a sua mulher - os métodos contraceptivos com medicamentos e folhas e, mesmo assim, o menino nasceu. Esta história compõe a sua constituição de abandono na condição de pai. Informações a respeito do comportamento reprodutivo dos homens em situações de separações amorosas não foram encontrados nos estudos de Marcondes (2005). A restrição à vasectomia é um dos indícios em contextos das conjugalidade que apontamos.

Dentre os participantes mais jovens, o mais novo, P33, com 16 anos, narra a intenção de constituir família a partir dos 20 anos, na mesma idade que o pai constituiu a dele, significados em sequências temáticas do abandono do pai, o preso, P32. P13 aos 17 anos narra sobre a distribuição no Posto de Saúde de camisinhas, preservativos masculinos, ao público jovem, os colegas. P23, aos 25 anos, tem expectativas de ter seus filhos, porém, já possui experiências como padrasto.

Na adultez dos participantes mais velhos, antes de 1996, no Brasil, não se falava oficialmente em política de planejamento familiar. Planejamento familiar, antes de 1996, foram questões que originaram duas Comissões Parlamentar de Inquérito – CPI, sobre atividades de organizações internacionais com operações de ligaduras nas mulheres, muitas vezes, sem o consentimento delas próprias, conforme ressalta Mesquita (2008).

Os participantes mais velhos tecem narrativas sobre o contexto linguístico, social, cultural e situado de práticas culturais da família escravocrata. A família escravocrata se regula para fazer valer seu direito em um país que ainda não se preparou entre o quilombo e as cidades do interior para que isso aconteça como no estudo de Passos (2012). Estes episódios constituem um contexto de práticas culturais que não se extinguem com a Lei, e mostram como as pessoas se regulam, a partir da constituição da libertação dos escravos. Então, as dinâmicas de explicações de si dos mais velhos sobre o planejamento familiar, constituíam um contexto de ex-escravo, que precisava constituir formas de sobrevivência de si e da prole, sem comida dos fazendeiros da região e ao mesmo tempo, sem práticas culturais como homem livre, sem emprego, inseguro de como garantir o direito à vida. E a vida é o principal bem de uma pessoa.

A insegurança na velhice foi parte do estudo de Piketty (2014). O autor descreve que as pessoas na velhice não poupam recursos, bens e patrimônios simplesmente, elas intensificam como um fator psicológico, um processo de insegurança. O sentimento de insegurança leva as pessoas a pouparem mesmo quando o patrimônio existente financia a subsistência sem vender ativos, os recursos correntes das pessoas. Em seus estudos, o autor constata que se poupa de forma semelhante em todas as idades e de forma mais acentuada, na velhice. Para Piketty (2014), a poupança significa reservas para a aposentadoria, para a perda do emprego e para a perpetuação dos recursos sociais e econômicos nas famílias. Em nossos estudos, as narrativas sobre os significados que estão envolvidos na insegurança na velhice

compõem-se de perigo; maior atenção às coisas que acontecem; medo; vida perigosa; sozinhos; moleza; o filho, quando estava junto ao pai, ambos andavam seguros; o filho tinha mais obediência ao pai; a atividade de atenção em lugares perigosos; tremuras; pessoas na velhice fracas para o trabalho pesado.

A construção de informações sobre o cuidado compõe ainda do aumento do nível educacional de forma geral no mundo (Piketty, 2014). Reconhecemos a importância da educação para os processos de socialização, interações humanas entre professores, alunos e corpo administrativo escolar (Barbato, Mieto & Rosa, prelo). Entendemos a importância para a experiência dos participantes do Quilombo Alto do Morro das atividades de ensino e aprendizado colaborativo, com produção de sentido da ação da pessoa, composta de emoções no contexto social, cultural e situado.

Contudo, os estudos de Piketty (2014) sinalizam que as mudanças consideráveis do nível médio de formação não permitiram reduzir as desigualdades da renda do trabalho. Piketty (2014) discute que o diploma de ensino fundamental de antes é equivalente ao de ensino médio de hoje e, se antes era preciso ser formado numa faculdade para exercício de certa função agora, exige-se um doutorado. Passos (2012) discute aspectos presentes na historiografia da educação da população negra brasileira, com destaques nas proibições impostas pelo Estado aos negros sobre o acesso à escola, no período de transição do trabalho escravo para o trabalho livre no século XIX.

No mesmo estudo, o autor mostra uma desobediência à Lei, ainda na Monarquia Imperial - por parte do Estado de Minas Gerais -, que abriu espaços nas escolas para pessoas negras. Em nossa pesquisa, encontramos nas narrativas diferenças de anos de estudos entre as três gerações, dificuldades institucionais para o acesso à educação, como também ausência de sentimento de pertença dos participantes do direito a uma educação pública, digna e de qualidade. Nos resultados da tese os homens têm quatro anos de estudo, abaixo dos resultados

de homens negros e cinquenta por cento a menos dos homens brancos apresentados no estudo de Passos (2012). A escolaridade média de um jovem negro de 25 anos de idade gira em torno de 6,1 anos de estudo; um jovem branco na mesma idade tem cerca de 8,4 anos de estudo.

Apesar do nível de escolaridade de brancos e negros ter aumentado de forma contínua ao longo do século XX, a defazagem de 2,3 anos de escolaridade persiste, é a mesma observada entre os pais desses jovens e, de forma geracional, entre os avós desses jovens. Além disso, o elevado padrão de discriminação étnico-racial, expresso pelo diferencial na escolaridade entre brancos e negros, mantém-se estável entre as gerações. As desigualdades educacionais no Brasil em torno da raça/etnia concretizam uma relação desigual entre salários e nível educacional entre brancos e negros. Exemplifico com a narrativa de P32 de fala reflexiva, sequencial e quase didática, de idas e vindas em alguns temas, para retomá-los mais consistentes em momentos seguintes sobre a necessidade de juntar dinheiro para a conquista da faculdade:

“(...) 30’41” a 30’47” Que//Hoje tá bom porque...a é... VINTE ANOS ATRÁS UMA PESSOA QUE NEM EU ASSIM, DE MINHA COR ASSIM NUM ia// fazer uma faculdade, quer dizer, no caso fazia, mas era muito DIFÍCIL mesmo, mas hoje qualqué... TRABALHADORA DOMÉSTICA HOJE SE ELA trabalhar e pegando seu dinheiro e juntando, ela consegue FAZER sua faculdade. Porque faz o Enem e faz a FACULDADE e quando pensa que não, vai indo, vai indo, NUM desiste e... quando passar o período tá em argum GRAU melhor. (...) ASSIM UM MÉDICO, UM JORNALISTA ASSIM DA NOSSA COR, mas antigamente não. HOJE JÁ tem, já: Jornalista, é um médico... é um...assim... um vereador, deputado, tudo já tem, tudo da nossa cor assim. Mas antigamente era mais... clarinho..., até chega. //UM HÁBITO//DO NOSSO ASSIM, DO MEU// DO NOSSO PORTE ASSIM, chegá lá

era... E a mulher era difícil, hoje que... quer dizer que não. É, melhorou bastante mesmo, é clareou bastante já. ((risos)). 32'05" a 32'12"."

[Enunciado 43 P32 N] [ênfases do autor].

O processo de socialização das práticas culturais que ocorre nas escolas é aliado importante da política de planejamento familiar. Através desta socialização, práticas culturais diferentes entram no jogo de estabilidade e mudanças entre os interlocutores colegas da escola, docentes e corpo administrativo. Discutimos o acesso à educação superior, como forma de cuidado com a melhoria da qualidade de vida, portanto, os anos de estudos aumentam as condições substantivas de levar a vida como se quer. P32 se posiciona reflexivamente sobre o assunto do acesso à escola para pessoas negras e quase ao final do trecho posiciona diferentemente as pessoas brancas "*mais antigamente era mais... Clarinho.*"

Compreendemos que P32 se compara às empregadas domésticas, que ao juntarem um dinheiro, conquistam o acesso à educação de nível superior mediada pelo Exame Nacional de Ensino Médio - Enem.

A ascensão educacional, a qual trata P32, também foi estudada por Oliveira (2006), em sua pesquisa qualitativa, através de narrativas de histórias de vida. Em sua obra, o autor trata da ascensão educacional de uma professora negra, na qual ela contou com a renúncia dos pais e irmãos, na opção estudo *versus* trabalho, quando ela ainda era jovem. A renúncia aos estudos homens e a escolha do trabalho, nas condições de vida das famílias negras, seria como comprometer a própria sobrevivência, além da crença social, que identifica o homem negro – sem trabalho – como: moleque, preguiçoso e desonroso ao bom nome da família. Portanto, aos jovens homens, havia apenas a alternativa de renúncia aos estudos, o que garantia a sobrevivência da família e a promoção educacional da irmã.

Quando P32 renunciou aos estudos, ela havia cumprido uma parte na escola multisseriada na zona rural. A escola multisseriada ia até a 4ª série, P32 repetiu esta série,

mesmo ao ser aprovado pela primeira vez, na esperança que no ano seguinte abrisse o ginásio no Quilombo Alto do Morro. Por essa repetição P32 considera que ele é o único do Quilombo que naquela época conseguiu a 5ª série, em Kayrós da família.

Ao chegar próximo à idade de transição entre a juventude e a adultez, aos 20 anos, P32 ganha um terreno dos pais para iniciar a construção da casa, um símbolo da finalização do tempo da escola e início da vida de casado no contexto do Quilombo. As operações de símbolos convencionalizados na construção da casa, metáfora de constituição da família com filhos pode indicar a participação dos homens na constituição da prole na vigência da primeira relação amorosa. As convencionalizações operavam na direção das exigências sociais da vida familiar: ao parar de estudar, tem que casar; depois dos vinte anos não é adequado estar sem filhos e mulher; é incomum que negros estudem. P32, P22 e P12 constituem reflexões de si sobre a experiência do que é ser pai nas narrativas em interação com os filhos distantes como P13 e P33, muitas vezes, na interação dialética de procura pelo pai e ao mesmo tempo desonrando, desaprovando o exercício da paternidade como em P32, o que indica outros patamares da regulação de homens na posição de pai.

Exemplificamos a reflexão de P32 na narrativa a respeito de sua paternidade na perspectiva dos outros: “Que eles ficam: ah! Que eu não ligo pros filhos, que eu não tô sentindo a falta. Tá sim, mas por quê? Por causa dele mesmo” [enunciado 50 P32 E]. P32 na busca por respostas de si na posição eu-mim buscava um conhecimento de si nas narrativas, com perguntas e ao mesmo tempo respostas sobre a paternidade como também apoio na geração ascendente.

O planejamento familiar entre gerações se compõe de que os da geração descendente são constitutivos da geração ascendente e assim sucessivamente. Em algumas etnias como nas famílias negras nos estudos de Rogoff (2005), a construção do significado de cuidado estabelece que os filhos de uma pessoa sejam também filhos da comunidade. Nos nossos

estudos encontramos também os filhos da comunidade nas narrativas dos homens na velhice, ações de cuidado com a prole dos filhos, como P21 que cuida da neta que a nora separou-se do filho; P11 cuida do neto, em que a nora não gosta de menino macho conforme sumário das entrevistas correspondentes. Ao encontrarmos ações de cuidado pela prole dos filhos nos avós, evidenciamos indicações de outro fenômeno psíquico: a quebra de significados na geração pode desfazer os vínculos maternos e paternos, e constituir modos diferenciados de cuidado nas gerações ascendentes.

A aposentadoria dos mais idosos mantém as ações de cuidado, com os netos, auxiliando na compra de materiais escolares, alimentação, compra de roupas, portanto do sustento de si, da família e dos netos. Contudo, aposentadoria vem significado o medo pela violência na comunidade Alto do Morro como narra P11, P21 e P31.

A primeira violência é a ausência de políticas públicas de promoção da cultura da paz, de distribuição dos benefícios sociais adequados a quem mais precisa, como tratou P31, P22 e P11:

“O motor cortou esse dado aqui, e aí fui lá fazer uma perícia. Aí quando eu cheguei lá, o Sr. PM2 disse: É, você vai descer lá no INSS, mas você vai ganhar dois meses de trabalho. (...)

E aí, vim embora...COM QUINZE DIAS eu vou passando lá na feira; Que eu gosto de comprar um/uma foiazinha, aí tava comprano uma salsa; oiei, o doutor PM1 assim: Ê rapaz! Eu disse: ô doutor. Ele disse: E aí rapaz, tudo bom? Ficou bom? Eu disse: A pulso...ele também ficou quieto. Ele disse: Que apulso, como? Eu digo: sim, porque não tem quem mande, eu não tem quem eu peça para fazê, eu tem que fazê as coisas apulso. Ele disse: Tá certo. E aí, fim de papo. Mas eu só recebi foi dois mês, ela não aprovou eu perdi. Ai depois teve um camarada que me disse assim tu ta feito besta? PM2 ganha pá PM1 ganha o não sei quanto sei lá, para não aprovar o

salário de/do cara necessitado; ai eu não fui mais. Ai até que cumo vê a história, que morreu no ano passado, não sei se foi certo o não, o PM2.”

[Enunciado 5-29 P31 E] [ênfase adicionada]

*(Ai eu fiquei sem trabaiá esses tempo) que o médico falô que eu num podia trabaiá, o INSS num encosta a gente, encosta, encostou/ encostou uns dois mês e cortou, ainda ontem tava no INSS tornou cortá de novo também larguei de mão...e num apusenta, no meu caso aqui era pá mim apusentá nera? por que se eu dei/ dei câncer brabo irmão, câncer maligno, tá ai o atestado... **NEGOÇO BRABO!** O meu já tava passado, e ai... no caso era pá me apusentá nera? (...) E não me apusentaro de jeito nenhum...eu num sou mai aquele home que eu era, num posso pegá peso...num posso mai dá uma carreira, num posso trabaiá mai que nem eu trabaiava... e ai fica ai teno que tá/trabaiá cum dificuldade por que dá aquela/aquela dô, por que dói o lugar da cirurgia que abriu daqui aqui assim ó ((aponta o lugar para o pesquisador)).*

[Enunciado 76 P22 N] [ênfase adicionada]

*TEVE um que...P1In usou a bolsa família, **DEPOIS** cortou a bol/ a bolsa famía, **NUNCA** mai recebeu... **AÍ** não/não... **NÃO** recebeu mai não... **AÍ** não recebeu bolsa família... **NÃO**, meu filho, **NÃO**, meu fio, não/não/não... **NÃO** recebeu bolsa famía não, **NAQUELE** tempo, não/não tinha bolsa famía ainda, na época. **AÍ** não receberam não. (ˆ 1:28:52 a 1:28:56) **TINHA** poucas escolas, **EU** mesmo estudava, **TINHA** uma escola na roça assim, A gente estudava na roça... **MAS** na/naquele tempo não tinha... não tinha bolsa famía como tem agora não... **AGORA** sempre miorou mai por pá a mãe de família né, miorou, **RECEBE** bolsa família, O governo deu essa/essa ajuda, **ESSA** benção... (ˆ 1:29:28 a 1:29:40).*

[Enunciado 303-305 P11 N] [ênfase adicionada]

Nas narrativas, os participantes falam de outros casos de indisponibilidade da política pública constitutivos de condições substantivas para o planejamento familiar, conforme indica o Programa do Planejamento Familiar, do Plano Nacional de Saúde Integral do Homem (MS/Saúde, 2009), o Programa Fome Zero, o Programa Brasil sem Miséria, e o lema “Pátria Educadora”. Nestes episódios narrados sobre os programas sociais, observamos atentamente, assim como Certeau (1998), a liberdade gazeteira das práticas culturais, a incredulidade do povo diante do firme propósito da ordem dogmática, mudanças ainda que mínimas que garantem formas de mobilidade da ordem estabelecida, como as transformações do povo do Quilombo do Alto do Morro, em que parece se conformar com o estabelecimento de direitos promulgados e ao mesmo momento não ofertados; e as microrresistências presentes na ativação de discussão política na feira livre, nos bares, na narrativa ao pesquisador a incoerência da política pública, com charges, sorrisos nas interações entre os *policy makers*, o documento escrito, os programas de governo, boa parte deles, inconsistentes no atendimento do povo, como a pouca valorização pela diferença cultural. Nestas ações do povo, em não se conformar estão as microdiferenças onde tantos outros veem obediência e uniformização.

Em outra narrativa de desobediência e enfrentamento familiar P31 narra a dificuldade com a remoção de um corpo no mesmo dia em que o assassinato ocorreu, em que o responsável pela delegacia ainda queria colocar a culpa no Conselho de Família que orientou a remoção do corpo do local da morte. Nesse contexto cultural das políticas públicas se insere as discussões sobre a violência no quilombo, a entrada do crime organizado com as drogas, a convivência com as drogas como válvulas de escapes pelos jovens em situações de transição na comunidade entre as políticas da juventude como o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, mas ao mesmo tempo, sem discussões mais amplas sobre a agricultura familiar nos pequenos povoados rurais. Os jogos de poder, de contravenção que nas enunciações se concretizam na comunidade pequena rural, o que os funcionários conseguem entender, o que

o povo observa, a quantidade de serviços disponíveis, e a cultura dos responsáveis pela política sobre o que pensam do povo que receberá os benefícios. Exemplificamos com a narrativa sobre o que pensa a enfermeira sobre o homem no quilombo, significado de reprodutor, heterossexual:

“Oh meu Deus! Em cada esquina. É em cada esquina! Aqui é... Filho do vizinho, parente de não sei quem... Eu sempre costumo dizer assim: Gente, o reprodutor aqui deixou a semente e nunca vai sair, né? // Ó até eu se eu não fosse ligada eu acho que eu saia daqui já com só um pensamento de vocês, saia daqui ligada porque aqui é tanto parente que você nem imagina” [enunciado 3 E] [ênfase adicionada].

Essas crenças e valores mediam os serviços de atenção à saúde à população do Alto do Morro e as atualizações dos significados nas narrativas vão gerando, e sendo geradas por uma moralidade que vai sendo internalizada *“Ó até eu se eu não fosse ligada”*. A enfermeira posiciona o outro, a partir desses significados.

No documento da política de saúde para o homem, há discussões sobre a promoção da saúde na interação entre os atores sociais no contexto situado, social e cultural, diferentemente de se considerar apenas um como paciente nos serviços de saúde e o profissional isento culturalmente como em Sasaki e Ribeiro (2013) e Rodrigues e Ribeiro (2012). Nestes aspectos, entendemos o planejamento familiar em atividades de promoção de saúde, nos conflitos, negociações e idiossincrasias que promovam a cultura da paz em interações na família; entre *policy makers* e participantes implicados culturalmente com a política.

O documento da política nacional de atenção à saúde do homem descreve a integralidade que implica na discussão integral sobre o processo da violência e, não na violência distante da prática cultural, como foco em apenas na ação visível da violência. O documento da política pública coloca o homem na posição ora agressor ora de vítima, sem

considerações mais integrais para um documento que possui a integralidade em seu título. Enquanto que a discussão integral no processo da violência requereria do documento uma perspectivaêmica e ética da posição do agressor e da vítima, num embate das interações humanas.

Encontramos marcas dessas posições do documento da política pública na narrativa do agente comunitário, conforme análise do conteúdo temático da entrevista em que a presença do tema da triagem de informação sobre a violência doméstica, dialeticamente à inexistência de um sistema de informações sobre a saúde do homem. Na narrativa, o agente comunitário encontra um campo de registro no formulário estatístico do Sistema Único de Saúde – SUS, sobre as ações de Saúde do Homem, a respeito da violência doméstica do homem contra a mulher. O agente relata, também, que não há mais campo sobre estatística da saúde do homem no formulário, mesmo quando encontra casos passíveis de notificação, tais como de câncer e próstata, entre as mais de 300 famílias de sua área adstrita.

Também encontramos as marcas da política pública correspondente, na delegacia da cidade, na qual o Agente de Segurança Pública, responsável pelos dados relativos à violência na área urbana/rural, apenas possui os dados da área urbana. Da área rural, ele somente possui os dados da violência doméstica de homens contra mulheres, diferente dos dados de violência intrafamiliar, possíveis na política pública da Lei nº 11.340 - Maria da Penha. Podemos até pensar que os dados recolhidos pelo agente comunitário constituem as estatísticas do Agente de Segurança Pública. Outras evidências foram identificadas, mas como o gravador estava desligado, não serão relatadas. Geralmente, comunidades afastadas do grande centro, são alvos de *bullyng* verbal, pelas diferenças culturais que podem variar, da comida à língua falada, em cidades com significados coletivos mais tradicionais. O documento da política pública de atenção integral à saúde do homem aponta a violência como uma visão de causa e

efeito, vítima e agressor a qual compromete a visão integral que o próprio documento sugeriu anteriormente (MS/Saúde, 2009).

O diagnóstico da violência e da saúde contribui com os fatores fisiológicos, portanto vários graus de doença, mas pouco descreve o homem na interação dos contextos institucionais, artefatos pró-promoção de saúde, mediados pelos recursos do meio ambiente, ar puro, os parques, rios, paisagens disponíveis para passeios ciclísticos e caminhadas.

No processo para a produção de novos significados, as vozes funcionam como personagens interagindo em uma história, que envolvem interlocutores em conversação, em que cada um constrói uma história para contar sobre as próprias experiências, resultando em uma complexa estrutura narrativa do si mesmo. Assim, o Eu, como autor, pode criar o futuro e reconstruir o passado a partir de relacionamentos existentes e estabelecidos entre as várias vozes. Assim, o si mesmo é compreendido como uma multiplicidade dinâmica de posicionamentos autônomos em um cronotopo, em que os posicionamentos podem mudar e até ocupar posições opostas, conforme ressalta Barbato, Mieto e Rosa, (prelo) e Harré & Langehove (1998).

No processo de constituição do si mesmo, as relações dialéticas entre as posições podem ser entendidas como um produto da tensão entre as diferentes posições no cronotopo. Nessa relação, as posições individuais são representadas pelos valores pessoais construídos ao longo da vida, enquanto que as posições coletivas são construídas historicamente nos contextos socioculturais em que a pessoa atua.

Constituímos o sentido de paternidade na família, a partir da produção de sentidos nas dinâmicas polifônicas intergeracionais das três histórias de vida em entrevistas abertas e semi-estruturadas. Em 2011, as questões intergeracionais do planejamento familiar foram vistas como interferências no padrão familiar por Santos e Freitas (2011), que apontavam para

necessidade de novas pesquisas qualitativas que considerassem as narrativas dos participantes em famílias na cidade de Santo Antônio de Jesus.

Utilizamos a produção de sentidos intergeracional dos participantes sobre o planejamento familiar com o foco na constituição familiar no tema paternidade em diferentes cursos de vida. Na velhice, os sentidos construídos por P11, P21 e P31 são de participantes do número de filhos de seis, 14 e 17 filhos; segurança mútua entre pai e filho, batalhador com a família; Conselho de família, honroso no sustento da família. Os estudos de Assis e Magalhães (2006, pp. 206-211) sobre os significados de honra = precedência e honra = virtude enfatizam no homem respectivamente “a imagem de si” e “a observação do outro sobre si”.

Os estudos sobre a honra ligam-se ao seu antônimo, nas noções de ser constrangido, humilhado, ou ainda, perder seu rosto público, na posição de cabisbaixo. O significado de honra, na perspectiva cultural, direciona-se; à pessoa social, à virtude, à vergonha e a redenção, logo, às concepções religiosas, conforme explica Brown & Levinson (1987). A honra, como *self*, será diferente em diferentes culturas, e nos interessam os limites do território da personalidade do conteúdo público de si, relevante na identificação, como também, à necessidade de orientar-se na perspectiva *outro-eu*. O *self* indica nos enunciados como queremos ser tratados, nas intenções *outro-eu* e *eu-mim*. Na busca pelo respeito do outro, as pessoas tendem a cooperar, como regra de defesa da ameaça do “outro a si”, como também, na ação ativa na defesa “de si” ao ameaçar os outros.

Portanto, em interação *outro-eu*, não se exige que um interlocutor satisfaça plenamente o querer do outro. Em algumas situações, ignora-se a cooperação pela honra, como nas rupturas sociais, afrontas e até mesmo em casos de cooperação urgente no interesse da eficiência. Encontramos a situação de pouca cooperação com a honra, na interação *outro-eu*, uma desobediência social, nos relatos de P31, ao descobrir que o

“doutor” não lhe trata de forma honrosa ao não garantir os seus direitos sociais no INSS [enunciado 5-29 P31E].

Nessa tese a partir da construção de informações o significado de honra = bom nome, honra na preparação ao namoro como uma herança da educação familiar presente nas narrativas de pai a filho; a honra endereçada ao índice de valor em transições, as vezes, em oposição aos valores tradicionais. Os pais de P11, P21 e P31 por ventriloquação dos filhos, constituíram os seguintes sentidos da paternidade com o número de filhos de seis, 53 e seis respectivamente, distantes da família na semana nas matas apegados ao machado; muitos levavam os filhos para o ensino da atividade de caça, com cachorros e processos de incorporação das práticas culturais no Quilombo do Morro. No estudos de Teixeira Filho (2010) se discute a procriação como política de estado na foração da nação, portanto da heteronormatividade em que o Estado lança mão dessas prerrogativas, nem sempre vantajosas no afeto entre pai-filho, como no pai de P31 que teve o maior número de filhos no estudo.

Já os adultos constituíram a produção de sentidos intergeracional na adultez sobre o planejamento familiar com significados de número de filhos cinco, quatro, e três respectivamente P12, P22 e P23, homens vergonhosos nas conversas sobre reprodução humana com os pais; a tentativa de mudanças deste cenário nas conversas com os filhos; brincadeiras descontraídas pai-filho (P22-P23; P12-P13; P32-33); de poucas brincadeiras com os pais; separações conjugais com novos arranjos da família. Já na juventude composta de P13, P23 e P33 constituímos os sentidos de expectativa de 2 a 4 filhos; dificuldades de planejar; boas convivências afetivas com as namoradas.

O sentido da paternidade foi parte de um estudo qualitativo, com entrevistas em profundidade, com seis participantes em Rodríguez, Pérez e Salguero (2010). Os resultados identificaram a paternidade, como processo de construção sociocultural, em diferentes

discursos mediados por recursos culturais, que regulam a intersubjetividade das pessoas. Entre os recursos, destacaram as experiências infantis na relação com o pai responsável, as reuniões escolares, as conversações informais com amigos, os filmes, as mensagens midiáticas; ainda encontraram como recursos as políticas e as estratégias de promoção do bem-estar dos filhos.

Um dos fatores importantes ao tratarmos do sentido do planejamento familiar, como produção social entre as gerações, é que, se as taxas de crescimento populacional forem baixas, o estoque acumulado de riquezas, isto é, a herança, se torna relevante, sobretudo, quando se cresce de forma desmedida. Esta era a previsão de Karl Marx em ventriloquação aos pesquisadores de sua obra como Schumpeter (1985), a respeito da acumulação do capital nas mãos de poucas pessoas, produzindo desigualdades sociais e nos estudos recentes de Piketty (2014).

Na presença de taxas altas de reprodução humana, o crescimento populacional desmedido compromete a quantidade de recursos à vida digna e honrosa. Disto, resulta a importância dos estudos sobre a reprodução humana, planejamento familiar e o sentido da paternidade na constituição das famílias em gerações.

Ao compormos a paternidade, comparamos com a estrutura familiar composta pelo orçamento doméstico e esforço do trabalho em um quadro específico nos resultados e em outro comparamos os mesmos significados aos significados do tema da herança. No primeiro quadro o foco era a análise da intenção pela família a partir da constituição da força de trabalho e renda do trabalhador; no segundo quadro o foco era a comparação entre a intenção por uma família pelo pai e em relação as condições substantivas perpassadas por seus ancestrais aos seus descendentes, tais como a herança cultural, econômica e social. Realizamos as comparações entre as famílias, de modo qualitativo e na perspectiva do funcionamento do humano, mediado por símbolos e artefatos, diferentemente do Piketty

(2014), através de dados estatísticos da renda e herança com o banco de dados do Imposto de Renda.

A produção de sentidos intergeracional dos homens em diferentes gerações das famílias P1, P2 e P3 sobre o planejamento familiar, constituíram significados da estrutura familiar na velhice de aposentado; diferenças nas horas de trabalho entre a juventude, adultez e velhice; produtor rural; comerciante na feira livre; disponibilidade sazonal de recursos com o comércio agrícola; desvalorização do trabalho rural. Na adultez os significados constituídos por P12, P22 e P32 são: de sustento por plantações na roça; trabalho intenso, cansado, a juventude; carregador rural; sentido de pai quanto as necessidades dos filhos; dificuldades de arrumar emprego com a carteira assinada e garantias sociais.

Na juventude, P13, P23 e P33 constituíram os seguintes significados coletivos as noções de escassez e preço; algumas práticas sobre o trabalho na roça com a enxada; auxílio aos parentes nas colheitas de amendoim, no São João; expectativas por trabalho com a carteira assinada.

Na perspectiva da comparação, constituímos a produção de sentidos intergeracional dos homens em diferentes gerações sobre a herança na velhice, composto por aprendizados entre gerações de “botar” roça e caçar; doação de terra aos filhos em vida; conhecimentos sobre o Conselho de Família; conhecimentos das práticas culturais sobre plantas medicinais, educação familiar, religiões de matrizes africanas e comidas típicas. Na adultez, os significados para P12, P22 e P32, foram: esperança de perpetuação da roça entre gerações; aprendizados com o pai sobre o caminho da roça e ensino aos filhos; educados no tratamento aos mais velhos, como educação familiar. Na juventude, os significados dizem respeito: à herança cultural da festa de São Cosme e transições religiosas; aprendiz ao tratamento aos mais velhos; herança do bom nome da família. A herança, para esta tese, se liga à discussão a respeito do instrumento mediacional na constituição da família.

Na comparação entre os significados da paternidade com a estrutura familiar P22 descreve:

Irmão, aí.. qué VÊ [a foto], é a mãe dessa minininha e desse minininho, aí. () Aí, a partera diz, qué gêmeo.. e gente pensava que era um só! Mai, tudo que eu comprava pra dizê, a R [prosódia de R]: ô P22, parece que é eu já sabia daqui! Mai, ô P22, tu me compra um pacote de fralda! () Pra quando eu tinha minino, eu ia, e comprava dois. Tu compra, um short. (") Eu ia, e comprava dois! E ela diz que o minino é macho; Não, a minina era fêmea! ()Primeiro era a minina, que o médico viu. E num fez ultra som, não! () E aí, um negócio lá, que o médico descobriu, que a minina era fêmea! Aí, eu ia pra rua comprava, duas calcinha. Comprava em dia de sábado, e trazia logo duas, três. Duas, três. Comprava um pacote, mandava comprá um pacote de fralda, eu comprava dois, três pacote de fralda. Mandava comprá um Danone, eu comprava dois, três e ia botano dento de casa.

[Enunciado 278-287 P22 E] [ênfase adicionada].

QUANDO EU, ASSIM NO CASO ASSIM NO MEU LUGAR? OU... RAPAZ, PORQUE NO CASO QUE NEM EU tô aqui, eu trabalho acho que o trabalho na roça é pesado. Aí, esqueci até o que eu penso assim, o que a gente faz não pensa, mas Deus tá lá e sabe de tudo. Ai eu digo: ôia, eu tou plantando aqui uma roça, plantando esse negócios aqui porque. AMANHÃ OU DEPOIS, AH NÃO morrer, se eu não morrer novo e tiver mais velho e não aguentar vir aqui em baixo subir essa ladeira ou não aguentar tirar essa roça-, tendo a roça plantada, aí qualquer pessoa vem, paga um dia vai tire, colhe e bota aí. QUE NEM O MEU PAI Assim, tá com setenta e poucos anos. (...) Aí assim, aí eu/eu conversei com aquele menino, o de cá

de cima, (...) disse: “oia, eu arei lá uma terra, e tô plantando uns pés de laranja” // agora repare a conversa que eu fui com ele. [Enunciado 66 P22 E] [ênfase adicionada].

Consideramos a tessitura dos sentidos do Programa de Planejamento Familiar do Governo Federal, como um programa de reprodução social e uma política pública ativa, aos interesses sociais do governo brasileiro, no que diz respeito às possibilidades de serviços públicos ao número de pessoas possíveis de uma saúde e educação para todos como, preconiza a Constituição Federal e os documentos das políticas públicas.

É mister considerar, como as pessoas tem acesso ou não, podendo observar que a política pública responde aos anseios da população sobre planejamento familiar em interação com as práticas culturais de auto-gestão de reprodução humana. Ao mesmo tempo, inserem-se questões de convencionalizações (Barbato, Mieto & Rosa, prelo) geracionais do planejamento familiar de antepassados presentes ou imaginários, nas polifonias e textos orais.

A importância de se explicar o planejamento familiar de modo intergeracional diz respeito às transições e atualizações que pode ocorrer entre as gerações. Na família P1, por exemplo, em que o planejamento familiar se encontrava na posição dos netos como herança solicitada pelo pai de P11: “ele pediu que eu desse um neto a ele” e que na mesma geração de P11 foi mudada para a herança sobre a terra, com todos os percalços para conquistar a nova posição: “tenho seis filhos, um faleceu” na dialética entre posições dos graus de importância para P1 da vida na roça e a vida urbana, como proprietário ou trabalhador agrícola nas fazendas. O planejamento familiar no conceito de reprodução social, não se explica de forma coerente sobre a família de P11 sem a posição dos acontecimentos da transição da herança da terra. Cita-se, por exemplo, quando o P22 narra sobre a herança da terra e o processo educacional, como também do respeito/honra aos ancestrais.

Encontramos um contexto macrocultural em que os participantes tecem as narrativas sobre as ideologias, valores e crenças da diferenciação entre negros e brancos, trabalho escravo. Sobre as desigualdades entre negros e não-negros a produção educacional pode ser observada como uma imagem do exílio da própria terra, a histórica jornada da população negra na educação institucionalizada.

As políticas de dessemelhança - políticas afirmativas - são constituintes da participação brasileira na Conferência de Durban (2001) como signatário (Gomes, 2003). As desigualdades apontam mais para a população de homens e mulheres descendentes de escravos de trabalho livre, incide e determina suas condições sociais.

As pessoas nas ações de discriminação étnico-racial expressam soluções pessoais para uma questão de desigualdade social. Algumas pessoas desconsideram que o desenvolvimento humano para a Economia se compõe de condições substantivas composto de liberdades políticas, poderes sociais e condições de saúde, educação básica e fomento às iniciativas como trata Sen (2000); e na Psicologia se compõe de idiosincrasias, como também, do esforço da mudança coletiva de previsão colaborativa como tratou Engeström (2009). Portanto, as soluções para o sentimento de abandono de P33, sem considerações para as variações de desigualdade étnico-racial, sazonalidade dos produtos agrícolas, como também as quebras de comunicações que tornam mais complexa as discussões sobre a pensão de alimentos como nas narrativas dos participantes do Quilombo do Alto do Morro P32 e P22, nos enunciados de P21. O significado de abandono se assemelha ao de desamparo, incerteza e ausência de garantias, advindas da interação outro-eu nos estudos de Santos e Fortes (2011). O problema do Estado é a solução individual de pensão de alimentos, da questão da diferença entre gêneros no Brasil, sem consideração para a posição do Estado na política de reparação das desigualdades de gêneros. O Estado assim perpetua uma estrutura desigual de oportunidades sociais para os negros, como as desvantagens educacionais.

Alguns autores como Féres Carneiro (2010) e Robles e Castro (2005) estudam que o Estado na certeza de bem estar dos filhos, nos processos de superação litigiosa solicita judicialmente a superação dos antagonismos sociais. Porém, os relatos dos entrevistados esclarecem que há crises e transições na conjugalidade que se constituem na interação pai, mãe e filhos. Estas questões envolvem uma teia de subjetividades, nem sempre de fácil expressão em linguagem objetiva.

As soluções individuais para as desigualdades de gênero também foram estudadas por Robles e Castro (2009) na Costa Rica, por exemplo, ao analisar os fatores psicossociais no cumprimento do pagamento da pensão pelo pai: sua situação socioeconômica familiar; a qualidade da relação com os filhos e com a ex-esposa; seus posicionamentos como pai, e as redes de apoio sociais. Os autores concluíram que a lei de pensão de alimentos é discriminatória pois castiga as pessoas de escassos recursos, nem propicia o exercício equitativo nas funções de cuidado com os filhos. A lei estabelece medidas punitivas, para o pai na violação de suas responsabilidades, sem considerar as responsabilidades emocionais. No processo de execução penal omitem a dimensão afetiva no exercício da paternidade, ao considerar que fatores externos determinem a função da paternidade, por exemplo, identificando o pai, como aquele que paga a pensão.

Os autores consideram ainda que os temas a respeito (a) das fontes de conflitos conjugais, bem como as estratégias de cooperação entre as ex-cônjuges no cuidado aos filhos; (b) as atitudes da comunidade na guarda compartilhada da criança depois do divórcio, como também (c) o uso do dinheiro destinado à manutenção dos filhos como agendas importantes de pesquisa.

Em nosso estudo observamos que algumas ações de cooperação entre os ex-cônjuges superam o ciclo de atividades propostos inicialmente pela rigidez da legislação pertinente, como componentes das instituições de cuidado na sociedade, e que mudam dinamicamente

quando as condições que lhe regulam mudam. A exemplo do que dizemos está no episódio em que a justiça determinou que P22 ficasse com os filhos; as ações de cumprimento da determinação judicial se tornaram mais flexíveis no cuidado de si e da outra, a ex-esposa como descrevemos no sumário das entrevistas, contradizendo com a inflexibilidade da lei.

Essas contradições aparentes são coerentes com os laços que ex-cônjuges têm entre si, mesmo depois da separação, em que há quebras de comunicação, com quebras de significados, bem como a presença de monologias. Alguns desses significados permanecem, pois o significado inicial é do próprio existir, a marca substancial do passado ao presente. Assim, no momento de transição do desenvolvimento com a separação conjugal, os filhos são significados coletivos, dialeticamente na convivência entre permanências e mudanças. Existem alguns ex-cônjuges com dificuldades de negociar o que fica o que muda, nas quebras de comunicação, como a P32 e a esposa, ao barrar algumas visitas do pai e não entregar os presentes aos filhos como descrevemos no sumário das entrevistas de P32. As ações pessoais que superam o ciclo de atividades, como a cooperação de P22 e a esposa, passam a contradizer os motivos geradores, formam crises como as reivindicações no Brasil pela guarda compartilhada. As crises se abrem para novos motivos como nas narrativas de alienação parental, como dinâmicas de narrativas sobre conversas do responsável pela guarda dos filhos com o filho, para a desconstrução da honra do progenitor, como destaca as narrativas de P33 e reverberações em P32.

Nestes episódios narrados de P33 e P32 o padrão de sentença jurídica é que o cuidado materno é diário enquanto o paterno se alterna quinzenalmente aos fins de semana, com diminuições dos encontros pai-filhos. Robles e Castro (2005) explicam que este padrão reforça o estereótipo de impor responsabilidades às mães no período conjugal, só que agora no instante do desenlace conjugal, na separação amorosa. Este exercício materno do cuidado tem levado à reestruturação da rotina doméstica pós-divórcio, com aproximação da família de

origem para divisão das responsabilidades com os irmãos e pais, que aumenta a distância física entre pai-filhos, como relata o sumário das entrevistas de P32. Estes episódios em contexto de comunidade negra, com diferenças de sazonalidade dos recursos agrícolas, desvantagens educacionais tornam as desigualdades de gêneros mais marcantes.

As desvantagens educacionais acumuladas fazem com que muitos jovens e adultos negros procurem a Educação de Jovens e Adultos para concluírem a escolarização básica, como P11, P12, P21 e P22. As múltiplas formas discursivas de manifestação do preconceito étnico-racial estão nos limites das políticas universalistas e das interações entre participantes e gestores públicos. Entendemos que a educação não é suficiente para reparar as desigualdades na agenda histórica das desigualdades raciais no Brasil e no mundo com discute Piketty (2014). Ao se examinar a EJA observa-se um canal para o enfrentamento históricos dos índices das desigualdades, exclusão, discriminação étnico-racial e injustiça nas trajetórias e escolarização de significativa parcela da população negra, o que coloca a oportunidade de outras políticas públicas se unirem ao EJA, como explica Passos (2012).

As organizações negras se mantiveram na luta anti-racista; com a redemocratização da sociedade brasileira, os militantes do movimento negro denunciam o mito da democracia racial. O mito está na substituição da defesa da possibilidade do povo negro pela unidade do povo brasileiro como produto das raças. A igualdade substancial e material, tratadas com mais proximidades, é um modo de direcionar, para rumos mais igualitários, a perpetuação de desigualdades engendradas na própria sociedade (Sen, 2000; Piketty 2014).

Encontramos na pesquisa de campo, pessoas idosas menos favorecidas que foram entregues por seus pais aos patrões, ou a pessoas com maior recurso financeiro, como o próprio P32 para morarem na casa dessas pessoas, com o objetivo de terem oportunidade maior nível educacional. Passos (2012) discute a Lei do Ventre Livre, que em 1871, constitutiva dos significados da educação e abolição, como processos paralelos e

complementares, a educação era uma condição para a abolição do trabalho escravo como instrumento para a emancipação de escravizados. Nos resultados da tese P32 narra episódio em que passa a juventude na casa de uma família como nas discussões sobre as atualizações da Lei do Ventre Livre:

“E falou com o pai mais a mãe! Que me desse eu, prá ficar lá, aí pai falou: “Não se ele quiser, ele fica lá” ele vai, que é pertinho. Ai eu fiquei lá.” Ai há poucos tempos ia estudar e tudo. Aí eu não lembro bem que idade foi que eu tava quando eu fui pra lá. E também a idade quando eu vim de lá para cá eu não lembro também.”

[Enunciado 86 P32 E] [ênfase adicionada]

P32 posiciona o pai como responsável pela decisão de enviá-lo à outra família quando ainda jovem; e é posicionado pelo pai sobre a possibilidade de escolha da tomada de decisão; neste mesmo ato, toma a responsividade narrativa pela aceitação do pedido de prestar segurança à família. As construções de informações de experiência de P32 na juventude nesta família se resume a uma unidade de significação do texto ao descrever sobre a fundação do Posto de Saúde em paralelo as discussões sobre a educação.

Na promessa de serem educados, os jovens escravos eram entregues ao Estado para serem educadas mediante indenização ao seu proprietário. Aqueles que não fossem entregues mantinham-se como escravos até aos 21 anos. Nem 1% do total foi entregue como descreve Passos (2012); a maioria das crianças nascidas livres de mães escravas após 1871 foram educadas, criadas pelos senhores de suas mães, e não necessariamente a partir dos padrões educacionais que os debates em torno da proposta da Lei do Ventre Livre; essa prática cultural continua intensa até depois da abolição e para um estado com maior contingente de população negra, a Bahia.

A entrega dessas crianças ao Estado poderia causar problemas de ordem financeira às famílias e burocráticas ao governo Imperial, pois, exigiria o dispêndio de enormes recursos

para a indenização dos senhores, além de que não disporia de instituições em número suficiente para recebê-las. A educação de crianças livres era foco da instrução, para o trabalho, de caráter religioso. A escola destinava-se aos cidadãos; homens livres, aos libertos, e valia tanto para a educação de crianças como de adultos; A Leide 1837/Decreto 1854 - vetava as escolas e aos cursos noturnos o acesso aos escravos com a seguinte regulamentação:

“São proibidos de frequentar as escolas públicas; primeiro: todas as pessoas que padecem de moléstias contagiosas. Segundo: os escravos e pretos africanos, ainda que sejam livres ou libertos.” [Ênfase adicionada] (Decreto nº 1.331-a, 1854, Câmara dos Deputados, - promulgado - Senado Federal, Legislação Brasileira - 1837)

Entendemos a lei, como um texto no intertexto da sociedade escravocrata, a qual identificava na instrução escolar - acesso à leitura e escrita -, uma prática cultural nova, de poucos que a Lei limitava o acesso a esses poucos, os escravos; segundo a ideia de convivência, troca de experiências entre filhos de escravos e livres nos estabelecimentos de ensino; e a perspectiva de que, sem acesso às condições ideais de saúde, e nem mesmo aos tratamentos de saúde adequados, os estabelecimentos de ensino, se transformariam e centros de proliferação de doenças infecto contagiosas o espaço social. Neste sentido, o contato com escravizados poderia contaminar as crianças com uma cultura primitiva que remontamos à África (Passos, 2012). Para os escravizados, a instrução vai deixar de constituir em ameaça para ser uma necessidade no processo de abolição do trabalho escravo, mais especificamente, quando se iniciam as discussões relativas a liberação do ventre livre. Mas para P31, esse foco é uma falácia, porque ele procurou por educação, escola para os filhos e não encontrou. E quando encontrou a educação não foi libertadora como previa a ideologia sobre a educação.

Nos estudos de Oliveira (2006), também encontramos relatos de narrativas de histórias de vida de lembranças em que, dois irmãos foram privados da convivência com a sua família, provavelmente educados por famílias com melhores condições econômicas.

Numa comunidade com ênfase na linguagem oral, as palavras concretizam-se nas lembranças, formas de constituir lembranças, a partir das práticas culturais na fala do P31 da Comunidade Alto do Alto Morro, mais conhecida como Quilombo do Morro:

Não... não. E ele tome “lap” um, tome “lap”. E não pegou não! “Pega! Pega! Pegar o quê!? *Caponga né!* Ficava perto aqui; ele veio embora. Aí chegou T// E: “SEU P31!” Eu digo, “Ooi!” Rapai! que jeito nois vai dá em Taguatino? Ele aprontou alguma coisa lá? Ela disse: Não, um quê dá a lição! Eu botei os menino pra pegar um//os menino não guenceu ele. E ele correu e veim bora. Aí eu cheguei aí, peguei a reclamar ele: “TEM QUE OBEDECER! Cê vai obedecer a professora sim, rapai! se não tu num aprende nada!” Deus ajudou que melhorou.

[Enunciado 74 P31 N] [ênfase adicionada].

O enunciado do pai demonstra satisfação em ver o filho na prática cultural da capoeira, o que pode demonstrar, que as interações e aprendizado familiar foram atualizadas, ressignificadas, e portanto, não abandonadas pelo filho, mesmo após, este ter aprendido a escrever. Consideramos que o “não respeito” à questão cultural do quilombo na geração anterior, exclusão escolar por diversas culturas, levou a família de P31 a retirá-lo, os irmãos e todos os primos, da escola (vide o estudo de caso da família P3).

Neste caso, a construção do planejamento da família P3 incluía que os filhos aprendessem a “pelo menos assinar o nome”, sem perder a cultura geracional da fala oral, do “Caponga”, que seria o elo das gerações. Dialeticamente, para a família P3 deveria incluir a necessidade de se aprender a educação da cultura escrita, na ideologia de que as pessoas com

maior nível educacional têm mais valorização da mão de obra do que os de menor nível, conforme análise microgenética dos participantes da família P3. Portanto, o embate entre as posições possíveis do planejamento familiar estava em jogo no momento em que P31 consegue a escola para os filhos, como também pelo afeto do cuidado, maneira de ligar ao outro na microcultura familiar.

O Kayrós tem uma divisão entre os direitos sociais e os direitos econômicos, bem delimitados para os descendentes de quilombos, de ter uma escola para os filhos, e de conseguir se sustentar através do salário do trabalho da roça, atividade difícil na segunda geração de escravos livres no quilombo, como nas narrativas de P22 e P31:

“Agora só tem coisa que meu pai deu para mim, tá ouvindo? Que eu Ave Maria! Eu tenho a maior alegria. Ele sempre ensinou a gente a viver. Agora não pegar um centavo, num tirar uma coisa do lado do terreno do outro, a num ser com autorização. Entendeu? É isso que eu quero bem, mas teve outra coisa que eu não encontrei: Encontrei colégio, encontrei nada! Mai ficou eu naquela lembrança: Vá ali!”

[Enunciado 62 P31 N] [ênfase adicionada].

P31 observou que para aumentar os ganhos do salário, ter escolaridade era importante. Desta forma, ele passou para filho e neto os significados da educação. O filho sabe ler e escrever, mas ainda não conseguiu atingir o nível educacional devido a fatores de racismo presentes naquela região em sua época: *“É estou na sexta série. Entra a professora aí sai uma, entra outra para ensinar”* [enunciado 99 P33 N] [ênfase adicionada]; *“É difícil para uma pessoa da nossa cor ter uma universidade”* assim, morando aqui onde morava [enunciado 43 P32 N] [ênfase adicionada].

P33 aos dezesseis anos, mesma idade em que o avô tentou estudar - conforme análise microgenética de P31 -, está na sexta série, uma série a mais que o seu pai cursou. P32 não

tinha mais séries a cursar na zona rural, e as condições econômicas não eram favoráveis às famílias quilombolas. Mesmo assim, P33 discute a batalha cotidiana de continuar na escola, frente aos desafios de outros colegas e dos tios que cuidam dele depois da separação dos pais e, o posterior falecimento da mãe. A perspectiva de P32 é que só haveria possibilidade do filho cursar uma faculdade, se ele não tivesse os deveres sociais da comunidade para com a terra, assim como ele teve e não conseguiu seguir nos estudos como queria.

Poderia parecer dialético, para uma família rural quilombola mas, não para P32, a permissão ao filho que prossiga no caminho educacional sem as dificuldades da vida na roça com limitações à conjugação entre o trabalho rural e a intenção de estudar. Assim, inicialmente, P32 não queria ter filhos, mas, já que teve, pretende que, a cultura agrícola que passa por ele, não seja obstáculo para que seu filho estude. Quando vai ver o filho, P32 cobra dele uma postura agrícola e, dialeticamente se sente bem, quando vê os resultados do estudo do filho e as possibilidades que ele possa alcançar. Próximo ao filho, as solicitações tendem a continuar as mesmas demandas que o seu pai lhe confiara na mesma idade: o trabalho na terra, começar a fazer uma rocinha, iniciar a construção da casa própria, um ícone de casamento, um símbolo na zona rural, de que a atividade educacional se encerrou para a aquela pessoa [vide o estudo de caso de P32]. P32 observa que tem algo que não faz os descendentes avançarem na educação escolar, o sonho do pai: como o trabalho dos filhos na roça desde a infância, os poucos recursos que recebe pelo tanto que se trabalha na roça, a vida cotidiana da roça que não proporciona o desenvolvimento escolar do estudante.

Portanto, P32 não quer passar os ensinamentos de pai para P33, pois acha que a vida era de padecimento na roça, de palmatórias na escola, de ausência de continuidade dos estudos. P32 nem conversa com os seus filhos, e ao considerarmos os posicionamentos-eu e a análise microgenética dialeticamente tem a intenção que o filho estude e ao mesmo tempo ressentir-se que P33 esteja se afastando das culturas agrícolas do quilombo: “como a roça é

boa! Venha trabalhar para mim.” P32 ensinaria o que é ser pai no contexto do quilombo de cultura agrícola, atualizações no tempo e espaço, do qual o próprio P32 narra mudanças nas práticas educacionais, que vai atualizando o conhecimento agrícola nas gerações que virão, e até mesmo, por aquilo que governa a família. Então, quer que o filho saia para ampliar os estudos, com outros ensinamentos do que os aprendidos na roça. Nas dinâmicas dos significados de permanências e mudanças entre as culturas agrícolas e escolares atualiza-se a concepção do cuidado paterno, “de estar de junto”.

A tarefa do cuidado, passa aos cunhados com a morte da mãe e, a escolha dos filhos de estar mais próximos dos parentes da mãe. Em muitos momentos da gravação, e mesmo sem o gravador ligado, o tio mais velho dos filhos de P32, mostrava-se atento: às questões financeiras, como a pensão de alimentos; ao auxílio da Previdência Social, com a morte da irmã; ao trabalho do sobrinho na sua roça; as expectativas de maiores ganhos na Previdência Social, com o diagnóstico de dificuldade de aprendizado do sobrinho, com a ausência do pai. Para isso, o tio conversava com o pesquisador para dizer, se era possível o diagnóstico psicológico de P33 através da pesquisa. O pesquisador falou sobre a questão da ética na pesquisa, e lhe orientou sobre os processos de desenvolvimento, como também a procurar auxílio psicológico na clínica escola da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Quando o P32 se absteve de ensinar o seu filho, P31 sem a mãe e o pai, se sentiu a mercê de quem lhe desse proteção entre os familiares mas próximo do seu contexto imediato.

Consideramos importante ressaltar que a comunidade Alto do Morro composto por pessoas negras, dista do meio urbano entre montanhas íngremes, estradas vicinais e, portanto considerada isolada por alguns fazendeiros da cidade. Internamente à Santo Antônio de Jesus, a forma de tratamento desrespeitoso entre negros e brancos, uma prática cultural marcada no período escravocrata, a comunidade vai se isolando do dia a dia da cidade, até encontrar um

local onde possa garantir as práticas culturais intergeracionais de comidas típicas, festas, religiosidade e condições de garantir a liberdade.

As narrativas de P21 conotam a resistência de alguns negros às práticas culturais escravistas nos espaços do quilombo, mesmo depois da Lei da Abolição da Escravatura em 1888. As convenções sociais, compostas de significados coletivos não se romperam só pela instituição da Lei sem mudanças no materialismo histórico, nas práticas culturais arraigadas historicamente em 300 anos de escravidão no Brasil (Oliveira, 2006), atividades da comunidade e ações das pessoas.

As mesmas narrativas mostram a oportunidade no curso de vida com a nova Lei em 1888, uma expansão das liberdades individuais, à liberdade política de escolha do trabalho livre, poderes sociais crescentes das pessoas ativas nas reivindicações coletivas que constituíram as condições prévias à instauração da lei. Além das possibilidades de condições de educação básica nas perspectivas de Sen (2000) sobre as atividades que intensificam o desenvolvimento socioeconômico em comunidades. Neste momento de negação dos significados anteriores à Lei da Abolição da Escravatura se atualiza os significados do trabalho, e se formam outros significados como os negros nas universidades, em formação acadêmica e prática profissional como médicos, professores como descreveu P32. Ainda hoje os negros da sociedade brasileira estão reivindicando a construção de significados coletivos sobre o direito das(os) domésticas(os) de exercerem sua liberdade política, se associarem umas as outras, e lutarem por acesso à renda adequada à sua dignidade conforme narrativas de P32.

Para manter a dignidade no jogo sistêmico entre minorias e majorias, dos significados do que fica e do que muda, encontramos o conceito de comunidade isolada, em Ferreira e Pilla (2004) no estudo de uma comunidade quilombola isolada geograficamente em Ubatuba em São Paulo. Em nosso estudo, avançamos em alguns aspectos deste conceito, pois,

a Comunidade do Alto do Morro, apesar de geograficamente distante da região urbana da cidade adstrita, possui laços com outras comunidades quilombolas, tornando mais complexa esta paridade de comunidade quilombola/comunidade isolada, se aproximando do significado de resistência (Carvalho, 1998), da observação do outro sobre si, do que o outro tem a dizer sobre si. Constitui também o cuidado de si a partir do cuidado do outro, no conceito de que haverá sempre momentos de fragilidades entre os humanos. Resistência à continuidade da escravidão na faixa do Recôncavo, o local que separa o interior da Bahia à Salvador em que alguns fazendeiros da região não pagavam a diária aos trabalhadores, na narrativa de P21:

Os fazendeirinhos que tinha por aqui não pagava um dia a ninguém! Tive que ir para o sul, lá tinha um monte de fazendeiro. Cada fazenda braba e a gente ganhava o dinheiro, né?

[Enunciado 545-550 P21 E] [ênfase adicionada].

Na busca por trabalho livre, os homens negros residentes nesta comunidade elaboraram uma prática cultural de encontros com outras comunidades quilombolas no sul da Bahia em Gandu e Itabuna [enunciado 555-575 P31 E; enunciado 479-573P21 N; enunciado 511 P22 E; enunciado 88-92 P22 N]. Os homens negros entretinham negócios, informações sobre os melhores locais de trabalho, preço da diária, condições de sobrevivência. Na perspectiva de observação do outro sobre si, os canais informais de comunicação dos escravos presentes na pesquisa Carvalho (1998), possibilitaram que a revolta dos maleses em Salvador, em 1826 motivasse outros movimentos revolucionários em Recife. Alguns homens negros, na intenção pelo trabalho livre, se dirigiram ao sul da Bahia, onde encontraram outros homens negros, de diferentes regiões quilombolas, com informações sobre fazendas que tinham trabalho livre:

“Foi o cara que me levou, o pai dele morava lá no Gandu, né? Ai passamos duas noites ali na casas do pai dele. Ai dali nos fomos para Itabuna. Lá trabalhamos; quando voltei de lá, tornei a dormir em Gandu de novo, ai vei embora pra cá.”

[Enunciado 517-531 P21 N] [ênfase adicionada]

E outros, que não foram para o sul da Bahia, tiveram que se organizar com o trabalho sem pagamento de diária, portanto, constituindo formas de convivência pós-abolição do que era possível fazer na cidade, pois apesar de não existir trabalho livre, a cidade focava na importância da educação desde o período abolicionista. O que levou P31 a sair do município vizinho e se instalar no Quilombo do Morro na cidade de Santo Antônio de Jesus. Assim P31, conquistou arranjos trabalhistas entre salários por troca de dívidas próxima ao conceito de trabalho escravo em nossos dias atuais:

Vem cá, tu veio fazer o que aqui? Eu digo: Vim trabaiá, pagá seu dinheiro. Ai eu pegava pá! Pá! Pá! E aí vamô fazer as contas. Eu digo vamos!

[Enunciado 484 P31 E] [ênfase adicionada].

Outra caracterização das práticas culturais dos quilombolas era o trabalho no quilombo no período pós-abolição, com trabalho nas matas, distante da família. P31 conta que seu pai morreu há trinta anos e, faleceu aos 80 anos; portanto, nasceu em 1904, dezesseis anos após o período da abolição. Encontramos na narrativa de P31, o modo de trabalho do seu pai, distante da família por semanas, nas matas, conjugado às possibilidades de trabalho livre na região:

Foi duro para pai criar a gente (02:03 a 02:10). A gente saia ia distante era lá po Capão para levar madeira pá pudêr criar a gente. Foi muito apegado ao machado na mata. Foi luta pesada no machado para derrubar pau na mata: ia no domingo e voltava na sexta de noite... Toda semana.

[Enunciado 18 P31 E] [ênfase adicionada].

O pai de P31 nas matas, e as práticas culturais da mulher negra com as crianças no quilombo presentes nos relatos de P31, tece enunciados de práticas religiosas de culto de matriz africana, com sentimentos de medo de P31 e temor pela vida do seu pai:

Eu tinha uma mãe (...) Quando começa aquele som, ela começava a dar aquele negócio brabo dela, aquele caboclo brabo nela, ela ia punha um negócio em pé ficava em pezinho, dançando, sambando, cegava ela assim; E a gente quando acaba o negócio de samba dela agente tentava botar o negócio em pé, ele num ficava. E ele vinha, botava e ficava!

[Enunciado 232 P31 E] [ênfase adicionada]

A prática religiosa era constituída de festas anuais, com datas específicas, que traduziam a festa da comunidade. Alguns significados da prática religiosa foram tecidos nos enunciados de P23, sobre a comida típica da culinária africana e prática do samba, atualizada para a realidade brasileira, como uma atividade da prática religiosa e ação das pessoas nas famílias, no momento de culto à São Cosme e São Damião:

“Rapai caruru eles fazem de vatapá com quiabo. Desenrola meio mundo de festa e é muito caruru, sabe? Todo o tempo. E aí é samba de terreiro, samba. Meio mundo de samba.

[Enunciado 371-380 P23 E] [ênfase adicionada]

Além do trabalho dos homens, as crianças brincavam com a realidade gazeteira do povo, como trata Certeau (1998) com as desigualdades sociais entre negros e brancos, presentes nas quais alguns eram levados, carregados por outros e as mãos segurando as redes, que levavam essas pessoas. Os movimentos de “ir e vir” dos brancos e negros, foram retratados nas narrativas de P11, sobre as brincadeiras das crianças, no século passado - 1920 a 1930 -, de levar os colegas nas costas, em redes com paus:

“As brincadeiras sempre a gente usava, pegava um pedaço de pau e fazia o jeito de uma rede, amarrar uma corda e fazia uma rede de meus irmãos saía mais eu brincando pelo terreiro”

[Enunciado 93 P11 E] [ênfase adicionada]

Em conversas na feira livre, na cidade de Santo Antônio de Jesus, os feirantes discriminavam os moradores da comunidade do Alto do Morro. Na constituição do contexto de pesquisa, observamos um conflito étnico, como trata Ferreira e Pilla (2004), no qual as pessoas pouco se reconheciam como quilombolas e, portanto não deram início ao reconhecimento da comunidade nos órgãos correspondentes. O reconhecimento lhe conferiria algumas proteções previstas na Constituição Federal.

Alternativamente, os participantes no quilombo se engajam na construção de ferramentas para o uso cotidiano composta de significados intergeracionais, presentes nos posicionamentos que mediam/instrumentalizam as ações entre os humanos como tratou Engeström (2006). Estes artefatos têm a possibilidade de capacitar o ser humano de habitar o mundo dos significados, a exemplo da bainha do facão mais visível na análise microgenética de P11. A bainha do facão é o recipiente de coroa que guarda o facão na cintura do trabalhador rural nas narrativas ressignificado como o objeto que mediou os silêncios e discursos de “tratar os outros bem” na dialética dos enunciados de tratar “bem aos outros” conforme sumário das entrevistas de P11. O facão é também a ferramenta de uso na roça na produção social, como ferramenta do materialismo histórico. O mesmo facão é vara junto ao cipó que educa os filhos em P32; está na mão do neto de P21 em situações de alucinações e delírios no efeito de uso de drogas; o avô, P21 está entre os familiares como aquele que controla a alucinação do neto pelo uso da fala como estratégia de afeto ao outro. O facão está também na narrativa de P22 como responsável por cessar os barulhos dos pingos da borracha líquida nos seringais no sul da Bahia, ao cortar a fita que juntava o vasilhame à seringueira. Encontramos

também histórias do significado do facão como espada de prata, nos contos infantis sobre o lobisomem nas histórias que instituem a passagem da infância a juventude de P11n.

Assim a produção de significado mediada por artefato institui componentes em um sistema de antecipações, acomodações em processos de regulação da atividade e regulação de si em Kayrós. As fotos foram utilizadas na entrevista semi-estruturada como artefatos que mais mediarão as narrativas dos participantes. Os próprios participantes compuseram outros artefatos não previstos inicialmente na pesquisa, como a tatuagem de P23 que mediou lembranças da dor braba do passado ao futuro, concretizada no cortar camadas da pele para incluir a tatuagem, ressignificada pela dor da saudade pela separação da mulher na juventude, como também da complexidade da dor na separação dos pais. O mesmo participante produziu outros significados, inclusive com marcas intergeracionais, utilizando o violão:

“Bonfim, é meu tio, irmão do meu pai. (...). Ele tem um violão verde, bonito. É o mais velho que tem aí; esse violão tem mais de 18 anos, pô (...). Ele é verde, da cor do mato; agora o bicho é bonito! Filé todo! Eu tenho esse meu aqui, o Oto tá lá dentro” [enunciado 490-505 P23 E].

É possível que este violão também seja tocado pelo avô, que também é violonista, que constitui o significado do violão como lembranças de festas, músicas, e danças como também lugares de presença de muitos outros homens:

“Sábado a gente ia pá ôta fazenda. E era assim... Manhecia o dia assim... Quano num era dançando, era fazendo//cantano, batendo pandero... Tocando violão, cavaquinho... (02:30 a 02:06) [Enunciado 503-513 P21 E].

A música constituía um conhecimento entre gerações de etnia negra como narra uma participante da entrevista de Oliveira (2006) a respeito as lembranças de uso da música na alfabetização de crianças negras, com o mesmo instrumento mediacional que seus pais as ensinava em casa com cantigas da comunidade. A mediação do ensino-aprendizado através do

compartilhamento de artefatos do contexto sociocultural, situacional e lingüístico é discutida por Bakhurst (2005). Para o autor a coordenação de atividades de ensino em torno do significado coletivo intergeracional, a ordem de importância das gerações, constitui relevante instrumento no processo educacional. Os seres humanos são o que são, porque se apropriam nesta geração da sabedoria coletiva das gerações anteriores.

No estudo da tese, as questões intergeracionais levantadas por Bakhurst (2005) se ligam aos estudos sobre o planejamento familiar. Neste sentido, é importante basear os serviços de planejamento familiar em significados intergeracionais na comunidade como descreve o estudo de Adongo et. al (2013). O autor estudou o planejamento familiar no sudeste de Ghana na África em que pouca atenção de saúde é dada aos homens. As reduções dos obstáculos físicos e geográficos ao acesso dos homens ao planejamento familiar indicaram que os homens participam mais dos serviços de saúde quando estão baseados na comunidade compostas por uma política específica.

A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem foi estudada a partir do ponto de vista de seus agentes comunitários por Leal et. al (2012). Os autores buscaram compreender o caminho da política até os postos de saúde, através do texto da política e a análise da entrevista de cinco agentes comunitários em macrorregiões do país. Observaram o desconhecimento dos agentes sobre a política, a rede de atenção à saúde do homem, as técnicas para atender as especificidades de homens, e o conceito de gênero. A execução esbarrou nas ausências de condições institucionais como a rede consolidada de atenção em que o usuário seja atendido por serviços com diferentes graus de complexidade.

Observamos em nosso estudo que o contexto de pesquisa também se constitui um artefato de mediação entre o pesquisador e o participante em vários momentos da entrevista. A discussão do ambiente como con-texto produzido em diferentes ocasiões: situacional, a escolha daquele lugar de entrevista e não outro na interação do participante com o

pesquisador; linguístico, na indexicalidade de qualquer atividade da língua no seu uso cotidiano, assim como nas sequências conversacionais em que eventos focais são relacionados ao seu contexto, com descreveu Auer (1998) e Barbato, Mieto e Rosa (prelo). Em P12, por exemplo, foi observadas as diferenciações da dinâmica de produção de sentidos na entrevista narrativa em um cômodo em sua casa em relação a episódica realizada na roça pertencente à família. No primeiro contexto de entrevista, a casa possui paredes que não se encostam ao teto diminuindo a individualidade adequada ao proposto para a entrevista. O pai, a esposa, filhos e amigos conversavam em outros cômodos da casa, a televisão permaneceu ligada durante algum tempo na sala.

Nessas condições P12 conversou com frases curtas, que sempre finaliza com “só isso mesmo”, “alguma coisa mais” nos temas sobre a vida estruturada, experiências na infância, o trabalho para si e para os outros, e as economias possíveis na zona rural. Conversamos sobre a possibilidade de mudanças do local da entrevista, pois pesquisador e participante se sentiram incomodados. Assim, construímos o próximo local da entrevista na roça, a 20 metros da casa da zona rural, um local aberto e com mais privacidade do que na casa da zona urbana. A dinâmica da produção de sentidos para a segunda entrevista foi de frases mais longas, com mais silêncios e complementos de idéias subseqüentes, narrativas sobre a vida íntima, namoros, experiências com as bebidas alcoólicas, o assassinato do irmão, os cultos do candomblé na família.

O contexto também é observado como artefato impresso de significados pela política pública de saúde integral do homem conforme nossa análise de conteúdo temático. O documento considera que a formação do contexto e a socialização correspondente são importantes na formação dos acontecimentos que se seguem. Em contextos específicos há uma tendência à envolvimento em episódios violentos, ao uso abusivo de álcool, drogas, até mesmo, a constitui a violência como estratégia de empoderamento masculino. O documento

considera que o homem no contexto prisional é capaz de produzir danos à saúde física, psíquica e social para si e para os outros homens.

O contexto foi observado como artefato pelos funcionários do Posto de Saúde, o agente comunitário e a enfermeira. Para a enfermeira os homens não frequentam assiduamente o Posto de Saúde, mais estão mais presentes nas reuniões de pais na escola dos filhos, ocasião em que a enfermeira realiza palestras de saúde. O agente comunitário, por sua vez, relata que no horário de funcionamento do Posto de Saúde os homens “estão na roça trabalhando na casa de farinha ou em outro local [enunciado 4 A]. O agente comunitário afirmou que no contexto do Posto de Saúde há poucos serviços específicos para o cuidado da saúde masculina. Informa a população adstrita à sua área, que planejamento familiar é para a mulher conforme orientações que recebe do médico. Nas entrevistas com os responsáveis pela política e os participantes, observamos que o contexto de pesquisa possibilitou narrativas de si, do outro e do mundo com utilização de linguagem verbal e não-verbais, com silêncios como artefato para afetar ao outro.

Os estudos dos silêncios na produção de sentidos intergeracional dos participantes do Quilombo do Morro sobre o planejamento familiar constituem parte da necessidade de posicionar e de ser posicionado como limite a outros posicionamentos. É difícil classificar o sentido do silêncio de uma única pessoa. O silêncio passa a ter sentido quando significado na interação com o outro no jogo de permanecer calado, ou na intenção de estar em silêncio, quando se sabe ou não qual a necessidade de guardar o silêncio.

O silêncio, quando escolhido pelo falante, possibilita a existência da liberdade da fala, do silêncio como posição da escuta com movimentos discursivos na conversa (Laplane, 1997). O silêncio pode ser interpretado como resposta (Volosinov, 2006). O silêncio diz respeito à compreensão ou incompreensão do sentido, ao passo em que, o conceito de quietude do participante corresponde às condições de percepção de sons e signos verbais

(Laplane, 1997). O silêncio pode ser uma marca da manifestação humana, diferente da quietude, em que não há som. No mundo humano, é possível identificar a construção do silêncio como pausa no diálogo. Como constituinte da conversa, a pausa facilita a compreensão do texto, pois a identificação do referente torna-se mais precisa.

A interação entre o silêncio, a pausa e o mutismo, constitui temas de estudo sobre as interações humanas (Volosinov, 2006, p. 373) pois, onde quer que esteja o humano, ele não se liberta do dever de ser. O grito que irrompe o silêncio pelo enunciado de uma pessoa, transforma-se na violação pessoal e do silêncio absoluto (v.g. Pollak, 1989). A violação totalmente arbitrária do silêncio implica na responsabilidade de uma posição cínica, como consta nas enunciações de P31, sobre o abandono da escola relacionado no sumário das entrevistas da família P3:

“Mar vai! Tu tá gravando e a gente num pode! ((risos)) A gente num pode ir mais adiante não. Vamo deixar o bicho quieto por aí viu. ((risos)) É... ((risos)). Não, né questão de segredo não! É QUESTÃO QUE, naquela época rapai, pra você ter uma ideia, era um respeito medonho, tá ouvindo?”

[Enunciado 103-105 P31 N] [ênfase adicionada]

A competência interacional compõe os movimentos entre aproximações e distâncias entre as pessoas com intenção na conversa, polifonia no enunciado entre P31, a professora e a construção do contexto condizente à manutenção do respeito. O silêncio pode referir a ideia de que nele haja um valor quando se intenciona dizer algo. Entende-se o significado do silêncio na interação durante as nossas entrevistas, derivado de duas metas de comunicação humana: (a) interagir-se com outras pessoas; (b) ao mesmo tempo permanecer independente. Aproxima-se das discussões de Matusov (2013) a respeito dos interlocutores no interjogo de aproximar-se e afastar-se na conversa, nas mudanças de posição de si e do outro no diálogo;

como de Laplane (1997), que entendeu o silêncio como resultante da necessidade de não aceitar imposições dos outros.

O silêncio na perspectiva de resistência à imposição do outro sobre si pode constituir a necessidade de sobrevivência, como descreve Carvalho (1998) sobre a agencialidade dos escravos ao constituir formas de liberdade nos silêncios e conversas: A linguagem como instrumento de mediação, como também de afeto ao outro (v.g. Leonti'ev, 2006; v.g. Engeström, 2006). Na resistência há circulação de significados, pois quando a argumentação nega, afirma ou complementa, estabiliza o significado (Barbato, Mieto e Rosa, prelo). O participante nas narrativas produz-se interpretando-se, se posicionando em relação ao outro. Esse evento é possível quando se está em interação outro-eu, em circulação de significados, significações (v.g. Véron, 1987); o participante se modifica de acordo com seus motivos de estar naquela situação, em que o outro lhe regula em algum nível de mediação; isso é dinâmica de circularidade de sentido e significados: eu te observo e me modifico, eu te escuto e me modifico (Barbato, Mieto e Rosa, prelo; Volosinov, 2006).

Constituem-se processos de identificação entre os interlocutores, como de si para si mesmo, intersubjetivamente, mesmo sem estarem presentes fisicamente na interação; e na negociação do “mim” com as pessoas que são parecidas “comigo”. Desse modo, eu estou me tornando igual a mim mesmo. Porque a princípio esse “si mesmo” está se modificando a todo tempo (Barbato, Mieto e Rosa, prelo).

Exemplificamos nas descrições das argumentações de P21, P22 e P23 sobre a produção de sentidos intergeracional do planejamento familiar, seus elementos constitutivos afirmados e negados no estar de junto, como nas separações presentes nos processos translinguístico interativos aos linguísticos na análise microgenética e no sumário das entrevistas. P22 e P23, por exemplo, constroem o cenário da separação de P22 da mãe de P23, “a mãe separou-se do pai” [enunciado 50-60 P23 E], “a mulher separou mais eu” [enunciado

68 P22 N], de observação de si para si mesmo em momento de interação com o pesquisador, movimentos de se recolher, de olhar para o chão. Estão presentes elementos polifônicos constitutivos de silêncios na narrativa de P21: a composição intersubjetiva do cenário através do organismo em interação, o *self* em cooperação outro-eu na linguagem translinguística.

Compõe-se o silêncio cooperativo na conversa entre interlocutores, a forma tradicional de interlocução à face entre dois participantes. O silêncio pode acompanhar e refletir o envolvimento atento na atividade principal, assim como o engajamento em outras atividades. O significado de manter-se independente compõe o silêncio do confronto envolvendo pesquisador e participante. Existem manifestações submissivas subordinadas, ou não, composta de gestos, movimentos, posturas corporais característicos de interação com o pesquisador e participante. A submissiva se refere as interações de jovens e autoridade adulta; a não-submissiva subordinada, como signo de controle e indicador de organização da atitude, evidencia o controle do participante através de uma manifestação silenciosa de emoções para preservar a face de alguém que deve ser subordinado.

O silêncio pode ser a ausência de palavras, assim como a necessidade e a realização de preservar a si mesmo. O silêncio intervém na estruturação de situações e possui conteúdo proposicional, expressa significado anafórico ou indexical, pode ser simbólico ou convencional. No silêncio implícito, dispensa-se o locutor da responsabilidade pelos ditos provenientes dos tabus, em que existem temas inteiros dos quais não se falam como na enunciação de P12 sobre a morte do irmão conforme análise microgenética do Kayrós da família e quadro de cuidado de si e do outro correspondente:

P12 - *O corpo já ia já pra enterrar como é indigente, aí a gente soube essa notícia, aí eu perdi esse irmão.*

Pesquisador: Esse é um assunto que você gosta de comentar?

P12 - Não.

Pesquisador: Você quer falar de uma outra pessoa então?

P12 – Não só foi esse mermo. (‘‘ 27’58 à 28’17).

[Enunciado 180-190 E P12] [Ênfase adicionada]

Na análise microgenética, o organismo, o corpo de P12 se enrijece ao tratar sobre o assassinato do irmão, como também a análise de P11 e P13. Em respeito à privacidade de P12 o pesquisador questionou sobre o seu interesse por essa conversa, e em seguida P12 fez silêncio. O silêncio implícito produz sentidos que se sobrepõem à produção de sentido do silêncio intencional, no silêncio decorrente da intencionalidade da preservação da personalidade. A ordem de apresentação dos fatos que aparecem nas dinâmicas de produção de sentidos se constitui de intencionalidades e silêncios.

Outro modo de apresentação consiste em não se posicionar frente à completude ou à coerência do enunciado. O implícito se apresenta como condição de existência do ato de enunciação na medida em que, só é legitimado sob certas condições. Diz-se implícito, quando se refere a forma de como se pode dizer alguma coisa sem, contudo, aceitar a responsabilidade de tê-lo dito, beneficiando-se da eficácia da fala e da inocência do silêncio. O silêncio implícito é uma forma de responsabilizar o ouvinte pelo que é dito - qualquer que seja o esquema utilizado - o implícito aparece em movimentos discursivos, operados pelo destinatário ou quando lhe é atribuído.

Há, ainda, o modo de estar em silêncio na incompletude da linguagem, que significa estar no silenciamento, é o processo de produção de sentidos que são silenciados. Assim, estamos no silêncio da perspectiva histórico-cultural, da dinâmica dos sentidos, da intencionalidade da unidade de significação, do posicionamento do sentido, do sem sentido.

O silêncio que atravessa as palavras, que existe entre as mesmas, que indica que o sentido pode ser outro ou ainda que aquilo que é mais importante nem sempre se diz; a

garantia do movimento dos sentidos, do dizer a partir do silêncio (Laplane, 1997). Silenciamento decorrente da política do silêncio, que se encontra no poder dizer, na tomada da fala, na sua interdição, na censura, na legitimação de certos sentidos, no apagamento de outros. O silenciamento admite duas formas de existência: (a) constitutivo no que diz respeito ao que é dito para silenciar outros; (b) no contexto situacional, na interdição de certos posicionamentos da pessoa, a inscrição desta em formações discursivas determinadas.

As memórias, ao invadirem o espaço público, reivindicações pouco previsíveis, acoplam-se à significação do silêncio sobre o passado que remete a interações entre microculturas, nem sempre presentes no discurso da sociedade global (Pollak, 1989). Em P32 a narrativa constituíram memória da microcultura familiar:

O homem bebia uma cachaça desgraçada. Tanta coisa gravando da gente, nunca lembrei, mas é bom lembrar. Ai eu vim cheguei, // Ai eu fui no conselho tutelar, o conselho tutelar mandou chamar ela lá, ela foi (...). [Enunciado 50 P32 E] [ênfase do adicionada].

As pessoas transmitem seus sentidos na microcultura familiar, em que seus membros enunciam sobre a estrutura política, os conselhos, o futebol, as religiões, o Posto de Saúde e, nas tessituras da fala que incluem vozes nem sempre presentes. Lembranças em estruturas de comunicações primárias convivem com a sociedade como cultura proibida. Por conseguinte, existem nas lembranças de uns e de outros, zonas de sombra, silêncios, palavras “não-ditas” como em P31, na unidade de significação sobre a sua saída da escola, conforme análise microgenética sobre em Kayrós da família:

Ôxe ((risos)), o meu pai recusou quando soube a história ((risos)) recolheu logo a gente. “Num fica um!” Num ficou não. Saiu tudinho de lá! E aí... COITADO, O POBRE DO P31 ficou burro sem saber de nada. ((Risos))... Rum ((16:50 a 16:54))

*Mas é assim mermo. ((16:55 a 16:59)) rum ((17:00 a 17:15)) rum ((17:16 a 17:22))
(Tosse).*

[Enunciado 81 P31 N] [ênfase adicionada].

Nas análises de P32 e P33, encontramos produção de sentidos intergeracional do silêncio de P31, como vergonhoso pelas dificuldades de acesso à educação e honradez pelo bom nome da família. Essa produção de sentidos intergeracional a partir dos silêncios, de alusões e metáforas é moldada pela angústia de não se encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou de expor-se a mal entendidos como a questão da pensão de alimentos em P32, conforme quadros de significados. Porém, a linguagem do silêncio se condena, pois organiza o distanciamento daquilo que não pode ser posto à distância. O participante, ativo, agente de seu desenvolvimento fala consigo, como compromisso do que se pode transmitir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O foco desta tese é a produção de sentidos intergeracional de homens sobre o planejamento familiar. Nessa trajetória, analisamos os posicionamentos individuais com significados relacionados às relações amorosas, paternidade e constituição familiar e à herança cultural e econômica em comparação à renda constitutiva da estrutura familiar. Identificamos as dinâmicas de redundância e mudanças de sentidos que compuseram as práticas culturais, para explicar as permanências/estabilidades relativas e transições nas práticas culturais do cuidado, os quais se constituem num significado do existir, e promove condições substantivas nos temas da educação, lazer e saúde.

No trabalho de campo da tese, o qual possibilitou ao pesquisador observar os processos de atualizações na produção de sentidos em dinâmicas polifônicas no processo de contextualização das narrativas e explicações de si nas três gerações de participantes, concluímos que é importante haver avanços na comunicação das políticas públicas àquela população e a todas do Brasil, visto que nossos resultados indicaram, sobretudo, práticas relacionadas à cultura local, com discussões iniciais referentes às políticas de cuidado da saúde das pessoas e do parceiro e em relação ao planejamento familiar.

Há desafios na tese nas atividades apresentadas às famílias afrodescendentes, que são desencadeadas quando o ser humano interage em atividades mediadas por objetos/artefatos pela expressividade/índice de valor, importância da palavra, músicas e danças de sambas. Este aspecto da distribuição cognitiva e ações é um desafio para os estudos científicos. No desafio dos estudos de produção de sentidos intergeracional na família em uma comunidade no Quilombo Alto do Morro, os processos de autorregulações de si e do outro em diferentes gerações, constituíram, sobretudo em formatos de aprendizados, naquilo que pode ser dito em família, quem está autorizado a dizer, quando pode dizer, o que conseguiu entender, o que as pessoas entenderam e acharam importante transmitir, como também os significados que se

compõe de silêncios e o que se julga melhor não transmitir. O funcionamento do humano, vivências/experiências que aquelas pessoas construíram na vida isolada e dialeticamente, em interação com outros quilombos, constituem um desafio às políticas públicas como aos estudos científicos do tu-eu/eu-mim.

Nas narrativas, resultados e na discussão, observamos a luta entre o que a política pública queria que os homens fossem e as condições de socialização destas para que potencializem uma vida melhor para todos. Nessa batalha entre o homem que se quer e o homem que se encontra. As idiossincrasias nas legislações antigas, convencionalizações, práticas culturais arraigadas a anos, e as mudanças sugeridas com o novo Código Civil, a Constituição Federal e o Plano Nacional de Saúde do Homem (MS/Saúde, 2009).

Na busca por integrar o conhecimento da produção de sentidos intergeracional dos homens no planejamento familiar às políticas públicas descrevemos alguns *insights* da pesquisa de campo. A dificuldade com a complexidade dos processos comunicativos aponta para a necessidade de integrarmos diferentes instrumentos metodológicos em métodos, em um processo em que a metodologia torna-se precisa e, ao mesmo tempo, flexível e capaz de adaptar-se a cada etapa do trabalho em campo. O uso de diferentes métodos permite à pessoa deslocar-se de um sistema de expressão, qualquer que seja, e entrar em zonas alternativas de sentido subjetivo em relação àquela que concentrava sua atenção em outro instrumento.

Essas alternativas de uso de instrumentos/artefatos diferentes que adentram as zonas alternativas de sentido subjetivo podem possibilitar a construção de política pública sensíveis às diferenças culturais. E neste momento, em que escrevemos esse texto a respeito da produção de sentidos intergeracional, estão em curso, mudanças intersubjetivas na linguagem contextual em produção pelos participantes, além de mudanças no curso de vida dos participantes e, também no curso das nossas vidas. Devido à variante linguística local, foi

necessário um cuidado maior na transcrição havendo várias degravações das mesmas falas dos participantes.

Este estudo clama por abordagens da política pública sensíveis às diferenças culturais para a diminuição das desigualdades sociais da população no uso dos direitos humanos. As abordagens sensíveis à cultura requerem fluência cultural, familiaridade com formas de como as culturas funcionam e mediam as interações humanas; assim como as maneiras eficientes de trabalhar com elas. Essas abordagens que consideram o funcionamento do humano mediado pela cultura dão viabilidade a formulação política requerida para o exercício pessoal da liberdade substantiva. Na perspectiva de construção da política pública do planejamento familiar para homens os *policy makers* podem considerar a apropriação cultural da comunidade para intensificar a participação das pessoas. Entre as formas de apropriação pode-se pensar no conhecimento de como os sistemas de sentidos e significados permanecem e se atualizam. Outras formas alternativas de apropriação cultural podem considerar a especialização de pessoas responsáveis por oferecer os serviços na comunidade que constitua a produção de sentidos intergeracionais na perspectiva de gênero.

O ser humano ativo constitui uma leitura de sentido histórico por reverberações da sua voz, nas polifonias do presente ao futuro no curso de vida. Nestes estudos, a melodia está para a quebra e “não quebra” das convencionalizações, o que fica, o que muda e instrumentos mediadores que não alcançam a todos. As polifonias constituem espaços de quebras de comunicação por quebras de significados, estudos das constituições de negociações e possíveis retornos ao diálogo, interação que constituem o humano no curso de vida. Uma análise polifônica constitui diferenças nos discursos expressas de si de uma época e as intenções coletivas presentes nas atividades mediadas por práticas culturais; o passado que se concretiza no presente visto como espaço da experiência, Aion; e o horizonte das expectativas, o futuro presente nas narrativas como estudo da história do humano, que agente

do seu desenvolvimento, se referencia por marcas significativas das crises e transições nas histórias de vida, e experiências com foco nas famílias que denominamos Kayrós.

Este estudo complementa a noção de pragmática discursiva em temas interdisciplinares nos autores. As interdisciplinaridades constituem campos intersubjetivos de debates entre pesquisadores sobre posicionamentos e as narrativas e explicações de si, do outro e do contexto social, cultural e situado. As pesquisas sobre posicionamentos avançam em direções interdisciplinares na Psicologia com áreas diversas em estudo sobre os mapas temáticos para a compreensão do humano.

No processo de redemocratização da sociedade, os homens tomaram consciência do seu lugar no programa de planejamento familiar. Nesse processo de redemocratização, trata-se de compreender o planejamento familiar a partir do próprio homem, como também nas narrativas de conflitos e negociações que demarca as atividades dos sujeitos na família por gerações. Nas práticas culturais atuais, o homem não pode ficar doente, nessa sociedade industrial; se vai ao posto de saúde é para pegar o remédio e sair, e assim não negocia significados no Posto de Saúde. A desigualdade social e de acesso à saúde, educação, bens e outros serviços ainda produz situações de risco de vida, como em Santo Antônio de Jesus – BA em que as mulheres dos homens negros, são as que mais morrem por gravidez, parto e puerpério, são tão pouco protegidas pelas políticas públicas como está também o marido/companheiro/homem negro. Apesar de que, essa política pública marca a mulher na família a partir do primeiro filho; à medicalização da saúde sexual e reprodutiva com todos os mal estares dos contraceptivos à mulher.

As pessoas ativas nas práticas culturais intergeracionais possibilitam observar as atualizações de polifonias, no contexto rural que se direcionam, aos posicionamentos individuais e familiares relativos à participação destes homens no planejamento familiar. Ao estudar as temporalidades, nos temas do planejamento familiar observamos que nas narrativas

o presente, passado e futuro se alteram, contraem ou expandem conforme cada época ou sociedade, modificando-se também a maneira como são vivenciadas. Constituições familiares e de si são lembradas, como experiência, o passado atual, herança do passado que se realiza no presente.

A produção de sentidos do planejamento familiar presente dos participantes se compõe da herança do passado, do que foi possível realizar, como também do espaço da experiência do que se concretiza no presente e das reflexões sobre o cuidado de si e do outro na constituição familiar.

As expectativas das gerações no planejamento familiar visam ao futuro como correspondências de antecipações no presente: os medos, esperanças, ansiedades, certezas, preocupações e confianças, constituídas por sentimentos e emoções em relação ao futuro que se aproxima, mas também pela curiosidade a seu respeito e reflexividade de si e para si do presente que ilumina o passado.

REFERÊNCIAS

- Abramovay, M., Castro., & Silva, L.B. (2004). *Juventude e sexualidade*. Brasília: Unesco. Brasil. Disponível em www.unesco.org.
- Adongo, P. B. et. al. (2013). The role of community-based health planning and services strategy in involving males in the provision of family planning services: a qualitative study in Southern Ghana. *Reproductive Health*, 10 (36), 1-15. Disponível em www.periodicos.capes.gov.br.
- Ali, M., Bhatti, M. A., & Ushuma, H. (2004). Reproductive health of adolescent's males in rural Pakistan: in exploratory study. *Tohoku Journal of Experimental Medicine*, 204 (1), 17-25. Disponível em www.jstor.com.
- Assis, N. R. S. S., & Magalhães, F. S. (Org.). (2006). *Seminário Cultura, memória e sociedade*. Anais. Salvador: EDUNEB.
- Auer, P. (1995). Context and Contextualization. In Vershueren, J.; Östman, J.-O.; Blommaert, J. *Handbook of Pragmatics*. (pp. 01-19). Amsterdam: John Benjamins.
- Bakhtin, M. M (2003). *Estética da criação verbal*. Trad. Pereira, M E. G. P., 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes.
- Bakhurst, D. (1991) *Consciousness and Revolution in Soviet Philosophy: From the Bolsheviks to Evald Ilyenkov*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bakhurst, D (2005). Il'enkov On Education. *Studies in East European Thought: The Philosophy of Evald Il'enkov* 57 (3/4), 261–275. Disponível em www.jstor.org.
- Bakhurst, D. (2009). Reflections on activity theory. *Educational Review*. 61 (2), 197-210. Disponível em www.periodicos.capes.gov.br.

- Bakhurst, D. (2011). The riddle of the *self* revisited. *Studies Eastern European Thought*. 63(1), 63-73. Disponível em www.periodicos.capes.gov.br.
- Barbato, S., & Caixeta, J. E. (2014). Novas tecnologias e mediação do conhecimento em atividades colaborativas no ensino superior. *Revista Linhas Críticas*. 20(42), 363-382. Disponível em <http://periodicos.unb.br>.
- Barbato, S. Mieto, G. S. M., & Rosa, A. (prelo). *O estudo da produção de significados em interações: Metodologias qualitativas*. [Manuscrito em preparação].
- Barbato, S., & Nunes, D. (2012). Comunicação oral. *Cultura e Desenvolvimento Humano*. (p.). Brasília: Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília.
- Barrios, A.; Barbato, S.; Branco, A. (2012). El análisis microgenético para el estudio del desarrollo moral: consideraciones teóricas y metodológicas. *Revista de Psicología*. 30(2), 249-279. Disponível em <http://revistas.pucp.edu.pe>
- Bastos, A. C. S (2005). *Modos de Partilhar: a criança e o cotidiano da família*. Taubaté: Cabral Editora universitária.
- Benjamin, W. (2012). O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Benjamin, W. (2012). *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, pp. 197-221.
- Bentes, A. C., Leite, M. Q. (2010). *Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez. P. 262-312.
- Bloch, S. B. B. (1997). *Processo de produção textual de uma jovem com síndrome de Down*. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de Brasília.
- Brait, B. (2005). Org. *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: Editora Unicamp. Disponível em www.periodicos.capes.gov.br
- Braun, V. & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2). pp. 77-101.

- Brown, P., & Levinson, S. (1987). *Politeness: Some Universals in Language Usage*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bruner, J. A. (1991). *Actos de significado: Más allá de la revolución cognitiva*. Madrid: Alianza Editorial.
- Caixeta, J. E. (2006). *Guardiães da memória: Tecendo significações de si, suas fotografias e seus objetos* (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Brasília, Brasil.
- Caixeta, J. E., & Barbato, S. B. (2004) Identidade feminina: um conceito complexo. *Paidéia*, 14 (28), 211-22. Disponível em www.scielo.br.
- Câmara dos Deputados. (1854). *Atividade Legislativa - Decreto nº 1.331-a*, Rio de Janeiro: Câmara dos Deputados. Disponível em www.camara.gov.br
- Cannell, F. (2011). English ancestors: the moral possibilities of popular genealogy. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, 17 (3), 462-480. Disponível em www.jstor.com.
- Capurro, R. (2008). Information technology as an ethical challenge. *Magazine ubiquity review*. 1 (9), 1-20. Disponível em www.periodicos.capes.gov.br.
- Carlucci, A. P. (2013). *De Mediador a Elo Promotor: Um Estudo sobre os Posicionamentos Plurais de Professores em Contextos Virtuais de Aprendizagem*, Tese (Doutorado). Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Programa de Pós- Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde.
- Carter, C., McGoldrick, M. (2008). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. 2ª Ed. (Veronese, M. A. V. Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Carvalho, M. (1998). Rumores e rebeliões: estratégias de resistência escrava no Recife, 1817 – 1848. *Tempo*, 3 (6), 1-15. Disponível em www.periodicos.capes.gov.br.
- Certeau, M. (1998). *A invenção do cotidiano: as artes do fazer*. Petrópolis: Vozes.

- Chandler, A. D. (1990). *Scale and scope: the dynamics of industrial capitalism*. Cambridge: Belknap P of Harvard U. P.
- Chi, L. (2013). Intergenerational transmission of educational attainment: three levels of parent-child communication as mediators. *Psychology Journal* 2(0), 26-38. Disponível em www.periodicos.capes.gov.br.
- Cole, M. & Cole, S. (2003). *O desenvolvimento da criança e do adolescente*. Porto Alegre: Artmed.
- Cresswell, (2011). Being faithful: Bakhtin and a potential postmodern psychology of *self*. *Culture & Psychology* 17(4), 473–490. Disponível em <http://online.sagepub.com/>
- Cunha, L.M. (2000) *Sobre a competência comunicativa: uma descrição das práticas intergeracionais de uma comunidade rural brasileira*. Dissertação (mestrado). PGL, UnB.
- Dalcomuni, S. M. & Lube, F. (2013). *Energia do hidrogênio: para uma economia verde*. São Paulo: Novas Edições Acadêmicas.
- Davies, B. & Harré, R (2007). Positioning: The Discursive Production of Selves. *Journal for the Theory of Social Behavior*, 20 (1), 43–63. Disponível em <http://onlinelibrary.wiley.com/>
- Dessen, M. A. & Campos Ramos, P. C. (2010). Crianças pré-escolares e suas concepções de família. *Paidéia*, 20(47) 345-357. Disponível em www.redalyc.org
- Elichirigoity, M. T. P. (2008). A formação de sentido e de identidade na visão Bakhtiniana. *Cadernos de Letras da UFT*. Dossiê de literatura, língua e identidade, 34(0):181-206. Disponível em www.scielo.br
- Engeström, Y. (2006). Activity theory and individual and social transformation. Engeström, Yrjö, et. al. (eds.). *Perspectives on activity theory: learning in doing: social, cognitive*

- & *computational perspectives*. New York: Cambridge U. P.. Disponível em www.ebooks.cambridge.org.
- Engeström, Y. (2009). Expansive learning at work: toward an activity-theoretical reconceptualization. *Journal of Education and Work*. 14 (1), 133-156. Disponível em: <ftp://ftp.uwc.ac.za/>
- Falicov, C. J. (2003). O significado cultural dos triângulos familiares. In: McGoldrick, (2003). *Novas abordagens da terapia familiar: raça, cultura e gênero na prática clínica*. Trad. Lopes M. São Paulo: Roca.
- Faraco, C. A., & Negri, L. (2010). *O falante: que bicho é esse, afinal?* Letras, Curitiba, n. 49, pp. 171-180. Editora da UFPR. Disponível em <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2631555>.
- Féres-Carneiro T. (2010). *Casal e Família: permanências e rupturas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Landini, F. P. et. al. (Orgs.). (2015) *Hacia una psicología rural latinoamericana*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2015. Disponível em www.clacso.edu.ar
- Ferrari, R. A. P., Thomson, Z. & Melchior, R. (2006). Atenção à saúde dos adolescentes: percepção dos médicos e enfermeiros das equipes da saúde da família. *Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro*, 22(11), 2491-2495. Disponível em www.scielo.br
- Ferreira, M.J. G. & Pilla, A. T. F.. (2004). Caracterização de comunidades isoladas: Aplicação em Comunidade de Ubatuba / SP. In: *Encontro de energia no meio rural*, 5, 2004, Campinas.
- Few, A. L., Stephens, D. P., & Rouse-Arnett, M. (2003). Sister-to-sister talk: Transcending boundaries and challenges in qualitative research with Black women. *Family Relations*, 52(3), 205-215. Disponível em www.jstor.org.

- Flick, U. (2010). Entrevista episódica. In: Bauer, M. W. & Gaskell, G. (2010). *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes. 114-136.
- Fracchia, J., & Lewontin, R. C. (2005). Forum: does culture evolve? The price of metaphor. *History and Theory*, 44, 14-29. Disponível em www.periodicos.capes.gov.br
- Fracchia, J. (2010) Hora: Social Conflicts and Collective Memories in Piana Degli Albanesi. *Past and Present*, 209 (1), 181-222. Disponível em www.periodicos.capes.gov.br.
- Franklin, K. J. (2009) Etic and Emic stories. Summer Institute of Linguistics. Disponível em <http://www.gial.edu/>
- Fuzer, C., & Cabral, S. R. S. (2010). *Introdução à GSF em língua portuguesa*. Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa, Departamento de Letras Vernáculas, Centro de Artes e Letras, Universidade Federal de Santa Maria.
- Gergen, K.J., & Gergen, M.M. (1988) Narrative and the *self* as relationship. In: L. Berkowitz (Ed.) *Advances in experimental social psychology*, V. 21, New York: Academic Press. Disponível em: <http://www.pasadena.edu/library/reserves/tfkeeler/engl1c/GergenNarrativesSelf.pdf>.
- Gergen, K. J. (1994). Exploring the Postmodern Perils or Potentials? *American Psychologist*, 50(5), 394-394. Disponível em www.periodicos.capes.gov.br.
- Gergen, K. J. (2011). The Self as Social Construction. *Psychological Studies*, 56(1):108–116. Disponível em www.periodicos.capes.gov.br.
- Gergen, K. J. (2012). From Reflecting to Making: Psychology in a World of Change: Editorial. *Europe's Journal of Psychology*, 8(4), 511–514. Disponível em www.periodicos.capes.gov.br.
- Gergen, K. J. (2014) From Mirroring to World-Making: Research as Future Forming. Swarthmore College.

- Gil, I. L. C. (2010). *Processos comunicativos de uma criança com Paralisia Cerebral no contexto escolar*. Tese (Doutorado). Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano.
- Gil, G. (2007). Reflexiones sobre el poder, las jerarquías y la teoría social: entrevista a Maurice Godelier. *Avá, Posadas*, 10 (0), 135-145.
- Gomes, J. B. (2003). O debate constitucional sobre as ações afirmativas. In: Santos, R.E., & Lobato, F. *Ações afirmativas: políticas públicas contra as desigualdades raciais*. Rio de Janeiro: DP&A. 15-57.
- Halbwachs, M. (2006). *A memória coletiva*. 1ª Ed, São Paulo: Editora Centauro.
- Harré, R & Langenhove, L. V. (1998). *Reflexive positioning: autobiography*. In: *Positioning theory: moral contexts of intentional action*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Harré, R., Moghaddam, F. M., Cairnie, T. P., Rothbart, D., & Sabat, S. R. (2009). Recent Advances in Positioning Theory. *Theory Psychology*. 19 (1), 5-31. Disponível em <http://tap.sagepub.com/content/19/1/5.abstract>.
- Hollanda, B. B. & Ribeiro, R. (2011). Entrevista com Maurice Godelier. *Revista Estudos Políticos*. 2(1): 2-20 <http://revistaestudospoliticos.com>
- IBGE (2012). IBGE @ cidades: *O Brasil, município por município*. [On line]. Disponível em www.ibge.gov.br.
- Iedema, R. (2003). Multimodality, resemiotization: extending the analyses of discourse as multi-semiotic practice. *Visual Communication*. 2 (1): 29-57.
- Imber-Black, E. (1994). *Os segredos na família e na terapia familiar*. Tradução Batista, D. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Jahoda, G. (2012). Critical reflections on some recent definitions of culture. *Culture & Psychology*. 18 (3), 289-303. Disponível em www.periodicos.capes.gov.br

- Kennedy, D., & Kohan, W. (2008). Aión, Kairós and Chrónos: Fragments of an endless conversation on childhood, philosophy and education. *Journal childhood & philosophy*. 4 (8), 5-22. Disponível em <http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/childhood/article/view/296>.
- Keske, H. I. (2006). Aventuras da significação: Bakhtin e Eco à procura do signo deslizante. *Intertexto*. 1 (14), 1 – 14. Disponível em www.periodicos.capes.gov.br.
- Kontópodis, M. (2007). Human Development as semiotic-material Ordering: Sketching a Relational Developmental Psychology. *Critical Social Studies*. 9 (1), 5-20. Disponível em <http://ojs.statsbiblioteket.dk/index.php/outlines/article/view/2082/0>.
- Laplane, A. L. F. (1997). *Interação e Silêncio na Sala de Aula*. (Tese) doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Campinas.
- Larrain, A., & Hayé, A. (2012). The discursive nature of inner speech. *Review Theory Psychology* 22(1), 3-22. Disponível em <http://tap.sagepub.com/content/22/1/3.abstract>.
- Leal, A. F., Figueiredo, W. S., & Nogueira-da-Silva, G. S. (2012). O percurso da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde dos Homens (PNAISH), desde a sua formulação até sua implementação nos serviços públicos locais de atenção à saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(10), 2607-2616.
- Leonti'ev, A. N. (1978). *Atividade, consciência e personalidade*. Disponível em <http://www.marxists.org>.
- Leonti'ev, A. N. (1992). *Joint activity, communication and interaction (toward well – grounded pedagogy of cooperation)*. Disponível em <http://www.marxists.org/>.
- Leonti'ev, A. A. (2006). *The psychological structure of meaning*. *Journal of Russian and East European psychology*. Disponível em <http://www.marxists.org>.

- Lisboa, A. V.; Féres-Carneiro, T & Jablonski B. (2007). Transmissão Intergeracional da cultura: um estudo sobre a família mineira. *Psicologia Estudos*. 12(1) 51-59 Maringá. Disponível em www.scielo.br.
- Lózman, Y., & Uspenskii, B. (1981). *Ensaio de Semiótica Soviética*. Lisboa: Horizonte Universitário.
- Lubovsky, D. V. (2009). The Concept of Internal Position: The Cultural-Historical Perspective on Studying the Personality of the Schoolchild. *Journal of Russian and East European Psychology*, 47 (4), 87-96. Disponível em www.periodicos.capes.gov.br.
- Magnusson, D., & Stattin, H. (2006). The Person in Context: A Holistic-Interactionistic Approach. In Damon, W., & Lerner, R. (Orgs.), *Handbook of Child Psychology, vol. 1: Theoretical models of human development* (5th edition). New York: John Wiley & Sons.
- Marchi, N. M., Alvarenga, A. T., Osis, M. J. D., Godoy, H. M. A., Guimarães, M. C. B., & Bahomondes, L. (2011). Consequências da vasectomia: experiência de homens que se submeteram à cirurgia em Campinas (São Paulo), Brasil. *Revista Saúde e Sociedade*. São Paulo, 20(3), 568-578. Disponível em www.scielo.br.
- Marcondes, G. S. (2005). Conjugalidade e Reprodução: os projetos masculinos. In: *XII Congresso Brasileiro de Sociologia, Sociologia e Realidade: pesquisa social no séc XXI*, Belo Horizonte. Disponível em www.sbsociologia.com.br.
- Marcondes, G. S. (2008). *Refazendo famílias: trajetórias familiares de homens recasados*. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

- Mariz, N. N. & Zornig, S. M. Abu-Jamra. (2011). Violência precoce e Constituição psíquica: Limites e Possibilidades de Representação não corpo. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* 2011, 14 (3) 426-439. Disponível em www.scielo.br.
- Maroni, B., Gnisci, A., & Pontecorvo, C. (2008). Turn-taking in classroom interactions: Overlapping, interruptions and pauses in primary school. *European Journal of Psychology of Education*. 23(1) 59–76. Disponível em www.periodicos.capes.gov.br
- Marques Junior, J. S., Gomes, R., & Nascimento, E. F. (2012). Masculinidade hegemônica, vulnerabilidade e prevenção ao HIV/AIDS. 17(2), 511-520. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*. Disponível em www.scielo.br.
- Marques, W. (2009). Funcionalismo, pragmática e análise do discurso: reflexões analítico-críticas. *Revista Odisséia*. 3(0), 1-19. Disponível em <http://www.periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/2055/1489>
- Matusov, E. (2013). *Comprehension: a dialogic authorial approach*. Paper presented at the Conference of the International Society for Theoretical Psychology, Santiago, Chile. Disponível em <http://psych.ucalgary.ca/istp/>.
- McGoldrick, M. (2003). *Novas abordagens da terapia familiar: raça, cultura e gênero na prática clínica*. Trad. Lopes, M. São Paulo: Roca.
- Merrell, F. (2003). Iúri Lótman, C. S. Peirce e Semiose Cultural. *Revista Galáxia*. 5 (0), 163-185. Disponível em <http://revistas.pucsp.br>.
- Mesquita, (2008). Planejamento familiar e contracepção: saúde, gênero e política pública na transição democrática. Rio de Janeiro: XXX - ANPUH-RIO. Disponível em: www.encontro2008.rj.anpuh.org.
- MS/Brasil, (2002). Secretaria de Políticas de Saúde. Área Técnica de Saúde da Mulher. *Assistência em Planejamento Familiar: Manual Técnico/Secretaria de Políticas de*

- Saúde, Área Técnica de Saúde da Mulher*. 4a edição. Brasília: Ministério da Saúde.
Disponível em www.saude.gov.br
- MS/Brasil. (2009). *Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem. Plano de Ação Nacional (2009-2011)*. Brasília: MS.
- MS/Brasil, (2012). *Caderno de informação de saúde – dados 2007*. Brasília: Ministério da Saúde. Disponível em www.datasus.gov.br.
- Passos, J. C. (2012). As desigualdades educacionais, a população negra e a Educação de Jovens e Adultos. *Revista EJA em Debate*. 1(1), 137-158.
- Penso, M. A. (Org.); Costa, L. F. (Org.). (2008). *A transmissão geracional em diferentes contextos*. São Paulo: Summus.
- Piketty, T. (2014). *O capital no século XXI*. Trad. Bolle, B. M. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Intrínseca.
- Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*. 2(3), 3-15.
Disponível em www.periodicos.capes.gov.br.
- Possenti, S. (1996). Pragmática na análise do discurso. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, (30), 71-83, Jan./Jun. 1996. Disponível em www.periodicos.capes.gov.br.
- Oliveira, I. (Org.). (2006). *A cor e magistério*. Niterói: EDUFF.
- O'Keefe, J, and Nadel, L. (1978). *The Hippocampus as a Cognitive Map*. Oxford Univeristy Press. Disponível em www.periodicos.capes.gov.br.
- Robles, I.V., Smith-Castro, V (2009) *Correlatos y predictores del pago de la pensión alimentaria en padres divorciados o separados. *Revista Interamericana de Psicología*. 43 (2), 395-404.
- Revel, J. (2010). Micro história, macro história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. *Revista Brasileira de Educação*. 15(45), 434-444.
Disponível em www.scielo.br.

- Rodrigues, C. C., & Ribeiro, K. S. Q. S. (2012). Promoção da saúde: a concepção dos profissionais de uma unidade de saúde da família. *Trabalho, Educação e Saúde*. 10(2), 235-255. Disponível em www.scielo.br.
- Rodriguez, C. & Moro, C. (1998). Uma epistemologia antidualista necessita uma pragmática del objeto. In: Rodríguez, C. & Moro, C. *El mágico número tres*. Barcelona: Paidós.
- Rodríguez, R., Pérez, G., & Salguero, A. (2010). El deseo de la paternidad en los hombres. *Avances en Psicología Latinoamericana/Bogotá (Colombia)*, 28(1), 113-123. Disponível em www.redalyc.org.
- Rogoff, B.(2005) *A natureza cultural do desenvolvimento humano*. Trad. Costa, R. C.. Porto Alegre: Artmed.
- Roman, A. R. (1992). O conceito de polifonia em Bakhtin: O trajeto polifônico de uma metáfora. *Letras*. 41,42 (1), 207-220. Disponível em www.periodicos.capes.gov.br.
- Rosa, A., & Blanco, F. (2007). Actuations of identification in the games of identity. *Social practice/Psychological Theorizing*. Disponível em <http://www.sppt-gulerce.boun.edu.tr>.
- Rosa, A., Bellelli, G., & Bakhurst, D. (2008). Representaciones del pasado, cultura personal e identidad nacional. *Revista Educação e Pesquisa*, 34 (1), 167-195. Disponível em www.periodicos.capes.gov.br.
- Rosa, A., González, M. F., & Barbato, S. (2009). Construyendo narraciones para dar sentido a experiencias vividas. *Estudios de Psicología*, 30(2), 231-259. Disponível em www.periodicos.capes.gov.br.
- Rubinstein, S.L. (1972). *Princípios de Psicologia Geral*. Lisboa: Editorial Estampa Ltda, v. I.
- Santos, J. C. (2002). *Relatório Diagnóstico Participativo – Programa Regional de Desenvolvimento Local Sustentável*. Nordeste Sustentável: Município São Domingos do Norte. Vitória: PNUD/MIN.

- Santos, J. C. (2011). *Relatório final: Projeto de intervenção em planejamento familiar na perspectiva do desenvolvimento* – Termo de outorga PET0043/2008. Salvador: Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia.
- Santos, J. C., & Freitas, P. M. (2011). Planejamento familiar na perspectiva do desenvolvimento. *Revista Ciência & saúde coletiva*, Rio de Janeiro, 16 (3), 1813-1820. Disponível em www.scielo.br.
- Santos, N. T. G., & Fortes, I. (2011). Desamparo e alteridade: o sujeito e a dupla face do outro. *Psicologia da USP*, 22 (4). Disponível em www.scielo.br
- Santos, V. O., & Ghazzi, M.S. (2012). A transmissão psíquica geracional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32 (3), 632-647. Disponível em www.periodicos.capes.gov.br.
- Sasaki, A. K. & Ribeiro M. P. D. S. (2013). Percepção e prática da promoção da saúde na estratégia saúde da família em um centro de saúde em São Paulo, Brasil. *Revista Brasileira de Medicina Familiar Comunidade*. 8(28), 155-163.
- Schumpeter, J. A. (1985). *Teoria do desenvolvimento Econômico*. 2ª Ed. São Paulo: Abril Cultural.
- Sen, A. K. (2000). *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia da Letras.
- Senado Federal (1996). Lei Nº 9.278. Brasília: Senado Federal. Disponível em www.senado.gov.br.
- Senado Federal (1837). Lei Nº 01. Brasília: Senado Federal. Disponível em www.senado.gov.br.
- Senado Federal (2014). Lei Nº 13058. Brasília: Senado Federal. Disponível em www.senado.gov.br.
- Setti, A. F. F., & Bógus, C. M. (2010). Participação comunitária em um programa de intervenção em área de proteção ambiental. *Saúde e Sociedade*, 19(4), 946-960. Disponível em www.scielo.br.

- Silva, E. C. M (2010). Do discurso à gramática: um enfoque crítico e funcional de gêneros. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*. 11 (2). 695-712. Disponível em www.periodicos.capes.gov.br.
- Silveira, J. N. (2012). Reverberações do simbólico: ponderações em torno da cultura popular e de suas modulações midiáticas. *Revista contemporânea comunicação e cultura*, 10 (3), 794-816. Disponível em www.scielo.br.
- Slenes, R. W. A. (1999). *Na senzala uma flor. Esperanças e recordações da família escrava (Brasil Sudeste, Século XIX)* Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Spink, J. M. (Org.). (2013). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de pesquisas sociais. Disponível em www.centroedelstein.org.br.
- Spink, M. J. P., & Gimenes, M. G. G. (1994). Práticas discursivas e produção de sentido: apontamentos metodológicos para a análise de discurso sobre a saúde e a doença. *Revista Sociedade e Saúde*, 3(2): 149-171. Disponível em www.scielo.br.
- Sobral, A. (2008). O Ato “Responsível”, ou Ato Ético, em Bakhtin, e a Centralidade do Agente. *Estudos Linguísticos*, Londrina, 11(1), 219-235. Disponível em www.periodicos.capes.gov.br.
- Sousa, M. A. (2011). *Desenvolvimento humano com contexto do voluntariado: interfaces com a ótica e a sustentabilidade*. Tese (doutorado), Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Programa de Pós Graduação em Processos de Desenvolvimento.
- Sullivan, P. (2010). Vygotskian Dialectics and Bakhtinian Dialogic: Consciousness between the Authoritative and the Carnavalesque. *Theory Psychology*. 20(3), 362-378. Disponível em <http://tap.sagepub.com/content/20/3/362.full.pdf>.

- Suplicy, E. (2007). O direito de participar da riqueza da nação: do Programa Bolsa Família à Renda Básica de Cidadania. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 12(6), 1623- 1628. Disponível em www.cienciaesaudecoletiva.com.br.
- Teixeira Filho, F. S. (2010). Os segredos da adoção e o imperativo da matriz bioparental. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 18(1): 241-2611
- Thompson, P. R. (1992). *A voz do passado: História oral*. Trad. Oliveira, L. L. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Disponível em www.periodicos.capes.gov.br.
- Thompson, P. R. (1993). *A transmissão cultural entre gerações dentro das famílias uma abordagem centrada em histórias de vida*. São Paulo: Hucitec-Anpocs.
- Thurler, A. L. (2012). Paternidades como práticas políticas. *Revista jurídica da presidência*. Brasília: 14(102), 117-138. Disponível em www2.planalto.gov.br.
- Tisseron, S., & Harshav, B. (2002). Family secrets and social memory in "Les adventures de Tintin". *Yale French Studies*. 1(102), 145-159. Disponível em www.jstor.org.
- UNFPA/CEPAL (2011). Juventud afrodescendiente en América Latina: realidades diversas y derechos (in)cumplidos. Brasília: UNFPA/CEPAL, 70 p. http://www.eclac.cl/celade/noticias/documentosdetrabajo/0/45610/informe_afro.pdf.
- Valladares, J. T. (2011) La situación dialógica microgenética: uma estratégia de trabalho em el aula universitária. *Revista Electrónica Actualidades Investigativas em Educación*. 11(1), 1-20 Disponível em <http://www.revistas.ucr.ac.cr/>
- Valsiner, J., & Rosa, A. (2007). *The Cambridge handbook of sociocultural Psychology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Valsiner, J. (2004). The promoter sign: developmental transformation within the structure of dialogical self. Paper presented at the Symposium (Hubert Hermans, Convener). *Developmental aspects of the dialogical self*. ISSBD, Gent, July 12, 2004: 1-23.

- VanderVen, K. (2011). The Road to intergenerational theory is under construction: a continuing history. *Journal of intergenerational*. 9(1), pp. 21-36.
- Vasconcellos, M. A. S. (2002). *Economia: micro e macro: teoria e exercícios, glossário com 260 principais conceitos econômicos*. 3 Ed. São Paulo: Atlas.
- Velho, A. P. M. (2009). A semiótica da cultura: apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação. *Revista Estudos Comunicativos*, 10 (23), 249-257. Disponível em <http://www2.pucpr.br/>
- Ventura, M. (2004) *Direitos reprodutivos no Brasil*. São Paulo: UNFPA – www.unfpa.org.br
- Verón, E. (1987). *A produção do sentido*. São Paulo: Cutrix.
- Verón, E. & Ford, A. (2006). Dossier sobre experiencia y discurso. *Revista de Estudios Sociales*, 108, 39-44. Disponível em www.periodicos.capes.gov.br.
- Volosinov, V. N. (1976) *Discurso na vida discurso na arte*. (Faraco, C. A., & Tezza, C., trad.). *Freudism Review*. New York: Academic Press. Disponível em <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/download/318/250>.
- Volosinov, V. N. (2006). *Marxismo e filosofia da linguagem*. (Pereira, M. E. G., Trad.). 12ª edição. São Paulo: Hucitec.
- Vygotsky, L.S. (1994) Thought in schizophrenia. In: Valsiner, J. & Van Der Veer, R. (eds.) *The Vygotsky reader*. Oxford, UK; Cambridge USA: Basil Blackwell. pp. 313-326.
- Vygotsky, L. S. (2001). Problemas teóricos y metodológicos de la psicología. In: *Obras escogidas, tomo I*. (J. M. Bravo trad.). Madrid: A Machado Libros S. A. pp. 1-140.
- Vygotsky, L. S (2007). *A formação social da mente*. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- Wagner, A (Org.). (2005). *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Welzer-Lang, D. (2001) A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*. 9(0), 460-482. Disponível em www.periodicos.capes.gov.br.

Wold, A. H. (1992). *The dialogical alternative: Towards a theory of language a theory of language and mind*. Oxford: Scandinavian University Press.

World Health Organization. (2006). *What is the evidence on effectiveness of empowerment to improve health*. Copenhagen: WHO. Disponível em <http://web.uvic.ca/ocbr/assets/pdfs/df>.

ANEXO 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (+18 anos)

O Senhor está sendo convidado a participar do projeto: *a produção de sentidos intergeracional de homens no planejamento familiar*. O objetivo deste estudo é analisar a produção de sentidos intergeracional de homens no planejamento familiar em comunidades rurais.

Por isso solicitamos autorização para uso de sua imagem, pois sua participação voluntária será através de filmagens de narrativas de história oral e episódicas em sua residência/escola com tempo de duração entre uma a três horas, sem custos para ambas as partes. Ao final da pesquisa podemos tirar dúvidas sobre o planejamento familiar, bem como, informações que se correlacionam a esse tema. Informamos que o(a) Senhor(a) pode desistir de participar da pesquisa em qualquer momento o que não implica em custos adicionais.

O senhor receberá todos os esclarecimentos necessários sobre a pesquisa, na qual, seu nome permanecerá em sigilo através da omissão de quaisquer informações que permitam identificá-lo. Se o Senhor tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do telefone: (61) 3107-1947. Pode contatar também o Programa de Pós-Graduação em Processo de Desenvolvimento Humano, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília, DF, Fone: (61) 3107.6831, e-mail: economiapsicologia@gmail.com.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o sujeito da pesquisa.

Nome / assinatura

JULIO CÉSAR DOS SANTOS – Pesquisador

Brasília, de Março de 2014.

ANEXO 2

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (- 18 anos)

O Senhor está sendo convidado a participar do projeto: *a produção de sentidos intergeracional de homens no planejamento familiar*. O objetivo deste estudo é analisar a produção de sentidos intergeracional de homens no planejamento familiar em comunidades rurais.

Por isso solicitamos autorização para uso de sua imagem, pois sua participação voluntária será através de filmagens de narrativas de história oral em sua residência/escola com tempo de duração entre uma a três horas, sem custos para ambas as partes. Ao final da pesquisa podemos tirar dúvidas sobre o planejamento familiar, bem como, informações que se correlacionam a esse tema. Informamos que o Senhor pode desistir de participar da pesquisa em qualquer momento o que não implica em custos adicionais.

O senhor receberá os esclarecimentos necessários sobre a pesquisa, na qual, seu nome permanecerá em sigilo através da omissão de quaisquer informações que permitam identificá-lo. Se o Senhor tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor, telefone para: Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do telefone: (61) 3107-1947. Pode contatar também o Programa de Pós-Graduação em Processo de Desenvolvimento Humano, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília, DF, Fone: (61) 3107.6831, e-mail: economiapsicologia@gmail.com. Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o sujeito da pesquisa.

Nome / assinatura do menor

Nome / assinatura do cuidador

JULIO CÉSAR DOS SANTOS – Pesquisador

Brasília, de Março de 2014.

ANEXO 3 Camisinha de Sabor

Bonde da Stronda

O tema dessa música é o sexo meu "irmão",
mas não pode se esquecer de usar a proteção.

Pra tu deixar as "mulhé" molhadinha, tu tem que conhecer
os tipo de camisinha.

Lubrificado ou não, pra mim tanto faz o que importa é
fazer elas pedirem mais.

As mulhé que eu conheço eu como no mesmo dia
camisinha preferida é sabor de melancia,
de melancia elas adoram vo fala pra tu, se
não aguenta na "buceta" vo mete no teu cú.
Quando o assunto é sexo, não fico enrolando
a mulher gosta de camisinha de morango.

O sabor não importa não faz diferença,
mas tem que ser com camisinha pra tu não pegar doença.
Elas saem correndo querendo "dá" pra você
camisinha de chocolate com recheio de pavê.
Tu tá com a cocota? Tá meio enrolado?
Lança a camisinha de leite condensado.

A cocota tá nervosa! Faz ela se acalmar,
lança a camisinha de maracujá.
Encharcando as cocota até de manhã
quero vê quando eu lançar a camisinha de maçã
Pra trepar comigo tem que ter disposição agora eu tô
usando camisinha de limão. Já comi a tua prima agora
eu quero a tua irmã com ela eu vô usar camisinha de
hortelã. Pega no meu pau e chupa minha bola, não
podemos esquecer da camisinha de amora! É nois...

Camisinha tem que ter não pode esquecer é coisa
essencial na hora de meter. De trás, de lado, seja como
for, use sempre camisinha de sabor.

Sexo é bom de baixo de chuva
metendo gostoso com camisinha de uva.
No meu quarto entra de roupa e sai pelada
hoje eu vou usar camisinha de goiaba.
Meu pau você chupa e minha bola você beija,
que tal usarmos camisinha de cereja?
Peço pra comer teu cú você diz nem rola,
só se for com camisinha de acerola.

Eu meto em você e você fala me bate,

amanhã nós vamos ter camisinha de abacate.
Eu meto em você até você cair,
camisinha potente é sabor de abacaxi.
Sei que tu se amarrou na minha sabedoria,
estudo aprofundado no sabor da camisinha,
no sabor, no sabor da camisinha.

Como é que é?
Camisinha tem que ter
não pode esquecer, é coisa essencial na hora de meter,
de trás, de lado, seja como for,
use sempre camisinha de sabor!

ANEXO 4
Pare De Tomar A Pílula

Odair José

Já nem sei há quanto tempo
Nossa vida é uma vida só
E nada mais

Nossos dias vão passando
E você sempre deixando
Tudo pra depois

Todo dia a gente ama
Mais você não quer deixar nascer
O fruto desse amor

Não entende que é preciso
Ter alguém em nossa vida
Seja como for

Você diz que me adora
Que tudo nessa vida sou eu
Então eu quero ver você
Esperando um filho meu
Então eu quero ver você
Esperando um filho meu

(refrão)

Pare de tomar a pílula
Pare de tomar a pílula
Pare de tomar a pílula
Porque ela não deixa o nosso filho nascer (3x)

Você diz que me adora
Que tudo nessa vida sou eu
Então eu quero ver você
Esperando um filho meu
Então eu quero ver você
Esperando um filho meu

Pare de tomar a pílula
Pare de tomar a pílula Pare de tomar a pílula
Porque ela não deixa o nosso filho nascer (3x)